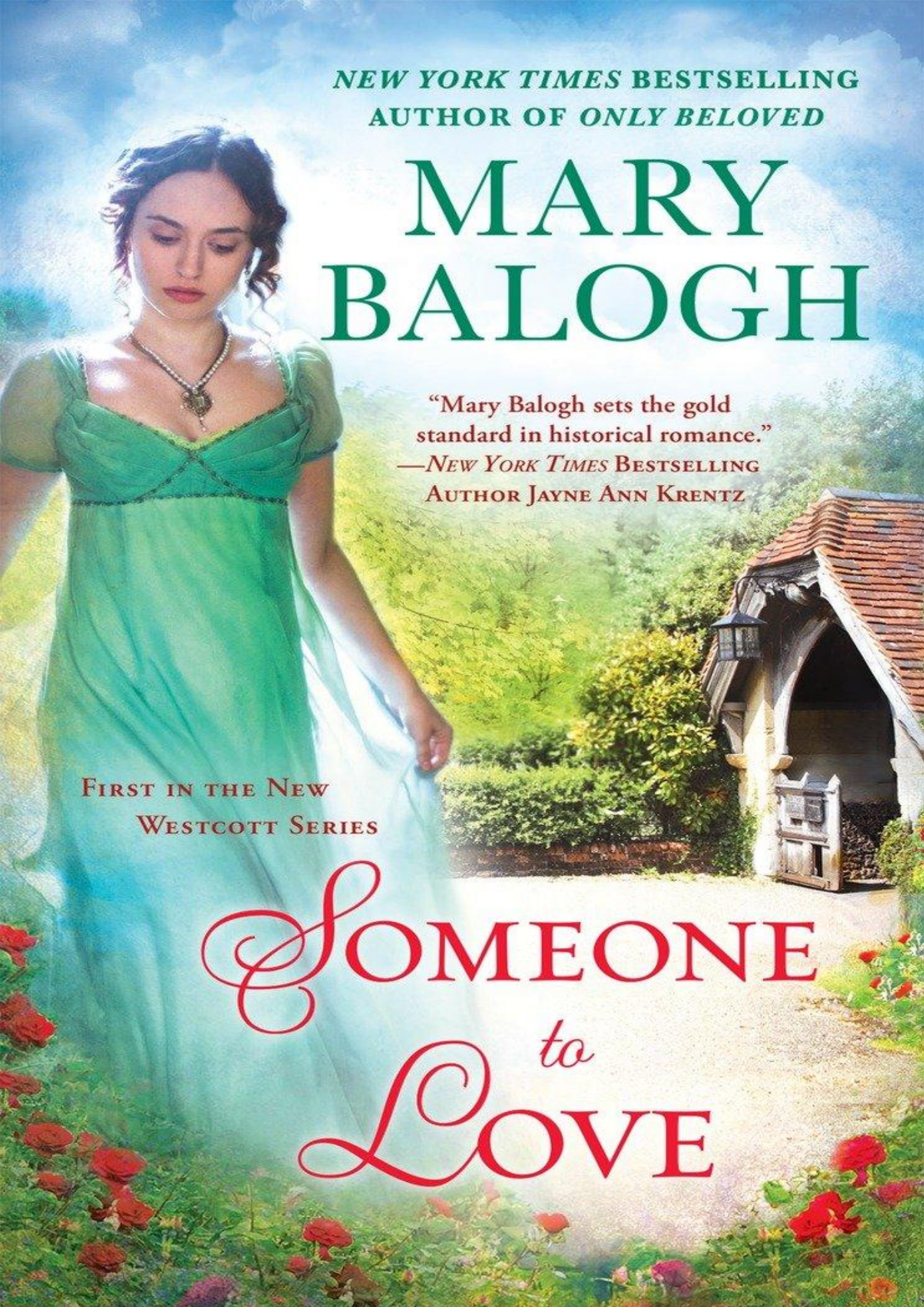

NEW YORK TIMES BESTSELLING
AUTHOR OF ONLY BELOVED
MARY
BALOGH
"Mary Balogh sets the gold
standard in historical romance."
—NEW YORK TIMES BESTSELLING
AUTHOR JAYNE ANN KRENTZ
FIRST IN THE NEW
WESTCOTT SERIES
SOMEONE
to
LOVE

Alguém Para Amar

(Westcott 01)

Mary Balogh



Sinopse

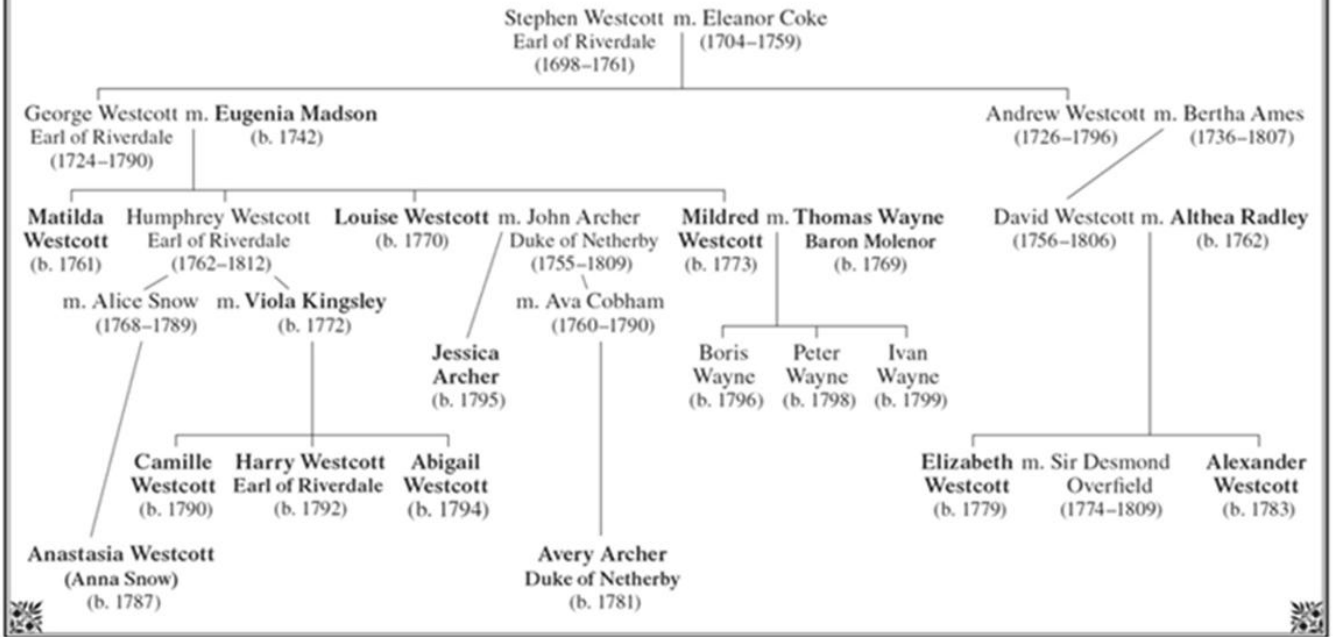
Westcott Humphrey, Conde de Riverdale, morreu, deixando para trás uma fortuna. Isso vai alterar para sempre a vida de todos em sua família, incluindo a filha que ninguém sabia que ele tinha...

Anna Snow cresceu em um orfanato em Bath não sabendo nada da família de onde veio. Agora, descobre que o falecido Conde de Riverdale era seu pai e herdou toda sua fortuna. Além disso, ficou radiante ao saber que tem irmãos. No entanto, não querem ter nada a ver com ela ou para compartilhar sua nova riqueza. Mas o guardião do novo conde está interessado em Anna...

Avery Archer, Duque de Netherby, mantem outros distantes. No entanto, algo o leva a ajudar Anna em sua transição de órfã para lady. Quando a sociedade de Londres e seus recém-descobertos parentes ameaçam submergir Anna, Avery entra em cena para resgatá-la e encontra-se vulnerável aos sentimentos e desejos tão bem escondidos por tanto tempo.

A família Westcott

(Os personagens da árvore genealógica que aparecem em Alguém para Amar são mostrados em negrito)



Capítulo 1

Apesar do fato que o falecido Conde de Riverdale tivesse morrido sem ter feito um testamento, Josiah Brumford, seu advogado, tinha encontrado assuntos suficientes para discutir com seu filho e sucessor, com a concessão de um encontro cara-a-cara em Westcott House, residência londrina do Conde em South Audley Street. Tendo chegado prontamente, iniciou o caminho através de saudações efusivas e, obsequioso, Brumford começou a encontrar uma grande quantidade de nada, em particular, para transmitir de forma longa, tediosa e com detalhamento pomposo.

Estaria tudo muito bem, Avery Archer, Duque de Netherby, pensou um pouco rabugento, quando estava diante da janela da biblioteca e tomou seu rapé, em um esforço para afastar os impulsos de bocejar, se não tivesse sido obrigado a estar ali também a suportar o tédio. Se apenas Harry fosse um ano mais velho – tinha acabado de fazer vinte, antes da morte de seu pai – então Avery não precisaria estar ali e Brumford poderia falar para sempre e um dia, tanto quanto estivesse interessado. Por alguma reviravolta bizarra e completamente irritante do destino, no entanto, Sua Graça encontrou-se com a guarda conjunta do novo Conde junto a Condessa, a mãe do rapaz.

Foi tudo extremamente ridículo à luz da notoriedade de Avery para indolência e para evitar qualquer coisa que poderia ser apelidada de trabalho ou o desempenho do dever. Tinha um secretário e numerosos outros agentes para lidar com todos os negócios tediosos de sua vida. E havia também o fato de que era meramente onze anos mais velho que seu pupilo. Quando ouviu a palavra Guardião, conjurou em sua mente a imagem de um ancião gravemente digno. No entanto, parecia que tinha herdado a tutela, que o seu pai, aparentemente, concordou em algum momento, num passado distante – por escrito – quando o falecido Conde tinha, incorretamente, pensado estar às portas da morte. No momento que o Conde morreu, há algumas semanas, o velho Duque de Netherby estava dormindo, pacificamente, em sua própria sepultura por mais de dois anos e foi, portanto, incapaz de ser guardião de alguém. Avery poderia repudiar a obrigação, uma vez que, não era ele o Netherby mencionado nessa carta de acordo e que, de qualquer maneira, nunca havia sido transformada em um documento legal. Não tinha feito isso, no entanto. Não desgostava de Harry e, realmente, sentia-se muito incômodo em recusar-se a assumir um inconveniente tão leve e temporário.

Parecia não tão leve no momento. Se ele soubesse que Brumford era tão estrondosamente chato, poderia redimensionar o esforço.

— Realmente não havia necessidade de meu pai fazer um testamento — Harry estava dizendo em um tom utilizado com a finalidade de encerrar uma longa discussão que se

movia em círculos intermináveis — Não tenho irmãos. Meu pai confiava que eu iria prover, generosamente, para a minha mãe e irmãs de acordo com os seus conhecidos desejos e, é claro, que não falharei nessa confiança. Certamente, também, vou assegurar que a maioria dos servos e retentores em todas as minhas propriedades serão mantidos e que, aqueles que deixarem emprego por qualquer motivo – o valete[1] de meu pai, por exemplo – sejam devidamente compensados. E você pode estar certo de que minha mãe e Netherby não vão desviar-se destas obrigações até que eu atinja a maioridade.

Ele estava de pé junto a lareira ao lado da cadeira de sua mãe, em uma postura relaxada, um ombro apoiado contra a cornija[2], os braços cruzados sobre o peito, um pé apoiado na grade da lareira. Era um rapaz alto e um pouco desajeitado, embora mais alguns anos cuidassem dessa deficiência. Era loiro, de olhos azuis e com um semblante agradável que muitas jovens damas, sem dúvida, achavam incrivelmente bonito. Também era quase indecentemente rico. Ele era gentil e charmoso e vinha se movendo de forma selvagem durante os últimos meses, enquanto seu pai esteve muito doente para notar e, posteriormente, durante as duas semanas desde o funeral. A ele, provavelmente, nunca havia faltado amigos, mas agora eles abundavam e teriam preenchido um vilarejo de tamanho considerável, talvez até mesmo um pequeno condado, a ponto de transbordar. Provavelmente amigo seria uma palavra muito gentil a ser

[1] Criado pessoal, ajudante de quarto.
[2] Moldura superior da Lareira.

usada para a maioria deles. Bajuladores e parasitas seria melhor.

Avery não tinha tentado intervir, e duvidava que o faria. O rapaz parecia de caráter suficiente bom e, sem dúvida, se acomodaria com a idade adulta de forma branda e irrepreensível, se deixado à sua própria sorte. E se, nesse meio tempo, experimentou uma grande variedade de coisas e desperdiçou uma pequena fortuna, bem, provavelmente haveria coisas de sobra no mundo e ainda haveria uma grande fortuna restante para desfrutar na idade adulta. Seria preciso muito esforço para intervir, de qualquer maneira, e o Duque de Netherby raramente fazia esforço para o que era dispensável ou o que não era favorável ao seu conforto pessoal.

— Eu não duvido, absolutamente, meu senhor — Brumford curvou-se em sua cadeira de maneira que sugeriu que ele, finalmente, admitiria que tudo o que tinha a dizer havia sido dito e, talvez, que fosse hora de se despedir.

— Eu deixo a cargo Brumford, Brumford & Sons podem continuar a representar seus interesses como fez o seu querido pai, que partiu, e seu avô antes dele. Eu confio que Sua Graça e Sua Senhoria irão, então, aconselhá-lo.

Avery perguntou-se, vagamente, como seria o outro Brumford e quantos jovens Brumfords estavam incluídos no "& Sons." A mente divagava.

Harry afastou-se da lareira, olhando esperançoso — Não vejo nenhuma razão para que eu não o faça — disse — Mas

não vou retê-lo por mais tempo. Você é um homem muito ocupado, penso eu.

— Vou, no entanto, implorar por mais alguns minutos de seu tempo, Sr. Brumford — a Condessa disse inesperadamente — Mas é um assunto que não lhe diz respeito, Harry. Você pode ir se juntar a suas irmãs na sala de estar. Elas estarão ansiosas para ouvir detalhes desta reunião. Talvez fosse bom você permanecer, Avery.

Harry dirigiu um rápido sorriso a Avery e, Sua Graça, abrindo sua caixa de rapé novamente, antes de mudar de ideia e tornar a fechá-la, quase desejando que estivesse sendo expulso para informar a duas filhas da Condessa. Deveria estar muito aborrecido, de fato. Lady Camille Westcott, vinte e dois anos de idade, era do tipo autoritária, uma mulher franca, que não sofreu com tolas ilusoes, embora fosse bonita o suficiente, era verdade. Lady Abigail, aos dezoito anos, sorridente, era uma jovem muito doce podendo ou não possuir uma personalidade. Para fazer-lhe justiça, Avery não tinha passado tempo suficiente em sua companhia para descobrir. Ela era a prima favorita de sua meia-irmã e melhor amiga no mundo, no entanto – suas palavras –e ele, ocasionalmente, as ouvia falar e rir juntas, a portas fechadas, que tomava muito cuidado para nunca abrir.

Harry, ansioso para ir embora, curvou-se diante de sua mãe, acenou com a cabeça, educadamente, para Brumford, chegou muito perto piscando para Avery, e fez a sua fuga da biblioteca. Diabo sortudo. Avery caminhou mais perto da lareira, onde a Condessa e Brumford ainda estavam

sentados. Que diabo poderia ser suficientemente importante para que ela tivesse prolongado, voluntariamente, aquela dolorosa e terrível reunião?

— E como posso ser útil para você, miLady? — perguntou o advogado.

A Condessa, Avery percebeu, estava sentada muito ereta, sua espinha arqueada ligeiramente para frente. As Damas foram ensinadas a sentar dessa forma, como se os encostos das cadeiras fossem criados apenas para serem decorativos? Ela tinha, ele estimava, cerca de quarenta anos de idade. Era perfeitamente bela de uma forma madura e digna. Certamente não poderia ter sido feliz com Riverdale — Quem o poderia? — era do conhecimento de Avery que ela nunca teve amantes. Ela era alta, escultural, loura e sem nenhum sinal, tanto quanto podia ver, de quaisquer cabelos brancos. Também era uma daquelas mulheres raras que pareciam impressionates em vez de deselegante em luto profundo.

— Há uma menina — ela dise — ou melhor, uma mulher. Em Bath, eu acredito. Filha... De meu falecido marido ...

Avery adivinhou que ela esteva prestes a dizer bastarda, mas tinha mudado de ideia por causa das boas maneiras. Ele ergueu as sobrancelhas e o olhou interrogativo.

Brumford, por uma vez, foi silenciado.

— Ela estava em um orfanato — continuou a Condessa — Eu não sei onde está agora. Não está mais lá, já que deve ter vinte e poucos anos. Mas Riverdale a manteve desde uma idade muito jovem e continuou a fazê-lo até sua morte.

Nunca discutimos o assunto. É absolutamente provável que ele não soubesse que eu estava ciente de sua existência. Não conheço nenhum detalhe, nem quis sabe-lo. E ainda não quero. Suponho que não foi por você que os pagamentos de amparo foram feitos?

A tez já corada de Brumford assumiu uma tonalidade distintamente purpúrea.

— Não, miLady — ele assegurou — Mas posso sugerir que, desde então. . . A pessoa agora é adulta, você...

— Não — ela disse, cortando-o — Não preciso de nenhuma sugestão . Não tenho nenhum desejo de saber nada sobre essa mulher, nem mesmo o nome dela. Certamente, eu não desejo que meu filho saiba dela. No entanto, me parece que se ela foi sustentada por toda a vida pelo... Pai, então será informada da morte dele, se isso já não aconteceu, e será compensada com um saldo final. Um bem significativo, Sr. Brumford. Deve ficar perfeitamente claro para ela, que não haverá mais, em qualquer circunstância. Posso deixar o assunto em suas mãos?

— MiLady — Brumford parecia estar quase se contorcendo em sua cadeira. Lambeu os lábios e lançou um olhar a Avery, de quem – se Sua Graça o estivesse lendo corretamente – ficou amedrontado.

Avery ergueu o monóculo até o olho — Bem? — Ele disse — Pode Sua Senhoria deixar esse assunto em suas mãos, Brumford? Você ou o outro Brumford ou um dos filhos estão dispostos e capazes a perseguir a filha bastarda, de nome

desconhecido, do falecido Conde, para torná-la a mais feliz das órfãs, estabelecendo uma modesta fortuna para ela?

— Sua Graça — O peito de Brumford ficou inchado — MiLady. Será uma tarefa difícil, mas não insuperável, especialmente para os pesquisadores qualificados, cujos serviços nós contratamos, nos interesses dos nossos clientes mais valiosos. Se a... A pessoa realmente cresceu em Bath, a identificaremos. Se ainda estiver lá, a encontraremos. Se ela não estiver mais lá...

— Eu acredito — disse Avery, soando pesaroso — Sua Senhoria e eu entendemos o seu significado. Você vai me informar quando a mulher for encontrada. Isso agrada a você, tia?

A Condesa de Riverdale não era, estritamente falando, sua tia. Sua madrasta, a Duquesa, era a irmã do Conde de Riverdale, e assim a Condessa e todos os outros eram seus parentes honorários.

— Isso será satisfatório — disse ela — Obrigada, Avery. Quando você relatar a Sua Graça que a encontrou, Sr. Brumford, ele irá discutir com você qual é o montante a ser destinado a ela e quais documentos legais ela precisará assinar para confirmar que não é mais dependente do meu falecido do marido.

— Isso será tudo — disse Avery enquanto o advogado respirava para entregar-se a algum monólogo desnecessário e indesejável — O mordomo irá acompanhá-lo.

Ele tomou o rapé e fez uma nota mental de que a mistura precisava ser uma meia nota menos floral para ser perfeita.

— Isso foi extraordinariamente generoso de sua parte — disse ele quando estava sozinho com a Condessa.

— Na verdade não, Avery — disse ela, levantando-se — Estou sendo generosa, se você quiser, com o dinheiro de Harry. Mas ele não saberá sobre o assunto nem perderá a falta da soma. E tomar medidas agora assegurará que ele nunca descubra a existência do erro de seu pai. Isso garantirá que Camille e Abigail não descubram isso também. Eu não me importo, absolutamente, com a mulher em Bath. Eu cuido de meus filhos. Você vai ficar para o almoço?

— Eu não vou incomodá-la — ele disse com um suspiro — Eu tenho... Coisas para atender. Estou certo de que devo ter. Todo mundo tem coisas para fazer, ou assim todos têm o hábito de afirmar.

Os cantos de sua boca levantaram-se ligeiramente.

— Realmente não culpo você, Avery, por estar ansioso por escapar — disse ela — O homem é uma tremenda chateação, verdade? Mas o pedido para essa reunião me salvou de ter que convocar a ele e você para tratar sobre esse outro assunto. Você está liberado. Você já pode fugir e se ocupar pessoalmente de suas... Coisas.

Ele retinha a mão dela, branca, de dedos longos, de unhas perfeitamente bem cuidadas e curvou-se, graciosamente, enquanto a levava aos lábios.

— Você pode deixar o assunto seguramente em minhas mãos — disse ele — ou nas mãos de seu secretário, em qualquer caso.

— Obrigada — disse ela — Mas você vai me informar quando for realizado?

— Sim — prometeu antes de sair da sala e tirar o chapéu e a bengala das mãos do mordomo.

A revelação de que a Condessa tinha uma consciência o surpreendeu. Quantas senhoras, em circunstâncias semelhantes, buscaram, voluntariamente, os bastardos de seus maridos para lhes legarem bens, mesmo que se convencessem de que o fizessem no interesse de seus próprios filhos legítimos?

Anna Snow tinha sido trazida para o orfanato em Bath quando não tinha nem quatro anos de idade. Não tinha nenhuma lembrança real de sua vida antes disso, além de alguns flashes breves e desconexos — de alguém que sempre tossia, por exemplo, ou de um pórtico que estava escuro e um pouco assustador dentro, sempre era chamada a atravessá-lo sozinha. E de ajoelhar-se na borda de uma janela e olhar para baixo em um cemitério, e de chorar, inconsoladamente, dentro de uma carruagem enquanto alguém, com uma voz grosseira e impaciente, lhe dizia para calar-se e se comportar como uma garota crescida.

Ela já estava no orfanato, desde então, embora agora tivesse vinte e cinco anos. A maioria das outras crianças — geralmente havia cerca de quarenta delas — o deixavam quando tinham quatorze ou quinze anos, depois de ter sido encontrado um emprego adequado para elas. Mas Anna tinha protelado, primeiro ficou a ajudar no orfanato como uma espécie de secretária de Srta. Ford, a diretora, e depois como professora quando Srta. Rutledge, a professora que a ensinou, casou-se com um clérigo e mudou-se para Devonshire. Até recebeu um modesto salário. No entanto, as despesas de sua permanência no orfanato, agora mantinha uma habitação só para ela, ainda eram custeadas pelo benfeitor desconhecido que as pagara desde o início. Foi-lhe dito que continuariam sendo pagas enquanto ela permanecesse.

Anna se considerava afortunada. Havia crescido em um orfanato, era verdade, sem sequer uma identidade completa para chamar de sua, uma vez que não sabia quem eram seus pais, mas no geral não era uma instituição de caridade. Quase todos os seus órfãos foram apoiados, em seus anos de crescimento, por alguém — geralmente anônimo, embora alguns soubessem quem era e porque eles estavam lá. Geralmente era porque seus pais haviam morrido e não havia outro membro da família capaz ou disposto a aceitá-los. Anna não se concentrou na solidão de não conhecer sua própria história. Suas necessidades materiais foram atendidas. Srta. Ford e sua equipe, geralmente, eram gentis. A maioria das crianças era fácil o suficiente para se dar bem e, aqueles que

não eram, podiam ser evitados. Alguns eram amigos íntimos ou o foram durante seus anos de crescimento. Se houvesse uma falta de amor em sua vida, ou desse tipo de amor associado a uma família, então ela não sentia muita falta disso, pois nunca tinha tido consciência dessa realidade.

Ou pelo menos era o que ela sempre disse a si mesma.

Ela estava satisfeita com a vida e só, ocasionalmente, estava inquieta com o sentimento de que certamente deveria haver mais, que talvez devesse fazer um esforço maior para viver sua vida. Ela tinha recebido proposta de casamento de três homens diferentes — o comerciante, aonde ela ia ocasionalmente, quando podia pagar para comprar um livro; Um dos diretores do orfanato, cuja esposa morreu recentemente e o deixou com quatro crianças pequenas; E Joel Cunningham, seu melhor amigo ao longo da vida. Ela havia rejeitado todas as três ofertas por motivos variados e se perguntava, às vezes, se teria sido tolo fazê-lo, já que não havia muitas outras ofertas. A perspectiva de uma vida contínua de solteirona às vezes parecia triste.

Joel estava com ela quando a carta chegou.

Ela estava arrumando a sala de aula depois de dispensar as crianças para o dia. Os monitores da semana - John Davies e Ellen Payne - recolheram as ardósias e giz e os quadros de contagem. Mas enquanto John empilhou as ardósias, ordenadamente, na prateleira do armário, que havia sido escolhida para essa finalidade e deixava todo o giz na lata e a tampava, Ellen empurrou os quadros de contagem, ao acaso, em cima de pincéis e paletas na prateleira inferior

em vez de arrumá-los em seu lugar designado, lado a lado, na prateleira acima para não dobrar as hastes ou danificar as contas. A razão pela qual os colocou no lugar errado foi óbvia. A segunda prateleira foi ocupada pelos vasos de água, utilizados para lavar pincéis de tinta, e um montão desordenado de panos de limpeza manchados de tinta.

— Joel — disse Anna com uma nota de sofrimento em sua voz — você poderia, pelo menos, tentar fazer seus alunos devolverem as coisas de onde eles tiraram, depois de uma aula de arte? E para limpar os vasos de água primeiro? Veja! Um deles ainda tem água nele. Água muito suja.

Joel estava sentado na quina da mesa, maltratada, do professor um pé apoiado no chão, o outro balançando livre. Seus braços foram cruzados sobre seu peito. Ele sorriu para ela.

— Mas o objetivo de ser um artista — disse ele — é ser um espírito livre, deixar de lado as regras restritivas e se inspirar no universo. Meu trabalho é ensinar meus alunos a serem verdadeiros artistas.

Ela se ergueu do armário e dirigiu um olhar em sua direção — Que total bobagem — disse ela.

Ele riu completamente — Anna, Anna — disse ele — Aqui, deixe-me tirar esse pote de você antes que você o quebre com indignação ou derrame em seu vestido. Parece ser de Cyrus North. Há sempre mais tinta em sua jarra de água do que no papel, no final de uma lição. Suas pinturas são extraordinariamente pálidas, como se estivesse tentando

reproduzir uma neblina pesada. Ele conhece as tabelas de multiplicação?

— Ele conhece — disse ela, depositando o jarro ofensivo na mesa e depois enrugando o nariz enquanto arrumava os trapos, ainda úmidos, de um lado da prateleira inferior, da qual já havia removido os quadros de contagem.

— Ele os recita mais alto do que qualquer outra pessoa e pode mesmo aplicá-los. Ele quase dominou a longa divisão também.

— Então ele pode ser funcionário em um escritório de contabilidade ou talvez um rico banqueiro, quando crescer — disse ele.

— Ele não precisará da alma de um artista. Ele provavelmente não possui uma de qualquer maneira.

— O seu futuro foi resolvido. Eu gostei de suas histórias hoje.

— Você estava ouvindo — ela disse com um tom ligeiramente acusador — Deveria se concentrar em ensinar suas lições de arte.

— Seus alunos — ele disse — vão perceber quando crescerem que foram horrivelmente enganados. Eles terão todas essas histórias maravilhosas rodando em suas cabeças, apenas para descobrir que elas não são ficção depois de tudo, exceto as mais secas de todas as realidades — a história. E a geografia. E mesmo a aritmética. Você obtém seus personagens, ambos humanos e animais, dentro dos mais alarmantes categorias dos quais você pode classificá-los apenas com uma manobra de números e a ajuda de seus

alunos. Eles nem percebem que estão aprendendo. Você é uma criatura maliciosa e desonesta, Anna.

— Você já notou — ela perguntou, endireitando os quadros de contagem a seu gosto antes de fechar as portas do armário e se virar para ele — na igreja, quando o clérigo está dando o seu sermão, os olhos de todos se fecham e muitas pessoas até cabeceiam ao dormir? Mas, se de repente ele decide ilustrar um ponto com uma pequena história, todos se endireitam e escutam. Nós fomos feitos para contar e ouvir histórias, Joel. Foi como o conhecimento passou de pessoa para pessoa e de geração em geração, antes que houvesse a palavra escrita, e mesmo depois, quando a maioria das pessoas não tinha acesso a manuscritos ou livros e não conseguiam lê-los, mesmo que soubessem. Por que agora sentimos que a narrativa deveria ser confinada a romances e fantasia? Podemos desfrutar apenas do que não se basea em fatos?

Ele sorriu com carinho para ela enquanto estava de pé olhando para ele, com as mãos cruzadas em sua cintura.

— Um dos meus muitos sonhos secretos é ser um escritor — disse ele — Já lhe disse isso? Escrever a verdade disfarçada de ficção. Diz-se que se deve escrever sobre o que se sabe. Eu poderia inventar histórias sem fim sobre o que eu conheço.Sonhos secretos! Era uma frase familiar e evocativa. Muitas vezes eles jogaram o jogo enquanto cresciam. Qual é o seu sonho mais secreto? Normalmente, era que seus pais aparecessem de repente reivindicando-a para o “felizes para sempre” de uma vida familiar. Muitas vezes, quando eram

muito jovens, acrescentavam que então se descobririam como um príncipe ou uma princesa e sua casa um castelo.

— Histórias sobre crescer como órfã em um orfanato? - Anna disse, sorrindo para ele.

Sobre não saber quem você é? Sobre o sonho de sua herança perdida? Dos seus pais desconhecidos? Do que poderia ter sido? E do que ainda pode ser, se somente... ? Bem, se somente.

Ele deslocou sua posição levemente e moveu o frasco de tinta para que não o deixasse cair acidentalmente.

— Sim, sobre tudo isso — disse — Mas não seria todo tristeza e melancolia. Pois, embora não saibamos quem nascemos, como ou que nossos pais ou suas famílias eram ou são e, embora não saibamos exatamente por que fomos colocados aqui e nunca depois reivindicamos, sabemos quem nós somos. Eu não sou meus pais ou minha herança perdida. Sou eu mesmo. Eu sou um artista que vive de pinturas, razoavelmente dignas, e oferece seu tempo e experiência como professor no orfanato onde cresceu. Eu também tenho cem ou mil outras coisas, apesar da minha experiência ou por causa dela. Quero escrever histórias sobre tudo isso, Anna, sobre personagens que se encontram sem o obstáculo da linhagem familiar e das expectativas. Sem o impedimento do... Amor.

Anna olhou para ele, em silêncio, por alguns instantes, a dor do que pareciam muito lágrimas na garganta. Joel era um homem solidamente constituído, um pouco acima da média em altura, com os cabelos escuros cortados — porque

não queria parecer a imagem estereotipada do artista extravagante com cachos flutuantes, sempre explicava que o cortou — e um arredondado, agradável rosto com um queixo ligeiramente fendido, boca impressionável quando estava relaxada, e olhos escuros que brilhavam com intensidade e escureciam ainda mais quando se sentia apaixonado por algo. Ele era bonito, bem humorado, talentoso, inteligente e extremamente estimado por ela e, porque ela o conhecia a maior parte de sua vida, ela também sabia sobre sua ferida, embora qualquer conhecido casual não teria suspeitado.

Foi uma ferida compartilhada de uma forma ou de outra por todos os órfãos.

— Existem instituições muito pior do que esta, Joel — disse Anna — e provavelmente não são muitas as melhores. Não crescemos sem amor. A maioria de nós ama uns aos outros. Eu te amo.

O sorriso estava de volta.

— No entanto, em uma certa ocasião memorável, você se recusou a casar comigo — disse ele — Você quebrou meu coração.

Ela estalou a língua.

— Você não estava realmente falando sério — disse ela — E mesmo que estivesse, sabe que não nos amamos desse jeito. Nós crescemos juntos como amigos, quase como irmão e irmã.

Ele sorriu pesarosamente para ela.

— Você nunca sonhou em sair daqui, Anna?

— Sim e não — disse ela — Sim, eu sonho em ir para o mundo para descobrir o que está além dessas paredes e os limites de Bath. E não, eu não quero deixar o que é familiar para mim, o único lar que eu conheci desde a infância e a única família que tenho lembrança. Eu me sinto segura aqui e até mesmo amada. Além disso, meu... O benfeitor concordou em continuar me apoiando somente enquanto eu permanecer aqui. Eu... Bem, suponho que sou uma covarde, paralisada pelo terror da miséria e do desconhecido. É como se, tendo sido abandonada uma vez, realmente não posso aguentar a ideia de agora abandonar a única coisa que ficou, este orfanato e as pessoas que vivem aqui.

Joel levantou-se e caminhou para o outro lado da sala, onde os cavaletes ainda estavam montados para que as pinturas do dia pudessem secar adequadamente. Ele tocou alguns nos bordos para ver se era seguro removê-los.

— Ambos somos covardes, então — disse ele — Eu parti, mas não inteiramente. Ainda tenho um pé na porta. E o outro não se afastou para muito longe, verdade? Eu ainda estou em Bath. Você acha que temos medo de nos afastar porque nossos pais podem vir por nós e não saberiam onde nos encontrar?

Ele ergueu os olhos e riu.

— Diga-me que não é isso, Anna, por favor. Eu tenho vinte e sete anos.

Anna sentiu-se como se a tivessem golpeado no estômago. O velho sonho secreto nunca morreu. Mas a

pergunta mais assombrosa nunca foi realmente quem os levou ali e os deixou, mas por quê.

— Eu acredito que a maioria das pessoas vive suas vidas dentro de um raio de algumas milhas de suas casas de infância — disse ela — Muitas pessoas não vão se aventurar. E mesmo aqueles que têm de se se ocupar de si mesmos. Isso deve revelar-se um pouco decepcionante.

Joel riu de novo.

— Eu sou útil aqui — continuou Anna — e estou feliz aqui. Você é útil e é bem sucedido. Está se tornando bastante em moda em Bath ter seu retrato pintado por Joel Cunningham. E as pessoas ricas sempre estão vindo a Bath para tomar as águas.

Sua cabeça estava ligeiramente inclinada para um lado enquanto ele a olhava. Mas antes que ele pudesse dizer algo mais, a porta da sala de aula foi aberta, sem a cortesia de uma batida, para admitir Bertha Reed, uma garota magra e de cabelos lisos, de quatorze anos que atuava como ajudante de Srta. Ford agora que tinha idade suficiente. Ela estava cheia de excitação e acenando um papel dobrado em uma mão levantada.

— Há uma carta para você, Srta. Snow — meio que gritou — Foi entregue por um mensageiro especial de Londres e Srta. Ford a trouxe sozinha, mas Tommy está sangrando por toda a sala de estar e ninguém pode encontrar a enfermeira Jones. Maddie lhe deu um soco no nariz.

— Já era tempo de alguém fazê-lo — disse Joel, andando mais perto de Anna — Suponho que ele estava puxando uma de suas tranças novamente.

Anna mal ouviu uma palavra. Uma carta? De Londres? Por mensageiro especial? Para ela?

— Quem pode ser, Srta. Snow? — Bertha gritou, aparentemente nada preocupada com Tommy e seu nariz sangrando — O que você conhece em Londres? Não, não me diga — deveria ter dito quem e não o que. Quem você conhece em Londres? Eu me pergunto sobre o que eles estarão escrevendo. E veio por um mensageiro especial, todo esse caminho. Deve ter custado uma fortuna. Ah, abra-o.

Sua curiosidade evidente poderia ter parecido impertinente, mas na verdade, era tão raro que qualquer um deles recebesse uma carta que a notícia sempre se espalhava muito rapidamente e todos queriam saber tudo sobre isso. Ocasionalmente, alguém que deixava o orfanato e Bath, para trabalhar em outro lugar, escrevia e o destinatário, quase sempre, compartilhava o conteúdo com todos os outros. Essas missivas eram mantidas como posses queridas e eram lidas, repetidas vezes, até serem praticamente destruídas.

Anna não reconheceu a caligrafia, que era ousada e precisa. Era uma mão masculina, ela tinha certeza. O papel parecia grosso e caro. Não parecia uma carta pessoal.

— Oliver está em Londres — disse Bertha com saudade — Mas eu não acho que possa ser dele, pode? Sua escrita não parece nada assim, e por que escreveria para você, de qualque forma? As quatro vezes que escreveu, desde que

partiu daqui, foi para mim. E não enviaria nenhuma carta por um mensageiro especial, não é?

Oliver Jamieson tinha sido aprendiz de um fabricante de calçados em Londres, há dois anos, ao completar 14 anos e prometeu escrever a Bertha e se casar com ela assim que ele se firmasse. Duas vezes por ano, desde então, escreveu, com fidelidade, uma carta de cinco ou seis linhas, em grande e cuidadosa escrita. Bertha tinha compartilhado sua missiva esparsa em cada ocasião e chorou sobre as cartas até que fosse um milagre que eles ainda fossem legíveis. Faltavam três anos em seu aprendizado antes que ele pudesse estar formado e ser capaz de sustentar uma esposa. Ambos eram muito jovens, mas a separação parecia cruel. Anna sempre se viu esperando que Oliver permanecesse fiel ao seu amor de infância.

— Você vai virar uma e outra vez em suas mãos e esperar que divulgue seus segredos sem ter que quebrar o selo? — Perguntou Joel.

Estupidamente, as mãos de Anna tremiam.

— Talvez haja algum erro — disse ela — Talvez não seja para mim.

Ele apareceu atrás dela e olhou por cima de seu ombro.

— Srta. Anna Snow — disse ele — Certamente, parece você. Não conheço outras Anna. Você conhece, Bertha?

— Eu não, Sr. Cunningham — disse ela depois de pausar para pensar — Mas de qualquer maneira pode ser que seja?

Anna deslizou o polegar sob o selo e quebrou. E sim, de fato, o papel era um pergaminho grosso e caro. Não era uma

carta longa. Era de um certo Brumford — ela não podia ler o primeiro nome, embora começasse com um J. Ele era um advogado. Ela leu a carta uma vez, engoliu em seco e depois leu novamente, mais devagar.

— Um dia depois de amanhã — ela murmurou.

— Em um carruagem privada — acrescentou Joel. Ele estava lendo sobre o ombro dela.

— O que acontecerá depois de amanhã? — Bertha perguntou, sua voz em agonia pelo suspense — Que carruagem?

Anna olhou para ela sem expressão.

— Estou sendo convocada para ir a Londres para discutir meu futuro — Disse. Havia um leve zumbido nos ouvidos.

— Oh! Ao quem? — Bertha perguntou, seus olhos tão redondos quanto pires — Por quem, quero dizer.

— Sr. J. Brumford, um advogado — disse Anna.

— Josiah, acho que diz isso — disse Joel — Josiah Brumford. Ele está enviando uma carruagem privada para buscá-la, e você deve arrumar uma bolsa para pelo menos alguns dias.

— Para Londres? — A voz de Bertha estava sem fôlego com admiração.

— O que devo fazer? — A mente de Anna parecia ter parado de funcionar. Ou, sim, estava funcionando, mas estava rodando fora de controle, como as entranhas de um relógio quebrado.

— O que você deve fazer, Anna — disse Joel, empurrando uma cadeira atrás de seus joelhos e colocando as mãos nos ombros para pressioná-la, gentilmente, a sentar-se — empacotar uma bolsa para alguns dias e depois ir para Londres discutir seu futuro.

— Mas que futuro? — Perguntou ela.

— Isso é o que deverá ser discutido — ele apontou.

O zumbido nos ouvidos dela ficou ainda mais alto.

Capítulo 2

Anna podia contar nos dedos de uma mão o número de vezes que entrou em uma carruagem. Talvez isso tenha explicado uma das poucas lembranças que tinha de sua infância. O transporte que parou diante da porta do orfanato no início da manhã, dois dias depois da chegada da carta, e colocou todas as crianças correndo para as janelas da longa sala de jantar, em que estavam tomando café da manhã, talvez não fosse o maior das carruagens, mas algumas das meninas declararam que era como a carruagem da Cinderela. Mesmo para Anna, que temia subir, parecia muito impressionante para se destinar a ela.

Ela não deveria viajar sozinha, ao que parecia. Quando foi convocada para a sala de estar da Srta. Ford, foi apresentada a Srta. Knox, uma mulher maciça, de cabelos grisalhos e de peito largo, de extrema severidade, que fez Anna pensar numa Amazona. A Srta. Knox tinha sido contratada pelo Sr. Brumford para acompanhá-la a Londres, uma vez que, aparentemente, não era apropriado que uma jovem dama viajasse sozinha.

Era a primeira vez que Anna tinha ouvido falar de ser uma dama. E ficou muito grata pela companhia, no entanto.

Poucos minutos depois, no corredor, a Srta. Ford apertou, firmemente, a mão de Anna, enquanto Roger, o

porteiro idoso, ergueu sua bolsa na carruagem. Não era uma bolsa grande nem pesada, mas o que tinha lá, afinal de contas, um vestido extra de dia e o vestido de domingo, os melhores sapatos e alguns artigos diversos? Algumas garotas, liberadas temporariamente da rotina regular de seu dia, correram para abraçá-la e derramar lágrimas sobre ela e, no geral, comportarem-se como se ela estivesse indo até os confins da Terra para enfrentar sua própria execução. Anna derramou algumas lágrimas, porque compartilhou seus sentimentos. Alguns meninos ficaram a uma distância segura, onde não corriam o risco de serem abraçados, acidentalmente, e sorriram para ela. Ela suspeitava que sorriam, os patifes, porque esperavam que isso significasse nenhuma aula naquele dia.

— Eu irei por apenas alguns dias — ela assegurou a todos — e retornarei com tantas histórias de minhas aventuras que vou lhes reservar uma noite inteira. Sejam boas, entretanto.

— Vou orar por você, Srta. Snow — Winifred Hamlin prometeu piedosamente através de suas lágrimas.

Quando a carruagem se afastou do meio-fio alguns minutos depois, as crianças chegaram às janelas da sala de jantar novamente, sorrindo e acenando e chorando. Anna acenou para trás. Tudo isso pareceu alarmantemente decisivo, como se nunca mais voltasse atrás. E talvez não o fizesse. O que havia sobre o futuro que precisava ser discutido?

— Por que o Sr. Brumford me convocou? — Perguntou a Srta. Knox.

Mas o rosto da mulher permaneceu vazio de toda expressão.

— Não tenho ideia, Srta. — disse ela — fui contratada pela agência para vir aqui e buscá-la e levar você com segurança, e é isso que estou fazendo.

— Ah — disse Anna.

Foi uma longa jornada, com apenas algumas breves paradas ao longo do caminho para refrescos e uma mudança de cavalos e uma noite passada em uma pousada desconfortável e barulhenta. Ao final de tudo, Anna também poderia estar sozinha, pois a Srta. Knox não pronunciou mais do que uma dúzia de palavras e, a maioria delas, foi dirigida a outras pessoas. Ela tinha sido contratada para acompanhar Anna, ao que parecia e não fornecer qualquer tipo de camaradagem.

Anna poderia estar totalmente aborrecida se o seu coração não tivesse palpitado com um nervosismo que se igualava com o terror e se sua mente ainda não estivesse girando muito além de seu controle. Todos no orfanato tinham sabido sobre a carta, é claro, e todos ouviram a leitura em voz alta. Não havia nenhuma maneira de tentar manter seu conteúdo em privado, mesmo que Anna se sentisse tão inclinada. Se tivesse feito isso, Bertha teria contado o que lembrava do ocorrido e o faria de forma enfeitada, e os rumores mais terríveis teriam disparado sobre a casa em algum momento.

Todos tiveram uma opinião. Todos tinham uma teoria.

O mais provável de ser verdadeiro era que o benfeitor de Anna, quem quer que fosse, estivesse a ponto de soltá-la no mundo e retirar o apoio monetário dado durante os últimos vinte e um anos. Ele, ou ela, não tinha que levá-la por todo o caminho até Londres, a fim de informá-la disso, entretanto. Mas talvez encontrasse emprego lá. O que poderia ser? Será que concordaria em começar uma nova fase de sua vida, longe de todos que ela tinha conhecido e da única casa que ela conseguia se lembrar? Ou será que recusaria e voltaria para Bath e tentando sobreviver com o salário de professora? Teria uma escolha, ela supôs. A carta tinha, afinal, afirmado que seu futuro precisava ser discutido. A discussão era uma comúnicação de duas vias.

Ela se perguntou se haveria bastante moedas em sua bolsa para um bilhete de diligência, para casa. Ela não tinha ideia do valor, mas tinha um pouco de dinheiro próprio, muito pouco, e Srta. Ford tinha lhe dado, na noite passada, um soberano, apesar de seus protestos. E se isso ainda não fosse suficiente? E se ficasse presa em Londres para o resto da sua vida? O próprio pensamento era o suficiente para fazê-la sentir enjoo, e as condições da estrada em que viajavam não fez nada para ajudar seu estômago.

Algumas vezes tentou não pensar. Ela tentou, ao invés disso, desfrutar da sensação desconhecida, de estar em uma carruagem, de realmente estar saindo de Bath, subindo a colina longe até que não estivesse à vista atrás de si, quando olhou para trás. Tentou se maravilhar com a paisagem que

passava. Tentou pensar naquela experiência como a aventura de uma vida, que se lembraria para o resto da vida. Imaginou como ia falar às crianças no orfanato sobre isso, sobre os pedágios e as aldeias por onde passavam. Sobre verdes vila e tabernas típicas, com seus nomes pintados em cima, balançando e pequenas igrejas com torres pontiagudas; Sobre as hospedarias em que pararam e comeram, as protuberâncias da cama em que ela tentou dormir, a agitação de cavalariços e noivos nos jardins; os sulcos profundos na estrada que sacudia os próprios dentes na boca de cada um e, mesmo ocasionalmente, faziam Srta. Knox olhar menos como uma esfinge.

Em breve, no entanto, sua mente giraria de volta para o grande e assustador desconhecido, que estava à sua frente. E se fosse para encontrar a pessoa que a tinha levado para o orfanato há tantos anos e pagou para mantê-la lá desde então? Seria o homem com a voz rude? E se realmente fosse uma princesa e um príncipe estava esperando-a para se casar, agora era que adulta e estaria fora do alcance do rei perverso, ou bruxa, de quem tinha sido cuidadosamente escondida todos esses anos? Este pensamento absurdo obrigou Anna a sorrir apesar de quase rir em voz alta. Essa tinha sido a teoria de Olga Norton, de nove anos de idade, depois de ter ouvido a carta de Anna na última noite. Tinha sido imediatamente apoiada por várias das outras meninas e profundamente ridicularizada pela maioria dos meninos.

Tudo o que podia fazer, Anna pensou, com grande bom senso, pela centésima vez, nos últimos dias, era esperar e ver.

Mas foi mais fácil dizer do que fazer. Por que a convocação veio através de um advogado? E por que estava viajando numa carruagem privada quando bilhetes de diligências deveriam custar muito menos? E por que lhe tinha sido fornecida uma acompanhante? O que aconteceria quando chegasse a Londres?

O que aconteceu foi que o carro manteve a viagem. Londres era infinitamente grande e infinitamente triste, mesmo suja, pelo que parecia milhas e milhas. Tanto para a história de Dick Whittington e as ruas pavimentadas de ouro da cidade de Londres, embora reconheça que olhar mais convidativo tudo pode em pleno dia ao invés do crepúsculo estava caindo sobre o que mundo exterior.

Mas a carruagem parou fora de um grande eventualmente, imponente edifício de pedra que acabou por virar um hotel. Entraram na sala de recepção, e Srta. Knox falou com um homem de uniforme atrás de uma mesa alta de carvalho, foi entregue uma grande chave de bronze, e liderou o caminho até duas amplas escadas e ao longo de um corredor antes de definir a chave na fechadura de uma porta e abri-la em par. Havia uma espaçosa sala de estar de pé direito alto além portas de cada lado mostrando um quarto de dormir dentro. Havia uma lâmpada acesa em cada um dos três quartos, uma grande extravagância à mente cansada de Anna. Foi uma grande melhoria sobre acomodações da noite passada.

— Vou ficar aqui? — Ela perguntou, movendo-se bruscamente para um lado quando percebeu que outro

homem de uniforme vinha atrás delas com sua bolsa e da Srta. Knox nas mãos. Olhou com expectativa para Srta. Knox, que a ignorou, e retirou-se com uma carranca.

— O quarto maior à esquerda é seu, Srta. — disse a mulher mais velha — O outro é meu. O jantar será servido em breve. Vou lavar as mãos.

Ela desapareceu no quarto de dormir a direita, levando sua bolsa consigo. Anna dirijiu-se para a outra sala. Era, pelo menos, três vezes maior do que seu quarto no orfanato. A cama parecia grande o suficiente para acomodar quatro ou cinco crianças deitadas confortavelmente lado a lado. Havia água no jarro no lavatório. Derramou um pouco na bacia e lavou as mãos e rosto e penteou o cabelo. Passou as mãos para alisar seu vestido que, infelizmente, estava enrugado após dois dias de viagem.

No momento em que voltou para a sala de estar, dois criados tinham posto a mesa, para comerem, com uma toalha branca, bordada e reluzente porcelana, taças e talheres, e depositado terrinas cobertas com algo quente e vaporoso que cheirava maravilhosamente. Pelo menos, Anna, achou que era um cheiro delicioso, pois estava desesperadamente com fome e cansada.

Desejou com todo seu coração, estar de volta em casa.

Ter um secretário extremamente eficiente, Avery, Duque de Netherby, pensou, era uma coisa boa e, ocasionalmente,

um incômodo. Por um lado, veio a confiar nele para conduzir todos os negócios triviais e problemáticos de sua vida, deixando-o livre simplesmente para viver e se divertir. Por outro lado, havia ocasião quando se encontrava forçado a algo tedioso que poderia ter sido evitado se, simplesmente, tivesse deixado seguir seu próprio curso. Isso, certamente, não acontecia com frequência, Edwin Goddard estava bem familiarizado com o que poderia ser esperado ao aborrecer seu criador. Essa, no entanto, era uma dessas raras ocasiões.

— Edwin — disse Avery com um doloroso suspiro, num final de tarde, tão logo apareceu na porta do escritório do secretário — O que é isso agora.

Ele segurava no alto, entre o polegar e o dedo indicador, um cartão dourado deixado na mesa da biblioteca com outros dois memorandos, um lembrando, Sua Graça, de um jogo que gostaria de participar naquela noite, porque a honorável Srta. Edwards estaria lá, e o outro o informando que um novo par de botas, o qual ele tinha que encomendado na semana passada, aguardava sua presença no Hoby's, o fabricante de calçados de sua escolha, para experimentá-la e, assim garantir que lhe encaixasse como uma luva, como era sempre dito, para que fosse muito confortável para seus pés. Se fosse realmente assim, Avery pensou, era estranho, então, que os homens persistissem em usar botas em vez de luvas. Mas seus pensamentos tinham divagado.

— Mr. Josiah Brumford têm uma hora de seu tempo agendado aqui, amanhã de manhã, Sua Graça — Goddard explicou — Uma vez que ele é o advogado do Conde de

Riverdale e sua Senhoria é seu tutelado, eu achei que você ficaria feliz em conceder seu pedido. Eu dei instruções para que o salão rosa esteja preparado para dez horas.

— Feliz — Sua Graça repetiu fracamente — Meu querido Edwin, essa é uma escolha muito incomum de palavra. Você tem de fato mencionado isso aqui, ah, a audiência deve ser concedida no salão rosa no momento que você mencionou. Eu posso ler. Mas você omitiu a razão para a escolha do salão. O salão rosa parece um exagero para apenas um advogado e minha humilde pessoa nos reunirmos. Não estara trazendo algum grande cortejo junto dele, não é? O outro Brumford, talvez, ou alguns dos '& Sons' (& Filhos)? Ou o lote inteiro deles? Isso também seria demais, devo lhe avisar.

— Mr. Brumford mencionou em sua carta, Sua Graça - Goddard disse — ele tomou a liberdade de solicitar a presença de mais pessoas, incluindo o Conde e a Condessa, sua mãe e outros membros de sua família.

— Ele solicitou de fato?Os dedos de Avery se enrolaram na alça de seu monóculo, enquanto passava pela mesa de seu secretário, deixou o memorando sobre ela e estendeu a mão. Goddard olhou-o por um momento e, em seguida, vasculhou uma pilha de papéis em um canto da mesa, a fim de apresentar a carta de Brumford. Era pomposa como o homem que a tinha escrito, mas, de fato, solicitara a honra de se reunir a Sua Graça de Netherby em Archer House, às dez horas, amanhã de manhã, sobre uma questão de grande importância. Também pediu o perdão de Sua Graça por ter tomado a liberdade de convidar seu tutelado, a mãe e irmãs

de Sua Senhoria, bem como outros familiares próximos, incluindo o Sr. Alexander Westcott, Sra Westcott, sua mãe, e Lady Overfield, sua irmã.

Avery devolveu a carta a seu secretário sem fazer comentários. Três semanas haviam se passado desde que Brumford deixara Westcott House como um Cruzado[3] inclinado sobre a missão de enviar o seu investigador mais confiável para localizar uma órfã bastarda em algum lugar, a fim de lhe destinar riqueza em troca de sua promessa, escrita, de nunca mais apelar para Harry. Não tinha sido acordado com Brumford que apresentaria o relatório, em privado para Avery quando a mulher fosse encontrada, para discutir a soma exata a ser destinada a ela? Seria esta reunião sobre algo completamente diferente?

Melhor que fosse o caso, por raios, se Brumford não desejasse encontrar-se amarrado na árvore mais próxima por seus polegares. Tinha sido o desejo expresso da Condessa de que Harry, Camille e Abigail nunca soubessem da existência da indiscrição de seu pai. E por que demônios tinha convidado Alex Westcott? E sua mãe e sua irmã? Eles eram primos de segundo grau de Harry, para ser exatos, talvez mais distante que isso. Westcott também era o herdeiro do condado até o momento em que Harry se estabelecesse por casamento e produzisse, obedientemente, um herdeiro de seu próprio sangue e um par de suplentes para estar assegurado. E quem eram os outros familiares próximos? Qual o motivo

[3] Os ricos e poderosos cavaleiros da Ordem de São João de Jerusalém (Hospitalários) e dos Cavaleiros Templários foram criados durante as Cruzadas.

para essa reunião? Algum segredo seria descoberto depois de tudo?

Avery saiu da sala e foi em busca da Duquesa, sua madrasta. Ela estaria interessada em saber que eles deveriam esperar sua cunhada, sobrinho e sobrinhas amanhã, assim como seus primos e outros parentes não identificados. Ela tinha uma mãe e duas irmãs na cidade. Embora talvez tivesse recebido seu próprio convite pessoal e já soubesse. Ela certamente gostaria de participar da reunião, pois, sem dúvida, Jess, Lady Jessica Archer, sua meia-irmã, que com a idade de dezessete anos e três quartos, já tinha todos os dez dedos pousados firmemente no limiar da entrada da sala de aula, pronta para se libertar no momento em que ela passasse a dezoito anos. Neste período, no próximo ano, meditava de forma sofrida, ele provavelmente a escoltaria para todas as festas e bailes, cafés da manhã, piqueniques e outros quantos eventos até que se encontrasse um excelente casamento do mercado de matrimônios durante a temporada.

Ela poderia muito bem participar da reunião, pensou, já que era para estar ali em sua própria casa. Olhou para a sala de desenhos e encontrou-a lá com sua mãe, admirando uma pilha de sedas coloridas bordados que elas deveriam ter comprado. Seria difícil de manter Jess longe, amanhã, de qualquer maneira, quando foi informada de que Abigail estava por vir. Seria quase impossível quando sabia que Harry era para estar ali também. Ela não tinha, Avery esperava, a ideia de vê-lo como futuro potencial marido já que era seu primo de primeiro grau, mas ela tinha tido adoração

por de sua aparência jovem. No entanto, sua presença ou ausência seria decisão de sua mãe. Graças aos céus pelas mães.

Uma questão de grande importância, Brumford tinha escrito. O homem devia estar no palco. Realmente deveria.

Ambas as senhoras olharam e sorriram para ele.

— Oh, Avery — Jessica disse, correndo em direção a ele, com o rosto brilhantemente ansioso, as mãos ao peito — Advinhe quem veem aqui amanhã de manhã — Mas ela não esperou por ele para participar no jogo que tinha estabelecido — Abby. E Harry. E Camille.

Em ordem de importância, pelo que parecia.



— Brumford tem um dom para o drama — comentou Alexander Westcott à sua mãe e sua irmã quando jantavam juntos em casa naquela mesma noite — Este encontro não pode ser para a leitura do testamento de Riverdale. Aparentemente não havia desejos. Além disso, o advogado não teria escolhido Archer House para a leitura, mesmo que o tal Netherby fosse guardião de Harry. Por que a nossa presença é necessária para qualquer que seja a questão, só Deus sabe. Suponho que seria melhor estarmos presente, no entanto.

— Eu não vejo Louise ou Viola desde o funeral — disse sua mãe, mencionando a Duquesa de Netherby e a Condessa de Riverdale — Devo desfrutar de um bate-papo com elas. E

se formos convidados, talvez prima Eugenia, Matilda e Mildred estarão lá também — Prima Eugenia era a Condessa viúva de Riverdale, mãe do falecido Conde, as outras duas senhoras suas filhas, mais velha e a mais nova.

— E você tem que admitir Alex — Elizabeth, Lady Overfield, disse com um brilho nos olhos — que é um mistério intrigante. Pelo menos você é o herdeiro de Harry. Mamãe e eu não estamos intimamente relacionadas com Harry.

— Seu pai e o de Harry eram primos de primeiro grau — sua mãe lembrou-lhe — embora eles nunca se deram bem. Seu pai detestava o homem. Assim como todos os outros, parecia-me, e provavelmente incluíndo Viola, embora ela sempre tivesse sido uma esposa leal.

— Ser herdeiro de Harry não é algo que eu cobiçe — disse Alexander — Talvez seja peculiar, mas estou perfeitamente feliz com quem sou e o que tenho. Ele não espera se casar em breve, é claro. Nem sequer está na idade ainda. Mas devotamente espero que se case com uma jovem e seja pai de ao menos seis filhos, em alguns anos, para garantir a sucessão além de qualquer dúvida. Enquanto isso, espero que permaneça em perfeita saúde .

Elizabeth riu e estendeu a mão para afagar-lhe o dorso da mão.

— Não é peculiar depois de tudo — disse ela — Você tem trabalhado duro para restaurar Riddings Park para prosperar após a morte de papa, perdoe minha franqueza, mamã. Você conseguiu e pode estar orgulhoso de si mesmo. É muito respeitado lá, até mesmo amado, e eu sei que você está

contente. Eu sei, também, que não está gostando de ter sido arrastado para Londres só porque é a temporada e você sabia que mamã e eu gostaríamos de provar algumas das frivolidades que tem para oferecer este ano. Você realmente não precisava vir com a gente, mas eu aprecio o fato de que você o fizesse, e que tem esta casa muito confortável alugada para nós.

— Não é totalmente por amor de vós que eu vim — admitiu depois de beber vinho — Mamã está sempre me incentivando a viver um pouco, como se estar em casa na minha própria propriedade, que eu amo, não é estar vivendo. Mas, ocasionalmente, até sinto a necessidade urgente de pôr de lado as minhas botas incrustadas de estrume e calçar sapatos de dança em seu lugar.

Elizabeth riu novamente.

— Você dança bem — disse ela — E você, invariavelmente causa um rebuliço entre as senhoras sempre que põe os pés dentro de um salão de baile, você é sempre o cavalheiro mais bonito presente.

— Há alguma esperança — sua mãe perguntou, olhando para ele com algum desespero, como se não fosse a primeira ou até mesmo a vigésima primeira vez que ela colocou a questão — que em algum lugar, entre todas aquelas senhoras, você vai encontrar uma noiva, Alex?

Alex hesitou antes de responder, e ela o olhou esperançosa o suficiente para colocar seu garfo e faca em seu prato e inclinar-se ligeiramente em direção a ele.

— Sim, na verdade — disse — é o próximo passo lógico para eu tomar, não é? Riddings está prosperando, finalmente, todos os dependentes de mim estão bem cuidados, e a única coisa que falta para tornar tudo seguro é um herdeiro. Meu próximo aniversário é meu trigésimo. Eu vim aqui com você e Lizzie, Mamã, porque eu não gosto de qualquer uma de vocês estarem aqui sem um homem para dar apoio e oferecer escolta onde quer que desejem ir, mas vim também por minha própria conta para... Olhar ao redor de mim, se você desejar. Não estou com nenhuma pressa em fazer uma escolha. Talvez nem mesmo aconteça este ano. Mas não preciso casar por dinheiro, e não sou tão altamente classificado que seja obrigado a olhar alto para uma noiva. Espero encontrar alguém que vai... Adequar-me.

— Alguém por quem se apaixonar? — Elizabeth sugeriu, inclinando-se um pouco de lado para que o lacaio enchesse seu copo de água.

— Eu certamente espero sentir um carinho para com a Dama — disse ele, corando ligeiramente — Mas o amor romântico? Perdoe-me, Lizzie, mas isso não é para as mulheres?

Sua mãe tutibeou.

— Como eu? — Elizabeth sentou-se em sua cadeira e assisti-lo comer.

— Ah — Seu garfo permaneceu suspenso a meio caminho de sua boca — Eu não quis dizer isso dessa maneira, Lizzie. Eu não tive a intenção de ofender.

— E você não fez — assegurou — Eu caí de cabeça para baixo na paixão no momento em que olhei para Desmond, que menina tola eu era, e chamei aquilo de amor. Não era amor. Mas a experiência de um casamento ruim não fez de mim uma cínica. Eu ainda acredito no amor romântico, e assim espero que você descubra por si mesmo, Alex. Você merece tudo o que é bom na vida, especialmente depois de tudo que você fez por mim.

Sir Desmond Overfield, seu falecido marido, tinha sido um homem encantador, mas um bebedor pesado, o tipo que se tornava mais feio, quanto mais bebia mais tornava-se verbal e fisicamente abusivo. Quando Elizabeth tinha fugido de volta para sua casa de infância em uma ocasião, seu rosto mal era reconhecível por baixo de todo o inchaço e hematomas, seu pai lhe tinha enviado de volta, embora com relutância, quando Desmond veio por ela, com o lembrete de que era agora uma mulher casada e propriedade de seu marido. Quando fugiu de lá novamente, dois anos depois, quando seu pai já estava morto, desta vez com um braço quebrado, bem como hematomas em seu rosto e maior parte do corpo, Alex a abrigou e chamado um médico. Desmond tinha vindo novamente para reivindicar sua propriedade, sóbrio e apologético, como tinha sido na primeira vez, mas Alex deu-lhe um soco no rosto e quebrou seu nariz e desalojou alguns de seus dentes. Quando o marido voltou com o magistrado mais próximo, Alex tinha enegrecido seus dois olhos e convidado o magistrado para ficar para o almoço. Desmond morreu menos de um ano depois, esfaqueado em

uma briga numa taberna na qual havia sido, ironicamente, apenas um espectador.

— Eu vou escolher uma noiva com a qual possa esperar estar confortável e até mesmo feliz — Alex prometeu — mas vou perguntar a sua opinião, Lizzie, e Mamã antes de fazer qualquer oferta.

Sua mãe deu um pequeno grito de horror.

— Você não vai se casar só para agradar sua mãe — disse ela — Que ideia.

— Oh, você vai fazer tal coisa — Elizabeth protestou simultaneamente.

Ele sorriu para elas.

— Mas vocês duas terão que compartilhar uma casa com minha esposa — disse — Tudo isso é puramente hipotético, no entanto, pelo menos por agora. Eu conversei e dancei com um número de Damas no par de semanas, desde que a temporada começou, mas nenhuma delas me tentou a namorar. Não estou com muita pressa de fazer uma escolha. Enquanto isso, temos um sarau para participar hoje à noite e é melhor estar a caminho dentro de meia hora. E amanhã vamos descobrir o que fará a terra tremer com as divulgações que o advogado de Harry tem que a fazer que necessitam a nossa presença. Estou certo de que nenhuma de vocês está sob nenhuma obrigação de ir comigo, no entanto.

— Mas Mamã e eu fomos convidadas também — Elizabeth lembrou — Eu não perderia isso por nada. Além disso, eu não vejo nenhum dos primos desde o funeral, e essa reclusão imposta deve ser muito cansativa para eles, quando

a temporada é especialmente tentadora com tantos entretenimentos. Camille deve estar extremamente decepcionada por ter sido forçada a adiar seu casamento com o Visconde Uxbury e a pobre Abigail deve se sentir ainda pior por esperar até o próximo ano para poder sair quando ela já tem dezoito anos. Talvez vejamos Jessica também, desde a reunião está em Archer House. Oh, e devo confessar Alex, que eu estou ansiosa para ver o Duque de Netherby. Ele é tão deliciosamente... Grande. — Lizzie! — Alexander parecia dolorido quando acenou para o lacaio para remover seus pratos — Ele não é nada além de artificialidade entediada até o coração. Se tiver um.

— Mas faz tudo com um toque tão magnífico — disse ela, o brilho de volta em seus olhos — E ele é tão bonito.

— Bonito? — Olhou atordoado antes de relaxar e balançar a cabeça e rir — Mas a palavra se encaixa, devo confessar.

— Oh, ele é — sua mãe concordou — Se eu fosse vinte anos mais jovem — Ela suspirou e bateu as pestanas, e todos eles riram.

— Ele é a própria antítese de você, Alex — disse Elizabeth, afagando sua mão, mais uma vez, enquanto todos eles se levantaram — O que deve ser um enorme alívio para você, desde que você realmente não gosta dele nem um pouco, não é?

— A antítese? — disse — Eu não sou bonito, então, Lizzie?

— Absolutamente não — disse, passou o braço ao dele, enquanto ele oferecia o outro à sua mãe — Você é bonito, Alex. Às vezes eu acho que é injusto que você tenha todos os aspectos belos e atordoantes do lado da família de Mamã, é claro, enquanto eu nunca tinha sido nada além de passável e razoavelmente bonita. Mas não é apenas a sua aparência que desqualifica você de ser chamado de bonito. Você nunca parece entediado ou arrogante, e você definitivamente tem um coração. E uma consciência. Você é um cidadão completamente sólido e um cavalheiro digno.

— Meu Deus — disse, fazendo uma careta — Sou realmente tão maçante?

— Nem um pouco — disse ela, rindo — Para você ter a aparência.

Era, na verdade, o homem alto, moreno, bonito, um corpo perfeitamente tonificado e atlético e olhos azuis de arrebatar. Também tinha um sorriso que poderia derreter a manteiga congelada, para não mencionar corações femininos. E, sim, tinha um forte senso de dever sobre os dependentes. Elizabeth, quatro anos mais velha, estava começando a recuperar algum glamour que tinha perdido durante o casamento difícil, embora não era nem tão morena nem tão impressionantemente bonita quanto seu irmão. Ela, no entanto, tinha um temperamento morno, um rosto amável, e uma disposição alegre que sobreviveu aos seis anos de decepção, ansiedade e abuso.

— Lizzie! - Exclamou a mãe — Você sempre será bonita aos meus olhos.

Capítulo 3

— Oh, maldição! — Harry, o jovem Conde de Riverdale, franziu a testa para suas irmãs, abaixo nas escadas, que estavam franzindo a testa para ele de volta — É hoje que veremos o velho Brumford na casa de Avery? Ou amanhã?

— Você sabe muito bem que é hoje — disse Lady Camille Westcott — É melhor você se apressar. Você parece um fantasma.

Parecia que tinha ficado acordado na farra toda a noite, o que, de fato, era exatamente o que esteve fazendo. Seu belo traje de noite estava vincado e amarrotado, sua camisa tinha os punhos sujos, sua gravata mole e torta, seu claro, cabelo ondulado desgrenhado, os olhos injetados de sangue, e ninguém gostaria de, particularmente, chegar perto dele. Estava com a extrema necessidade de fazer a barba.

— Você nem sequer voltou para casa ontem à noite, Harry — comentou Lady Abigail, obviamente, seus olhos se movendo sobre ele da cabeça aos pés com desaprovação aberta.

— Espero que não estejam frustradas — disse — Eu dificilmente teria retornado de um passeio, de manhã, vestido assim, iria? Por que, diabos, Brumford teve que escolher hoje? E pela manhã, de todo terrível horário? E por que Archer House e não aqui? Que diabo é que ele diz, de

qualquer maneira, que não pode ser colocado em uma carta ou transmitido através de Mamã ou Avery? Ele tem uma pose demasiada grande e cheia de si, se alguém me perguntar, não que alguém o faça. Estou pensando em me livrar dele tão logo complete vinte e um e escolher a alguém que entenda que a ausência do advogado é mais apreciada do que a sua presença e seu silêncio mais do que sua eloqüência.

—Eu devo protestar sua língua, Harry — disse Camille — Pode estar tudo muito bem para seus conhecidos do sexo masculino, mas não vai fazer certamente, na presença de suas irmãs. Você me deve um pedido de desculpas e a Abby tambem.

— Eu? — Ele sorriu e então estremeceu agarrando suas têmporas com o polegar e o dedo médio de uma mão — Vocês duas parecem anjos vingadores, devo dizer, o que um companheiro precisa quando chega em casa para um sono bem merecido.

Pelo menos não disse que pareciam com dois corvos, como tinha dito quando colocaram seus trajes de luto pela primeira vez. Camille era mais morena do que seu irmão, alta, muito ereta em um rosto, bastante severo, com características muito fortes para ser descrita como bonita, embora certamente pudesse ser chamada de bonita com alguma razão. Abigail tinha a coloração e a boa aparência de seu irmão e sua construção esbelta, embora fosse pequena de estatura.

— O Sr. Brumford em breve estará nos aguardando em Archer House — lembrou-lhe Abigail — Então, o primo Avery.

— Mas o que pode ter deixado para discutir? — Ele perguntou, soltando seus ombros — Ele perambulou por horas quando esteve aqui algumas semanas atrás, embora não tivesse absolutamente nada de novo para dizer. E por que vocês duas têm que ir desta vez também se entediar tolamente? Terei algumas perguntas para quando o encontrar, vocês podem ter certeza.

— O que, talvez, seja dentro de uma hora — disse Camille — Se você vai então se troque, Harry, em vez de continuar em pé segurando suas têmporas e parecendo um herói trágico. Você não gostaria que o primo Avery o visse assim.

— Netherby? — Harry sorriu e estremeceu novamente — Ele não se importaria. Ele é um bom moço.

— Iria olhar para você com seu olhar interrogativo, Harry — disse Abigail — e então iria abaixá-lo e parecer aborrecido. Eu odiaria, acima de tudo, que olhasse para mim assim.

Sua mãe apareceu atrás dele no topo da escada naquele momento. Sorriu para ela envergonhado e se afastou de sua vista. A mãe o seguiu.

— Ele ainda está meio embriagado, Abby - disse Camille a sua irmã — Eu queria que o primo Avery o repreendesse, mas sabe que ele não vai. Uxbury teve uma conversa com Harry na semana passada, mas nosso irmão disse-lhe que se importasse com seus próprios negócios. Uxbury referiu que usava uma linguagem mais pesada do que isso, mas não o citou textualmente.

— Lorde Uxbury tem uma maneira infeliz de dizer coisas que aborrecem ao Harry, você deve admitir Cam — disse Abigail suavemente.

— Mas ele está certo toda vez — protestou Camille — No entanto, é o primo Avery, que é o bom moço. Harry se afasta demais. Ele está usando uma braçadeira preta — uma braçadeira preta amarrotada — enquanto nós estamos adornadas em preto da cabeça aos pés. O preto não é a sua cor e, definitivamente, não é a minha. Você deveria fazer sua estreia nesta primavera, e eu deveria casar-me com Uxbury. Nenhum evento acontecerá, mas Harry está fora todos os dias e a noite, vivendo de maneira selvagem. E nem Mamã nem Avery pronunciam uma palavra de censura.

— Às vezes, a vida não e justa, não é? — Disse Abigail.

Camila se afastou da escada para voltar para a sala da manhã, onde estavam prestes a tomar o café quando ouviram o irmão tropeçar pela casa. Sua mãe entrou na habitação atrás delas.

— O que é essa convocação para Archer House, mamã? — Perguntou Abigail.

— Se eu soubesse — disse a Condessa — não teríamos que ir. Mas vocês, meninas, estavam famintas por diversão, e a saída vai fazer bem. Sua tia Louise e Jessica ficarão felizes em vê-las. É muito ruim que o luto impeça que vocês assistam a tudo, exceto os mais sóbrios e aborrecidos dos entretenimentos da temporada. Mas se você está prestes a reclamar, Cam, que a vida social do seu irmão não é tão restrita quanto a sua e a de Abby, então você também pode

poupar seu fôlego. Ele é um homem e você não é. Você tem idade suficiente para entender que os cavalheiros vivem por um conjunto de regras completamente diferente, que devemos respeitar. É justo? Não, é claro que não. Podemos fazer algo a respeito? Não, nós não podemos. As queixas são inúteis.

Abigail tomou uma xícara de café.

— Você está preocupada com alguma coisa, Mamã? — Perguntou com uma careta.

— Não — disse sua mãe rapidamente — Por que eu deveria estar? Eu só desejo ver acabada esta manhã. Deus sabe do que se trata tudo isso. Devo aconselhar a Harry para mudar seu advogado. Avery não irá se opor. Ele acha o Sr. Brumford tedioso além da resistência. Se o homem tiver negócios para discutir, então deve vir aqui e discutir isso em particular.

As irmãs beberam o café, trocaram olhares e consideraram sua mãe, em silêncio pensativo. Algo a estava preocupando.

Edwin Goddard, secretário de Sua Graça de Netherby, tinha acompanhado a arrumação do salão rosa. As cadeiras haviam sido organizadas em três fileiras e arrumadas em frente a uma grande mesa de carvalho, por trás da qual, Brumford, presumivelmente, pretendia manter a audiência na hora indicada. Avery tinha visto, mais cedo, o salão com

desgosto — tantas cadeiras? Mas agora ele estava no grande hall, aguardando a chegada dos últimos convidados. Pelo menos, todas essas pessoas deveriam ser chamadas convidados, ele supôs, embora não fosse ele quem as convidara. Estar no hall era preferível, no entanto, do que estar no salão, onde sua madrasta fazia o papel da anfitriã graciosa para um número alarmante e misteriosamente grande de seus parentes, e Jessica estava transbordando de prazer por receber Harry e suas irmãs e estava falando com eles a grande velocidade e em um tom alto o suficiente para ter levado uma frustrante censura de sua governanta, se aquela mulher digna tivesse estado presente. Ela não estava, no entanto, e Jess estava livre da sala de aula nessa ocasião.

Brumford também estava no corredor, embora ele tivesse ocupado uma posição a certa distância do Duque e estava intimamente silencioso — praticando mentalmente seu discurso, talvez? — e facilmente ignorado. Avery perguntou-lhe, em sua chegada, se esta reunião familiar tinha algo a ver com o assunto delicado e muito privado que a Condessa tinha confiado a sua habilidade e discrição há algumas semanas. Mas Brumford simplesmente se curvou e assegurou a Sua Graça que ele havia trazido uma grave preocupação para toda a família Westcott. Além de falar com o homem em privado, por um pouco mais de tempo do que era estritamente necessário, com seu intimidante monóculo, Avery não o pressionara ainda mais. Brumford era, afinal de contas, um homem da lei e, portanto, não podia esperar que desse uma resposta direta a qualquer pergunta.

Avery tentou não pensar em nenhuma das dúzias de modos mais agradáveis em que ele poderia estar gastando sua manhã. Ele levantou as sobrancelhas com um riso alegre no salão rosa.

Houve uma batida nas portas exteriores, e o mordomo as abriu para admitir Alexander Westcott, Sra. Westcott e Lady Overfield. Westcott tinha aparência, como de costume, impecável e digna. Avery o conhecia desde que eles eram meninos e estiveram juntos na escola, e se Westcott já tivesse tido um cabelo fora do lugar, mesmo depois da mais acidentada briga nos campos de brincadeiras, ou colocado uma unha fora da linha de comportamento prudente em todos os anos que eles passaram lá, Avery certamente nunca testemunhou isso. Alexander Westcott, distinção e respeitabilidade eram termos sinónimos. Os dois homens nunca tinham sido amigos.

Westcott acenou com a cabeça para ele, e a Sra. Westcott e a filha sorriram.— Netherby? — Ele disse.— Primo Avery — ambas as senhoras disseram simultaneamente.— Prima Althea — Ele deu um passo à frente, estendeu uma mão lânguida para a senhora mais velha e levantou-a aos seus lábios — Um prazer, na verdade. Prima Elizabeth — Ele beijou sua mão também — Se mostra arrebatadoura, como sempre.— Como você mesmo — O sorriso da mulher mais nova adquiriu um brilho.

Ele levantou as sobrancelhas — Fazemos o nosso melhor — ele disse com um suspiro, e soltou sua mão. Ele sempre gostou dela mais do que de seu irmão. Ela tinha um bom

senso de humor. Ela também tinha uma boa figura. Ela herdara ambos de sua mãe, embora não a boa aparência da mãe. O filho conseguiu essa parte.— Westcott — disse Avery por meio de saudação.

Brumford, curvando reverencialmente, foi ignorado.

O mordomo escoltou os recém chegados ao salão, e houve uma onda de saudações de dentro e até mesmo um guincho ou dois. Era hora de ele se juntar aos demais, pensou Avery com um suspiro interno, tirando a caixa de rapé de um bolso e abrindo a tampa com um polegar experiente. Todos estavam presentes e contados. Mas antes que ele pudesse se mover, a aldrava bateu uma vez mais contra as portas exteriores e o mordomo apressou-se a abri-los.

Uma mulher entrou sem esperar um convite. Uma governanta — Avery apostaria metade de sua fortuna nisso. Ela era jovem, magra e intransigente, ereta e coberta da cabeça aos pés, em um azul escuro, com exceção de suas luvas e retículo e sapatos, que eram negros. Nenhuma de suas roupas era cara ou elegante, e essa era uma avaliação gentil. Seu cabelo era pouco visível sob a borda pequena de seu capuz, embora parecia haver um bolo grande na parte de trás do pescoço.

Ela parou exatamente dentro da porta, apertou as mãos em sua cintura e olhou perto dela como se estivesse esperando que um aluno ou três se materializassem das sombras com livros e lousas.— Eu acredito — disse Avery, fechando a caixa de tabaco com uma pressão — que você

confundiu a porta da frente com a entrada dos criados e a casa por uma em que há crianças em idade de instrução. Horrocks colocará seus pés na direção certa — Ele levantou uma sobrancelha na direção do mordomo.

Ela virou os olhos para ele — olhos grandes, calmos e cinzas, que não hesitaram quando encontraram os dele. Ela ficou onde estava e não parecia nem envergonhada, nem aterrorizada, nem horrorizada, nem congelada, nem nenhuma das coisas que alguém poderia ter esperado de alguém que acabou de atravessar a porta errada.— Eu fui trazida de Bath ontem — ela disse com uma voz suave e clara — e hoje eu estava de fora da porta desta casa.— Se você quiser, Srta. — Horrocks estava segurando a porta aberta.

Mas Avery foi pego por uma súbita compreenção. Por Deus, ela não era uma governanta, ou não apenas uma governanta, de qualquer maneira. Ela era uma bastarda.

Especificamente, ela era a bastarda.— Miss Snow? — Brumford deu um passo à frente e estava na verdade. . . Curvando-se novamente.

Ela voltou sua atenção para ele — Sim — disse ela — Sr. Brumford?— Você é esperada — Brumford disse enquanto Avery devolveu sua caixa de rapé ao bolso e ergueu o monóculo em seus olhos quando Horrocks fechou a porta — O mordomo irá mostrar-lhe um lugar no salão rosa.— Obrigada — disse ela.

As costas de Horrocks estavam quase visivelmente eriçadas em desaprovação e indignação enquanto ele conduzia a mulher para longe. Mas Avery quase não

percebeu. Seu monóculo estava voltado completamente sobre o advogado, cujo rosto estava brilhando com a transpiração, como poderia, pelos raios. Ele voltou os olhos relutantes ao monóculo.— O que, diabos, você fez? — Perguntou Avery, sua voz suave.— Tudo ficará claro em breve, Sua Graça — Brumford assegurou-o enquanto uma gota de umidade escorreu pela testa, se espalhou por sua sobrancelha e caiu sobre sua bochecha.— Tenha cuidado — disse Avery — Você não gostaria do meu desagrado.

Abaixou o monóculo e caminhou para o salão rosa, onde um silêncio antinatural parecia ter caído. Todos estavam sentados, os membros da família nas três filas de cadeiras em frente a mesa, a. . . Mulher atrás, afastada dos demais, apenas dentro da porta e praticamente ao lado dela. Mas o fato de estar sentada em uma sala juntamente com aristocratas, apenas dois dos quais faltavam algum tipo de título — e até mesmo um deles era herdeiro de um condado — era surpreendente o suficiente para mergulhar a sala em um incômodo e ultrajado silêncio. Ninguém estava olhando para ela e Avery duvidava que alguém tivesse falado com ela, mas que todos estavam cientes dela, excluída de tudo, era evidente.

Quem poderia ser ela, se não a bastarda?

Cada cabeça se virou para ele quando ele entrou na sala. Todos deviam se perguntar por que essa pessoa estava em sua casa, além do mais em um dos salões, e por que ele não estava fazendo alguma coisa para corrigir a situação. A Condessa de Riverdale parecia naturalmente pálida, como se

tivesse chegado à mesma conclusão que Avery tinha chegado. Ele ignorou a remanescente cadeira desocupada e caminhou para um lado da sala, onde apoiou um ombro contra a parede de brocado cor de rosa, antes de tirar, novamente, a caixa de rapé de seu bolso e desfrutar uma pitada de seu conteúdo. Era uma mistura recém-ajustada e quase perfeita.

Tanto quanto ele sempre evitava exercer-se, desnecessariamente, ele poderia achar necessário torcer o pescoço de Brumford depois que esta manhã acabasse.

O silêncio tornou-se ruidoso. Avery parecia sem pressa sobre ele. Harry pareceu irritável. Bastava olhar para ele para saber que tinha passado uma outra noite cercado, sem dúvida, pelos parasitas, que riam de todas as suas tentativas de inteligência e bebiam muito as custas dele. Camille, de um lado e vestida de luto profundo e hediondo, parecia uma puritana. Ela, provavelmente, seria ainda mais depois de se casar com Uxbury que, provavelmente, havia sido posto em um berço de ameixas secas no nascimento e absorvido por seus poros. Abigail, no outro lado de Harry, parecia ainda pior em preto, pobrezinha. Ele a destituiu positivamente de toda a animação e beleza juvenil. Harry, ao contrário de sua mãe e irmãs, estava prestando homenagem a seu pai falecido com uma simples braçadeira. Menino sensível.

A Duquesa, a madrasta de Avery, sentou-se atrás deles. Ela parecia distinta em preto, embora ela não precisasse usar muito mais, já que Riverdale tinha sido apenas seu irmão, não seu marido ou pai. Roupa de luto de invenção espantosa era. Jessica sentou-se ao lado de sua madrasta em um

vestido que era refrescantemente branco. Sua avó, a Condessa viúva, estava do outro lado, tão inchada de preto que seu rosto parecia um fantasma. Lady Matilda Westcott, sua filha mais velha, aquela que permaneceu, obedientemente, em casa e solteira para ser um suporte para seus pais na velhice, não parecia melhor. Ao lado dela estava a mais nova das irmãs, Mildred, Lady Molenor, com Thomas, Barão Molenor, seu marido. Alexander Westcott sentou-se na terceira fila, entre sua mãe e Elizabeth, sua irmã.

O que diabos estava Brumford fazendo? Por que esse negócio não estava sendo conduzido em particular como a Condessa havia solicitado especificamente? Avery estava inclinado, até agora, a se afastar da sala para lançar o procurador através da porta, de preferência sem abri-la primeiro. Mas essa mulher ficaria para trás, na cadeira ao lado da porta e, assim, surgiriam muitas perguntas para que o assunto fosse silenciado. O destino, ao que parece, deveria ter permissão para seguir seu curso.

Ele deveria ter se exercitado ontem, pensou Avery, depois de ler a carta de Brumford.

Ela continuou sentanda, sozinha, perto da porta, parecendo perfeitamente ao comando de si mesma. Ela tirou o manto. Estava oculta pela parte de trás da cadeira. Ela tinha removido o capuz e as luvas também — estavam sob a cadeira. Seu vestido azul, barato, de cintura alta a cobria do pescoço aos pulsos até os tornozelos. Ela tinha uma figura esbelta e arrumada, percebeu Avery enquanto seus olhos se fixavam sobre ela, não era magra como ele pensara no

começo. No entanto, era uma figura totalmente incomum para um conhecedor de figuras femininas. Ele havia notado, quando ela estava de pé, que ela estava no lado pequeno da média em altura. Seu cabelo era um castanho claro e parecia que deveria ser perfeitamente liso. Foi penteado para trás de seu rosto e torcido em um nó pesado na parte de trás do pescoço. Suas mãos estavam apertadas vagamente em seu colo. Seus pés em seus sapatos ordenado e pouco atraentes estavam bem colocados lado a lado no chão. A mulher parecia tão sedutora como uma maçaneta de porta.

Ela ficou notavelmente calma. Não havia nada de ousado em relação a sua atitude, mas não havia, também, nada contraído. Ela não baixou os olhos, como se poderia esperar. Ela estava olhando ao redor dela com o que parecia ser um leve interesse, seus olhos pousando por alguns instantes sobre cada pessoa, por sua vez.

Sua atenção voltou-se para ele. Ela não desviou o olhar apressadamente quando seus olhos se encontraram com os dele e ela percebeu que era objeto de seu escrutínio. Nem ela segurou seu olhar. Seus olhos se moveram sobre ele, e ele se viu perguntando-se o que viu.

O que ele viu o surpreendeu um pouco. Quando ele retirou a atenção de tudo o que não era atraente em sua aparência — e isso era quase tudo — e se concentrado em seu rosto, ele percebeu que era surpreendentemente belo, como a Madonna em uma pintura medieval que sua mente não podia identificar imediatamente. Não era nem um sorriso nem um rosto animado. Não foi determinado por cachos atraentes ou

acenos de leques ou covinhas ou pestanejar de olhos. Era um rosto que simplesmente falava por si próprio. Era um rosto oval com características regulares e aqueles olhos cinzentos largos e estáveis. Isso foi tudo. Não havia nada específico para explicar a impressão de beleza que deu.

Ela terminou de inspecioná-lo e estava olhando nos olhos novamente. Ele empurrou a caixa de rapé e ergueu o monóculo ao olho e as sobrancelhas, mas, naquela momento, ela desviou o olhar sem pressa para ver Brumford fazer sua entrada importante. Uma de suas botas estava rangendo.

Houve uma agitação de interesse da família reunida ali. A Condessa, porém, observou Avery, parecia ter sido esculpida em mármore.



Durante toda a vida, Anna cultivou uma qualidade de caráter acima de todas as outras, e isso era dignidade. Sempre tentou incutir a importância disso em seus órfãos também, quando estavam sob seus cuidados.

Como um órfão tinha tão pouco. Quase nada, de fato, exceto a própria vida. Muitas vezes, nem sequer tinha identidade. Podia-se saber o nome pelo qual alguém havia sido batizado — se alguém tivesse sido batizado — ou não poderia. Para todo o resto, exceto a própria vida, dependia da caridade dos outros. Pode-se dizer, é claro, que o mesmo era verdade para todas as crianças, mas a maioria tinha famílias

que cuidavam delas e cujo amor era incondicional. Eles tinham uma identidade definida dentro dessa família.

Seria tão fácil que um órfão se tornasse desprezível e encolhido, um nada e um ninguém, ou então ousado, exigente e irritado, afirmando direitos que não existiam. Anna tinha visto ambos os tipos e podia entender e simpatizar com ambos. Mas escolheu um caminho diferente para si mesma. Ela escolheu acreditar que não era melhor do que ninguém — e havia órfãos que, ocasionalmente, o dominavam sobre outros quando eram enviados presentes ou eram tirados para passar o dia, por exemplo. Ela também escolheu acreditar que não era pior do que ninguém, que não era inferior a ninguém, que pertencia a essa terra com certeza como qualquer outra pessoa.

Era uma atitude e uma qualidade de personalidade que nunca a deixaram em melhor posição do que hoje. Pois estava nas garras do terror desde o momento em que a carruagem parou fora desta grande casa em sua majestosa praça de Londres — não sabia seu nome — e Srta. Knox, firme no pavimento, lhe havia dito para escalar o caminho sozinha até porta da frente e bater a aldrava. Assim que a porta se abriu, Anna viu a carruagem saindo com a Srta. Knox dentro.

Anna logo percebeu que o homem que tinha aberto a porta era um servo, mas não era evidente para ela na época. Ele provavelmente não esperava que ela passasse por ele sem uma palavra. Isso era provavelmente por não ter sido criada em círculos educados — e certamente parecia ter entrado em círculos educados. E então havia os outros dois homens no

grande salão de mármore em que ela se encontrava. Um tinha um olhar intenso e pomposo e não mais desconcertante do que alguns dos diretores do orfanato que às vezes faziam uma visita oficial e acariciavam alguns órfãos na cabeça e riam muito calorosamente. O outro...

Bem, Anna ainda não tinha conseguido categorizar o outro homem para sua satisfação. Ela adivinhou, porém, que era alguém muito importante, talvez mesmo um Lord. Era uma possibilidade distinta que esta casa — essa mansão — fosse dele. Ele a tinha preenchido com um terror e enfraquecido os joelho quando falou com uma voz leve, entediada e cultivada e sugeriu que havia chegado à porta errada, mesmo na casa errada. Teria sido a coisa mais fácil do mundo girar e correr pela porta ainda aberta.

Ela estava muito feliz por não ter feito isso. Onde teria ido? O que teria feito? Estava feliz por ter ficado firme, lembrando que era igual a todos e que havia sido convocada aqui e a trouxe uma carruagem.

Sentou-se agora na sala a que o mordomo a trouxera e desejava que pudesse se derreter na cadeira e pelo chão e ressurgir em sua sala de aula em Bath. Treze cabeças se voltaram para a entrada — as contava desde então — e todas as treze pessoas pareciam idênticas, especialmente quando o mordomo indicou uma cadeira próxima da porta e instruiu-a a sentar-se. Apenas um deles havia falado uma mulher sofisticada sentada em uma extremidade da segunda fila de cadeiras.

— Horrocks — ela disse com uma voz dominante e altiva — você me obrigará a fazer isso... Conduza esta pessoa a outro lugar imediatamente .

O mordomo se curvou para ela.

— Sr. Brumford me pediu na presença de Sua Graça para escoltá-la até aqui, Sua Graça — ele havia dito.

Sua Graça. Sua graça.

Ninguém havia dito outra palavra, nem para Anna nem para o outro. Ficaram sentados em um silêncio rígido e reprovador que parecia mais alto que a conversa que estava em andamento quando Anna entrou no salão.

Ela praticou conscientemente a dignidade e sentou-se com um comportamento aparentemente calmo e descontraído, apesar do fato de seu estômago sentir como se estivesse apertado em uma pequena bola e estava prestes a lançar fora o pequeno café da manhã que tinha comido antes de sair do hotel. Até tirou o manto e arrumou-o cuidadosamente sobre a parte de trás da cadeira sem se levantar. Colocou o capuz, as luvas e o retículo no chão embaixo da cadeira.

Ela se forçou a olhar, não para baixo em suas mãos como ela queria desesperadamente, mas ao redor da sala e para as pessoas nela. Se olhasse para baixo, talvez nunca mais pudesse se levantar de novo. Depois de alguns minutos, o homem do salão — Sua Graça — que tentou levá-la a sair, entrou na sala e todos se viraram para olhar para ele em um apelo mudo, provavelmente na esperança de que se livrasse dela. Não disse nada. E também não se sentou. Foi, em vez

de isso, ficar do outro lado da sala e apoiado um ombro contra a parede. Teria sido repreendido por isso no orfanato. As paredes não deveriam ser encostadas.

Era um salão grande, quadrado e de teto alto. As paredes estavam cobertas de brocado cor-de-rosa profundo. Pinturas de paisagens em pesados quadros dourados foram pendurados sobre eles. O teto estava coberto e emoldurado por um friso dourado. Havia uma cena pintada diretamente no teto. Era algo da Bíblia ou da mitologia, adivinhou Anna, embora não olhasse para cima o suficiente para identificar exatamente o que era. Havia um tapete modelado sob os pés, suas cores aumentavam predominantemente. Os móveis eram sólidos e elegantes.

Mas foi nas pessoas que olhou mais de perto. Sentado na fila mais próxima da mesa havia três jovens e uma senhora mais madura. As senhoras estavam vestidas de luto profundo. O jovem — era realmente um menino mais do que um homem — estava usando um casaco verde escuro sobre linho branco, mas havia uma faixa preta na manga. Um irmão e suas irmãs e mãe? Havia algo sobre eles que sugeria uma conexão familiar.

As seis pessoas na fileira atrás desses também estavam em preto, exceto por uma jovem que usava branco. A senhora que havia dito ao mordomo para remover Anna estava sentada com dignidade real, sua espinha não tocando bem a parte de trás da cadeira. Qual a classe de senhora foi abordada como Sua Graça? Anna não sabia. A única, de todas as pessoas presente, que virou a cabeça para olhar

para Anna, depois desse primeiro olhar chocado, foi a mais jovem das duas senhoras que estavam sentadas na fila traseira. Ela não estava de luto. Ela tinha o que parecia um rosto gentil, embora não sorrisse. O homem ao lado dela era de ombros largos e parecia alto e bem formado e muito bonito, embora Anna não o visse de pé nem de rosto inteiro, depois desse primeiro breve olhar que havia lhe dado.

E então havia o homem do corredor — aquele que estava de pé contra a parede. Anna quase não olhou diretamente para ele, embora tivesse tido muito conhecimento dele desde o momento em que entrou na sala. Ela o olhou finalmente, simplesmente porque não cedeu a covardia. Como percebeu, ele estava olhando para trás, uma caixa de tabaco de joalheria em uma mão, um lenço de linho fino na outra. Quase, quase desviou o olhar. Mas não fez isso. Dignidade, lembrou a si mesma. Ele não é melhor que eu.

Ele era de altura mediana e leve de construção. Ela ficou surpresa com isso. Ele parecia muito maior quando ela inicialmente olhou para ele. Ele era tão elegante como o cavalheiro bonito na fila traseira, mas enquanto o outro homem estava discretamente impecável, ele era... Não. Havia algo esquisito sobre as dobras de sua gravata muito branca, sobre o corte íntimo de seu casaco azul escuro e o ajuste ainda mais próximo de suas calças cinza. Havia borlas de prata em suas botas flexíveis e brilhantes, anéis pesados em pelo menos quatro dos dedos, que, mesmo desta distância que podia ver, estavam perfeitamente cuidados. Havia correntes de relógio na cintura, um prendedor de prata em

sua gravata. Sua postura enquanto se apoiava na parede era... Graciosa. Seu cabelo era claro — não, era realmente dourado — e tinha sido cortado de tal forma que abraçava sua cabeça ordenadamente e ainda parecia acender suavemente sobre ela ao mesmo tempo, como um halo.

Seu rosto teria parecido aquele de um anjo se não fosse por seus olhos. Eles eram muito azuis, concedidos, mas suas pálpebras caíram sobre eles e lhe deram uma aparência ligeiramente sonolenta.

Com exceção de que ele não parecia sonolento, mas muito atento, e enquanto os olhos de Anna o haviam percorrido, porque ela não desviaria o olhar, pois estava certa de que ele esperava que ela fizesse, ele estava vagando por ela. Sem dúvida, estava tendo uma impressão muito diferente dela do que ela dele.

Ela olhou... Bonito. E gracioso. E requintado. E lânguido. Todas eram qualidades femininas, mas nem mesmo por um momento deu a impressão de afetação. Pelo contrário, na verdade. Ele parecia um animal selvagem exótico, esperando para saltar de maneira elegante, perfeitamente cronometrada e uma intenção letal sobre suas presas.

Ele parecia perigoso.

Tudo porque a considerava como se fosse um verme abaixo da bota e tentasse retirar fora de sua casa?

Não, ela não pensou que era só isso.

Mas não havia tempo para refletir o assunto ainda mais. Alguém estava vindo pela porta e passando frente a cadeira —

o Sr. Brumford, o procurador — Estava prestes a descobrir por que estava ali.

Então, ela suspeitava, o estavam todas essas pessoas.

Capítulo 4

Josiah Brumford espalhou os papéis que estavam na frente dele, apoiou as mãos abertas por cima, e pigarreou. Se alguém tivesse deixado cair um alfinete, Avery pensou, todo mundo teria saltado uns trinta centímetros mesmo que houvesse um tapete sob os pés.

— Suas Graças, — o advogado começou, inclinando a cabeça para Avery e a Duquesa. Felizmente, ele não continuou a listar todos os outros títulos presentes na sala — Eu agradeço a sua hospitalidade e por me prover a oportunidade de dirigir-me a todos os que aqui se reuniram para tratar de um assunto de grande preocupação. Meus serviços foram contratados há algumas semanas para procurar por certa jovem Lady com o objetivo de executar um litígio financeiro em nome dela, da parte do falecido Conde de Riverdale.

— Sr. Brumford! — A Condessa protestou, sua voz fria como o gelo.

Avery suspendeu seu monóculo para observar a transpiração na testa franzida do advogado.

— Me tolere por alguns minutos, se desejar, Senhora — Brumford disse — Você solicitou que o assunto fosse mantido em sigilo e cavalos selvagens não conseguiriam me induzir a divulgar essa informação a mais ninguém, mas você e Sua

Graça não souberam das circunstâncias inesperadas que me obrigaram a convocar essa reunião.

Abigail tinha voltado a sua cabeça para olhar, inquisidoramente, para a mãe ao seu lado. Todo mundo continuou olhando a frente. Avery baixou o monóculo.

Brumford pigarreou novamente — Eu enviei meu investigador mais experiente e confiável à Bath — ele disse — com a ordem de encontrar a jovem que tinha sido deixada em um orfanato naquela localidade há mais de vinte anos e que foi mantida, por conseguinte, pelo Conde de Riverdale. Até a morte dele, e foi isso.

A própria mulher que agora estava sentada atrás de todos, junto à porta, se Avery não estivesse muito enganado. Ele virou a cabeça para olhar para ela, mas os olhos dela estavam fixados em Brumford.

— Não era impossível encontrá-la — o advogado continuou — mesmo que não soubéssemos com que nome ela foi admitida na instituição ou até mesmo qual era o orfanato. Também não foi difícil encontrar o advogado que estava responsável por conduzir o sustento para mantê-la. O senhor John Beresford é um advogado com alguma distinção em Bath e seus escritórios ficam perto de Abbey. Ele não estava disposto a falar com o meu homem, por essa razão eu só posso elogiá-lo, mas sabendo que o seu Lorde tinha falecido e que Brumford, Brumford & Sons o haviam representado em todos os seus outros negócios, lidando tanto com o seu pai e antes dele, com o seu avô, ele concordou em falar comigo se eu fosse a Bath, pessoalmente, e lhe mostrasse uma ampla

prova da minha identidade. Eu fui sem hesitação ou atraso e fui capaz de garantir a Beresford que eu tinha os melhores interesses no meu coração para com a jovem, na medida em que a viúva do falecido Lorde, com a plena cooperação do Duque de Netherby, o atual curador de Riverdale, me confiou a missão de encontrá-la e fazer um generoso acordo com ela.

Se houvesse uma versão longa da história a ser contada, Brumford iria, invariavelmente, escolhe-la, Avery pensou. Camille tinha ouvido o bastante. Suas costas se enrijeceram e ela falou:

— Se você está prestes a revelar que essa... mulher à qual você procurou foi do meu pai.. — mas ela apenas pode inspirar profundamente no lugar de dizer a palavra — Você realmente deveria ter seguido suas instruções e feito esse relatório de forma privada para minha mãe e Sua Graça, Sr. Brumford. Detalhes tão sórdidos não são para os ouvidos de minha irmã ou os meus ou os de Lady Jessica Archer, que ainda nem saiu da sala de aula. Eu me pergunto sobre a sua temeridade, sobre a sua vulgaridade. Eu me pergunto se Sua Graça...

— Tenha paciência comigo, senhora, por favor — Brumford disse, levantando uma das mãos com a palma para fora — Em um momento será esclarecido porque isso deve ser dito para todos os que estão presentes aqui, por mais doloroso que possa ser. Beresford me informou, com toda a documentação disponível para colocar o que ele disse, a salvo de qualquer dúvida, que vinte e seis anos atrás o recém-falecido Conde de Riverdale, o qual naquele tempo ainda

carregava o título de cortesia de Visconde Yardley, já que era o herdeiro de seu pai, mas referia-se a si mesmo meramente como Sr. Humphrey Westcott, se casou com a Srta. Alice Snow em Bath, com uma licença especial e a estabeleceu em uns quartos naquela localidade. Praticamente um ano depois, Lady Yardley, a qual parecia se conhecer apenas como Senhora Westcott, teve uma filha. Entretanto, quando a criança tinha um ano ou pouco mais, ela voltou a morar com os pais, o Reverendo Isaiah Snow e sua esposa, em um vicariato do interior há várias milhas de distância de Bristol, sua saúde começou a decair. Ela morreu lá de uma enfermidade pulmonar dois anos depois. O Reverendo Snow e sua esposa, por razões desconhecidas, não se acharam aptos a manter a criança e criá-la, e o pai da menina, o então Conde de Riverdale, a tirou do vicariato e a entregou ao orfanato em Bath, onde ela cresceu e ainda vivia, como professora na escola do orfanato, até alguns dias atrás.

— Bom Deus! — Harry saltou sobre os seus pés e se virou para olhar para trás em direção à mulher sentada próximo à porta — Você? Você é...? Não, você não é ilegítima dele, é? Você é filha legítima dele. Deus. Você é minha meia-irmã. Deus.

A Condessa viúva também tinha virado a sua cabeça e levou o binóculo aos olhos.

A própria mulher olhou de volta para Harry, aparentemente impassível com o que acabou de ouvir. Mas Avery, observando-a mais de perto com seu monóculo, notou

que as juntas dos seus dedos estavam mais brancas do que deveriam.

O que ela era, ele pensou, era Lady Anne Westcott, filha legítima do Conde de Riverdale. Interessante. Muito interessante, de fato. Mas Brumford não tinha terminado.

— Há mais, senhor — ele disse, olhando Harry e pigarreando novamente — se você se sentar.

Harry sentou, virando sua cabeça lentamente para longe da sua recém-descoberta irmã. Ele estava parecendo mais agradado que ultrajado.

— Eu chequei certos fatos cruciais e fiz uma descoberta perturbadora — Brumford continuou — Eu tive Beresford checando-os também, mas eu não me enganei. As datas nos documentos oficiais relevantes revelou, para nossos olhos chocados — você pode acreditar que nós ficamos profundamente chocados — que Humphrey Westcott, Visconde Yardley, casou-se com a Srta. Viola Kingsley na Igreja de São Jorge aqui na Hanover Square quatro meses e onze dias antes da morte da sua primeira esposa.

Ah. Tudo de repente estava esclarecido.

Avery deixou seu monóculo cair no cordão. Um silêncio atortoado caiu sobre a sala. Brumford esfregou sua testa com um lenço antes de continuar.

— O casamento de Lorde Yardley com a Srta. Kingsley foi bigamia e por isso, inválido — Disse ele — Permaneceu inválido depois da morte da sua primeira esposa. Os filhos dessa união ilícita foram — e são — ilegítimos. O falecido

Conde de Riverdale tem apenas uma filha legítima, Lady Anastasia Westcott.

Por um momento a mais o silêncio se manteve. Então alguém lamentou horrivelmente — Jess — e Avery se afastou da parede. A Condessa viúva estava de pé, seu binóculo voltado para a mulher perto da porta enquanto Lady Matilda Westcott pegava os sais da sua bolsa de mão e tentava pressioná-los em sua mãe enquanto fazia barulhos estúpidos provavelmente na intenção de acalmar. Elizabeth, Lady Overfield, espalmou as mãos na face e curvou a cabeça para baixo até quase tocar os joelhos. O barão Molenor passou um braço sobre os ombros de Mildred em um gesto de afeição pública sem precedentes no que concernia à esposa. A Condessa também estava de pé e se virava para olhar para trás, seu rosto pálido. A Duquesa, também fora de sua cadeira, Jess agarrada ao seu peito, estava prometendo invocar o fogo do inferno sobre a cabeça de Brumford e tê-lo expulsado por incompetência e outros crimes e jogado em alguma masmorra escura e profunda. Abigail escondeu o rosto contra o ombro do irmão e se levantou quando ele o fez. Camille estava declarando aos gritos que tal vulgaridade não era para os delicados ouvidos das damas e que ela não ouviria mais nada sobre isso. Alexander Westcott estava sentando rígido, atento e olhava para o rosto cinza de Harry. Sua mãe estava agarrada ao braço de Alexander.

Lady Anastasia Westcott, antes Anna Snow, estava sentada ereta na sua cadeira, suas mãos apertadas em seu colo — sem o seu monóculo Avery não poderia ver se as

juntas dos dedos ainda estavam brancas — e olhou calmamente para todos eles. Talvez, Avery pensou, ela estivesse em choque.

Ele caminhou calmamente e colocou uma mão no ombro da madrasta. Ele apertou levemente enquanto pousava a outra mão na cabeça de Jessica — Um advogado — ele disse — não pode ser desligado ou aprisionado ou lançado no inferno meramente por dizer a verdade — Infelizmente.

Ele não tinha levantado a voz. Ainda parecia que todo mundo o tinha ouvido, incluindo a sua madrasta, a qual parou de falar e fechou a boca rangendo os dentes. Todo mundo olhou para ele — a viúva através do binóculo enquanto afastava a mão da filha e os sais. Havia expectativa em quase todos os rostos, assim como havia antes quando ele entrou na sala, como se esperassem que ele agitasse alguma varinha mágica — seu monóculo, talvez? — e colocasse o mundo no lugar novamente. Mas os poderes ducais eram, infelizmente, finitos.

— Eu acredito — ele disse — que Brumford tem mais a dizer.

Miraculosamente todo mundo que estava de pé, sentou novamente, Molenor removeu o braço que estava em volta da esposa, e houve silêncio mais uma vez. O advogado parecia ter desejado ter sido destituído há anos, ou que nunca tivesse sido ligado, se esse de fato fosse o antônimo de desligado. Ele devia perguntar a Edwin Goddard, Avery pensou. Ele saberia.

— O parente legítimo mais próximo do falecido Conde de Riverdale e por isso o sucessor de direito do título e

propriedades vinculadas é o senhor Alexander Westcott — Brumford disse — Parabéns, meu Lorde. Todas as propriedades não vinculadas e toda a fortuna, de acordo com o testamento que ele fez no escritório de Beresford em Bath vinte e cinco anos atrás, agora pertencem à sua única filha, Lady Anastasia Westcott, aqui presente, tendo sido trazida de Bath.

A Condessa se levantou novamente e se virou, um olhar estranho que misturava perturbação e ressentimento estava no rosto — E isso foi tudo o que fiz — Ela disse, direcionada para a mulher que era Lady Anastasia Westcott, a única filha legítima do falecido conde — Eu pensei em fazer uma boa ação. Em vez disso, eu deserdei meu próprio filho e envergonhei e empobreci minhas filhas — Ela riu, mas não havia diversão no som.

— Harry não é mais o conde? — Abigail perguntou para ninguém em particular, suas mãos subindo para cobrir a boca, seus olhos arregalados com o choque.

— Mas eu não quero ser o conde de Riverdade — Alexander Westcott protestou, se levantando e franzindo o cenho ferozmente para Brumford — Eu nunca cobicei o título. Eu certamente não tenho nenhum desejo de me beneficiar com o infortúnio de Harry.

— Alex — Sua mãe pousou uma mão sobre seu braço novamente.

— Você! — Camille disse, se levantando e apontando um dedo acusador para Lady Anastasia — Sua conspiradora, intrigueira... criatura. Como se atreve a sentar aqui com seus

superiores? Como se atreve a vir aqui? O Duque de Netherby deveria te jogar para fora. Você não é nada além de uma vulgar, cruel, caça-fortuna b-b-bastarda.

— Camille — Lady Molenor se levantou e se posicionou atrás da cadeira em frente a ela para tentar pegar a sobrinha nos braços. Mas Camille se afastou e deu um passo atrás.

— Mas somos nós, Cam, os bastardos — Abigail disse, com o rosto tão pálido quanto o da mãe.

Houve mais uma batida de silêncio chocado antes que Jessica, a irmã de Avery, berrasse de novo sobre o horrível golpe que acabou de cair sobre seus primos favoritos e se lançou mais uma vez ao peito de sua mãe.

Harry riu — Por Júpiter — ele disse — então aqui estamos nós, Abby. Nós fomos deserdados. Bem desse jeito — Ele estalou os dedos — Que divertido.

— Humphrey sempre foi problemático — a Condessa viúva disse — Não, Matilda, eu não preciso cheirar os sais. Eu sempre imaginei que ele conduziu o pai para uma morte precoce.

Outra voz falou, suave e baixa, e silenciou todos eles, até Jess. Era a voz de uma professora acostumada a conduzir a atenção para si.

— Eu sou Anna Snow — a voz disse — Eu não reconheço a pessoa que você diz que eu sou, senhor. Se eu sou realmente a filha legítima de um pai e uma mãe que eu acabo de conhecer o nome pela primeira vez, então eu agradeço por descobrir os fatos. E se eu realmente herdei alguma coisa do meu pai, eu estou agradecida. Mas eu não tenho desejo de

pegar mais do que é cabido a mim, independente de quão grande ou pequeno seja. Se eu o entendi corretamente, o jovem em sua frente e as jovens de cada lado dele também são filhos do meu pai. Eles são meu irmão e irmãs.

— Como se atreve! Oh, como se atreve. — Camille parecia prestes a explodir em ultraje.

Harry riu novamente, um pouco descontroladamente, e Abigail segurou seu braço.

— Srta. Westcott — Brumford disse — Talvez...

Mas Camille, percebeu imediamente que ele estava se referindo a ela, se virou e dirigiu o ultraje a ele — Eu sou Lady Camille Westcott para você — ela disse — Como se atreve!

— Mas você não é, Cam, não é mesmo? — Harry disse. Ele ainda estava rindo — Eu nem ao menos sei se podemos usar o nome Westcott. Mamãe certamente não, não é? Que divertimento absoluto.

— Harold! — sua tia Matilda disse — Lembre-se que está em presença de sua mãe.

— Irmãos! Oh, eu poderia matar Humphrey — a Duquesa disse — Eu apenas lamento que ele já esteja morto.

— Você teria que ficar na fila atrás de mim, Louise — Lady Molenor disse — Ele sempre foi um sapo. Eu nunca gostei dele, mesmo sendo meu próprio irmão. Eu não teria dito isso em seus ouvidos antes de hoje, Viola, ou nos seus, mamãe, mas agora eu não vou retirar.

— Meu amor — Molenor deu tapinhas em suas mãos.

Avery suspirou — Vamos nos retirar para a sala de estar para beber chá ou qualquer outra bebida tomada por pessoas

extravagantes — ele disse — Eu me encontro excessivamente satisfeito da cor rosa por uma manhã, e me atrevo a dizer que não sou o único. Isso é quase como estar vendo vermelho. Brumford sem dúvida tem um escritório e outros clientes esperando por ele e estará desculpado por não permanecer. Sua Graça vai mostrar o caminho. Eu seguirei com Lady Anastasia.

Mas Lady Anastasia Westcott tinha se levantado finalmente e estava abotoando sua capa ao pescoço. Sua touca e luvas e a bolsa estavam sobre a cadeira — Eu devo voltar a Bath, senhor — ela disse enquanto Brumford se aproximava dela ao sair — Eu tenho obrigações esperando por mim lá. Talvez você pudesse me dar as direções para a parada de deligências e me emprestar o dinheiro para a passagem se o que eu tiver não for o bastante. Ou talvez haja o bastante na minha parte da herança do meu pai para fazer com que o empréstimo seja desnecessário.

Ela pegou a touca e atou os laços no queixo enquanto se dirigia para o resto da sala — Ninguém precisa temer que eu vá me impôr a uma família que claramente não me deseja. Meu pai não deu a nenhum de nós uma escolha, mas eu não posso me desculpar pelos devastadores resultados que a descoberta dessa manhã está tendo sobre sua outra família assim como nenhum de vocês pode se desculpar comigo por passar quase uma vida inteira em um orfanato, sem ao menos saber que Snow não era meu nome legal ou que Anna não fosse meu primeiro nome completo.

Todos eles a observavam como se estivessem assistindo uma performance no palco. Ela era apenas uma coisinha, Avery pensou, e pouco atraente em suas roupas tristes e baratas e com seu severo penteado, o qual estava escondido sob sua touca. Ainda assim tinha alguma coisa magnífica sobre ela, por Júpiter. Ela não parecia nem chateada nem transtornada, embora ela tenha descrito todos eles como uma família que claramente não a queria. Ela era como uma criatura de outro planeta para o mundo no qual ela se encontrava esta manhã, e o mundo ao qual ela pertencia por direito. Ela tinha apenas imaginado se teria dinheiro o bastante na fortuna que ela herdaria para pagar uma passagem de diligência para Bath. Ela claramente não fazia ideia que provavelmente ela poderia comprar cada diligência no país e todos os cavalos que vinham com elas sem fazer nada mais que o buraco de um alfinete na sua herança.

Ela seguiu Brumford para fora da sala, e ninguém fez um gesto para impedi-la. Todo mundo preencheu as escadas em um silêncio sobrenatural. Avery encontrou o advogado e a herdeira ainda no hall quando ele saiu da sala.

— Há um grande acordo de negócios a ser discutido, minha Lady — Brumford estava dizendo, esfregando as mãos — Seria muito mais conveniente se você permanecesse em Londres. Eu tomei a liberdade de reservar para você uma suíte no Pulteney por um período indefinido assim como os serviços da Srta. Knox como dama de companhia. A carruagem está na porta. Eu ficarei muito feliz em te mandar

para lá se você não quiser ir para a sala de estar com o Duque de Netherby.

Ela olhou Avery com atenção — Não — Ela disse — Eu preciso ficar sozinha, e eu acredito que as outras pessoas que estavam lá essa manhã precisam estar aptas a falar com liberdade sem o ônus da minha presença. Mas eu posso ir caminhando para o hotel, senhor. Eu estou muito mais acostumada a caminhar do que a andar de carruagem.

Uma criatura de outro planeta, de fato.

Brumford deu uma resposta apropriadamente horrorizada, e Avery passou por eles indo para fora, para onde a carruagem ainda esperava, complementada por uma mulher gorda de semblante severo do lado de dentro, a qual parecia mais com um guarda de prisão do que com uma acompanhante. Brumford recuou com uma reverência profunda enquanto Avery oferecia a mão para ajudar Lady Anastasia a entrar. Ela ignorou e entrou sem ajuda. Talvez ela não tivesse visto o gesto — ou ele. Ela sentou ao lado da dama de companhia e olhou para frente.

Avery entrou na casa e subiu as escadas em direção à sala de estar e à família Westcott, menos o seu novo membro — seu membro mais rico.

Até mesmo ele não poderia reclamar que essa manhã não tinha sido um choque.

Capítulo 5

Querido Joel,

Você se lembra de como o repertório de ditos de sabedoria da Srta. Rutledge costumava nos fazer gemer e revirar os olhos um para o outro? Um que nós particularmente odiávamos era "Cuidado com o que desejas — seu desejo pode ser concedido." Isso parecia tão cruel, não parecia, quando nossos sonhos eram tão preciosos para nós? Mas ela estava certa!

Eu tinha desejado e desejado toda a minha vida, assim como você e quase todas as outras crianças com as quais nós crescemos e as quais nós ensinamos agora, que eu sabia quem eu era, que eu descobriria que eu nasci de pais distintos, e que eu seria finalmente levada ao seio da minha legítima família e que seria coberta de riquezas, não necessariamente todas monetárias. Oh, Joel, meu sonho se realizou hoje, exceto que parece mais com um pesadelo nesse preciso momento.

Eu estou escrevendo para você da minha sala privada no Hotel Pulteney — eu acredito que esse é um dos mais grandiosos de Londres. Parece um palácio para mim.

Você foi informado sobre a Srta. Knox, a dama de companhia designada para a minha jornada? Eu ouso dizer que você foi, e por mais de uma pessoa. Ela ainda está comigo. Ela se retirou para seu próprio quarto, apesar de ela ter

deixado a porta de ligação entre nossos quartos entreaberta, presumivelmente assim ela pensa que está me guardando apropriadamente e está fazendo o trabalho para o qual foi contratada. Ela é uma pessoa muito silenciosa. Mas hoje, eu estou grata por isso.

Essa manhã eu fui levada para uma imensa mansão em uma rua suntuosa, com um parque no centro na que seguramente seja a parte mais exclusiva de Londres. Assim que eu coloquei o pé para dentro, eu fui imediatamente ordenada, pelo homem mais assustador que eu já vi, a sair — ele acabou por ser o dono da casa e UM DUQUE!

Mas depois que foi estabelecido que eu realmente estava no lugar certo, eu fui introduzida em uma sala onde treze pessoas estavam esperando. Uma delas — acabou por ser A DUQUESA — instruiu o muito superior mordomo a me retirar, mas uma vez mais foi confirmado que eu de fato deveria estar ali.

Na verdade, ninguém falou comigo ou um com o outro depois que eu cheguei, embora estivesse muito claro que todos eles estavam ultrajados. Tanto por meu melhor vestido de domingo como por meus melhores sapatos! Além do Duque (que entrou na sala depois de mim) e da Duquesa, que deve ser mãe dele em vez de esposa, eu acredito, o jovem conde de Riverdell ou Riverdale — eu não estou certa de qual dos dois — estava lá com sua mãe e suas duas irmãs. Também estava lá uma Srta. muito jovem toda de branco e cinco outras senhoras e dois cavalheiros, os quais eu não estou certa de suas identidades.

Joel, oh, Joel, eu devo me apressar com a minha narrativa aqui. O jovem conde e suas irmãs são MEU IRMÃO e IRMÃS. Oh, você sabe, a Srta. Rutledge provavelmente teria feito uma cara de desaprovação por estas letras maiúsculas e as que eu usei antes. Ela teria dito que elas estavam escritas no equivalente a uma voz exaltada e rude. Mas, Joel, eles são meus meio-irmãos! (A Srta. R não era uma admiradora dos pontos de exclamação também, não?) O pai deles, o conde de Riverqualquercoisa, também é o MEU pai. Você vê? Eu não posso me impedir mas, levantei a voz de forma rude novamente. Além disso — oh, além disso, Joel — meu pai era casado com a minha mãe, a qual era Alice Snow antes de se casar com ele. Meu nome verdadeiro, embora eu não estou certa de que alguma vez estarei apta a me obrigar a usá-lo já que ele não soa como eu, é Anastasia Westcott, ou mais precisamente LADY Anastasia Westcott. Minha mãe, a qual deixou o meu pai e me levou para viver com ela em um vicariato em algum lugar perto de Bristol — o vigário era pai dela, meu avô — morreu quando eu ainda era quase um bebê, e meu pai morreu recentemente. Eu pouco senti falta dele, embora eu pense que foi por escolha dele. Depois da morte da minha mãe ele me levou para o orfanato em Bath e me deixou lá.

Por quê, você deve estar se perguntando, já que eu sou sua filha legítima e uma Lady? Bem, em parte, talvez, porque ele tenha estado afastado da minha mãe por alguns anos enquanto a saúde dela declinava. E em parte — não, PRINCIPALMENTE, Joel — foi porque uns meses antes de a

minha mãe morrer ele se casou com a senhora que estava na sala hoje como sua viúva, a Condessa — eu acredito que a esposa de um conde seja uma Condessa, ela não é, embora eu não esteja absolutamente certa. E ele teve três filhos com ela — o filho e duas filhas que eu mencionei acima.

Você pode adivinhar o que está por vir? Ouso dizer que você pode, já que não sofre por falta de sagacidade e de qualquer forma, não precisa de muita inteligência para entender. Aquele segundo casamento foi bígamo. Não foi um casamento legalmente válido, e portanto, todos os filhos da união são ilegítimos. A Condessa, que recentemente perdeu o homem que ela pensava ser seu marido — meu pai! — não é a Condessa depois de tudo e nunca foi. E o homem muito jovem, seu filho, não é conde. As filhas dela não são Lady Isso-e-Aquilo. Eu devo ter ouvido seus nomes mas, não consigo me lembrar — minhas próprias irmãs! Eu acredito que o rapaz seja Harry. Eu sou, de fato, a única filha legítima do meu pai.

Hoje eu encontrei a família a qual eu sempre desejei — meu meio-irmão e meias-irmãs — e hoje eu os perdi novamente da maneira mais cruel. Você consegue ao menos imaginar a perplexidade e a angústia naquela sala, Joel, quando a verdade foi revelada? E já que todo sofredor precisa de um bode expiatório, alguém para culpar, e meu pai, o verdadeiro culpado, não estava mais disponível, então claro toda a hostilidade deles se virou contra mim. O homem que agora se tornou conde, já que meu meio-irmão não se qualifica, poderia ter sido a escolha deles para bode expiatório, mas ele foi sábio o bastante para se declarar avesso a sua mudança de status,

embora para fazer justiça a ele, eu acredito que ele quis dizer isso.

Não ocorreu a mim declarar que eu preferia não ser a única filha legal do meu pai, embora eu tenha protestado por ter ficado com toda a sua fortuna enquanto meu irmão e irmãs foram completamente deserdados. Oh sim, tem isso também. Algumas partes das propriedades de meu pai estão vinculadas e vão para o novo conde. As outras partes que não estão vinculadas são minhas, porque o único testamento que o meu pai fez foi logo depois que eu nasci e deixava tudo para mim — e presumivelmente para a minha mãe se ela estivesse viva.

Como meu pai pôde se comportar dessa forma, Joel? Eu suponho que nunca saberei a resposta a essa pergunta, embora uma senhora que estava lá hoje tenha dito que ele sempre tinha sido um sapo. Eu acho que talvez ela fosse irmã dele e por isso minha tia. Oh, o quão atordoante é isso. Eu não compreendi tudo ainda. Você pode explicar? E pode me culpar?

Esta está se tornando uma carta muito longa, mas eu tenho que escrever para alguém ou explodirei. E você é a minha escolha óbvia. Para que servem os amigos, depois de tudo, a não ser para sobrecarregar-se com toda a aflição do outro? Algumas pessoas não chamariam de aflição, chamariam? Eu não faço ideia do quanto eu valho agora, mas deve ser alguma coisa, você não acha, ou a palavra fortuna não teria sido usada! Eu espero que seja o bastante, de qualquer forma, que me permita enviar esta carta muito longa. Isto vai custar muito.

Eu espero que você não fique horrivelmente aborrecido e caia no sono no meio dela. É claro que vai ter o bastante para eu voltar a Bath de um jeito mais confortável que a diligência que eu poderia pagar. Talvez tenha o bastante para me permitir algum quarto modesto fora do orfanato e, dessa forma, adquirir mais independência. Isso seria encantador!

Mas, oh querido, eu me sinto machucada e maltratada. Por eu ter encontrado os meus pais e eles estarem mortos, e ter achado uma família que é minha — eu acredito que quase todas as pessoas que estavam naquela sala, senão todas, devem estar relacionadas de alguma forma — mas eles me odeiam com paixão. A irmã mais velha — minha meia-irmã — particulamente gritou as coisas mais horríveis para mim. O garoto — meu meio-irmão — podia apenas rir e parecer atordoado e falava sobre tudo isso ser uma piada, coitadinho. Oh, coitadinho, Joel, e ele é meu IRMÃO! A irmã mais nova parecia atordoada e perplexa. E a não-mais-esposa estava envolta em dignidade e parecia um monumento de pedra prestes a ruir. Eu acredito que ela vá ruir quando a realidade bater com força total.

Meus dedos estão feridos, meu pulso está doendo, e meu braço prestes a cair. O senhor Brumford me enviou de volta para cá apesar de que eu queria voltar a Bath sem nenhum atraso. Ele me convenceu a ficar até que ele tenha chance de vir e falar sobre negócios comigo. Eu o espero a qualquer momento.

Mas, eu voltarei logo para casa. Oh, como eu anseio pela minha sala de aula e as minhas crianças, até mesmo das mais

danadas. Como eu anseio por você, pela Srta. Ford, por Roger e — oh, e todo o meu pequeno quarto no qual eu dificilmente conseguiria balançar um gato, mesmo se eu tivesse um — outro dos ditos da Srta. Rutledge. Talvez eu volte amanhã. Quase certo de eu voltar não muito depois que depois de amanhã.

Enquanto isso, você tem permissão de compartilhar o conteúdo desta carta se você desejar — todo mundo deve estar ansioso para saber por que eu fui convocada e ficarão muito entretidos com a história. Você vai ser o homem mais popular em Bath.

Obrigada por ler tão pacientemente, meu querido amigo — eu confio que você chegou até aqui! O que eu faria sem você?

Sua sempre grata e afetuosa

Anna Snow (pois é quem eu sou!).

Anna jogou o mata-borrão na última folha da carta, dobrou-a ordenadamente — era de fato gorda — e afundou na cadeira, exausta. Ela havia almoçado com a Srta. Knox logo após chegar da mansão, embora ela não podia se lembrar nem o que foi servido nem o que havia comido. Tudo o que ela queria fazer agora era rastejar para enorme cama, do quarto que era dela, cobrir a cabeça com os cobertores, enrolar-se como uma bola e dormir por uma semana.

Mas houve uma batida na porta, e ela suspirou e se levantou enquanto a Srta. Knox passou por ela para abri-la.

Quando Avery entrou na sala de estar, ele a encontrou algo muito parecido com o que esperava. Estava cheia com vários Westcotts perturbados — com a aparente exceção da Condessa de Riverdale, que não era mais Condessa e que na verdade nunca tinha sido, e Camille e Abigail, as quais estavam sentadas uma ao lado da outra no sofa, em silêncio e imóveis.

A Condessa viúva estava sentada no assento contíguo da poltrona namoradeira com sua filha mais velha ao seu lado.

— Não se agite, Matilda — ela estava dizendo com óbvia exasperação — Eu não estou prestes a desmaiar.

— Mas, mamãe — Lady Matilda reclamou com um soluço pouco elegante — Você teve um grande choque. Todos tivemos. E você sabe o que o médico falou sobre o seu coração.

— O homem é um charlatão — sua mãe disse — Eu não tenho palpitações cardíacas; eu tenho um batimento cardíaco — o que eu sempre pensei que fosse uma coisa boa, embora hoje eu não esteja tão certa disso.

— Beba isso, sogra — Molenor disse enquanto ele deixava o aparador com uma taça de brandy.

Mildred, Lady Molenor, parecia como se precisasse mais. Ela estava sentada ao lado da irmã, a Duquesa, sua cabeça jogada para trás, seu lenço jogado sobre o rosto e segurando-o com ambas as mãos, enquanto ela informava, para quem quisesse ouvir, que o falecido Humphrey tinha sido cada besta e inseto vil que o mundo já produziu, e que na verdade

isso era um insulto para o reino dos insetos e das bestas. A Duquesa dava tapinhas no joelho dela mas, não demonstrava nenhuma inclinação para contradizê-la. Ela estava parecendo um trovão.

A senhora Westcott — prima Althea — estava pairando atrás do sofá, olhando para baixo, com preocupação óbvia, para a parte de traz das três cabeças e assegurando que tudo ficaria bem, que tudo fica melhor no final. Para uma mulher sensível — e Avery sempre a considerou sensível — ela estava falando um monte de bobagem. Mas o que mais poderia ser dito?

Alexander Westcott — o novo Conde de Riverdale — estava de pé com as costas para a lareira, as mãos cruzadas nas costas, parecendo elegante e autoritário, embora seu rosto estivesse um pouco pálido. Sua irmã, de pé alguns centrímetros longe, estava dizendo a ele que aquilo era impossível, ele não podia recusar o título, e mesmo se pudesse, ele não iria voltar para o Harry.

Do próprio Harry, não havia sinal.

— Harry não ficou — Jessica anunciou com uma voz trágica assim que Avery notou sua ausência. Ela estava de pé em frente ao sofá, literalmente torcendo as mãos e o fino lenço que estava segurando e parecendo uma jovem Lady Macbeth — Ele riu e então fugiu para a escada dos criados. Por que ele riria? Avery, isso não pode ser verdade. Diga a todos que não é. Harry não pode ter sido despojado do seu título.

— Jessica — sua mãe disse com firmeza, mas não sem carinho — venha e se sente quieta ao meu lado. De outra forma você terá que voltar para a sala de aula.

Jessica sentou, mas ela não parou de torcer as mãos e de puxar o lenço.

— Eu certamente desejaria que isso não fosse verdade, Jessica — o novo conde disse — Eu daria tudo para que não fosse. Mas é. Eu devolveria o título para o Harry, em uma batida se fosse possível, mas não é.

E o pior de tudo, Avery pensou enquanto caminhava para o canto mais distante da sala, era que ele, realmente, quisera dizer aquilo. Ele estava genuinamente chateado por Harry e da mesma forma não ambicionava o título para si. Na verdade era difícil achar uma boa razão para não gostar e desprezar o homem — um feito irritante. Talvez a perfeição fosse invariavelmente irritante para aqueles que não eram perfeitos.

As três no sofá pareciam mais como se elas tivessem sido golpeadas com força na cabeça, mas não forte o bastante para deixá-las inconscientes. A prima Althea tinha parado de falar para ouvir o filho.

— Aquela mulher horrorosa voltou para Bath? — Camille perguntou a Avery — Eu espero que ela não entre aqui com você para regozijar-se sobre nós.

— Cam — Sua mãe colocou uma mão sobre a dela.

— Oh, como ela deve estar esfregando as mãos em alegria — Camille disse amargamente.

— Eu pensei que ela fosse a mais vulgar das criaturas — Lady Matilda disse — Gostaria de saber porque Avery permitiu que entrasse na casa.

— Ela é minha neta — a viúva disse, devolvendo o copo de brandy para Molenor — Se ela é uma criatura vulgar, a culpa é de Humphrey.

— O que nós vamos fazer, mamãe? — Abigail perguntou — Tudo irá mudar não vai? Tanto para nós quanto para Harry.

Esse provavelmente deve ter sido o eufemismo da década.

— Sim — sua mãe disse, pousando a mão livre sobre a de Abigail — Tudo irá mudar, Abby. Mas me perdoe, minha mente está um pouco entorpecida neste momento.

— Vocês todos virão morar com Matilda e comigo, Viola — a viúva anunciou — A única coisa boa que Humphrey fez na vida foi casar com você, e nem isso ele pôde fazer direito. Você é mais minha filha que ele alguma vez foi meu filho.

— Vocês podem ficar vivendo aqui, se preferirem — a Duquesa disse — Avery não se importará.

— Abby irá morar aqui? Jessica se iluminou visivelmente — E Harry? E Camille e tia Viola?

Ele se importaria? Avery se perguntou.

— Uxbury irá visitar Westcott House esta tarde — Camille disse — Nós não devemos demorar em voltar para casa, mamãe. Vou tirar o meu luto antes de recebê-lo, e eu vou informá-lo que não precisamos mais esperar até o próximo ano para nos casar. Ele estará maravilhado em ouvir

isso. Vou sugerir um casamento discreto, talvez por licença especial então não precisaremos esperar um mês para os proclamas serem lidos. Quando eu estiver casada, não mais importará que eu não seja Lady Camille Westcott. Em vez disso, serei Lady Uxbury, e Abby e mamãe podem vir morar conosco. Abby pode ser apresentada no próximo ano, talvez até mesmo esse ano, sob a minha responsabilidade. Ela será a irmã da Viscondessa Uxbury. Você está certa, prima Althea. Tudo ficará bem no final.

— Mas e Harry? — Abigail perguntou.

A decisão de Camille, quase ruiu imediatamente, e ela mordeu o lábio superior em um óbvio esforço de lutar com as lágrimas. Sua mãe apertou as mãos das irmãs ainda mais forte.

— Eu poderia matar o meu irmão — a Duquesa disse — Oh, como ele se atreveu a morrer e escapar do castigo. Como ele se atraveu a não estar vivo agora nesse exato momento para encarar a minha ira. O que ele estava pensando? Eu nunca tinha ao menos ouvido falar dessa Alice Snow até hoje. Algum de vocês ouviu? Mildred? Matilda? Mamãe?

Nenhuma delas confessou ter conhecimento da primeira esposa do falecido Humphrey — sua única esposa, na verdade. Lady Molenor, Mildred, lamentou-se brevemente em seu lenço.

— Mas ele se casou e teve uma filha com ela — a Duquesa continuou, cortando o ar com a mão que não estava batendo no joelho da irmã e quase dando uma cotovelada no olho de Jess — E então a abandonou e se casou com Viola

como se o primeiro casamento pudesse apenas ser ignorado quando não foi mais conveniente para ele. Claro, era de comum conhecimento que ele nunca teve uma pena para voar enquanto papai ainda vivia, mas foi selvagem e dispendioso como o pecado. Todos sabemos que aquela última vez que papai pagou sua montanha de dívidas, ele também disse a Humphrey que nunca mais esperasse nenhum penny a mais que sua mesada trimestral, o que era um excelente montante, muito mais que o dinheiro para miudezas que nós meninas contávamos, deixe-me dizer. Eu penso que ele estava em um severo apuro quando mamãe e papai escolheram uma noiva para ele e casou com ela para ter o dinheiro fluindo novamente. Eu presumo que ele pensou que ninguém nunca iria descobrir sobre sua esposa moribunda e sua filha — e ninguém nunca descobriu por todo o tempo que ele viveu. Eu poderia matá-lo.

— Aquela filha é minha neta — a viúva disse como que para si mesma, apoiando as mãos no colo e examinando os anéis em seus dedos.

Lady Matilda ainda pairava com os sais.

Jess estava soluçando no delicado lenço que ela torceu quase além da imaginação, e Avery brincou com a ideia de mandá-la de volta para a preceptora. Mas um capítulo na história da família estava sendo escrito aqui hoje — sem dúvida esse seria um capítulo estelar — e ele supunha que seria mais sábio permitir que ela experimentasse por si mesma em toda a sua crua emoção. Além disso, ele raramente impunha sua autoridade sobre ela, em parte

porque ele assiduamente evitava se impor de forma desnecessária, mas principamente porque ela tinha uma mãe a qual era razoavelmente sensível grande parte do tempo. E quem poderia culpá-la hoje por querer assassinar um homem morto? Ele não estava se sentindo muito inclinado para o lado do falecido Conde de Riverdale e estava egoisticamente grato que ele não tinha nenhum laço saguíneo com ele.

Bigamia não era, depois de tudo, uma ofensa leve que poderia ser atribuída a um velho libertino.

— Eu também nunca tinha ouvido sobre essa mulher até hoje, Louise — a antiga Condessa disse — embora eu soubesse sobre a menina que Riverdale mantinha no orfanato em Bath. Eu presumi, erradamente, que ela fosse sua filha bastarda com alguma ex-amante. Eu até senti um ofensivo senso de respeito por ele ter assumido a responsabilidade de cuidar financeiramente dela. Eu imagino se a verdade alguma vez viria à tona se eu não tivesse contratado o sr. Brumford para encontrá-la e fazer um acordo com ela. Não foi somente pela bondade do meu coração que eu fiz isso, eu deveria adicionar, mas porque eu não queria que ela fizesse uma reivindicação futura sobre Harry. Eu tinha esperado que ele, Cam e Abby nunca precisassem saber sobre a indiscrição do pai.

Ela riu sem humor e deu fortes tapinhas nas mãos das filhas antes de continuar.

— Sua ideia é boa, Cam — ela disse — Todos nós deixaremos o luto hoje. Isso será um enorme alívio. Nós esperaremos para ver o que você vai tratar com Lorde Uxbury

essa tarde e nos mudaremos para um hotel se o casamento for marcado para os próximos dias. Obrigada a todos pelas ofertas de acolhimento, mas na verdade não seria apropriado para nós ficarmos com qualquer um de vocês. Se a espera pelo casamento for maior que alguns dias — Uxbury pode insistir pelos proclamas — então nós iremos para o campo e supervisionaremos a arrumação dos nossos pertences pessoais enquanto esperamos. De qualquer forma nós estaremos muito ocupados e não deveríamos mais desperdiçar tempo sentados aqui.

— Arrumar os nossos pertences? — Abigail pareceu aturdida.

— Mas é claro — sua mãe disse — Nem Westcott House na cidade nem Hinsford Manor em Hampshire pertence mais a Harry. Pertencem a... ela.

— Mas para onde você e eu iremos após o casamento? — Abigail perguntou — Não acredito que Lorde Uxbury gostaria que impuséssemos nossa presença permanentemente, não importa o que Cam diga.

— Eu não sei para onde iremos, Abby — sua mãe disse irritada, mostrando a primeira quebra na compostura — Eu posso deixar você com sua avó — minha mãe — em Bath, eu acho. Ela com certeza ficará feliz em te de dar um lar apesar da desgraça, pela qual você nem ao menos é um pouco responsável. Ela adora você e a Cam.

— E você, Viola? — a Duquesa perguntou cortante.

— Eu não sei, Louise — A Condessa lançou-lhe um sorriso sinistro — Eu sou a Srta. Kingsley novamente, você

sabe. Não daria para, uma Srta. solteira, ficar em Bath com a minha filha. Não seria justo com a minha mãe, e seria potencialmente desastroso para qualquer esperança que Abby possa ter de conseguir uma união aceitável. Eu provavelmente deveria ir para o meu irmão. Michael é um clérigo em mais do que apenas nome, e tem estado sozinho, eu acredito, desde a morte da minha cunhada no ano passado. Nós sempre nos demos bem. Eu devo ficar com ele, ao menos por um tempo, até eu decidir sobre alguma coisa mais permanente.

Não, Avery decidiu, essa definitivamente não era uma manhã tediosa. Sua madrasta, ele notou, nem ao menos lembrou de pedir o chá.

— Mas e Harry? — Abigail perguntou novamente.

— Eu não sei, Abby — sua mãe disse — Ele deve achar alguma ocupação rentável, eu acho. Talvez Avery o ajude, embora ele não esteja mais atado ao laço de guardião que o seu pai acordou.

Todos os olhos viraram para onde Avery estava, como se ele tivesse a resposta para todas as perguntas na ponta da língua. Ele levantou as sobrancelhas. Ele não tinha o hábito de ajudar rapazinhos empobrecidos a encontrar uma ocupação, especialmente rapazinhos selvagens os quais tinham estado em posse de um cofre sem fundo até mais ou menos uma hora atrás e que tinham estado fazendo um uso imoral dessa quantia. Ele dedilhou o cabo do seu monóculo, o largou, e suspirou.

— Harry vai precisar de um dia ou dois para parar de rir e dizer a todo mundo, que quiser ouvir, qual é o divertimento nisso tudo — ele disse.

— Oh, Avery! — Jessica exclamou — Como você pode fazer piada de semelhante tragédia?

Ele lançou um olhar a ela que fechou a sua boca e a enviou de volta ao aconchego da mãe, embora ela continuasse a olhar furiosamente para ele.

— Eu estou concedendo um dia ou dois — ele repetiu suavemente — para que a risada dele não provenha de diversão, e quando ele descreveu as descobertas dessa manhã como um divertimento ele não quis dizer que era engraçado.

— Avery vai cuidar dele, Jess — Abigail disse, com os olhos fixos nele.

— Lady Anastasia parecia perfeitamente inclinada a dividir a sua fortuna — prima Elizabeth lembrou a todos — Talvez Harry não precise encontrar uma ocupação. Talvez ele...

— Eu não vou tocar em um penny do que aquela mulher nos oferecer em caridade, Elizabeth — Camille disse, cortando-a — Nem, eu acredito, Abby irá. Ou Harry. Como ela se atraveu a apenas sugerir isso — como se ela estivesse nos fazendo um grande favor?

O que, na perspectiva de Avery, era o que ela precisamente deveria fazer se uma consideração mais sensata não a fizesse retirar sua oferta.

— Ela é minha neta — a viúva disse.

— Ela está retornando para Bath, Avery? Abigail perguntou.

— Brumford a persuadiu a permanecer ao menos por enquanto no Pulteney, onde aparentemente ela ficou na noite passada — ele disse — Ele vai passar a tarde lá com ela e sua dama de companhia, sem dúvida a entediando até a morte.

— Pobrezinha — prima Elizabeth disse — A vida dela também acabou de mudar drasticamente.

— Eu não a descreveria como pobre em nenhum sentido, Elizabeth — Thomas, Lorde Molenor, disse secamente.

— A educação dela como Lady Anastasia Westcott deve começar sem atraso — a viúva disse, e todo mundo olhou para ela.

— Depois de hoje — Camille disse, com um mundo de amargura na voz enquanto se levantava — ela está apta a se mudar do Pulteney para Westcott House, vovó. Ela ficará emocionada com isso.

— Cam — sua mãe disse depois de dar um suspiro — nada disso é culpa dela. Nós temos que nos lembrar disso. Apenas pense no fato de que ela passou toda a sua infância em um orfanato.

— Eu não posso pensar em nada além disso — a viúva disse — E não vai ser fácil...

— Eu não me importo com onde ela viveu ou o quão difícil será fazê-la sumir — Camille gritou, interrompendo rudemente — Eu a odeio. Com paixão. Nem ao menos me peça para ter pena dela.

— Me desculpe, vovó — Abigail disse, se levantando para ficar ao lado da irmã — Cam está chateada. Ela se sentirá melhor depois que tiver conversado com Lorde Uxbury.

— Abby e Cam não ficarão aqui conosco então? — Jessica perguntou, com lágrimas nos olhos.

— Harry ficará aqui, eu me atrevo a dizer — a Duquesa disse — depois que Avery o tiver encontrado. Você não deve ser preocupar com ele, Viola.

— Minha mente está muito entorpecida para me preocupar — a antiga Condessa disse — Eu penso que ele está se embebedando. Eu desejaria poder estar com ele, fazendo a mesma coisa.

— Mamãe! — Jessica exclamou — Me prometa que aquela mulher nunca, jamais será permitida dentro desta casa novamente. Prometa que eu nunca mais tenha que vê-la. Eu posso muito bem arranhar os olhos dela se eu a vir novamente. Ela é feia e estúpida e tem a aparência pior que a de um criado e eu a odeio. Eu quero que tudo volte a ser como antes. Eu quero que H-Harry volte a ser o conde e ria porque ele é f-feliz, não porque ele está t-triste e nunca poderá ser f-f-feliz novamente. Eu quero que Abby seja a minha prima legítima de novo e que more aqui perto. Eu quero — eu odeio isso. Eu odeio isso. E por que Avery não está lá fora procurando Harry e o trazendo para casa?

Avery deixou o monóculo cair pela fita, inspirou profundamente, e abriu os braços. Ela olhou para ele por um momento, então ficou de pé e se jogou em seus braços e se enterrou nele. Ela teria entrado dentro dele se pudesse, ele

pensou. Ela chorou alto e de forma deselegante em seu ombro, e ele apertou um braço em volta dela e colocou a outra mão atrás da sua cabeça.

— Faça a-a-alguma coisa! — Ela gritou — Faça alguma coisa!

— Calma — ele murmurou na orelha dela — Calma, amor. A vida é cheia de nuvens. Mas as nuvens são delineadas com ouro. Você só precisa esperar que o sol saia novamente. Ele vai. Ele sempre vai.

Palavras extremamente estúpidas. Ele soou pior do que a prima Althea tinha soado uns minutos atrás. De onde diabos veio tamanha baboseira?

— Promete? — ela disse — P-promete?

— Sim, eu prometo — ele disse, tirando a mão da cabeça dela para poder pegar um lenço maior em seu bolso. Desde que são as mulheres que choram baldes de lágrimas, parece ilógico que sejam elas que carreguem lenços tão pequenos e frágeis que ficam invariavelmente encharcados com apenas uns momentos de lágrimas — Um copo gelado de limonada na sala de aula vai ser a coisa ideal para você, Jess. Não, não reclame. Não foi uma pergunta.

A mãe dela lhe agradeceu com os olhos enquanto ele conduzia a meia-irmã para fora da sala, um braço em volta da cintura.

Ele imaginou o que Lady Anastasia Westcott estaria fazendo neste preciso momento e se ela tinha alguma ideia do que ela teria que encarar, isto é, fora uma vida mais fácil como uma mulher muito rica.

E ele imaginou onde exatamente Harry estaria. Embora não seria difícil encontrá-lo mais tarde e manter um olho nele. Ele deveria estar em um de seus habituais antros, sem dúvida. E em um desses antros ele deveria permanecer até que tivesse parado de rir.

Pobre diabo.

Capítulo 6

O senhor Brumford ajudou Anna a sair da carruagem, do lado de fora da Westcott House, cedo na tarde do dia seguinte, e a Srta. Knox desceu antes dela, sem ajuda. Anna olhava ambos os lados ao longo da South Audley Street e para cima, para a casa em frente a ela, viu que ela não era tão grandiosa quanto a mansão para a qual ela tinha sido levada ontem. Mesmo assim, tudo aqui tinha sido construído em uma escala generosa, e ela se sentiu diminuída.

A casa era dela.

Ela também possuía uma casa de campo e arrendatários e terras agrícolas em Hampshire e uma fortuna tão vasta que a mente dela não podia compreender a total extensão da mesma. O pai dela tinha herdado parte da fortuna do pai dele, mas ele se tornou inesperadamente perspicaz quando mais velho e dobrou e então triplicou a fortuna com investimentos no comércio e na indústria. Os investimentos ainda estavam trabalhando em favor dela.

O conhecimento de sua riqueza na verdade tinha feito Anna se sentir meio irritada e ainda mais desejosa de voltar para casa em Bath e fingir que nada disso aconteceu. Mas tinha acontecido, e ela tinha relutantemente concordado em ficar ao menos mais alguns dias para se encontrar mais vezes com o seu advogado, que foi do que o sr. Brumford se

chamou — não apenas o advogado do pai dela, mas o dela. Sua mente estava completamente perplexa. Ela tinha que ficar ao menos até que tudo estivesse claro em sua cabeça e ela entendesse melhor o que tudo isso iria significar para ela. A sua vida, ela suspeitou, iria mudar quisesse ela ou não.

Esta manhã o senhor Brumford tinha enviado uma mensagem dizendo que ele iria acompanhá-la quando ela chegasse à Westcott House e novamente encontrasse sua família. Se eles queriam encontrá-la na casa, significava que seu meio-irmão e suas meias-irmãs tinham se recuperado um pouco do choque, e estavam preparados para dar as boas-vindas a ela, ou ao menos a falar com ela de uma forma mais amigável? Mas e quanto à mãe deles, pobrezinha? Oh, isso não seria fácil.

A porta se abriu assim que ela colocou o pé no degrau de baixo, e um criado vestido todo de preto fez uma reverência e se afastou para permitir que ela entrasse. O hall era de madeira nobre e tinha o pé direito alto e chão de mármore com uma escada de madeira — ou seria carvalho? — enorme e elegante subia por ambos os lados do hall em uma curva elegante.

Uma dama estava descendo as escadas — a que havia se sentando em um dos cantos do segundo assento ontem, a Duquesa. Anna lembrou que ela tinha declarado que mataria seu irmão se ele ainda estivesse vivo. O irmão dela — o pai de Anna. Esta dama, então, seria sua tia? Atrás dela, descendo em um ritmo mais lento, veio o homem que esteve à frente

dos procedimentos de ontem, o que ela tinha pensado que era lindo e perigoso.

Ele ainda parecia hoje.

A Duquesa andou até lá, parecendo régia e intimidante.

— Anastasia — ela disse, varrendo Anna com um vislumbre dos pés à cabeça enquanto se aproximava — Bem-vinda ao lar. Eu sou a sua tia Louise, a irmã do meio do seu falecido pai e a Duquesa de Netherby. Netherby, meu enteado, não é um parente direto nosso — Ela indicou ao homem atrás dela. Ela ignorou completamente o sr. Brumford e a Srta. Knox.

— Como vai, minha senhora — ela disse — Como vai, senhor.

O Duque de Netherby estava vestido com uma combinação de marrons e cremes hoje. Ele estava segurando um monóculo de ouro em uma mão, sobre os dedos os quais estavam dois anéis, um de ouro maciço, e outro de ouro inscrutado com uma enorme pedra de topázio. Ele a estava observando, como esteve ontem, debaixo das pálpebras levemente caídas com olhos que realmente eram tão azuis quanto ela se lembrava. Ele tinha boa aparência e não era mais que cinco ou sete centímetros mais alto que ela.

— Deveria ser Sua Graça e Sua Graça — ele disse. Ele falou com uma voz calma o que soou como um suspiro — Nós aristocratas podemos ser muito suscetíveis sobre a forma com a qual nos chamam. Entretanto, desde que somos meio que parentes, você pode me chamar de Avery — Ele voltou o

seu olhar lânguido para o sr. Brumford e para a Srta. Knox — Vocês podem ir. Serão chamados se forem necessários.

Anna se virou — Obrigada, Sr. Brumford — ela disse — Obrigada, Srta. Knox.

Os olhos azuis preguiçosos talvez tenham brilhado com divertimento quando ela se virou de volta.

— Nós iremos para a sala de estar, onde a sua família está esperando por você — a Duquesa, sua tia, disse — Há muito o que ser discutido que mal sabemos por onde começar, mas devemos começar. Lifford, pegue o manto e a touca de Lady Anastasia.

Depois de alguns momentos Anna caminhava ao lado dela subindo as escadas enquanto o Duque vinha atrás. Eles seguiram pelo braço esquerdo da escada e entraram em um grande aposento que tinha vista para a rua e brilhava com a luz do sol da tarde. O fato de que tudo isso era dela talvez teria tirado o fôlego de Anna se as pessoas reunidas na sala não tivessem feito isso primeiro. Todos eles estavam presentes ontem, e todos eles estavam calados — novamente — e se viraram para olhá-la. A Duquesa assumiu as apresentações.

— Anastasia — ela disse, indicando primeiro a idosa dama que estava sentada ao lado da lareira — essa é a Condessa Viúva de Riverdale, sua avó. Ela é a mãe de seu pai, assim como eu sou a irmã de seu pai. Ao lado dela está Lady Matilda Westcott, minha irmã mais velha, sua tia. Ela indicou outro casal mais afastado na sala, a mulher sentada, o homem de pé atrás da cadeira — Lorde e Lady Molenor —

seu tio Thomas e sua tia Mildred, minha irmã mais nova. Eles têm três filhos, seus primos, mas eles estão na escola. E de pé próximo à janela estão o Conde de Riverdale, Alexander, seu primo em segundo grau, com sua mãe, a senhora Westcott, prima Althea, e a irmã dele, Lady Overfield, prima Elizabeth.

Era tudo muito confuso e muito para ser compreendido. Todas essas pessoas, todos esses aristocratas, eram seus parentes. Mas a única coisa que sua mente pode captar claramente era que aquelas pessoas que ela mais queria ver não estavam lá.

— Mas onde estão minhas irmãs e o meu irmão — ela perguntou — e a mãe deles?

Todos em sua linha de visão pareceram identicamente chocados.

— Oh, você não será envergonhada pela presença deles, Anastasia — a Duquesa assegurou a ela — Viola foi para o campo essa manhã com Camille e Abigail — para Hinsford Manor, seu lar em Hampshire, é isso. Entretando, elas não ficarão lá mais que alguns dias. Viola vai levar as filhas para Bath para morar com sua mãe, a avó delas, e ela mesma vai morar com o seu irmão em Dorset. Ele é um clérigo e um viúvo. Ele e Viola sempre se gostaram muito.

— Eles foram embora? — Anna de repente sentiu frio apesar da luz do sol — Mas eu esperava encontrá-los aqui. Eu esperava conhecê-los. Eu esperava que eles quisessem me conhecer. Eu esperava... que eles... desejassem isso.

Ela se sentiu boba no breve silêncio que se seguiu. Como ela poderia ter esperado tal coisa? Sua própria existência tinha acabado com o mundo como eles conheciam ontem.

— E o rapaz, meu meio-irmão? — ela perguntou.

— Harry desapareceu — a Duquesa contou — E Avery se recusa a procurar por ele até amanhã, desde que ele não tenha voltado por sua própria vontade até lá. Entretanto, você não precisa se preocupar com ele. Avery lidará com o seu futuro. Ele era o guardião designado de Harry quando ele ainda era o Conde de Riverdale.

— É do meu entendimento — o Duque disse — que eu herdei a guarda de Harry do meu falecido e estimado pai, não apenas do Conde de Riverdale. Eu não teria gostado de me encontrar com a tutela do primo Alexander. Me atrevo a dizer que ele gostaria menos ainda.

— Oh, sim, ele de fato não gostaria, Avery — a mãe do novo conde disse. O Duque de Netherby estava agora esparramado com casual elegância em uma poltrona no canto mais afastado da sala, Anna viu, seus cotovelos apoiado nos braços, os dedos para cima. A Srta. Rutledge teria dito a ele para sentar direito com os pés juntos e pousados no chão.

— Venha aqui, Anastasia — a Condessa viúva, sua avó, disse, indicando o lugar na frente de sua cadeira — e me deixe dar uma boa olhada em você.

Anna foi e ficou de pé enquanto todo mundo, ao que parecia, dava uma boa olhada nela. O silêncio pareceu durar

vários minutos, embora provavelmente levou não mais que um minuto.

— Ao menos, você tem um bom comportamento — a viúva disse enfim — e você fala sem um sotaque discernível. Entretanto, você parece uma professora particularmente humilde.

— Eu sou mais modesta que isso, senhora — Anna disse — Nossa grandeza depende da perspectiva de alguém. Eu tive o grande privilégio de ser professora em uma escola de órfãos, cujas mentes são inferiores a de ninguém.

A tia que estava sentada ao lado da cadeira da viúva ofegou e na verdade recuou.

— Oh, você deve recolher suas garras — a viúva disse — eu estava apenas expondo um fato. Não é sua culpa você ser como é. É inteiramente culpa do meu filho. Você pode me chamar de vovó, que é o que eu sou para você. Mas se você não me chamasse assim, senhora seria incorreto. O que seria correto? — ela esperou por uma resposta.

— Eu temo, vovó — Anna disse — que qualquer resposta que eu dê seja um palpite. Eu não sei. Minha Lady, talvez?

— Quais são os títulos diretamente acima e abaixo de conde? — a tia — tia Madilda? — perguntou — E qual é a diferença entre um cavaleiro e um baronete, ambos eles são Sir Fulano de Tal? Você não sabe, sabe, Anastasia? Você deveria saber. Você tem que saber.

— Eu acredito, prima Matilda — a jovem perto da janela — a irmã do conde, Elizabeth? — disse — que você está confundindo a pobre Anastasia.

— E temos assuntos muito mais importantes para lidar — A Condessa viúva concordou — Sente-se, Matilda, e pare de pairar em cima de mim. Eu não estou prestes a cair da minha cadeira. Anastasia, essas roupas servem apenas para a lata de lixo. Até mesmo os criados teriam desprezo em usá-las.

Se fosse possível se sentir mais humilhada, Anna pensou, ela não poderia imaginar. Seu melhor vestido de domingo!

— E o seu cabelo, Anastasia — a irmã mais nova da Duquesa — tia Mildred — disse — É bastante longo, não?

— Ele vai abaixo da minha cintura, senhora — Tia — Anna disse.

— Ele parece grosso e pesado e meio inapropriado — tia Mildred contou a ela — Ele deve ser cortado e apropriadamente penteado sem atraso.

— Eu vou ter uma modista vindo aqui com as suas assistentes amanhã — a Duquesa disse — Elas ficarão aqui até que tenham produzido um novo guarda-roupa com os ítens essenciais. Anastasia não deve deixar a casa absolutamente até ela estar pronta para ser vista. Me atrevo a dizer que a notícia já se espalhou entre a ton. De fato seria estranho se não tivesse acontecido.

— Estava sendo falado nos clubes esta manhã, Louise — o homem mais velho — marido de tia Mildred — disse — Tanto o golpe para Harry e sua mãe e irmãs e a súbita descoberta de uma filha legítima de Riverdale. E a boa sorte de Alexander, claro.

— Eu ainda tenho que descobrir o que é bom sobre isso, Thomas — o novo conde disse.

Olhando para ele, Anna concluiu que a primeira impressão que teve dele ontem foi bem acertada. Ele era o homem mais perfeitamente belo que ela já tinha visto. Ele parecia um príncipe de contos de fadas. Ela se imaginou descrevendo-o para as crianças em Bath enquanto todas as meninas se afundavam em um sonho feliz, se imaginando como suas princesas.

— Você sabe o que é a ton, Anastasia? — tia Matilda perguntou cortante. Ela agora estava sentada em um banco ao lado da cadeira da mãe.

— Eu acredito que seja o termo francês para as classes mais altas, tia — Anna disse.

— O próprio crème de la crème das classes mais altas — Lady Matilda contou a ela — Nós que estamos nesta sala somos tudo isso, e também, o céu nos ajude, você. No entanto como você vai ser colocada em forma agora que já tem vinte e cinco anos de idade?

Foi difícil não responder da a mesma maneira cortante e declarar que ela não tinha intenção de ser colocada em qualquer tipo de forma que não fosse a escolhida por ela. Foi difícil não virar as costas e marchar para fora da sala e da casa e encontrar o caminho de casa. Exceto que ela tinha a sensação de que não havia um lar de verdade naquele momento. Ela estava entre dois mundos, não mais pertencia ao antigo e certamente ainda não pertencia ao novo. Tudo o que ela podia fazer era explorar esse mundo novo um pouco

mais profundamente e então decidir o que fazer com o conhecimento. Ela reuniu todos os seus recursos interiores para se acalmar e segurar a língua.

— Matilda — a mãe do conde disse reprovadoramente — seja justa. Anastasia não pode fazer nada quanto à sua idade ou a sua educação. Ela deve estar sentindo que está encarando o inimigo aqui de todos os lados quando na realidade somos a sua família. Você alguma vez já conheceu outra família, Anastasia? Do lado da sua mãe, talvez?

— Não, senhora — Anna disse — Me desculpe. Você é a prima...?

— Althea — ela disse, sorrindo.

— Não, prima Althea — Anna disse — Eu não sabia nada sobre a minha identidade até ontem. Eu sempre fui Anna Snow.

— Então isso deve ser esmagador — a dama disse — Talvez você gostaria de voltar para casa com Alex, Lizzie e eu por alguns dias já que essa é uma casa enorme e você não pode ficar aqui sozinha.

— Você seria muito bem-vinda, prima Anastasia — o conde falou a ela.

— Não — a Duquesa disse — Ela definitivamente tem que ficar aqui, Althea. Está acertado para a modista e a cabeleireira estarem aqui amanhã cedo. E seus pertences, pelo que eles valem, serão trasladados até aqui desde o Pulteney. Embora você esteja certa, ela não pode ficar aqui sozinha sem uma acompanhante ou uma dama de companhia. Talvez Matilda...

— Oh, eu ficaria encantada em ficar aqui por alguns dias com a prima Anastasia, se ela permitir — a irmã do conde disse, seu sorriso tão caloroso quanto o da mãe — Posso, Anastasia? Eu prometo não te sobrecarregar com uma litania de tudo o que tem que ser mudado em você antes que você seja indistinguível do resto de nós. Pelo contrário, eu gostaria de saber sobre como era a sua vida antes de ontem. Eu gostaria de conhecê-la. O que me diz?

Anna fechou os olhos por um momento — Oh sim, por favor — ela disse — como quiser, prima Elizabeth. Se não for muito incômodo para você. Mas o meu meio-irmão não voltará para cá?

— Se ele voltar — a Duquesa disse — Ele será direcionado para Archer House.

— Eu estou surpreso — o conde disse — que você não está lá fora procurando por ele, Netherby. Eu faria isso eu mesmo, mas sob as circunstâncias eu devo ser a última pessoa que ele deseja ver. Talvez a obrigação que você sinta para com ele agora seja mais fastidiosa agora que ele não é mais o Conde de Riverdale.

Elizabeth virou a cabeça reprovadoramente para seu irmão. O Duque de Netherby pareceu um pouco imperturbável, Anna observou, mas ela não estava surpresa de que ele estava com o monóculo no olho. Isso era uma afetação. Ela ficaria muito surpresa de saber que ele tinha a visão ruim. Ainda assim o monóculo o fazia parecer duas vezes mais perigoso.

— Você está muito preocupado, Riverdale, embora na verdade, por que você deveria? — ele disse suavemente — você deve ter notado que eu nunca saí correndo procurando cachorrinhos perdidos quando é totalmente provável que eu vou terminar procurando o meu próprio rabo e parecendo idiota. Nem eu iria intervir com libertinos muito jovens tentando ser velhos libertinos. Eu não sou a tia solteirona de ninguém. Ainda mais para sair procurando um rapazinho que pensa que é uma grandessíssima diversão ele ter pedido tudo que ele acreditava que era dele, incluindo a legitimidade do seu nascimento, não, não vai acontecer. Tem tempo suficiente para encontrá-lo quando ele parar de rir, como ele vai parar.

Anna se sentiu gelada pelo tom entediado de sua voz, e por suas palavras. O Conde de Riverdale não respondeu, mas ocorreu a Anna, mesmo com essa breve troca, que não havia amor para ser perdido entre os dois homens.

— Por favor não se aflija, prima — o conde disse, olhando com firmeza para Anna — Você deve tirar o jovem Harry, Camille e Abigail também, da sua cabeça, ao menos por um tempo. Eles estão profundamente perturbados e não inclinados a te olhar com bons olhos, apesar de que eles estão bem conscientes que você não é a culpada e de fato não seja a maior dos pecadores. Vai levar algum tempo antes que eles possam ser induzidos a reconhecer qualquer parentesco com você. Dê-lhes tempo, se você puder.

As suas palavras e o olhar em seu rosto eram bondosos, mas as palavras feriram de qualquer forma.

— Alexander está certo — a viúva disse — Dê uma volta, Anastasia — Ana se virou — Você não tem uma figura muito boa, mas ao menos você é esguia. E um espartilho fará maravilhas pelo seu colo. Eu suponho que você nunca tenha usado um espartilho?

Anna pôde sentir o calor nas suas bochechas. Deus, tem homens aqui — Não, vovó — ela disse.

— Tudo será corrigido amanhã — a Duquesa disse alegremente — Nós devemos decidir quais tutores serão necessários — um professor de dança, certamente, e uma professora de etiqueta, e talvez outros também. Neste meio tempo, você não deve nem pensar em se aventurar fora desta casa, Anastasia. Elizabeth vai mantê-la do lado de dentro. Agora, sente-se — você ficou de pé tempo o bastante. Matilda, puxe o sino para a bandeja de chá, se você puder.

Anna sentou quase ao mesmo tempo em que o Duque de Netherby se levantou e caminhou pela sala e ficou de pé em frente à cadeira dela. Todo mundo ficou em silêncio, como todo mundo parecia ficar sempre que ele levantava um dedo ou uma sobrancelha. Ele a fitou em silêncio por alguns momentos com aqueles olhos afiados e sonolentos.

— Anna — ele disse, a surpreendendo com o uso do nome pelo qual ela se conhecia — o sol está brilhando e o ar está fresco e o Hyde Park acena. Se você me acompanhar até lá, haverá um risco de que a Ton possa dar uma olhada em uma legítima educadora em minha companhia e tirar as suas próprias conclusões quanto à sua identidade. A Ton pode então cair em um desmaio coletivo causado pelo choque, ou

pode correr para relatar o visto aos menos afortunados, ou talvez simplesmente continuem em seus caminhos e cuidando das suas próprias vidas. Sabendo tudo isso, você se importaria em vir comigo?

Anna mordeu o lábio para se impedir de rir nervosamente, tão inesperadamente bizarras foram as suas palavras.

— Isso é sensato, Netherby? — Primo Thommas perguntou — Louise acabou de assinalar...

O Duque de Netherby nem virou a cabeça nem respondeu — Anna? — ele disse suavemente.

Ele era como uma criatura de outro planeta. Ela não estava assustada com ele. Nada disso. De fato, ela tinha ficado divertida com ele. Mas... bem, muito mais que qualquer outra pessoa na sala, ele pareceu resumir um universo tão diferente do dela própria, que não poderia haver nenhuma possibilidade de qualquer comúnicação significativa. Por que ele desejaria caminhar com ela, arriscar ser visto com ela — uma legítima educadora?Mas... ar fresco? E um escape temporário dessa sala e de todas as pessoas nela?

— Obrigada — ela disse — Isso seria agradável.

— Mãe — tia Matilda disse — Anastasia não deve ser autorizada a fazer isso. Louise está certa. Oh, isso não é bom da sua parte, Avery.

— Se você deseja ir, alguém deveria ir com você como dama de companhia, Anastasia — o conde sugeriu — Lizzie, talvez você queira?

— Ah, mas veja bem, prima Elizabeth — o Duque disse suavemente, seus olhos ainda em Anna — você não foi convidada.

A dama em questão sorriu para a parte de trás da cabeça dele, com diversão nos olhos, Anna notou.

— Minha neta não precisa de uma dama de companhia quando ela sai com o Duque de Netherby — a Condessa viúva disse — O pai dele se casou com a minha filha, não? E Avery é muito correto. Nós não podemos manter Anastasia dentro de casa até ela estar pronta. Ela pode nunca estar pronta.

Capítulo 7

Cinco minutos depois, vestida de capa, gorro e luvas, as mesmas de ontem, Lady Anastácia Westcott estava na calçada ao lado de fora da Casa Westcott. Sem dúvida, essa era a melhor roupa dela, pensou Avery, sua melhor. Seria interessante ver suas roupas cotidianas, ou talvez não.

Ela tinha olhado com necessidade de salvação. Não que ele tivesse corrido para a brecha se não houvesse algo nela que despertasse seu interesse. Talvez fosse a maneira que ela não tinha se assustado ontem quando ela pôs o pé dentro de Archer House e encontrou... ele. Ele sabia que intimidava a maioria das pessoas. Ou talvez fosse o discurso discreto e digno que ela havia proferido no salão rosa, depois que Brumford terminou com todas as suas revelações. Ou talvez fosse a resposta que ela havia dado há pouco, quando a Condessa viúva a descrevia como uma humilde governanta.

Ele ofereceu seu braço e ficou com ele no ar quando ela não pegou. Ele ergueu as sobrancelhas.

— Eu não preciso de ajuda, obrigado — Disse ela.

— Bem... Suponho — disse ele, baixando o braço — que órfãos não são ensinados a oferecer um braço para órfãs quando eles andam juntos na rua, e as órfãs não são ensinadas a aceitar galanteios quando são oferecidos. Não faz parte do seu currículo escolar?

— Claro que não — disse ela com toda a seriedade — Que absurdo?

— Suspeito que você está prestes a encontrar um mundo de absurdos — disse ele — a menos que depois da primeira ou segunda vez você perca o coração, o nervo ou o temperamento e volte para sua sala de aula.

— Se eu voltar para Bath — disse ela — será porque escolhi fazê-lo depois de uma consideração cuidadosa e racional.

— Enquanto isso — disse ele — sua avó, tias e tios... tio no singular... e primos trabalharão incessantemente, dia e noite, para limpar a lousa que tem sido sua vida nos últimos vinte e cinco anos e transformar você na imagem do que Lady Anastasia Westcott deveria ser. Eles vão fazê-lo porque, naturalmente, é mais desejável para você ser uma Dama do que uma órfã rica em vez de indigente, e elegante em vez de deselegante, e porque você é uma Westcott e um deles.

— Eu não era indigente — Disse ela.— Eu não vou tomar muito parte na educação de Lady Anastasia Westcott — disse ele — em parte porque a minha conexão com a família Westcott é puramente honoraria e principalmente porque seria um abismo e eu evito o tédio como se fosse uma praga.

— Estou surpresa, então — ela disse — que você tenha vindo para Westcott House hoje. Estou ainda mais surpresa que tenha me convidado para andar com você em vez de escapar sozinho.

— Ah — ele disse suavemente — mas eu suspeito que você não é chata, Anna. E sim, eu convidei você a caminhar,

não foi? Eu não convidei você para ficar assim comigo na calçada, do lado de fora de sua casa, vociferando a mim e me chamando de absurdo, ridículo e muito provavelmente sendo espreitado por alguns dos seus parentes. Permita-me contribuir com minha migalha para a sua educação, então, mesmo contra todos os meus melhores instintos. Quando um cavalheiro caminha com uma dama, Anna, ele oferece seu braço para ela apoiar e espera que ela o tome. Se não o fizer ele é primeiramente humilhado além do suportável, ele pode até considerar ir para a casa e atirar em si mesmo, e depois chocado com a percepção de que talvez ela não é uma dama, afinal. De qualquer maneira, na verdade, ele pode acabar atirando em si mesmo.

— Você é sempre tão absurdo? — Ela perguntou.

Ele olhou para ela por alguns momentos em silencio enquanto enrolava uma mão sobre a alça de seus óculos binóculos. Se ele o levantasse, ela provavelmente riria com incredulidade. Ele inclinou o cotovelo novamente.

— Esta é realmente uma lição muito fácil — disse ele — Não vai esticar seu intelecto até o ponto de ruptura. Me dê sua mão. Não, a direita.

Ele a pegou pela mão direita, e puxou-a pelo braço e pôs a mão, a palma da mão, sobre o punho do seu casaco. Se fosse possível que seu braço estivesse fora do encaixe, ela teria permanecido em pé onde ela estava, ele tinha certeza, a uma distância segura. Mas não era, e ela foi compelida a vir alguns passos mais perto. Cada músculo em seu braço e mão endureceu.

Aquilo era absurdo, mas ele guardava a observação para si mesmo.

— Agora vamos caminhar — Disse ele — É o trabalho do cavalheiro combinar seu ritmo e seu passo com o da Dama. Os homens não têm todo o poder nesse mundo, você vê, apesar do que as mulheres muitas vezes acreditam.

Seus músculos permaneceram rígidos por algum tempo e ela parecia mais do que nunca com uma governanta de alguém ou mesmo a criada de alguém vestida com seu melhor vestido de domingo. No entanto, ela não seria confundida com nenhuma das duas. Não quando ela seria vista escoltada pelo seu braço. As notícias em Londres viajavam mais rápido do que os incêndios ou o vento. Viajou pelos servos do subterrâneo, criados de quarto e o círculo de fofocas sobre o solo, e a história de Westcott foi realmente uma sensação.

Avery era um admirador de mulheres e conhecedor de todas as coisas femininas. Ele admirava a beleza e elegância e charme em Damas e flertou com elas e até mesmo se deitando com algumas delas quando apropriado. Ele admirava beleza e curvas voluptuosas, sensualidade e as habilidades sexuais em mulheres de uma classe diferente e flertava com elas e as entretinhas na cama como desejava, embora com alguma descriminação. Gostava muito das mulheres. Conhecê-las, acompanhá-las, lisonjeá-las, colocá-las entre as experiências mais agradáveis da vida. Ele não conseguia lembrar, entretanto, de admirar muitas mulheres

por qualidades de caráter. Divertia-o descobrir que havia tais qualidades sobre Lady Anastasia Westcott.

— Eu sou mais inferior que isso, senhora — ela tinha dito em resposta ao comentário de sua avó sobre assemelhar-se a uma governanta humilde. Ou superior, dependendo da perspectiva de cada um — Tenho o grande privilégio de ser professora de uma escola de órfãos, cujas mentes não são inferiores as de ninguém.

Ele teve que se virar para a janela para esconder sua diversão, pois ela não tinha falado com raiva ou desafio. Ela tinha falado o que para ela era a verdade simples. Ela e seus companheiros órfãos eram tão bons quanto a Ton, ela estava dizendo, o lote inteiro, inclusive ele. Ele admirava tal equilíbrio e convicção. Seria uma vergonha enorme se seus parentes estivessem em seu caminho e conseguissem seu objetivo e ela fosse mudada além do reconhecimento. Ele duvidava, no entanto, que ela permitiria que isso acontecesse, exceto em seus próprios termos. Seria interessante ver que tipo de pessoa emergiria da educação de Lady Anastasia Westcott. Ele esperava que ela continuasse interessante.

Passaram por duas pessoas em South Audley Street, uma criada com um saco pesado e um cavaleiro que Avery reconheceu vagamente. A criada manteve os olhos baixos enquanto ela se apressava. O cavalheiro olhou assustado, recuperou-se, tocou a aba de seu chapéu, e nem sequer esperou para ter completamente passado antes de sua cabeça girar para um olhar mais longo, mais próximo. Ele teria um

história para contar quando ele chegasse aonde quer que fosse.

— Estou preocupada com meu meio-irmão — disse Anna, virando-se para Hyde Park Corner, falando pela primeira vez desde que começaram a andar — Você está preocupado? Ele poderia estar em qualquer lugar agora. Ele poderia estar em grave perigo ou simplesmente muito infeliz. Eu sei que ele não é parente de sangue de vocês, mas ele é seu tutelado. Não é irresponsável dizer que o deixará estar até parar de ridicularizar?

— Eu sempre sei onde Harry provavelmente será encontrado — disse ele — esta ocasião não é exceção.

Não tinha levado muito tempo a noite para localizar o garoto, no fundo de seus copos e esparramado em um poltrona baixa no salão de visitantes escarlate de um bordel meio chique, cercado por amigos tão embriagado quanto ele e prostitutas com cabelos pintados de improvável colorido, Avery não se mostrara. Um olhar lhe garantiu que Harry não estava em condições de se aproveitar dos principais serviços que as prostitutas estavam ali para fornecer e, portanto, estava a salvo da varíola.

— Você o está observando então? — Ela perguntou a ele — é tão poderoso que você pode salvá-lo de qualquer abismo que ele pode ter se afundado?

Avery pensou sobre isso — Eu sou — disse ele.

Ele se fez todo-poderoso. Não tinha sido fácil. Ele tivera um começo extremamente pouco promissor para a vida quando ele tinha nascido semelhante à sua mãe, em vez de

seu pai. Seu pai tinha sido uma figura robusta, imponente, varonil que tinha perseguido — franziu o cenho — e abriu caminho pela vida, comandando o terror nos inferiores e o respeito em seus pares. Sua mãe tinha sido uma pequena, de olhos azuis, delicada, de natureza doce, uma beleza de cabelos dourados. Avery não se lembrava de que ela temesse seu pai, ou que seu pai já tivesse brigado ou estado descontente com ela. Na verdade, era totalmente provável que o deles tivesse sido um caso de amor. Ela tinha morrido quando Avery tinha nove anos, de alguma queixa feminina que nunca lhe tinha sido explicada, embora não fosse gravidez. Naquela época, era obvio que ele herdara a maioria dos traços de sua mãe e praticamente nenhum de seu pai. Seu pai sempre o tratara com um carinho casual, mas Avery ouviu-o uma vez dizer que estaria bem se ele fosse uma menina, mas não era o que qualquer homem vigoroso desejaria de seu herdeiro.

Avery fora mandado para a escola aos onze anos e poderia ter sido enviado ao purgatório. Ele tinha sido horrivelmente intimidado. Ele era pequeno, franzino, de cabelos dourados, olhos azuis, manso, gentil, servil e aterrorizado. E ele sabia que nada mudaria, pois, sua ama havia lhe explicado uma vez, os pés, o tipo de pés que estavam presos as extremidades das pernas e tinham cinco dedos cada um. O tamanho dos pés de um menino, ela tinha dito, era uma previsão segura do tamanho de sua pessoa quando crescesse. Os pés de Avery tinham sido pequenos, delicados e delgados.

Ele tinha sido espancado por um menino, um ano mais novo do que ele mesmo, nos campos de jogos um dia em que tinha tentado pegar uma bola, mas tinha batido as mãos juntas em vez disso, enquanto a bola rebateu em um de seus pés pequenos e o fez pular de dor. Ele escapara da agressão sexual do chefe da turma, cujo serviço lhe fora designado, apenas depois de ter chorado e o rapaz mais velho olhou para ele com nojo e queixou-se de que ele era feio enquanto chorava, para não mencionar ingrato, covarde e feminino. Ambos os incidentes tinham acontecido durante sua primeira semana na escola.

No final da segunda semana, ele havia aprendido muito pouco de seus livros, mestres e tutores, mas ele havia aprendido uma série de outras coisas, principalmente que se ele não pudesse mudar sua altura em perspectiva, o tipo de corpo, cabelo e a cor dos olhos, ele poderia mudar tudo, incluindo sua atitude. Juntou-se ao clube de boxe, ao clube de esgrima, ao clube de tiro com arco, ao clube de remo, ao clube de atletismo e todos os clubes que ofereciam a chance de construir seu corpo e aperfeiçoá-lo e torná-lo algo menos patético.

Não funcionou bem no início, é claro. Em sua primeira luta no ringue de boxe ele percorreu sobre seus pés pequenos, seus punhos pequenos, e foi colocado para baixo e para fora pelo único soco lançado por seu oponente. Esse oponente, obviamente, foi escolhido deliberadamente para proporcionar o máximo prazer aos expectadores que se reuniram em número maior do que o habitual. O instrutor de

esgrima disse a ele, após a primeira lição, que sua lâmina era pesada demais para ele segurar em mais de um minuto, ele estava desperdiçando o tempo de todos continuando — talvez devesse se juntar a um clube de tricô. O instrutor de remo disse-lhe que seria um campeão se apenas uma corrida exigia remo em um circulo porque ele precisava de ambas as mãos para empunhar um remo. Em sua primeira corrida, todos os outros corredores, mesmo o apelidado de Fat Frank, tinha cruzado a linha de chegada quase antes que tinha deixado a linha de partida.

Ele tinha persistido com uma determinação obstinada e tempo de prática adicional, sem fim, até que ele se transformou em algo invisível no inicio de seu segundo ano, ganhando outro do que ele tinha privado e batizou as rodadas de diversão do boxe derrubando um adversário dois ano mais velho e um pé mais alto e várias pedras mais pesado do que ele na segunda rodada. Certamente tinha acontecido quando o garoto estava fazendo uma pose para seus amigos e sorrindo como um idiota, mas tinha acontecido mesmo assim. O menino tinha mesmo sido levado para a enfermaria, onde tinha visto estrelas, de olhos atordoados pelas próximas horas.

A grande mudança, no entanto, tinha acontecido quando Avery estava em seus últimos anos. Ele estava caminhando de volta para a escola, retornando de uma incumbência não lembrada, e tinha tomado uma rota desconhecida por alguma diversidade. Vinha andando por um terreno aberto entre dois prédios velhos e desgastados e

testemunhando a estranha visão de um velho de calças brancas soltas e túnica, movendo-se descalço no meio do terreno com passos exagerados e gestos de braços, todos os gestos eram estranhamente graciosos e lentos, como se o próprio tempo estivesse se movendo a menos da metade da velocidade usual. O homem era maior a própria altura e construção de Avery. Ele também era chinês, uma visão relativamente incomum.

Depois de muitos minutos, os movimentos haviam terminado e o velho estava de pé olhando para Avery, aparentemente bastante consciente de que ele estivera ali por algum tempo, mas não se envergonhou de ter sido observado comportando-se de maneira tão peculiar. Avery tinha olhado para trás. Foi ele quem quebrou o silencio. Duvidava que o velho pudesse tê-lo feito.

— O que você estava fazendo? — Ele perguntou.

— Por que você deseja saber, jovem? — Perguntou o cavalheiro chinês em troca, e ele esperou sua resposta.

Apenas curiosidade, Avery estava prestes a dizer com um encolher de ombros. Mas havia algo sobre o silencio do homem, sobre seus olhos, sobre o próprio ar que o rodeava que impelira Avery a procurar em sua mente por uma resposta verdadeira. Dois até mesmo três minutos poderiam ter passado, durante o qual nenhum deles se moveu ou desviou o olhar um do outro.

A resposta quando veio era simples, uma mudança de vida.

— Eu quero fazer isso também — Disse Avery.

— Então você vai — O homem tinha dito.

Quando terminou a escola dois anos depois, Avery tinha aprendido muito sobre a sabedoria do Oriente de seu mestre, tanto filosófico quanto espiritual. Ele também aprendeu, não apenas sobre certas artes marciais, mas também como executá-las. A descoberta mais maravilhosa de tudo tinha sido que sua estatura pequena e corpo fino eram realmente os instrumentos perfeitos para tais artes. Ele praticava com diligência e sem descanço, até que seu mestre implacável e severo estava quase satisfeito com ele, tinha feito de si uma arma humana mortal. Suas mãos podiam atravessar tábuas empilhadas, seus pés podiam derrubar uma arvore não tão jovem, embora ele provou isso para si só uma vez antes de cair preso ao remorso de ter matado uma coisa viva desnecessariamente.

Ele nunca havia praticado a mais mortífera das artes em qualquer humano, mas ele sabia como nunca deveria usar as suas habilidades. Ele esperava que com o tempo nunca viesse, pois ele também tinha aprendido a arte correspondente ao autocontrole. Ele raramente usava a arma que era ele mesmo e nunca para seu pleno potencial, mas o fato de que ele era uma arma, que ele era praticamente invencível, lhe tinha dado toda a confiança que ele precisaria para viver sua vida em um mundo que admirava altura, largura de peito, ombro, virilidade, aparência boa e uma presença marcante. Ele nunca contou a ninguém sobre seu encontro com o chinês e suas consequências, nem mesmo

sua família e amigos mais próximos. Ele nunca sentira necessidade.

Seu mestre tinha tido apenas uma crítica que nunca vacilou.

— Você vai descobrir o amor um dia — Ele tinha dito a Avery — Quando você fizer isso, vai explicar tudo e será tudo. Não é autodefesa, mas sim amor.

Ele não havia explicado, no entanto, o que ele queria dizer com aquela palavra, que tinha mais significados do que talvez qualquer outra palavra na língua inglesa.

— Quando você encontrar — Ele disse — Você saberá.

Avery sabia era que os homens o temiam, até mesmo enquanto eles acreditavam que o desprezavam. Ele sabia que eles não entendiam seu medo ou mesmo abertamente o admitiam. Ele sabia que as mulheres o achavam atraente. Tinha aprendido a cercar-se com a arma, que era ele mesmo, como uma aura invisível, enquanto no interior observava seu mundo com fria descontração, que não era nem muito cínico nem muito acanhado.

Lady Anastasia Westcott, ele suspeitou, não o achou nem aterrorizante nem irresistivelmente atrativo, e por isso ele a admirava também. Ela até o chamara de absolutamente ridículo. Ninguém jamais chamou o Duque de Netherby de absolutamente ridículo, embora o fosse com frequência.

— Quando um cavalheiro caminha com uma Dama — ele disse enquanto se aproximava do parque — eles conversam. Vamos fazer isso?

— Sobre qualquer coisa? — Ela perguntou — Mesmo quando não há nada a dizer?

— Há sempre algo a dizer — disse ele — como a sua educação lhe ensinará em breve, Anna. Há sempre o clima, por exemplo. Você notou como há sempre o clima? Nunca nos deixa para abater. Você já conheceu um dia sem clima?

Ela não respondeu, mas ao redor da aba horrenda, de sua capa hedionda, ele podia ver que ela estava quase sorrindo.

Carruagens e cavalheiros estavam entrando e saindo dos portões. Os ocupantes olharam para a direção de Avery e depois voltaram para um olhar mais duro. Ele desviou da entrada principal para atravessar uma vasta extensão de gramado verde, na direção de uma linha de arvores que ocultava as ruas além de vista. Ele não pretendia expô-la á curiosidade de um grande número de pessoas do mundo elegante. Havia um caminho entre as árvores onde se podia esperar uma medida de solidão.

Ela não escolheu o clima, embora houvesse clima acontecendo em torno deles sob a forma de sol e calor e muita pouca brisa. Esses três subtópicos poderiam mantê-los conversando por cinco minutos ou mais.

— Você deve ter conhecido meu pai, verdade? — Ela disse.

— Ele era o irmão mais velho da Duqueza, minha madrasta — Disse ele — E sim, eu o conhecia — Tão pouco quanto ele poderia, possivelmente.

— Como ele era? — Ela perguntou.

— Você deseja a resposta educada? — Ele perguntou em retorno.

Ela virou a cabeça bruscamente em sua direção — Eu preferiria a resposta verdadeira — Disse ela.

— Suponho que em seu mundo você não pode conceber outra maneira, pôde, Anna? — Perguntou-lhe.

Ela era pequena com um mínimo de curvas. Ela era pequena de peito. Seu cabelo, mesmo sem a capa, era severamente estilizado e pesado. No entanto, algo lhe surgiu nos olhos por um momento, certa consciência de que ele não acreditava que fosse medo e, de algum modo, brilhou de seus olhos, em seu corpo, e por um breve momento não pareceu se importar que a única coisa fisicamente atraente sobre ela era o rosto de Madonna. Foi um momento extraordinário. Era quase sexual.

— Por que fazer uma pergunta — ela disse — se alguém não quer uma resposta verdadeira?

Ah! Agora ele entendeu. Ele gostava dela. Isso era extraordinário o suficiente, mas era mais fácil de entender do que a consciência sexual.

— Anna — ele disse para responder a sua pergunta — você nunca perguntou a um homem se você está linda? Não, pergunta tola. Suponho que não. Não lhe ocorreu ir em busca de um elogio, não é? As mulheres que fazem essa pergunta certamente não querem a verdade.

Ela ainda estava olhando diretamente para ele — Que absurdo! — disse ela.

Ele suspeitava que ia se tornar uma de suas palavras favoritas nos dias e semanas vindouras.

— Muito bem — disse ele — Acredito que o falecido Riverdale tenha sido o homem mais egoísta do meu conhecimento, embora admita que eu não o conhecesse bem. Ele era, ou assim ouvi, selvagem e dispendioso, quando jovem. Casou-se com a Dama que seus pais haviam escolhido para ele, quando suas dividas eram tais que não tinha escolha a não ser fazer o que fosse necessário para restaurar o fluxo de fundos que lhe fora cortado. Aparentemente, isso incluiu bigamia e a ocultação de sua filha legitima. Quando seu pai morreu, não muito tempo depois de seu casamento, e ele se tornou o conde, ele continuou a sua poligamia por um tempo, e então de repente viu a luz, por assim dizer, e mudou completamente. Não era uma epifania[4] religiosa que o tivesse atacado, no entanto. Nenhuma luz divina o atingiu e fez um penitente dele. De acordo com meu pai, que o conhecia bem, apesar de relutantemente como cunhado, tinha alguma sorte extraordinária nas mesas de jogo, investiu seus ganhos num esquema selvagem e improvável, fez uma fortuna com isso e virou de repente, eternamente sábio. Encontrou-se um brilhante conselheiro financeiro e tornou-se obcecado com o fazer e acumular dinheiro. Ele foi extremamente bem sucedido em ambos, como eu descobri quando me tornei guardião de Harry, e como você terá descoberto a partir de suas consultas com Brumford.

[4] comemoração, na Igreja ocidental, do episódio dos Reis Magos, como ocasião da primeria manifestação de Cristo aos gentios.

— Suponho, então — disse Anna — que era sua extrema necessidade de fundos que o levaram a se casar com outra pessoa quando minha mãe ainda estava viva. Eu me pergunto por que ela permitiu. Embora ela parece ter vivido com seus pais e separa dele na época. E ela estava morrendo.

— Se alguém que você conheceu em Bath desapareceu de sua vida e veio a Londres e se casou e teve filhos — disse ele — você saberia sobre isso? Alguma vez?

— Provavelmente não — Ela disse depois de pensar no assunto.

— Sua mãe e seus avós viveram em um vicariato rural — Disse ele — É improvável que eles soubessem da bigamia, a menos que tivessem conhecidos que frequentassem Londres e estivessem familiarizados com a aristocracia e soubessem da conexão entre sua mãe e o homem que logo se tornou Conde de Riverdale. É possível que ele nunca tenha usado seu titulo de cortesia em Bath.

— Não — Disse ela — Eles provavelmente nem sabiam, não é?

— Eu diria — ele disse — que seu pai se sentiu muito seguro em contrair um casamento ilegal.

— Por que ele nunca revogou o velho testamento? — Ela perguntou — Por que ele nunca o fez? Isso é incomum?

— É — ele disse — para responder á sua última pergunta primeiro. Meu pai tinha um testamento que devia ter doze paginas, tudo escrito em tal legalidade e complicado que me atreveria a dizer que nem mesmo seu advogado o compreendeu completamente. A vontade era desnecessária,

naturalmente, desde que eu era o único filho e os estabelecimentos para minha madrasta e meia-irmã tinham sido tomadas no contrato de casamento. É deixada a possibilidade intrigante, no caso do seu pai, que a existência continuada da vontade velha e a ausência de uma nova era deliberada da parte dele.

Ela pensou sobre isso — Sua piada sobre a posteridade, quando ele não poderia mais ser chamado para prestar conta? — Disse ela — Se é assim, ele estava sendo extraordinariamente cruel com a Condessa e seus filhos.

— Ou seja, gentil com você — Disse ele.

— Não há bondade em dinheiro — Disse ela.

Eles tinham alcançado a linha de árvores e se viraram para caminhar ao longo do caminho áspero entre elas. Havia uma sensação agradável de reclusão ali. Os sons mais duros dos cascos de cavalos, das rodas dos veículos, dos gritos das crianças, dos gritos dos vendedores ambulantes, dos murmúrios de adultos e dos risos do parque, de um lado, e da rua do outro pareciam ser apenas imaginação. Ali se podiam ouvir pássaros cantando e deixando o farfalhar acima. Ali se podia sentir o cheiro da madeira e da seiva, as fragrâncias da terra e várias árvores. Ali se poderia ignorar a artificialidade da vida na cidade.

Ele olhou para ela enquanto suas palavras ressoavam em sua cabeça. Ela não estava encantada com sua incrível fortuna, não é? Perguntou-se se ela tinha sonhado com isso toda a sua vida e agora achava a realidade um pouco vazia, porque junto com a fortuna veio o conhecimento de que seu

pai tinha sido um salafrário de primeira ordem e suas meias-irmãs tinham fugido com a mãe em vez de encontrá-la novamente ou aceitar sua oferta para compartilhar a sua fortuna. Que Harry estava em algum lugar bebendo profundamente até que ele tocasse o fundo e algum tipo de resgate poderia ser efetuado. Que sua família a considerava impossível. Ela poderia nunca estar pronta, foram as ultimas palavras que sua avó tinha falado antes saisses de casa. Perguntou-se se teria algum amigo em Bath. Um pretendente, talvez? Alguém que a família não consideraria elegível para ela.

— Agora há um ditado memorável — Disse ele — Deve ser uma citação de algum sábio famoso, não há bondade em dinheiro. Eu suspeito, porém, que é um Anna-ismo original. Para a maioria das pessoas o motivo não importaria. Basta que seu pai quissesse que você fosse rica finalmente.

— Espero que não tenha sido deliberado — Disse ela — Espero que ele tenha esquecido esse desejo ou tenha sido muito preguiçoso para fazer outro. Espero que ele não tenha sido deliberadamente malicioso para todos nós, para sua esposa e filhos e para mim. Eu encontrei minha família ontem. Você entende, Avery, o que isso significa para alguém que cresceu em um orfanato sem saber quem é, nem sequer certo de que o nome pelo qual é conhecida é o seu verdadeiro nome? Significa mais do que todo o ouro e jóias do mundo. E ontem eu perdi minha família, a parte dela que mais significava para mim, de qualquer maneira. Hoje eles se foram. Eles fugiram em vez de me ver novamente. Oh, eu sou

grata pelo que resta. Eu tenho uma avó, tias e um tio, primos na escola, e sua meia-irmã é minha prima também, não é? E primos de segundo grau. Todos eles são um tesouro que estava além dos meus sonhos há poucos dias, mas perversamente meu coração está muito dolorido para apreciá-los plenamente, ainda. Ontem eu aprendi que minha mãe está há muito morta e meu pai, um homem egoísta e cruel, é falecido recentemente. Ontem eu vi sua segunda esposa e seus outros filhos, meus meio-irmãos, esmagados e seu mundo destruído. Sou rica, provavelmente além da crença, mas de certa forma estou mais empobrecida do que antes, pois agora sei o que tinha e perdi.

A única palavra que mais se notava na mente de Avery era seu próprio nome, Avery. Quase ninguém fora de sua família o chamou assim. Até mesmo suas amantes o chamavam de Netherby.

Mas o resto do que ela disse fez registrar-se também, e ele parou de andar e orientou-a fora do caminho e colocou-a contra um tronco de árvore para que ela pudesse se recuperar antes de seguir em frente. Ela descobrira recentemente que era uma das mulheres mais ricas da Inglaterra e estava chateada, porque a família significava para ela mais do que a riqueza. Ela nunca tinha conhecido, família ou dinheiro, e a família significava mais. Nunca se considerou realmente o assunto quando se tinha sempre tido ambos. Qual era o mais importante?

Ele apoiou uma das mãos conta o tronco ao lado de sua cabeça e olhou em seu rosto.

— Não — disse ela — não há bondade no dinheiro, Avery, e não havia absolutamente nada dela no falecido Conde de Riverdale, meu pai.

Seu nome novamente, Avery. Era outra coisa que tinha tido contra ele desde o inicio, seu nome, que sugeria flores e pássaros bonitos e femininos. Ele não poderia ter sido Edward, Charles ou Richard, não é? Mas de alguma forma esta mulher, esta Anna, fez uma caricia do seu nome, embora não tivesse duvidas de que era, inteiramente, não intencional.

— Escrevi ontem ao meu querido amigo em Bath — disse ela — Lembrei-o de algo que nossa ex-professora gostava de dizer, que se deve ter cuidado com o que se deseja, para que o desejo não seja concedido. Todos os órfãos têm o grande sonho de descobrir exatamente o que eu descobri ontem. Disse-lhe que a Srta. Rutledge estava certa.

Ele. Avery simplesmente se deteu em perguntar o nome do homem.

Havia outras pessoas vindo pelo caminho em direção a eles. Ele puxou seu braço através do dele, de novo, e se virou para eles. Havia dois casais. Os homens inclinaram suas cabeças e tocaram a aba de seus chapéus. As senhoras fizeram meia reverência.

— Netherby — Disse Lorde Safford — Este é um belo dia para maio.

— Vossa Graça — Murmuraram as duas senhoras.

Mas todos os olhos, Avery estava plenamente consciente, estavam em cima de sua companheira, ávidos e curiosos.

— Sim, não é? — Avery concordou com um suspiro, seu monóculo em sua mão livre.

— É quente, mas não em excesso — Disse uma das senhoras — É perfeito para um passeio no parque.

— E não há vento — acrescentou a outra senhora — o que é mais incomum e muito bem-vindo.

— Muito bem — concordou Avery — Prima, posso apresentar Lorde e Lady Safford e o Sr. Marley e a Srta. James? Lady Anastasia Westcott é filha do falecido Conde de Riverdale.

— Como vão vocês? — Anna disse, olhando diretamente para cada um deles por sua vez.

Os senhores se curvaram e as damas fizeram uma reverência, para ela, não para Avery desta vez.

— Este é um grande prazer, Lady Anastasia — disse Marley enquanto os olhos de Srta. James se moviam sobre ela da cabeça aos pés — espero que vejamos mais de você durante a temporada.

— Obrigada — disse ela — ainda não tenho planos firmes.

Avery levantou seu monóculo parcialmente para o olho, e os dois casais tomaram a dica e se afastaram depois de algumas despedidas murmuradas.

— Você percebe Anna, eu espero — disse Avery enquanto retomava seu próprio passeio ao longo do caminho na direção oposta — que você acabou de fazer o dia deles.

— Eu fiz? — Ela disse — Por que eu sou tão deselegante? Por que sou impossível?

— Por essas mesmas razões — Disse ele, virando a cabeça e olhando-a preguiçosamente — Você pode continuar a ser deselegante se quiser ou permitir-se ser enfeitada em toda a última moda e elegância. E você pode permanecer impossível ou provar que a uma Dama de caráter, todas as coisas são possíveis. Você pode até mesmo, na próxima vez que você receber uma reverência, optar por reconhecer a homenagem com uma graciosa inclinação de cabeça e um olhar fresco ao longo do seu nariz.

— Que absurdo — Disse ela.

— Muito bem — Concordou ele — Mas agir assim ajuda a manter a pretensão e a impertinência a distância.

— É por isso que você faz isso, então? — Ela perguntou.

— Ah! Eu faço isso — disse ele — porque sou Netherby e esperam que eu seja arrogante. Seus parentes, Anna, irão exortá-la a se tornar Lady Anastasia Westcott, com exclusão de tudo mais. A Ton certamente irá esperá-lo de você. As quatro pessoas que acabaram de passar por nós, provavelmente, entraram em uma corrida, agora mesmo, na sua pressa para espalhar a novidade sobre o seu primeiro encontro com você. Seus ouvintes ficarão fascinados, invejosos, escandalizados e desesperados para vê-la por sim mesmos. A escolha de se você mudará e quando você mudará será sua para fazer.

— E o que você aconselharia, Avery? — Ela perguntou, ele foi encorajado a ouvir a ligeira vantagem em sua voz.

Estremeceu com deliberada teatralidade — Minha querida Anna — disse ele — se há algo que eu nunca ofereço,

nunca faço, é oferecer conselhos. O aborrecimento dele! Por que me importaria se você se transformasse em um diamante de primeira água — aquele espantoso clichê — ou permanecesse uma professora feliz e deserdada de órfãos?

— Talvez — sugeriu ela — uma professora insensata de órfãos ofendesse seu senso em consequência, já que você tem uma conexão comigo através de sua madrasta — Ela virou a cabeça para olhar para ele, e sim, estava zangada. Ela tinha um pouco da mandíbula inflexível também.

— Ah — disse ele francamente — mas eu nunca permitiria que nada ou alguém reduza meu senso por consequência.

— E nem eu — Disse ela.

Seus olhos se encontraram — Uma linha de nocaute — disse ele — Meus cumprimentos, Anna.

— Eu vou mudar — disse ela. Eles haviam parado, de novo em uma pausa, nas árvores que proporcionava uma visão através de uma extensão de grama para o Serpentina a distância — Não se pode viver de um dia para o outro sem mudar. É a natureza da vida. Pequenas escolhas são sempre necessárias, mesmo quando as grandes não aparecem. Vou mudar o que eu escolher mudar e manter o que eu escolhe manter. Vou até ouvir conselhos, uma vez que é tolo não o fazer, desde que o conselheiro tenha algo de valor a dizer. Mas eu não vou escolher entre Anna e Lady Anastasia, pois eu sou ambos. Eu apenas tenho que decidir, uma escolha de cada vez, como vou de alguma forma reconciliar os dois sem rejeitar qualquer um.

Ele sorriu lentamente para ela, e ela mordeu o lábio inferior.

— Eu acredito, Anna — ele disse — que eu possa me apaixonar por você. Seria uma experiência nova, mas então, você é uma experiência nova. Tão séria e tão... Ética. O que você escolhe então para o próximo momento? Vamos continuar? Ou devo beijá-la?

Ele disse isso para chocá-la, mas ele se chocou, pelo menos igualmente. Havia mulheres com quem ele flertava, e havia mulheres com quem ele definitivamente não o fazia. Anna cabia firmemente na segunda categoria.

Ele assistiu o choque atravessá-la e manteve um olho cauteloso em sua mão direita, supondo que ela fosse destra. As narinas dela se alargaram.

— Vamos caminhar — disse ela — se é assim que um cavalheiro e um aristocrata falam com uma Dama, Avery, então não penso muito na educação de um cavalheiro.

— Não há muitas Damas — disse ele, sua expressão e sua voz restaurada ao habitual tédio — que ficariam ofendidas com a oferta de um beijo do Duque de Netherby. Como seria humilhante sua rejeição, Anna, se eu fosse capaz de ser humilde. Vamos, como você diz, continuar no nosso caminho, então. Devemos retornar ao Westcott House em breve se não quisermos que Lady Matilda Westcott e o novo Conde de Riverdale enviem alguém em busca de você.

Olhando ao redor da borda de seu casaco, ele não podia decidir se ela estava divertida ou ainda com raiva e chocada. Ele costumava ler mulheres como um livro. Ela era um

volume fechado e trancado, e talvez fosse por isso que ele gostava dela e a achava interessante. Quem poderia resistir à atração de uma fechadura quando a chave estava escondida em algum lugar?

Eles caminharam.

Capítulo 8

Cara Srta. Ford.

No momento em que você receber esta, eu ouso dizer que você saberá porque eu fui convocada a Londres. Estou certa que Joel Cunningham terá compartilhado minha carta com você e com todos os outros. No entanto, uma coisa mudou desde que eu escrevi aquela carta, eu devo informá-la que eu não vou, afinal, voltar para Bath dentro de alguns dias.

Quem me dera voltar. Na verdade, eu desejo ir para casa. Perversamente, agora que eu descobri que sou uma dama com fortuna, quero voltar a ser quem eu era. Quero minha vida familiar de volta. Eu quero estar aí com você e todos os meus amigos. Quero ensinar minhas queridas crianças.

No entanto, tenho sido persuadida, por outros e pelo meu bom senso, da sabedoria de permanece aqui, pelo menos por algum tempo. Seria tolice fugir apenas quando eu descobri o que eu desejei toda a minha vida saber. Devo permanecer, decidir e saber exatamente quem é Lady Anastasia Westcott e qual seria sua vida se ela não tivesse sido transformada em Anna Snow aos quatro anos de idade e deixada aí no orfanato. Eu devo decidir o quanto dela posso me tornar sem perder Anna Swon no processo. Pode ser presunçoso de mim, mas eu gosto bastante de Anna Snow.

Antes de me aventurar nesta estranha viagem de descoberta, no entanto, devo renunciar a minha posição de professora. Eu faço isso com o mais profundo pesar e algo como pânico no meu coração, mas eu não posso esperar que possa incomodar a si mesma e as crianças enquanto você espera que eu decida quando eu vou voltar, se irei voltar.

Estarei escrevendo outra carta depois desta, mas parece justo dar-lhe um aviso prévio de que tentarei atrair uma de suas garotas para longe de você, e aquela que se tornou sua ajudadora. Parece que Lady Anastasia Westcott, aquela criatura mimada e indefesa, não pode vestir-se ou modelar seu próprio cabelo ou buscar água quente para seu quarto ou limpar e passar suas próprias roupas. Ela deve ter uma criada para fazer essas coisas por ela.

Me ofereceram os serviços temporários da criada do minha prima em segundo grau, que fica comigo na Casa Westcott, mas fui avisada de que uma criada de talento e experiência será escolhida por minha avó e minhas tias. Eu tremo com o próprio pensamento, e estou apenas meio brincando. Imagino alguém rígido e sem humor, que olhe desdenhosamente ao longo de seu nariz para o pobre de mim na minha melhor roupa de domingo, e eu tremendo de terror em meus melhores sapatos e muito sensata. Prefiro escolher minha própria criada e ter alguém que conheço, alguém com quem eu possa falar e rir, mesmo que ela se encontre em posição de aprender sobre a sua nova vida como eu.

Eu vou oferecer a posição a Berth Reed, já que acredito que a posição poderia lhe servir e, mais ao ponto, que a

aproximaria de seu Oliver. Oh, querida, isso faz de mim uma casamenteira? Mas o jogo já foi feito, não é? Esses dois tem sido devotados um ao outro desde a infância.

Posso privá-la de mais alguns meninos e meninas mais velhos também. Esta minha casa é grande. Na verdade, estou inclinada a chamá-la de uma mansão. Eu ainda não fui submetida ao terror de uma reunião com minha governanta, que está marcada para amanhã de manhã, mas eu entendi que estamos com falta de pessoal, como vários dos servos foram com minhas meias-irmãs e sua mãe para os avós, pela manhã antes que eu chegasse aqui. Meu palpite é que eles não vão voltar, ou irão permanecer por lá por muito tempo. Eles não gostam da nova ordem das coisas, e eu não posso dizer que os culpo. Eu vou descobrir da governanta quais servos são necessários e informá-la de que vou preencher todas as posições adequadas com candidatos da minha própria escolha. Penso em particular em John Davies, que é um rapaz alto e robusto, embora não tenha quinze anos, e ele é sempre muito arrumado, tanto em aparência como em hábitos. Eu sei que você tentou encontrar um aprendizado para ele, mas eu sei também que seu sonho é ser porteiro ou um carregador em um dos hotéis mais elegantes em Bath, alguém que usa um uniforme e parece maravilhosamente bonito (John nunca disse que é o ultimo, é claro, ele é muito modesto). Vou ver o que Lady Anastasia Westcott pode fazer por ele. Ela certamente deve ter algum poder.

Esta teve a intenção der ser uma nota muito breve, mas em vez disso eu tenho escrito ainda. Por favor, me perdoe. E

por favor, dê o meu amor a todas as crianças e assegure-lhes que eu estou sempre, sempre pensando neles. Deseje-me alegria na minha nova identidade, que não é nova, é claro, como eu sempre fui Lady Anastasia Westcott sem saber disso. Pretendo, no entanto, permanecer sempre.

Sua amiga grata,

Anna Snow.

Anna e Elizabeth terminaram a carta escrevendo quase no mesmo momento, pouco depois sorriram uma para a outra.

— Peço desculpas — disse Anna — por escrever cartas durante a primeira noite que você está aqui para me fazer companhia, mas eu queria escrever para a diretora do orfanato sem demora e para dois de meus amigos — Ela havia escrito uma carta para Joel também e uma breve nota para Bertha.

— Nenhuma desculpa é necessária — assegurou Elizabeth — eu tinha alguns dos meus próprios para escrever. Você deve sentir muita falta de seus amigos.

Ela não devia voltar para o Hotel Pulteney, Anna tinha se inteirado em seu retorno da caminhada com o Duque de Netherby. Todos saíram da casa, exceto a Duquesa, tia Louise e Lady Overfield, prima Elizabeth. Seus pertences já haviam sido trazidos do hotel, e Elizabeth estava no caminho. Amanhã Anna encontraria as Sra. Eddy, sua governanta, antes da chegada do cabelereiro e do modista. Sua tia providenciara os compromissos.

— Não deve temer que seja impossível ser boa o suficiente, Anastasia — assegurou a Anna — Você tem uma cara e uma figura que podem ser feitas apresentáveis o suficiente com um pouco de trabalho. Foi decidido, enquanto você se foi, que será melhor se você não usar o luto por seu pai. Não seria a sua vantagem estar usando preto quando você for introduzida à sociedade. Com a ajuda de alguns tutores você vai aprender o suficiente do essencial de comportamento educado para não desgraçar a si mesma ou sua família. E todos, exceto os mais altos perseguidores serão tolerantes para qualquer pequeno deslize. Na verdade haverá alguns que estarão encantados por eles.

Nesse ponto, Anna olhou para o Duque, que tinha ficado para acompanhar a madrasta para casa, mas ele simplesmente parecia entediado. Assim como se ele não tivesse tentado chocá-la antes, dizendo que ele poderia muito bem se apaixonar por ela. Assim como se ele não tivesse optado em seguida dar-lhe uma escolha — Vamos continuar? Ou devo te beijar?

O homem que lhe deu estremecimento. Não, para ser honesta, seria mais exato dizer que ele lhe causou arrepios, apesar de todas as afetações dele, todas as coisas estranhas que ele disse, todo o esplendor brilhante de sua pessoa, ela tinha sido quase sufocada o tempo todo que eles tinham estado no parque pela aura de poder e pura masculinidade que ele parecia exalar. Ter que tomar seu braço, ela nunca tinha tomado o braço de ninguém antes, nem mesmo o de

Joel, e andar perto ao seu lado tinha sido um dos mais severos julgamentos de sua vida.

E o pior, oh, o pior momento daquela caminhada tinha chegado quando ele lhe dera a escolha de ser beijada ou andar, e seu corpo reagiu de forma completamente independente de sua mente. Ela nunca tinha chegado tão perto de perder o controle sobre as necessidades femininas, que ela tinha sido consciente, desde que tinha quatorze ou quinze anos, mas tinha firmemente sufocado. Ela se perguntou durante aquele olhar para ele, quando estava de volta á casa, o que teria acontecido se ela tivesse escolhido o beijo. Ele não ficaria chocado! No entanto, estava bastante segura de que ele a teria beijado... e seus joelhos se sentiam trêmulos ao pensar nisso.

— Todos voltaremos aqui amanhã — disse sua tia — enquanto isso, você terá Elizabeth para conversar e conversar. Ouça-a, Anastasia. Você pode aprender muito com ela.

Mas em vez de passar a noite conversando, Anna se desculpou por escrever cartas, e Elizabeth escreveu algumas das suas.

Você deve sentir falta de seus amigos, Elizabeth acabara de dizer.

— Eu espero — disse Anna — Ter uma nova amiga em você. — Elizabeth explicou que era viúva e morava com sua mãe e irmão, o Primo Alexander, o novo Conde de Riverdale.

— Oh, você vai — assegurou Elizabeth — pobre Anastasia. Quão desconcertante tudo isso deve ser para você.

Mesmo seu nome mudou. Você preferia que eu lhe chamasse de Anna?

— Por favor — disse Anna — eu sei que sou Anastasia, mas não me sinto como ela. Entende? Eu até que penso nela e falo dela na terceira pessoa.

Ambas riram. Era certamente a primeira vez que ela ria desde deixar Bath, pensou Anna.

— Então, talvez — disse Elizabeth — você pudesse me chamar de Lizzie, como fazem meus familiares e amigos.

— Eu vou — Anna sorriu para ela.

— Meus primos — sua avó e suas tias, podem ser um pouco arrogantes — disse Elizabeth — Eu não acredito que você se permita ser dominada, eu sinto que você é de caráter firme, mas eles tentarão muito mudar tudo sobre você até que eles a transformem na pessoa que eles acreditam que Lady Anastasia Westcott deveria ser. Vá com eles, se puder, Anna. Eles querem seu bem, e você deve se lembrar que você é tão nova para eles como eles são para você. Até ontem eles não tinham ideia de que você ainda existia. Acredito que sua avó em particular está determinada a te amar.

Anna observou Elizabeth atravessar a sala — Oh, Lizzie — ela disse — você não tem ideia do que é ter uma avó e outros parentes.

— Perdoe-me por tomar liberdades em sua casa — Elizabeth disse, puxando a corda do sino ao lado da lareira — mas acho que estamos ambas prontas para uma xicara de chá e um jantar leve.

— Esta é sua casa também — disse Anna — Você deixou sua mãe e seu irmão para vir e ficar aqui comigo por um tempo. Estou muito agradecida. Eu odiaria ficar sozinha.

— Alex realmente sente por você — Elizabeth disse a ela — Ele também foi empurrado para um papel desconhecido que ele não esperava e nunca cobiçou. Mas ele sempre teve um forte senso de dever. Ele assumirá as responsabilidades do condado junto com o titulo. Pobre Alex. A carga será pesada.

Anna se perguntava de que maneira seria pesado — Você está insinuando que eu também deveria assumir o peso do meu dever? — Ela perguntou.

Mas Elizabeth apenas riu — Oh, Deus, não — Ela disse — Eu vim aqui para lhe oferecer companhia e mesmo o carinho de prima, Anna. Vou ajudá-la em todo o possível para se sentir mais confortável em sua nova identidade. Eu vou mesmo oferecer opiniões quando você solicitá-las. Mas eu não vou pregar em você. Isso não é o que os amigos fazem.

— Obrigada — disse Anna.

Mas o chá e a bandeja chegaram naquele momento juntamente com pratos de finas fatias de pão com manteiga e queijo e bolo de groselha.

— Imagino — disse Anna enquanto comiam — se o Duque de Netherby já encontrou meu irmão.

— Se ele já não o tiver — Elizabeth disse — ele certamente vai, e ele vai cuidar dele. Eu sei que Avery gosta de dar a impressão de que ele é o ultimo no dandismo afetado e indolente. Alex toma a aparência externa para a realidade e

considera-o irresponsável e desaprova calorosamente a ele. Mas há algo sobre Avery, acredito que seja em seus olhos, que me faria voltar para ele com a maior confiança se eu alguma vez me achasse em dificuldade e Alex não estivesse à mão. Ele tem mantido Harry nas rédeas mais frouxas, já ouvi, mas mesmo assim as rédeas estão lá.

— Espero que tenha razão — disse Anna — Eu não posso esquecer que quando aquele jovem soube que eu era sua irmã, ele parecia satisfeito e ansioso para me conhecer.

— Você foi informada o que aconteceu entre Camille e seu noivo ontem à tarde? Elizabeth perguntou.

— Não — Anna colocou seu copo em seu pires.

— Eles estavam noivos na época do natal — disse Elizabeth — mas a morte do velho conde os obrigou a adiar o casamento desta primavera até o próximo ano. Deveria visitá-la ontem á tarde, e ela esperava muito que, com a decisão de deixar o luto, ficaria feliz em definir o casamento para este ano, afinal. Mas quando ele veio e descobriu o que tinha acontecido em Archer House durante a manhã, ele saiu com, o que devia ter parecido, uma indecente pressa antes que quaisquer planos poderiam ser feitos. Uma hora mais tarde, a pobre Camille recebeu uma carta dele, sugerindo mandar um aviso aos jornais anunciando o fim do noivado, uma vez que poderia ser considerado impiedoso se ele mesmo o fizesse.

— Oh, Lizzie — Anna colocou seu copo e pires e olhou para Elizabeth com horror.

— Camille mandou o aviso — Disse Elizabeth — Acho que aparecerá nos jornais amanhã de manhã.

— Mas por que? — Os olhos de Anna se arregalaram.

— Talvez — disse Elizabeth — porque parecerá menos humilhante acreditar que foi ela quem cortou a conexão.

— É assim que os cavalheiros se comportam? — Perguntou Anna — Este é o mundo em que se espera que eu aprenda a viver?

— Pelo menos dê credito ao homem por não ofender publicamente sua noiva — disse Elizabeth, mas antes que Anna pudesse expressar sua indignação, levantou uma mão — Mas eu ainda acho que ele deve ser fervido em óleo, pelo menos.

Anna se recostou na cadeira — Pobre, pobre Camille — disse ela — Ela é minha irmã, Lizzie. Eu me ofereci para compartilhar tudo, mas meu irmão fugiu e minhas irmãs fugiram para o campo com a mãe.

— Dê-lhes tempo — disse Elizabeth — E se dê tempo, Anna. Eu poderia ter escolhido um momento melhor para dizer a você, do que a hora de dormir, não poderia? Sinto muito. Mas agora é tarde demais para eu decidir que teria feito uma melhor conversa com o café da manhã.

Anna suspirou quando ambas se levantaram. Cinco minutos mais tarde, ela estava sozinha em seu vasto quarto, tendo recusado a oferta dos serviços da criada de Elizabeth. Ela e seu pequena mala tinham este quarto, bem como um quarto de vestir maior do que seu quarto em Bath e uma sala de estar privada aonde se movimentar. E, ao contrario dos quartos de hotel, estes pertenciam a ela, assim como toda a casa.

Mas havia um vazio interior que era mais vasto do que todo o seu corpo. Ansiava de repente pela amável solidez de Joel. Se ele estivesse aqui, agora, e se oferecesse em casamento novamente, ela aceitaria antes que a proposta estivesse totalmente fora de sua boca. Talvez fosse melhor que ele não estivesse aqui. Pobre Joel. Ele merecia algo melhor.

— Creio, Anna, que posso me apaixonar por você.

Como seria se apaixonar?

Como seria beijar?

E, oh, querida, como seria ser Lady Anastasia Westcott?

Era tarde demais para voltar, simplesmente para esquecer os acontecimentos dos últimos dias? Suas cartas ainda não haviam sido enviadas. Mas sim, era muito tarde. Sua partida agora não resolveria nada para seu irmão e irmãs e a mãe deles. Eles não podiam simplesmente esquecer os últimos dias e voltar para suas vidas da maneira que tinham sido.

Ela adormeceu muito tempo depois se perguntando o que havia acontecido com o Reverendo e com a Sra. Snow, seus avós maternos.



Avery descobriu que ele tinha calculado mal. Não acontecia com frequência. Mas, então, ele não era frequentemente chamado a lidar com jovens condes que

tinham acabado de perder título e a fortuna e descobriram que eram bastardos sem dinheiro.

Ele não encontrou Harry em nenhum dos lugares esperados durante a tarde ou a noite, embora passasse horas cansativas vagando, olhando e fazendo varias perguntas sobre os companheiros dos tempos de garotos do jovem. Os ex-condes destituídos logo perderam seu apelo, ao que parecia. Tudo era suficiente para fazer perder a fé na humanidade, se alguém tivesse abrigado alguma vez.

Contudo, ele encontrou Uxbury, o Visconde Uxbury, o ex-prometido da estimada Camille, quando ele fez uma pausa de sua busca para passar no White`s. Uxbury o fitou enquanto passava pela sala de leitura, que estava deserta naquela hora da noite.

O Visconde era alguém a ser evitado no melhor dos casos. Sempre tinha parecido para Avery que, se alguém o pegasse e o sacudisse vigorosamente, logo encontrar-se-ia engolido em pó, cego e sufocado por ele. O que Camille viu nele, apesar de ela ter sido um pouco amarga e empertigada, Avery nunca tenha entendido, embora, como ele não precisava entender, ele estava contente com a ignorância. Por esta noite, no entanto, ele se ressentiu ainda mais do que o habitual sendo arrastado de lado por este cavalheiro em particular. O noivado estava cancelado, ele tinha ouvido de sua madrasta, a razão de Camille ter deixado Londres com Abigail e sua mãe. Avery não sabia quem tinha terminado o noivado ou exatamente porquê. Ele realmente não precisava ou particularmente desejava saber.

— Ah, Netherby, meu velho — disse Uxbury — Veio para celebrar sua liberdade de uma responsabilidade irritante, não é?

— Velho amigo? — Avery levantou as sobrancelhas — Responsabilidade?

— O jovem Harold — explicou Uxbury — O bastardo — Ele disse a palavra não como um insulto, mas como um descritor.

— Uma palavra de advertência — disse Avery, tomando seu monóculo — Meu protegido não gosta de ser chamado assim e não terá escrúpulo em dizer isso. Ele afirma que isso o faz sentir como um rei Saxão esperando uma seta através do olho. Ele prefere Harry.

— O que ele é — disse Uxbury — é um bastardo. Eu tive próximo a uma fuga, Netherby. Você vai querer me felicitar por isso, eu diria. Se o falecido Riverdale tivesse morrido seis messes mais tarde do que fez, eu teria me achado preso ao seu golpe antes de descobrir a verdade. Só se pode tremer ao pensar. Embora você tivesse escapado completamente tendo que lidar com uma juventude selvagem e petulante.

— E assim eu faria — disse Avery, deixando cair o monóculo na fita. Ele estava cansado dessa conversa.

Ele tocou Uxbury atrás dos joelhos com um pé e cutucou as pontas dos dedos rígidos de uma mão contra um ponto logo abaixo das costelas do homem que roubariam seu fôlego por uns minutos ou dez provavelmente. Observou Uxbury cair, derrubando uma mesa e um decantador de cristal pesado com ele, e causando um choque espetacular o

bastante para fazer cavalheiros e garçons e outras pessoas correr ou, pelo menos, apressarem-se de todas as direções. Ele observou Uxbury alcançar um grito e não encontrá-lo, ou seu próximo fôlego.

— Meu Deus — disse alguém em particular — O homem deve ter bebido muito. Alguém deveria soltar-lhe a gravata.

Ele se afastou depois de alguns momentos, quando parecia que havia ajuda o suficiente para reviver um regimento inteiro de desmaio. Era, ele decidiu enquanto deixava o clube para retomar sua busca, Camille que tinha tido escapado, ontem, não seu outrora noivo.

Mesmo os jovens que ainda podiam ser contados como amigos de Harry eram incapazes de apontar Avery na direção certa. Disseram-lhe várias vezes que Harry tinha ido para um inferno de jogos, um bordel, uma taberna, uma festa de teatros pós-performance, os quartos de outros colegas e para casa. Deveria ser descoberto em algum desses lugares. O garoto era geralmente bastante previsível. Encontrar-lhe era, geralmente, não mais árduo do que seguir uma trilha resplandecente, seria. Mas desta vez ele parecia ter sumido do mapa, e Avery estava começando a se perguntar se talvez ele teria escapado para se juntar a família em Hampshire.

Foi Edwin Goddard, seu secretário, que finalmente descobriu o rapaz na manhã seguinte, não mais de que uma hora depois de Avery ter solicitado sua ajuda. Deus abençoasse o homem, ele valia seu peso em ouro.

Harry, bêbado e de olhos avermelhados, desgrenhado, com roupas manchadas e até mesmo rasgadas, fedorento

depois de dois dias sem qualquer encontro com água ou sabão, lâmina de barbear, ou pó para os dentes, ou uma mudança de camisa, encontrou ou foi encontrado por um sargento recrutador e “tinha tomado o Xelim do Rei”[5] em troca de sua assinatura por um lugar em algum regimento sem prestígio, como um soldado secreto. No momento em que Avery chegou com o grupo — consistia de alguns outros recrutas maltrapilhos, bem como Harry e o sargento — seu tutelado estava pálido, triste, teimoso e, óbvio, possuidor de uma dor de cabeça gigante.

O Duque de Netherby, que se banhara e trocava de roupa desde a noite anterior, olhava para o repugnante grupo de heróis militares por meio de seu monóculo . Ele escolhera deliberadamente uma joia para que cintilasse ao sol, enquanto o repugnante amontoado se encolhia e Harry parecia verde e desafiador.

— Harry — Sua Graça disse com um suspiro — chegou a hora de ir para casa, meu rapaz.

O sargento se adiantou um passo para perto de Sua Graça.

— Espere, espere! O rapaz foi recrutado, menino bonito, e pertence ao rei, e não há nada que você possa fazer para mudar isso.

Rapaz bonito? Ele se sentiu, um pouco, como que o primeiro ano na escola mais uma vez.

O homem era pelo menos oito centímetros mais alto que Avery e pelo menos duas vezes o seu peso, mais

[5] A expressão "pegar o xelin do rei" significava se inscrever para se juntar ao exército.

provavelmente três. Sua cabeça tinha sido raspada, e cada centímetro de seu corpo, que era visível, estava marcado para mostrar o grande boxeador que ele era.

Avery olhou através do monóculo. Não era uma visão atraente, especialmente quando ampliada, mas era impressionante, e poderia muito bem acabar com todo um batalhão de soldados franceses, para não mencionar um menino bonito. O sargento parecia inquieto sob o escrutínio, mas, para seu crédito, ele não recuou nenhuma polegada.

— Muito bem — disse Avery com um longo suspiro — Vou ver a assinatura do meu protegido, meu homem.

— Eu não sou seu homem, e não tenho que ... — começou o sargento.

— Ah, mas você vai — o Duque de Netherby informou, soando entediado.

O papel de recrutamento foi feito.

— Como eu pensei — disse Avery depois de tomar seu tempo observando através de seu monóculo — essa é de fato a assinatura de meu protegido, mas é tão instável, para todo o mundo como se tivesse sido forçado a escrevê-la.

— Espere — disse o sargento, franzindo o cenho ferozmente — Eu não gosto do seu tom e eu não gosto do que você esta insinuando.

— Eu presumo — disse Avery — que um dos xelins do rei está, neste momento, aninhado em um dos bolsos do meu protegido?

— A menos que ele comeu — disse o sargento.

O amontoado nojento riu.

— Harry — Sua Graça de Netherby se aproximou do garoto, uma mão estendida. Os outros recrutas observavam novamente. Uma pequena, mas sempre crescente multidão, estava se reunindo em um círculo sobre eles — Se você fizer o favor.

— Dê isso para ele, Harry — gritou alguém na multidão — e deixe o figurão tomar conta de você. Os Sapos[6] comeriam você no chá deles.

Hahia um engraçadinho na multidão.

Harry encontrou o xilem maltratado e o entregou.

— Eu assinei, Avery — disse ele — Eu vou ser um soldado. É tudo o que posso ser. É o que eu quero fazer ".

Avery entregou o xelim ao sargento.

— Você pode levar isso de volta — disse ele — e você pode destruir esse papel. Não vale a pena. Não iria parar no tribunal.

Um elemento da multidão aclamava enquanto outro vaiava.

— Não quero que seja rasgado — ressaltou o sargento — como você está dizendo. Retire-se, o garoto pertence ao rei agora e eu sou o desejo do rei. Retire-se antes que eu o estoure e faça você chorar e molhar a você mesmo ".

Aplausos selvagens da multidão, cada vez maior. Era um desafio que valia a pena aceitar, mas era preciso não se entregar à tentação de se mostrar. Avery suspirou e baixou o monóculo.

[6] Como eram chamados os Franceses.

— Mas você vê — disse ele — o menino é meu tutelado. Sua assinatura, e o que ele acredita ser seus desejos, não significam nada sem minha permissão. Minha permissão não é concedida.

— E você pode estar me conduzindo? — Perguntou o sargento.

— Ele é o duque de Netherby — Harry disse com tristeza.

Em vez de rastejar imediatamente, o sargento resmungou, e Avery o olhou com aprovação.

— E eu suponho que você tenha a orelha do rei sempre que quiser — disse o homem amargamente — e todas os orelhas dos outros nobres, vocês não devem viver pelas leis da terra como todo o resto de nós, sal da terra, simples humanos.

— Parece bastante injusto — concordou Avery.

— E seria inútil, de qualquer forma — disse o sargento, virando a cabeça para cuspir na sujeira, apenas perdeu a bota esquerda do mais próximo dos espectadores — Apenas olhe para ele. Os melhores soldados são a escória da terra, como o resto deles. Vou chicoteá-los para deixá-los em forma, que Senhor tenha misericórdia deles.

A escória da terra voltou a olhar para ele. Um deles então olhou para Avery, favorecendo-o com a visão de um bocado de dentes podres.

— Leve-o — disse o sargento, rasgando o papel de recrutamento ao meio e, novamente, cruzando antes de largar os pedaços e colocar uma bota gigante sobre elas — E boa

liberdade. Deixe-o beber até a morte. Ele está indo bem, já está no caminho.

— Eu não quero sair — disse Harry com força.

— É claro que não — disse Avery calmamente, olhando uma vez para o menino, através do monóculo, antes de se afastar — Mas não há nada para você aqui, Harry — Com exceção de uma boa dose de piolhos, pulgas e outros vermes da companhia em que ele se encontrava.

Avery perambulou sem olhar para trás, e depois de um ou dois minutos, Harry caiu no chão ao lado dele.

— Maldito seja, Avery — ele disse — eu quero ser um soldado.

— Então, um soldado você será — disse Avery — Se você ainda manter a mesma ideia depois de um bom banho e um bom sono e um bom café da manhã. Mas talvez como um oficial, Harry? Você é o filho de um conde, afinal, mesmo que, sem culpa sua ou da sua mãe, você tenha nascido no lado errado da manta.

— Não posso pagar uma comissão — grunhiu Harry.

— Provavelmente não — disse Avery. Não era hora de lembrar ao menino que sua nova meia-irmã havia oferecido dividir sua fortuna com seus irmãos — Mas eu posso, você vê. E eu vou, já que você é o sobrinho da minha madrasta e o primo da Jessica e meu tutelado. Se você ainda quiser depois de acordar sóbrio, é claro.

A vida tinha se tornado incrivelmente cansativa, ele pensou enquanto tentava não cheirar Harry. E decididamente estranha. Ele realmente disse a Lady Anastasia Westcott,

alias Anna Snow, ontem à tarde que ele poderia se apaixonar por ela? Se ele fosse listar os cento e um tipos de mulheres com maior probabilidade de atraí-lo, em ordem decrescente, ela seria o número cento e um.

E ele lhe ofereceu a escolha de caminhar ou ser beijado?

Ele não tinha o hábito de beijar donzelas solteiras, e ele não tinha dúvidas de que ela era ambos.

Capítulo 9

Anna acordou na manhã seguinte sentindo-se exausta. Os últimos dias haviam estado tão longe de qualquer uma de suas experiências passadas que ela não poderia encontrar nenhum lugar aonde descansar sua alma. Até a cama dela, muito confortável, com travesseiros profundos e suaves e mantas macias e quentes, parecia muito vasta e luxuosa demais. Ela jogou para trás as mantas, balançou as pernas sobre o lado da cama, levantou-se e se espreguiçou. E não havia fim de tanta estranheza. No dia anterior ela tinha tomado a decisão de ficar, pelo menos por um tempo. Escrevera a Srta. Ford para renunciar a sua posição de professora e a Bertha Reed convidando-a a vir e ser sua criada pessoal. Inclusive tinha incluído dinheiro para a diligência, com o que o Sr. Brumford lhe dera, até que algum arranjo mais regular pudesse ser feito.

Ela entrou no seu quarto de vestir e escolheu um de seus vestidos de dia, ela não poderia usar seu vestido de domingo pelo terceiro dia seguido. Alguém tinha estado em seu quarto de vestir recentemente. Havia água no jarro do lavatório, e ainda estava quente. Ela derramou um pouco na tigela, tirou sua camisola e se lavou toda antes de se vestir e escovar o cabelo torcendo-o, como fazia usualmente, em um nó na parte de trás de seu pescoço. Ela respirou fundo

algumas vezes e saiu do quarto. Ela voltaria mais tarde para fazer a sua cama.

Um criado que estava no corredor parecia um pouco assustado ao vê-la, mas inclinou-se e levou-a para o que ele descreveu como a sala de café da manhã, que era menor do que a sala de jantar, onde ela e Elizabeth tinham comido na noite passada. Ele tirou uma cadeira da mesa e empurrou-a de volta enquanto ela se sentava. Ele ia informar o Sr. Lifford, disse-lhe, que a senhora estava pronta para o café da manhã.

Seu café da manhã chegou dez minutos mais tarde com um pedido de desculpa do mordomo por ter mantido sua senhora esperando. Anna tinha acabado de comer e bebido duas xicaras de café, um luxo raro, antes que Elizabeth se juntasse a ela.

— Minha criada veio me informar que você já estava de pé e no café da manhã — ela disse, colocando uma mão leve sobre o ombro de Anna e se inclinando para beijá-la na bochecha — e Deus, ela estava certa. Eu sou a que geralmente é acusada de ser uma madrugadora.

— Mas fiquei alarmada com o quanto estava tarde — disse Anna sentindo-se aquecida pelo gesto casual de afeto.

— Benevolente! — Elizabeth disse, e ambas riram.

Mas o tempo para relaxar logo chegou ao fim. Havia o temido encontro com a governanta para enfrentar logo após o café da manhã, embora não fosse tão intimidador quanto Anna esperava, talvez porque Elizabeth permanecesse com ela. A Sra. Eddy deu-lhes um passeio pela casa, e Anna ficou admirada, quase sem palavras, pela vastidão e esplendor de

tudo. Ela falou, no entanto, quando viu o grande retrato sobre a lareira na biblioteca e a governanta casualmente nomeou a pessoa como o falecido Conde de Riverdale. *"O pai dela?"* — Anna se aproximou.

— É uma boa semelhança? — Ela perguntou. Seu coração batia com força.

— Sim, milady — disse a Sra. Eddy.

Anna olhou para ele por um longo tempo. Camisa com colarinho alto e engomado e uma gravata com um nó elaborado emolduravam um carnudo, bonito e arrogante rosto, coroado com e cabelos curtos, escuros e artificialmente desgranhados. Ele tinha sido pintado apenas da cintura para cima, mas ele parecia corpulento. Anna não podia ver nada de si mesma nele, nem podia sentir nada em si mesma. Um estranho a olhou de volta da tela, e ela se viu tremendo e desejando ter trazido seu xale com ela.

O passeio terminou na escada da cozinha, onde o cozinheiro sinalizou duas criadas e um criado para prestarem atenção quando os apresentou a milady. Anna sorriu e teve algumas palavras com todos eles. Então ela se lembrou de como alguns dos diretores do orfanato costumavam fazer uma visita a casa e acenava com benevolente condescendência para os órfãos e funcionários, mas nunca falou uma palavra a ninguém, exceto a Srta. Ford. Talvez, ela pensou, ela já estava cometendo um grave erro. Mas, talvez ela continuasse cometendo-os. Ela não podia imaginar-se mesmo na personalidade de Lady Anastasia Westcott, ignorando servos como se eles não existissem.

Ela mostraria a Lady os armários de linho, os armários de prata, de porcelana e de cristal outra vez, a Sra. Eddy sugeriu, enquanto subiam as escadas da cozinha e os livros de contas, é claro. A Lady teria notado uma ligeira escassez de pessoal, embora isso não afetaria o funcionamento da casa, até que os criados que tinham saído pudessem ser substituídos pela agência de onde eles sempre atraiam pessoal novo conforme necessário.

— Se me fornecer uma lista dos criados necessários, Sra. Eddy — disse Anna — vou ver se consigo substituir alguns deles. Tenho amigos que estão se aproximando rapidamente da idade adulta e ficariam encantados por receber treinamento e emprego em uma grande casa em Londres.

— Amigos, milady? — perguntou a Sra. Eddy francamente.

Oh, querida, outro erro — Sim. — Anna sorriu para ela — Amigos.

E foi quando seu dia ficou realmente ocupado. Chegara a Duquesa, tia Louise e, em seus calcanhares chegara Monsieur Henri, um cabelereiro com as mãos agitadas e um sotaque francês tão falso quanto seu nome, se a suposição de Anna estivesse correta. Mas sua tia descreveu-o como o estilista mais elegante de Londres, e Anna só podia confiar em seu julgamento. Logo ela se viu sentada no meio daquilo que fora descrito como a sala de costura, durante sua visita a casa, uma câmara quadrada na parte de trás do mesmo andar do salão, com vista para o longo jardim da parte traseira da casa. Estava coberta por um lençol grande e

pesado, e de seus cabelos tinham sido retiradas as forquilhas e escovados. Elizabeth sentou-se junto a janela, a tia Louise estava de pé na frente de Anna, embora longe o suficiente para não interferir com Monsieur Henri, que estava flutuando sobre ela, um pente em uma mão, enquanto o outros fazia figuras artísticas no ar com sua cabeça inclinada primeiro para um lado e, em seguida, para o outro.

— Um estilo curto para atender as características requintadas de milady, não é isso? — Ele disse — Com cachos e ondas para dar elegância e beleza.

— O cabelo curto é todo o estrondo — tia Louise concordou — E esse cabelo é pesado e completamente sem vida como está.

— Meu cabelo é liso — Anna apontou — seria preciso muito tempo e esforço para cachear uma onda nele.

— E é precisamente para isso que servem as tenazes e as criadas — disse a tia — e uma Lady sempre tem tempo para gastar com a sua aparência.

Bertha gostava de se preocupar com as garotas mais novas do orfanato, trançando os cabelos e organizando as tranças de maneiras diferentes para dar as meninas alguma individualidade. Mas ... criando cachos em cabelos curtos e lisos? Manhã, tarde e noite? Certamente os cachos não iriam segurar o dia todo. E quanto tempo levaria cada vez? Anna estaria passando metade de sua vida sentada em uma cadeira em seu quarto de vestir.

— Não — disse ela — não corte curto. Gostaria de cortar um pouco do comprimento, monsieur, se você quiser, e parte

do volume deve ser tirado dele, se isso for possível. Mas deve permanecer o longo o suficiente para ser usado como eu estou acostumada a usá-lo.

— Anastasia — disse a tia — você realmente deve se permitir ser aconselhada. Creio que monsieur Henri e eu sabemos muito melhor do que você o que está na moda e o que é mais provável te favorecer aos olhos da Ton.

— Não tenho absolutamente nenhuma dúvida de que você esta correta, tia — disse Anna — eu certamente aprecio o conselho e sempre vou dar consideração a ele. Mas eu preferia ter o cabelo comprido. A Lizzie tem o cabelo longo. Certamente ela é uma Dama elegante.

— Elizabeth é uma viúva, mais madura — disse a sua tia — você Anastasia, estará fazendo uma estreia muito tardia na sociedade. Devemos enfatizar sua juventude o melhor que pudermos.

— Tenho vinte e cinco anos — disse Anna com um sorriso — Não é tão velho ou muito jovem. É o que é e o que eu sou.

A Duquesa olhou para ela com exasperação e o estilista com triste resignação, mas ele começou a cortar vários centímetros de seu cabelo e dilui-lo até que ela pudesse sentir a leveza dele e vê-lo balançar sobre seu rosto de uma maneira que dava vida e até mesmo algum brilho extra para ele. Quando tinha sido enrolado novamente na parte de trás da cabeça, um pouco mais alto do que o seu habitual, para cima de seu pescoço, parecia mais bonita do que Anna se lembrou de algum dia ter sido.

— Oh Anna — Elizabeth disse, oferecendo uma opinião pela primeira vez — está perfeito. Parece chique e elegante para o uso diurno, ainda deixa espaço para ser provocado e estilizado para ocasiões de noite mais formal.

— Obrigado, senhor — disse Anna — Você é muito habilidoso.

— Isso ele é — disse a tia.

No entanto, não foi o fim das provações de Anna. Sua avó e outras tias chegaram logo após o almoço e apenas pouco antes de Madame Lavalle e dois assistentes se instalaram na sala de costura com muitos rolos de tecidos e acessórios para montar uma loja e pilhas de fitas e brocados para cada tipo de traje sob o sol. A modista tinha sido encarregada de vestir Lady Anastasia Westcott de uma maneira que seria digno de sua temporada e permitir-lhe se misturar com a Ton como igual a todos e superior da maioria.

Anna estava exausta no final. Não só ela tinha que ser medida, apertada, cutucada e empurrada, ela também tinha sido forçada a olhar através de infinitas pilhas de esboços de vestidos de manhã, vestidos de tarde, vestidos de passeios, vestidos de viagem, vestidos de teatro, vestidos de jantar, vestidos de baile, e inúmeras outras peças de vestuário, todos elas no plural, por um ou até dois de cada. Ela ia acabar com mais roupas do que todas as que tinha possuído juntas, concluiu Anna.

Ainda mais esmagador, talvez, era o fato de que, aparentemente, ela podia pagar tudo sem dar sequer uma

ligeira dentada em sua fortuna. Suas tias haviam lhe dado olhares idênticos e incrédulos quando ela fizera a pergunta.

Ela tinha lutado várias batalhas antes que todos se retirassem para o salão de chá. Algumas tinha perdido, o número e o tipo de vestido que eram os fundamentos essenciais, por exemplo. Algumas ela tinha ganhado simplesmente por ser teimosa, de acordo com tia Mildred, e obstinada, de acordo com tia Matilda. Babados esvoaçantes, e sucessões de cordões e arcos de renda tinham sido firmemente vetados apesar da vigorosa oposição das tias. Tinha assim decotes baixos e mangas pequenas inchadas. Ela seria Lady Anastasia, decidiu Anna, mas ela também deveria permanecer Anna Snow. Ela não se perderia, por mais feroz que a Ton pudesse franzir o cenho. E franziria o cenho, tia Matilda a advertira.

Ah, e lá estava seu vestido de apresentação a corte, sobre o qual ela quase não tinha controle algum, já que era a própria rainha que ditava como as Damas deviam se vestir quando lhe eram apresentadas, e Lady Anastasia Westcott deveria ser apresentada, ao que parecia. Sua majestade esperava que as Damas se vestissem na mesma moda de uma era passada. A mente de Anna ainda não tinha começado a lidar com esse evento futuro, ainda.

O Conde de Riverdale chegou com sua mãe logo depois que se estabeleceram na sala de estar. O Conde, primo Alexander, comentou o quão bonito o cabelo de Anna parecia, depois de curvar-se diante de todas damas e antes de sentar-se ao lado de sua irmã e inclinar a cabeça para falar com ela.

Anna se perguntou se ela estava corando e esperava que não estivesse. Ela não estava acostumada a ser elogiada em qualquer aspecto de sua aparência, especialmente por um cavalheiro elegante. Ele estava olhando para Elizabeth com uma expressão amolecida, quase um sorriso, e Anna sentiu uma pontada de inveja pela obvia proximidade de irmão e irmã. Onde estava seu próprio irmão?

Sua mãe, a prima Athea, sentou-se ao lado de Anna, deu-lhe um tapinha na mão, concordou que os cabelos pareciam mais bonitos do que estavam e perguntou como ela estava. Mas não havia muita chance de conversar.

A tia Matilda conhecia uma mulher de execelente educação e de recursos escassos que estaria muito feliz em ter um emprego distinto por uma semana ou mais, treinando Anastasia sobre o tema dos títulos, da precedência, dos costumes da corte, dos pontos, fatos e etiqueta em que sua educação pareceu tristemente, senão totalmente, deficiente.

A avó de Anna expressou dúvidas sobre se Elizabeth era boa acompanhante para Anastasia em uma casa tão grande e sugeriu novamente que tia Matilda se instalasse com elas. Mas antes que Anna pudesse sentir muita consternação, a prima Athea falou.

— Eu me mudaria para cá, Eugenia — disse ela dirigindo-se á viúva enquanto acariciava a mão de Anna — se eu sentisse que a presença de minha filha não dava suficiente apoio a Anastasia. No entanto, estou convencida que sim.

— Lizzie é a respeitável viúva de um baronete e irmã de um conde — disse o primo Alexander.

Não foi dito mais sobre o assunto. Anna suspeitou que sua avó teria ficado feliz por se livrar da excessivamente polêmica Tia Matilda, por um tempo.

Tia Mildred sabia de um professor de dança contratado por seus queridos amigos para ajudar sua filha mais velha a melhorar suas habilidades de dança antes de seu baile.

— Você valsa, Anastasia? — ela perguntou.

— Não, tia — disse-lhe Anna. Ela supôs que fosse uma dança. Ela nunca tinha ouvido falar.

Tia Louise estalou a língua — Envolva-o, Mildred — disse ela — Oh, há muito o que fazer.

Foi quase um alivio quando o Duque de Netherby entrou na sala após o anúncio do mordomo.

Havia, no mínimo, uma dúzia de maneiras agradáveis em que ele poderia passar uma tarde, pensou Avery. Perambular por sua própria casa a espera que seu protegido bêbado despertasse não estava entre elas, embora fosse o que ele estava fazendo. E trotar em torno de South Audley Street para escoltar sua madrasta a casa, não era uma também. Casualmente gostava da Duquesa, mas não havia se envolvido muito na sua vida. Nem ela na dele. Muito raramente a escoltava a qualquer lugar. Nem, para ser justo, ela o esperava. E se ele fosse lá para buscá-la em casa, sem duvidas se encontraria de joelhos em Westcotts, rodeado de

costureiras e cabelereiros franceses, não eram todos franceses? — E o Senhor sabia o que mais.

Provavelmente o muito adequado e muito corretamente elegante Riverdale, com quem ele não tinha motivo real para ficar irritado, estaria lá, pois ele era, definitivamente, o tipo que escoltaria sua mãe. Avery tinha todas as razões possíveis para perseguir uma dessas dúzias de atividades agradáveis e dar a South Audley Street as costas.Mas foi para alí que ele encontrou seus pés rumando, e ele não fez nada para corrigir o seu curso. Ele veria o quão bem ela estaria suportando sob a influencia de uma avó formidável e de três tias, para não mencionar um conde muito apropriado, sua mãe e irmã e alguns falsos franceses. E ela gostaria de saber que ele havia encontrado e resgatado Harry. Por alguma razão, parecia que ela se importava.

Foi admitido na sala de estar para descobrir, sem surpresa, que todos estavam presentes, exceto Molenor, que provavelmente estava instalado na sala de leitura do White ou em algum lugar semelhantemente civilizado, homem sábio. Avery fez seu arco.

Algo tinha sido feito em seu cabelo, algo que provavelmente não satisfez inteiramente as tias, já que não havia nada espalhafatosamente bonito sobre ele. Pelo mesmo motivo, talvez, deveria repeli-lo também. Mas o coque na parte de traz de sua cabeça já não se assemelhava á própria cabeça em tamanho ou forma e parecia muito mais bonito.

— Bem, Avery? — perguntou sua madrasta.

A sala inteira tinha ficado em silencio, como se o destino do mundo repousasse sobre sua opinião. Anna não estava usando o vestido de domingo hoje. Ela estava usando algo mais leve, mais barato e mais velho. Era creme na cor e poderia, alguma vez, ter tido alguma estampa no tecido. Mas as lavagens e esfregações frequentes, na banheira de lavanderia do orfanato, haviam tornado quase invisível. Mesmo assim, o vestido era uma grande melhoria sobre o sombrio azul de domingo.

— Harry foi encontrado — ele disse, seus olhos ainda sobre ela.

Seu rosto se iluminou como que parecia extraordinariamente como alegria. As tias, sem duvidas, trabalhariam nisso até que ela aprendesse a nunca mostrar qualquer emoção mais forte do que um tédio elegante.

— Eu o coloquei em uma cama em Archer House no final desta manhã — ele disse — depois de cada centímetro de sua pessoa ter sido esfregado e limpo e ele ter sido, forçadamente, alimentado pelo meu criado, que também administrou uma mistura para ele contra os efeitos do excesso de licor. Ele sem duvida se agitará com o inicio do retorno da consciência, em algum momento em breve, mas ele será tão cruel como um urso e não querendo ser suportado. Vou deixá-lo ao cuidado do meu criado até mais tarde.

— Oh — ela fechou os olhos — ele está a salvo.

Houve um murmúrio geral de alivio dos parentes de Harry.

— Onde você o encontrou, Avery? — Elizabeth perguntou.

— Em companhia de uma interessante coleção de maltrapilhos — disse ele — e um gigante feroz e calvo, um sargento de recrutamento.

— Ele se alistou? — Perguntou Riverdale franzindo o cenho — Como um soldado particular?

— Tinha se alistado — disse Avery — Não o inscrevi.

— Depois do fato? — Riverdale disse — Impossível.

— Ah — disse Avery com um suspiro — mas felizmente eu tinha meu monóculo comigo, você vê, e eu olhei para o sargento através dele.

— Meu pobre menino — disse a Condessa viúva — Porque ele simplesmente não veio para mim?

— Se os franceses soubessem disso — disse Elizabeth — eles se armariam com monóculos em vez de canhões e mosquetes para expulsar os britânicos da Espanha e Portugal em alguns momentos sem uma única gota de sangue derramada.

— Ah — disse Avery, olhando com apreço para ela — mas eles não me deixariam atrás de todos aqueles monóculos, não é?

Ela riu. Assim como sua mãe e Lady Molenor.

— Avery — disse Anna, trazendo sua atenção de volta para ela — leve-me até ele.

— Para Harry? — Ele ergueu as sobrancelhas — Ele não estava no humor mais jovial antes de dormir e será pior depois que ele acordar.

— Eu não esperaria que ele estivesse — disse ela — leve-me até ele. Por favor?

— Ah, mas não vou obrigá-lo a vê-la — disse ele.

— Isso é justo — disse ela.

Ninguém protestou. Como poderiam? Ela desejava ver seu irmão, e as pessoas reunidas ali eram igualmente relacionadas a ambos.

Embora tivesse vindo com o propósito expresso de escoltar sua madrasta para casa, Avery o abandonou e saiu, pelo segundo dia consecutivo, com Anna pelo braço. Hoje, ele pensou ociosamente, ela parecia mais uma leiteira do que uma professora. Quase se esperava para olhar para baixo e vê-la num banquinho de três pés, ordenhado em sua mão livre.

— O que você teria feito — perguntou ela — se o sargento se recusasse a ser intimidado por seu monóculo e sua alteza ducal?

— Querida minha — ele considerou — eu deveria ter sido forçado a deixá-lo inconsciente, com a maior relutância. Eu não sou um homem violento. Além disso, poderia ter ferido seus sentimentos por ser derrubado por um inglês com menos da metade de seu tamanho.

Ela deu uma gargalhada que fez coisas inesperadamente estranhas em uma parte de sua anatomia em algum lugar ao sul de seu estômago.

Essa foi a totalidade de sua conversa. Quando chegaram à Archer House, ele a deixou na sala de visitas e foi ver se Harry ainda estava dormindo. Encontrava-se no quarto de

vestir da câmara de hospedes que lhe fora designada, recentemente limpa. No entanto, ele não parecia mais alegre do que antes.

— Você devia ter me deixado onde estava, Avery — disse ele — Talvez eles teriam me mandado para a Península e me colocariam na linha de frente em algumas batalhas e eu teria sido cortado por uma bala de canhão em minha primeira ação. Você não deveria ter interferido. Não espere que eu vá agradecer por isso.

— Muito bem — disse Avery com um suspiro — eu não vou esperar. Tenho sua meia-irmã no salão. Ela deseja vê-lo.

— Oh, ela deseja? — Harry disse amargamente — Bem, eu não quero vê-la. Suponho que você vai tentar me arrastar para lá?

— Você está errado — informou Avery — Se eu pretendesse arrastar você até lá, Harry, eu não tentaria. Eu faria isso. Mas eu não tenho essa intenção. Por que iria importa-me se você vai ou não descer para falar com sua meia-irmã?

— Eu sempre soube que você não se importava — Harry disse com brutal auto piedade — bem, eu vou. Você não pode me impedir.

— Acho que não — respondeu Avery com agrado.

Ela estava em pé diante da lareira, aquecendo as mãos sobre a chama, exceto que o fogo não estava aceso. Talvez ela estivesse apenas examinando as costas de suas mãos. Ela se virou ao ouvir o som da porta se abrindo e olhou para Harry com os olhos arregalados e o rosto cinza.

— Oh, obrigado — ela disse, dando alguns passos na direção dele — Eu não esperava que você viesse me ver. Estou tão feliz que esteja a salvo. E eu sinto muito, lamento muito... bem, lamento terrivelmente.

— Eu não sei o porque — Harry disse mal-humorado — Nada disso é culpa sua. Tudo isso está firmemente na cabeça de meu pai. A cabeça de nosso pai.

— De um modo geral — disse ela — eu não acredito que eu estivesse extremamente privada por nunca o ter conhecido.

— Você não estava — disse ele.

— Embora eu tenha uma memória — ela disse — de andar em uma carruagem estranha, chorando e sendo dito por alguém com uma voz grosseira para me calar e me comportar como uma menina crescida. Acho que a voz deve ter sido dele. Acho que ele devia estar me levando ao orfanato de Bath depois que minha mãe morreu.

— Ele deve ter sentindo-se aterrorizado nessa época — Harry disse com uma gargalhada amarga — já estava casado com minha mãe.

— Sim — disse ela — Harry, posso chamá-lo assim? Sua mãe e irmãs foram para o campo, embora elas não tencionem ficar mais tempo do que o necessário para que todas as coisas pessoais sejam arrumadas e despachadas. Elas não querem me conhecer. Espero que o façam, ou pelo menos estejam dispostas a me reconhecer e concordem em me permitir compartilhar com vocês o que deve ser nosso, tudo de nós quatro, e não só meu.

— Parece que você é minha meia-irmã, quer eu queira que você seja ou não — Harry disse de má vontade — eu não odeio você, se é isso que está incomodando você. Não tenho nada contra você. Mas eu não posso... Sentir que você é minha irmã. Sinto muito. E eu não aceitaria nenhum centavo daquele homem que fingia ser o marido de minha mãe e meu legitimo pai. Eu prefiro morrer de fome. Não é de você que eu não vou levar nada. É dele.

Avery levantou as sobrancelhas e caminhou até a janela. Ele ficou ali, olhando para fora.

— Ah — a única silaba macia, parecia manter infinita tristeza — Compreendo. Agora eu entendo. Talvez no futuro você vai pensar diferente e entender como me machuca ser forçada a manter tudo. O que você vai fazer?

— Avery vai comprar uma comissão para mim — disse ele — eu não queria, mas ele tornou impossível para mim me alistar como soldado particular. Será como um regimento a pé, no entanto. Eu não vou tê-lo me equipando como soldado com tudo o que eu precisaria como um oficial de cavalaria. Além disso, os oficiais de um regimento de pé, provavelmente, se importam menos do que os oficiais da cavalaria sobre ter um nobre por-sopro entre o seu número. Eu não vou ter Avery comprando-me promoções também. Eu vou subir nas fileiras de oficiais em meu próprio mérito em tudo.

— Oh — ela disse, e Avery apostaria que ela estava sorrindo — eu te honro, Harry. Eu espero que você termine como um general.

— Hmph — disse ele.

— Então poderei me gabar de meu meio irmão, General Harry Westcott — disse ela, a Avery sabia que estava sorrindo.

— Vou me desculpar — disse Harry — eu tenho o diabo de uma dor de cabaça. Ah! Perdoe minha língua se quiser. Lady Anastasia.

Avery ouviu a porta da sala se abrir e fechar. Quando ele se virou da janela, Anna estava de volta a lareira aquecendo as mãos sobre o fogo inexistente. E ele percebeu, pobre diabo, que ela estava chorando em silencio. Ele hesitou por alguns momentos até que ela ergueu a mão e golpeou uma das faces a seguir. Ela tinha virado a cabeça ligeiramente para que ele não pudesse ver seu perfil completo.

— Ele vai ficar muito esplêndido no casaco verde do regimento luz — disse ele — os rifles. Ele provavelmente causará estampidos entre as mulheres espanholas.

— Sim — disse ela.

Entretanto largou tudo isso. Draga de inferno. Ele fechou a distancia entre eles, puxou-a em seus braços, e segurou seu rosto contra seu ombro como se ela fosse Jess. Quem ela não era. Ela endureceu como uma tábua antes de se inclinar contra ele. Ao contrário da maioria das mulheres em circunstâncias semelhantes, porém, ela não começou a derreter cheia de lagrimas. Ela lutou contra elas e engoliu várias vezes. Ela estava, virtualmente, com os olhos secos quando recuou a cabeça.

— Sim — ela concordou, esboçando um sorriso apenas um pouco úmido — ele vai ficar esplêndido.

Sua mente procurou algo para dizer em resposta e encontrou ... nada.

Ele a beijou em seu lugar.

O diabo o tomou e mil e dez condenações, mas beijou-a. Ele não sabia qual deles estava mais assustado. Nem sequer era um beijo paternal ou fraternal ou de primo nos lábios. Era um beijo completo, com os lábios entreabertos, com a cabeça ligeiramente inclinada, os braços fechados ao redor da mulher, para trazer-la mais perto. Era um beijo de homem para mulher. E o que diabos ele estava fazendo tentando analisá-lo em vez de levantar a cabeça e fingir que, afinal de contas, era apenas um abraço gentil, de primo, para confortá-la?

Fingir? O que mais era, então? Era exatamente isso, não era?

Enquanto meditava sobre o assunto, seus lábios continuaram se movendo sobre os dela, sentindo sua suavidade, sua umidade. Era, seguramente, o beijo mais casto que ele tinha consentido desde que ele tinha quinze anos ou mais. No entanto, de alguma forma sentiu-se como o mais lascivo.

Isso, pensou ele, sua mente verbalizando a maior subavaliação de sua existência de trinta e um anos, foi um erro.

— Eu vou devolvê-la ao seio de sua família se você estiver pronta para partir — sugeriu ele, levantando a cabeça e soltando-a. Ele ficou feliz ao ouvir que sua voz estava soando completamente entediada.

— Oh, sim, obrigado — disse ela, a professora animada e sensata — estou pronta.

Capítulo 10

Anna tagarelou durante seu caminho para o jantar, contando a Elizabeth tudo o que havia a ser contado sobre sua infância em Bath. Ela não ousou parar.

— Joel é o seu namorado? — Elizabeth perguntou enquanto elas comiam a sobremesa.

— Oh, na verdade não — Anna disse, inundada em nostalgia e arrependimento — Nos crescemos juntos como os mais próximos amigos. Nós sempre podíamos falar sobre qualquer assunto debaixo de sol ou sobre nada. Ele era muito próximo para se tornar meu namorado. Isso faz sentido? Ele era mais como um irmão. E por que eu estou falando no passado? — ela sentiu como se fosse chorar.

— Ele alguma vez quis ser seu namorado? — Elizabeth perguntou.

— Alguns anos atrás ele se imaginou apaixonado por mim — Anna admitiu — Ele até me pediu para casar com ele. Mas ele apenas estava se sentindo solitário. Isso acontece quando as pessoas deixam o orfanato e não tem família ou mesmo amigos do lado de fora. Eu tenho certeza que agora ele está feliz por eu ter dito não.

— Ele é muito bonito? — Elizabeth perguntou.

Anna deixou sua colher pousada sobre o prato e pensou — Ele tem boa aparência — ela disse — e é muito atrativo, eu

acredito. Embora seja difícil, quando você conhece um homem por toda a sua vida, vê-lo imparcialmente. Mas oh, Deus, Lizzie, eu dominei toda a conversa e o jantar já estar quase no fim e, até mesmo eu, sei que isso é muito rude. E você? Tem algum admirador? Você espera ou até mesmo planeja casar novamente?

— Não, provavelmente não, e não — sua prima disse, e riu — Embora o fato de eu estar em Londres este ano, para a temporada, pudesse significar que provavelmente o não pudesse ser um talvez, mas não. Você está parecendo completamente confusa. Eu não tive um casamento feliz, Anna. Na verdade, foi pior que infeliz e isso me deixou assustadiça. Poderia ser dito, claro, que aos trinta e três anos eu faria uma escolha muito mais sensata do que a que eu fiz aos dezessete, quando eu me apaixonava pela boa aparência e pelo charme. Mas para ser justa, eu via mais em Desmond do que essas coisas. Ele era um homem de posses e fortuna. Ele era amigável, gentil e bondoso. Ele amava sua família e amigos. Talvez o mais forte em minha defesa seja o fato de que a minha mãe e o meu pai gostavam dele e aprovaram o seu pedido de casamento. Eu não poderia saber, na verdade, como estar casada com ele seria e é esse fato que me aflige sempre que eu conheço um cavalheiro simpático e elegível, eu sinto a tentação de encorajar a corte.

— Ele bebia? — Anna perguntou.

— Ele bebia — Elizabeth disse com um suspiro — Todo mundo bebe, é claro, e quase todo mundo bebe excessivamente, às vezes. Raramente é um problema maior

que o embaraço de alguém que pode se embebedar com alguns copos. Ele nem ao menos bebia com muita frequência. Ele passaria semanas sem beber. E, frequentemente, quando ele bebia, ele apenas ficava jovial e engraçado e era a alma da festa, se tivesse uma festa. Mas às vezes havia uns momentos — era sempre quando estávamos sozinhos — quando eu sabia que ele cruzara a linha entre se tornar alguém ou alguma coisa inteiramente mais desagradável. Havia alguma coisa em seus olhos — eu nem ao menos posso descrever, mas eu reconheceria em um instante. Era como se ele fosse engolido por um buraco negro e, então, ele se tornava abusivo. Nem sempre eu podia escapar a tempo antes de ele ficar violento.

— Eu sinto muito — Anna disse.

— Ele era o homem mais amável quando estava sóbrio — sua prima disse — Todo mundo o amava. Quase ninguém viu esse lado negro dele. Exceto eu — ela fechou os olhos por vários segundos, inspirou profundamente, e pressionou as mãos em um gesto de oração contra os lábios. Mas não continuou. Ela sacudiu a cabeça, abriu os olhos, e tentou sorrir — Mas não vamos ficar tristes. Eu não posso suportar essas memórias ou pensar em infligir mais delas sobre você. Vamos para a sala de estar?

— É uma sala muito grande e desconfortável para apenas duas pessoas — Anna disse — Venha para a minha sala particular em vez disso. É muito bonita, as poltronas e os sofás parecem confortáveis, embora eu ainda não tenha tido tempo para ficar lá.

Elas se estabeleceram lá uns minutos mais tarde, cada uma em uma poltrona macia e estofada. Um criado veio e acendeu o fogo.

— Eu poderia me acostumar com o luxo — Anna disse depois que o criado tinha se retirado — Oh, eu acho que era isso que eu esperava fazer.

Ambas riam.

— Por que você disse — Anna perguntou, encolhendo as pernas em um lado da poltrona e abraçando uma almofada no colo antes de perceber que essa, provavelmente, não era a maneira certa de uma dama se sentar — que as responsabilidades de ser o Conde de Riverdale estaria oprimindo o seu irmão? Deve ser muito sublime ser um conde.

— Eu amo muito o Alex — Elizabeth disse, pegando seu bordado na bolsa que ela trouxe consigo — Ele merece cada coisa boa que poderia acontecer com ele e eu tive altas expectativas por ele há alguns dias. Mas agora tudo isso aconteceu e eu não estou certa se ele vai estar feliz depois de tudo — e não apenas porque ele se sente péssimo por Harry.

Anna observou enquanto ela enfiava um fio de seda na agulha e inclinava a cabeça sobre seu bastidor.

— Como o Conde de Riverdale, por exemplo — ela continuou — vai ser esperado que Alex assuma seu assento na Câmara dos Lordes, e porque ele nunca leva sua responsabilidade levianamente, ele vai se sentir obrigado a estar aqui toda primavera, quando o Parlamento estiver em sessão. Ele não gosta de Londres. Ele veio este ano apenas

para agradar a mamãe e a mim, embora ele tenha admitido, alguns dias atrás, que ele planeja aproveitar a oportunidade de estar aqui para finalmente procurar por uma noiva, por alguém que complete sua vida.

— Ele ainda não pôde fazer isso? — Anna perguntou — Ele não é agora mais elegível do que antes? Com certeza deve haver algumas damas que ficariam muito felizes em se casar com um conde.

— Mas elas também seriam felizes casando com Alex? — Elizabeth disse — Eu quero alguém que se case com o homem, não com o título. Alguém que o amará. Alguém que ele amará.

Quão maravilhoso deve ter sido, Anna pensou, ter crescido com um irmão de verdade com tão óbvia afeição. Mas ela tinha Joel. E ela realmente queria as mesmas coisas para ele como Elizabeth queria para o primo Alexander.

— Alex sempre viveu mais para outras pessoas do que para si mesmo — Elizabeth disse — Ele sempre teve, o que mamãe costuma chamar, um exagerado senso de dever. E agora, justo quando parecia que ele estava com a cabeça acima do nível da água, veio este dilúvio.

Anna se ajeitou na poltrona para ouvir, já que Elizabeth claramente queria falar.

Ela falou sobre o pai, um homem alegre, amável e irresponsável que tinha sido louco por caça e gastou grande parte da sua fortuna em cavalos, cães, armas, e outros acessórios de caça, perseguia a caça ao longo do país, e dava dispendiosas festas de caça, na própria propriedade. Quando

ele morreu, suas terras e todas as construções nelas tinham estado, há muito tempo, negligenciadas e havia sido deixado muito pouco dinheiro com o qual recuperar tudo do desastre financeiro. Mas Alexander conseguiu, por meio de trabalho duro, determinação, e sacrifício dos próprios confortos. Ao mesmo tempo ele cuidou da mãe, que se afundou nas profundezas da devastação do luto por um ano ou mais. E ele cuidou da irmã, também, depois da morte do pai quando ela tinha fugido de um dos ataques de fúria bêbada do marido. Ele até mesmo a tinha defendido, com questionável legalidade, quando o marido tinha vindo para levá-la de volta. O irmão tinha se recusado a desistir dela.

— Oh, Anna — Elizabeth disse — Eu nunca antes tinha visto Alex recorrer à violência, e nunca voltei a ver desde então. Ele estava perfeitamente... esplêndido.

A propriedade dele em Kent tinha recuperado a prosperidade, e Alexander tinha procurado assegurar certa satisfação pessoal se casando e estabelendo família. Ele realmente não queria o condado. Ele não era um homem ambicioso.

— E o pior disso é — Elizabeth disse — que o primo Humphrey, seu pai, não gostava de Brambledean Court, sua sede principal é em Wiltshire, e raramente ficava lá. Eu mesma nunca estive lá, mas nós sempre tivemos a impressão que ele negligenciava aquele lugar vergonhosamente. Alex está temendo que o lugar esteja nas mesmas condições que Riddings Park estava quando nosso pai morreu, mas numa escala maior, é claro. Ele poderia continuar negligenciando o

local, mas eu temo que Alex não seja assim. Ele será muito consciente sobre todas as pessoas que vivem e trabalham na propriedade ou que dependem de lá para ganhar a vida, e ele considerará seu dever organizar as coisas por lá. Embora eu não saiba como ele vai fazer isso. O rendimento era apenas o suficiente para as necessidades dele até isso acontecer, mas agora será lamentavelmente inadequado. E ele, sem dúvida, irá abandonar os planos de se casar até que ele sinta que tenha algo de substância e alguma segurança para oferecer à sua noiva. Ele vai ter uns quarenta anos então, ou mais. Isso talvez nunca aconteça.

No silêncio que se seguiu ocorreu a Anna que se ela nunca tivesse existido tudo teria ido para Alexander e ele teria dinheiro o suficiente para restaurar Brambledean Court e ainda poderia procurar por uma noiva para completar a sua felicidade. Mas ela existia, e o dinheiro era todo dela.

— Se eu puxar a corda do sino — ela disse — alguém virá?

Elizabeth riu — Sem dúvida carregando uma bandeja de chá — ela disse.

Anna ficou de pé e puxou cautelosamente a corda.

— A senhora Eddy quer mostrar a você, os livros de contas e as riquezas da casa amanhã — Elizabeth disse — O senhor Brumford quer se encontrar com você amanhã em um horário de sua conveniência, preferencialmente pela manhã. Madame Lavalle vai querer sua opinião e aprovação em centenas de pequenos detalhes na sala de costura. A distinta conhecida da prima Matilda possivelmente chegará e

começará a explicar a você à quais pessoas você deverá fazer reverência, à quais você meramente inclinará a cabeça, e para quem você deverá olhar com graciosa condescendência enquanto eles se curvam e a reverenciam. E, eu ouso dizer, que o mestre de dança da prima Mildred se apressará para tê-la como pupila. Algumas ou todas as suas tias devem vir aqui antes do almoço com planos futuros para a sua educação.

— Minha nossa — Anna disse enquanto a bandeja era trazida e posicionada na mesa ante ela e Elizabeth guardava o seu bordado na bolsa — Haverá horas suficientes na manhã?

— Claro que não — Elizabeth disse, pegando sua xícara e pires das mãos de Anna — Vamos fazer compras.

Anna olhou para ela, o bule suspenso sobre a xícara.

— Eu prometo não te dar conselhos ou instruções não solicitadas — Elizabeth disse, escondendo um sorriso — Mas eu quebrarei a minha própria regra dessa vez. Sempre que uma dama está sobrecarregada com obrigações, Anna, ela vai fazer compras.

— Eu não estou autorizada a me aventurar fora dessa casa pelos próximos dez anos — Anna disse, sorrindo de volta — Vamos às compras.

Uma hora mais tarde, Anna estava enrolada em um lado da enorme e confortável cama, não mais sorrindo. O que ela deveria fazer, ela pensou, e o que ela queria fazer, mais que qualquer coisa na vida, era levanter cedo de manhã, ou até mesmo agora, e voltar voando para Bath antes que a Srta.

Ford e o quadro de diretores pudessem escolher outro professor para substitui-la. Ela poderia renunciar a fortuna — isso era possível? — e voltar a ser Anna Snow.

Mas Bertha ficaria terrivelmente decepcionada. Além disso, ninguém nunca poderia voltar atrás, poderia? Se ela voltasse a Bath, ela levaria com ela o conhecimento de quem ela era e talvez o que teria feito sobre isso se ela somente tivesse coragem para encarar o desconhecido. Pois era apenas a covardia que a incitava a fugir.

Ele a tinha beijado.

Ali — ela não poderia mais bloquear a memória.

Ele a segurou contra ele, enquanto ela lutava contra as lágrimas, depois daquele encontro horrorosamente triste com Harry e, em vez de aceitar o gesto como uma simples oferta de conforto, como tinha sido, ela sentiu o choque do contato em cada parte e em cada curva do seu corpo, mente e espírito — especialmente o corpo. E então ela tinha inclinado a cabeça sem se afastar dele, na mesma hora, e ela tinha dito alguma coisa — ela nunca poderia lembrar o que. E ele a tinha beijado.

Ela podia sentir tudo de novo agora. O corpo dele, os lábios — não, tinha sido mais que os lábios. Eles tinham estado abertos. Foi a boca que ela sentiu, macia, quente, úmida. Houve uma dor desconhecida e latejante entre as suas coxas e dentro dela, ao se lembrar daquilo e ela escondeu o rosto no travesseiro e gemeu com aflição. Tinha sido horrível, horrível. Ou não? Ela não tinha nada com o que comparar.

Ela deveria fazer o possível para esquecer isso. Claramente não quis dizer nada. Ele tinha levantando a cabeça, depois de um tempo, e sugerido trazê-la de volta para casa, se ela estivesse pronta. Ele tinha parecido e soado com o tédio de sempre. Ele tinha oferecido conforto, mas foi o bastante, aquele olhar e aquele tom de voz haviam sugerido e graças aos céus pelo senso de dignidade habitual nela.

Ele não tinha dito uma palavra em todo o caminho de volta a Westcott House. Ele tinha se despedido dela com uma reverência descuidada e deu passo em direção à rua sem um olhar para trás.

Ela não poderia nem começar explicar o que nele era tão devastadoramente atraente — ou repelente. Ela de verdade não sabia se estava atraída ou repelida. Era os dois. Ele não tinha a masculinidade sólida de Joel — nem a elegante presença do Conde de Riverdale. Ele era todo afetação e tédio. Mas tinha... aquela aura.

Oh, ela daria qualquer coisa no mundo para vê-lo lidando com aquele sargento que havia recrutado Harry!

Mas o pensamento enviou a cabeça dela para baixo do travesseiro, o qual ela segurou sobre as orelhas, como se fosse calar a voz dos seus pensamentos.

Avery ficou longe de Westcott House por vários dias. Ele passou longas horas em seu espaço privado, no sótão da Archer House, meditando, trabalhando em uma longa série

de movimentos definidos, ficando parado nas posições mais impossíveis, por vários minutes de cada vez, olhos fechados ou desfocados, esvaziando a mente, esvaziando a si mesmo. Ele praticou movimentos mais vigorosos até que o suor correu por seu rosto e por seu corpo. Ele comprou uma comissão no 95º regimento dos Rifles para Harry, enquanto a garoto foi à Hampshire se despedir da mãe e das irmãs. Ele levou Jessica a algumas galerias e museus, para um pouco de cultura, e à Torre de Londres porque em uma visita anterior sua preceptora tinha se recusado a deixá-la ver as exposições mais horríveis. E claro, ele acabou levando-a ao Gunter's para tomar sorvete porque, é óbvio, isso também tinha sido proibido na excursão anterior. A governanta de Jess, Avery concluiu, era inestimável de várias formas. Ela ensinava muito bem a sua irmã, tanta acadêmica quanto socialmente. Ela também era uma infeliz mortal.

Ele passou duas noites se reaproximando do tipo de mulher que estariam no top cinco da sua lista das cem coisas que ele mais gostava, se ele tivesse algo parecido — ele se divertiu com a imagem mental de Edwin Goddard elaborando tal documento. Em ambas ocasiões ele não se viu inclinado a voltar e repetir a performance. Alguém poderia ter o suficiente de beleza, sensualidade e sexo? Que possibilidade alarmante. Bom Deus, ele só tinha trinta e um anos. Era muito cedo para a senilidade, a gota e a excentricidade.

Ele ficou longe da Westcott House, mas ele não podia escapar de ouvir sobre tudo que acontecia lá, por sua madrasta, a qual tinha reclamado, apenas uma semana

atrás, que tinha tantas obrigações sociais que ela precisaria que os dias dela tivessem, pelo menos, quarenta e oito horas, tinha esquecido isso tudo em sua cruzada para trazer a recém-descoberta sobrinha até o topo. Era uma tarefa impossível, é claro, ela proclamava todas as tardes quando ela voltava para casa para jantar, mas isso simplesmente deveria ser conseguido para que toda a família não fosse envergonhada. Mas o que a rainha iria pensar?

Madame Lavalle e suas assistentes trabalhavam noite e dia na sala de costura da Westcott House, ao que parecia, mas suas mãos estavam severamente atadas, pobrezinha, pelo fato de que Anastasia se recusava a acrescentar qualquer coisa ao seu novo guarda-roupas que a deixaria bonita, feminidade e na moda. Quando Madame tinha, furtivamente, colocado um modesto babado na bainha de um vestido de baile muito sóbrio, ela tinha mandado remover. A nova criada de Anastasia tinha chegado — uma das órfãs de Bath — a qual era mais tratada como amiga do que como uma criada. A garota não mostrava inclinação alguma que adotaria uma distância respeitável frente a sua nova senhora. A senhora Gray, a distinta senhora sugerida pela irmã da Duquesa, tinha também chegado para ensinar Anastasia sobre a Ton, as regras de procedência, etiqueta e, como não se congelar de terror, quando estivesse de frente à rainha e outros tópicos relacionados. Mas, na maioria das vezes, a mulher encontrava-se numa desordem com Anastasia e prima Elizabeth, rindo sobre alguma coisa ou alguém que elas teriam achado divertido.

— Mas Anna está aprendendo também a se divertir? — Avery perguntou.

— Acredito que sim — sua madrasta disse com óbvia relutância depois de parar para considerar — Mas esse não é o ponto, é, Avery? Alguém pensaria que ela deveria levar sua educação a sério. Eu poderia chorar quando penso em como meu irmão a deixou presa naquela instituição por tantos anos, quando ela era filha da sua legítima esposa. E não se pode deixar de ter dúvidas sobre a ideia de permitir que a prima Elizabeth fosse a sua dama de companhia. Na manhã seguinte nós tínhamos especificamente instruído Anastasia a permanecer em casa até ela poder se apresentar e se comportar como uma dama, Elizabeth a levou para fazer compras na Bond Street e na Oxford Street. Elas chamaram muita atenção enquanto saíam de várias lojas carregadas com pacotes e parecendo estar se divertindo imensamente.

— Me atrevo a dizer que estavam — Avery disse, imaginando se Anna tinha tolamente embarcado nessa expedição de compras como uma preceptora afetada ou uma leiteira do campo. Talvez ele tivesse dado uma volta pela Bond Street se ele soubesse... não, ele não poderia. Havia um certo beijo que precisava ser esquecido. Certamente não faria nada para encontrar sua companheira de beijos em breve.

O professor de dança também tinha chegado à Westcott House com sua própria acompanhante, a madrasta de Avery relatou uma tarde. Anastasia sabia os passos de diversas danças do interior, mas, minha nossa, o senhor Robertson tinha descoberto que ela as dançava com vigor e não tinha

nenhuma ideia do que ela faria com as mãos e a cabeça enquanto dançava. Ela não sabia valsar e aparentemente nunca tinha ouvido falar da dança até uns dias atrás.

— Ela certamente não vai poder ir a nenhum baile por um tempo — a Duquesa adicionou — Talvez nem ao menos este ano. Mas ano que vem ela vai estar com vinte e seis anos. Eu apenas imagino que tipo de marido poderemos encontrar para alguém com idade tão avançada.

— Provavelmente do tipo que fantasia conseguir uma vasta fortuna com a sua noiva — Avery disse.

— Me atrevo a dizer que você está certo — ela adicionou animadamente.

— E quando começarão as lições de valsa? — ele perguntou.

— Amanhã a tarde — ela disse — Avery, você deveria apenas ver o chapéu de palha que ela comprou na Bond Street, de todos os lugares. É o suficiente para me fazer chorar, e a chapeleira deveria se envergonhar de tê-lo disponível para venda. É a coisa mais sem graça que você possa imaginar. Elizabeth comprou um chapéu muito bonito e na moda na mesma loja. É de se imaginar se ela ao menos tentou exercer alguma influência...

Mas Avery tinha parado de ouvir. Ele teria mesmo, ele pensou, que começar a jantar em seu clube mais frequentemente. Ele estabeleceu o assunto de chapéus femininos como limite. Havia um baile esta noite e Edwin Goddard o recordou que ele queria ir. A Honorável e deliciosa Srta. Edwards tinha acumulado uma grande quantidade de

admiradores. Entretanto, um espaço em seu muito cheio cartão de dança sempre era misteriosamente encontrato, sempre que o Duque de Netherby fosse avistado e caminhasse para pedir por uma dança, geralmente uma valsa.

Ele se vestiu com meticuloso cuidado — mas quando ele não fazia isso? — e fez presença no baile. Ele conversou amigavelmente com a anfitriã por alguns minutos, andou a passo lento para se juntar a multidão em volta da Srta. Edwards, conversou amigavelmente com ela, por um minuto ou dois, enquanto ela flertava com os olhos e com o leque, e o restante dos admiradores saíram com ressentimento explícito e, então, assentiu amigavelmente e saiu do salão de baile e da casa menos de meia hora após ter entrado.

Nada além de uma leve amabilidade.

Esta noite a Srta. Edwards parecia mais elegante que o habitual. Mas, às vezes, alguém não estava no humor para um baile ou até mesmo para uma aclamada beleza. Ele ficou de pé na rua cheirando rapé e considerando suas opções antes de retornar à casa, em toda a sua beleza noturna. Não era nem meia noite.

Ele perambulou até a Westcott House, na tarde seguinte, para encontrar uma aula de dança em progresso na sala de música. Uma jovem mulher com aparência severa, com as costas muito eretas, e um nariz fino e vermelho, sobre o qual pousavam óculos de armação de arame, estava sentada ao piano, enquanto um homem alto e magro, claramente seu pai e, presumivelmente, o professor de dança,

estava de pé em frente a ela. A Condessa viúva estava sentada em um lado da ala, com a inevitável Lady Matilda ao seu lado. A sra. Westcott, prima Althea, estava de pé próximo a elas, sorrindo com prazer para a cena a frente. Riverdale estava de pé no meio do pavimento em posição de valsa com a prima Elizabeth.

E junto ao piano estava Anna, seu cabelo penteado de forma um pouco mais severa do que tinha estado depois que foi cortado, sem um fio fora do lugar, e usando um vestido de dia, de musselina branca, tão singelo quanto qualquer outro vestido, que foi cortado com expertise e fabricado com um tecido caro, poderia ser. Suas mãos, seu pescoço, e sua face era as únicas partes do corpo visíveis. O vestido de a gola alta e mangas longas e justas. A saia caía em dobras suaves da cintura alta até os tornozelos. Não era para ela, obviamente, a nova moda de mostrar os tornozelos. Ela estava usando espartilho, o qual enfatizava a sua magreza e dava a ela um pouco de volume nos seios, embora não muito aos olhos de um perito. Nos pés usava sapatilhas brancas de dança, que pareciam dois números menores do que os sapatos pretos e uma tonelada mais leve.

Avery a olhou através do monóculo enquanto todo mundo virava em sua direção. Ele abaixou a lente e fez uma reverência.

— Continuem — ele disse, acenando para o professor de dança com a mão que segurava a lente.

— Alexander e Elizabeth estão demonstrando a posição correta para a valsa — Lady Matilda explicou para Avery,

embora fosse desnecessário — Eu ainda penso que é uma dança imprópria, especialmente para uma dama solteira ou para uma dama que não está dançando com o marido ou irmão, mas meus protestos sempre caem em ouvidos surdos. Virou moda, e aqueles de nós que falam pelo decoro são chamados de antiquados.

— Eu teria dançado cada uma das peças de valsa, em cada um dos bailes que eu frequentei, se alguém apenas tivesse inventado a dança quando eu ainda era uma menina — a viúva disse — É impossivelmente romântica.

— Oh, é sim, Eugênia — prima Althea concordou — e Alex e Lizzie a dançam tão bem. O sr. Robertson é um afortunado por tê-los demonstrando para Anastasia.

Avery ficou onde estava, apenas ultrapassando a porta, enquando o professor de dança mostrava para Anna exatamente onde e como as mãos de Elizabeth foram posicionadas e o ângulo exato de sua coluna e cabeça e a expressão da face — a qual Elizabeth imediatamente arruinou ao sorrir para Anna e agitar as sobrancelhas. O professor de dança se curvou para Anna e a convidou a se juntar a ele como se eles estivessem prestes a valsar. Ela permitiu que a sua mão direita fosse segurada pela esquerda dele, descançou as pontas dos dedos da outra cautelosamente sobre seus ombros, e ficou tão longe dele quanto a extensão de seus braços permitiam, sua coluna arqueou visivelmente, um olhar de determinação sombria em seu rosto.

— Precisa prestar um pouco mais de atenção na postura, minha Lady — Robertson disse, e ela se ergueu reta — E

descanse a palma da sua mão sobre o meu ombro e espalhe os seus dedos elegantemente, assim como Lady Overfield fez. Permita que a sua expressão relaxe em um quase sorriso.

Ela fez uma careta e agarrou o ombro dele, e Avery viu o que a sua madrasta quis dizer. A esse passo, ela talvez estaria pronta para comparecer ao seu primeiro baile daqui a cinco anos e, então, ela estaria tão firmemente na prateleira que ela estaria acumulando pó. Já teriam ensinado os passos para ela? Quem diabos era este professor de dança?

Ele suspirou e caminhou pelo pavilhão — Me permita — ele disse, afastando o homem e tomando o lugar dele. Ele pegou a mão esquerda de Anna na sua direita. Estava fria e rígida, como ele tinha esperado. Ele afagou a unha do dedão sobre a palma da mão dela antes de colocar a mão em seu ombro, justamente onde deveria estar. Ele arrastou o dedão pelo comprimento dos dedos antes de afastar a sua mão e posicioná-la atrás da sua cintura e pegar a outra mão na dele. Ela olhou nos olhos dele, em evidente desalento, quando ele deu um passo mais próximo a ela e ele segurou seu olhar ao passo que, sem mover sua mão em qualquer lugar que seria visível para os espectadores, ele a persuadiu a arquear para dentro, levemente pela cintura.

— Se Robertson tiver sua fita métrica com ele — ele disse sem afastar os olhos dela — ele poderá informá-la se você permitiu os centímetros necessários de espaço entre nós. Não se deve errar nem mesmo um centímetro se não quiser ser banido da valsa em cada salão de dança do reino por toda

eternidade. É permitido sorrir desde que você não o faço com hilariedade.

Os lábios dela se torceram por um momento com o que parecia ter sido divertimento.

— Perfeito, minha Lady — o professor de dança disse, examinando o espaço entre eles apenas com os olhos em vez de com a fita métrica.

— Agora tudo o que resta, Anna — Elizabeth disse com um tom leviano bastante impróprio na voz — é aprender a valsar.

— É necessário, Lady Overfield — Robertson disse, uma sugestão de reprovação na voz enquanto ele se curvava graciosamente na direção dela — a perfeita posição dos corpos para que os passos passam ser realizados com graça desde o início. Os passos em si são simples, mas o que o talentoso valsador faz com os passos, não são. Me permita explicar.

Avery imaginou se à acompanhente do homem, alguma vez seria permitida tocar o piano. Era possível que Riverdale tivesse o mesmo pensamento, a qual era uma possibilidade bastante alarmante.

— Lizzie e eu estaremos felizes em demonstrar os passos básicos, Anastasia — ele disse — enquanto você assiste e Robertson explica.

— Nós manteremos os giros ao mínimo — Elizabeth adicionou — apesar de eles serem o mais divertido, não é, Alex?

Avery liberou Anna, que continuou dando a máxima atenção à demonstração que se seguiu, e o professor de

dança continuou falando sem parar, apesar do fato que sempre pareceu para Avery, que qualquer criança que pudesse contar até três poderia aprender a valsar em um minuto ou menos. Riverdale, é claro, valsava perfeitamente — alguma vez ele fez qualquer coisa que não fosse perfeita? — assim como sua irmã, apesar de ela ter cometido o pecado capital de sorrir para o seu parceiro e até mesmo gargalhar em um certo ponto como se ela realmente estivesse se divertindo. Isso era o bastante para fazer alguém se encolher em horror.

— Talvez, minha Lady, você gostaria de experimentar os passos comigo — Robertson disse após alguns minutos, tendo levantado a mão para deter a música — Nós iremos lentamente sem música enquanto eu conto em voz alta.

— Ou — Avery disse com um suspiro — você pode valsar comigo, Anna, no ritmo adequado, com música. Entretanto, eu não vou contar em voz alta, descobri que é possível fazê-lo, silenciosamente, dentro da nossa própria cabeça.

Por um momento ela hesitou e ele pensou que ela fosse escolher o professor de dança.

— Obrigada — ela disse, e deu um passo para ele e colocou a mão em seu ombro sem ajuda.

Ela era incrivelmente delicada, ele pensou, e incrivelmente frágil, acostumado como ele estava a segurar mulheres de um tipo físico completamente diferente. Suas narinas foram provocadas pelo cheiro de... sabonete?

Sua tentativa de valsar com ela encontrou pouco sucesso pelo primeiro minuto ou pouco mais, e ele estava

ciente dos murmúrios da lateral. Talvez, ele pensou, por baixo das dobras simples do seu vestido branco ela tivesse duas pernas de madeira. Isso explicaria o comprimento da saia. Ou talvez ela não poderia contar, silenciosamente, depois de tudo. Ou talvez ela apenas estivesse apavorada. Ele segurou o seu olhar, espalhou os dedos um pouco mais em sua cintura, rodeou levemente a ponta de seu polegar uma vez sobre a mão esquerda dela, e tomou-a em um giro arrebatador. Ela ficou com ele cada passo do caminho, e ele viu aquela ligeira elevação nos cantos de sua boca novamente. Os olhos dela olharam para ele com menos desespero.

E ela valsou. Depois de outro minuto ele estava ciente que Riverdale e a irmã valsavam também enquanto a mãe deles batia palmas na lateral. Mas ele manteve os olhos em Anna, que com certeza tinha nascido para dançar — pensamento estranho. Estranho era o pensamento de que ele nunca tinha pensado, até este momento, o quanto — Qual seria a frase que a viúva teria usado? Ele nunca tinha pensado o quanto, impossivelmente romântica, a dança poderia ser. Ele apenas tinha notado a intimidade e a sugestão sexual nela.

— Muito bem, minha Lady — Robertson disse quando a música acabou e a Condessa viúva aplaudia — Nós vamos polir seus passos e refinar a posição do seu corpo na próxima aula. Eu agradeço pela sua gentil assistência, Sua Graça.

Avery o ignorou — Sem babados ou debruns, Anna? — ele disse — Sem ondas ou cachos?

— Não — ela disse — E eu não me importo se você desaprova. Eu vou me vestir como eu quiser.

— Minha nossa — ele murmurou — o que te fez pensar que eu desaprovo?

E ele se afastou para conversar com as damas mais velhas por alguns minutos antes de pedir licença.

Capítulo 11

Querido Joel,

Você não me reconheceria se me visse agora. Meu cabelo foi cortado. Não está curto, mas definitivamente muito mais curto, e Bertha Reed está aprendendo com a camareira da minha prima a como se vestir mais adequadamente do que o seu estilo habitual. Até mesmo eu estou tendo algumas ondas e cachos quando eu me aventuro em um evento noturno — o que eu vou estar fazendo em breve, quando for ao teatro como convidada da Duquesa de Netherby (minha tia). Ela pensa que é hora de a Ton ter a chance de dar uma olhada em mim, agora que eu fui, ao menos, parcialmente transformada. Como se eu fosse um touro premiado — embora não pareça uma analogia particularmente apropriada, não? Mas eu me sinto como alguma coisa premiada. Uma idiota, talvez?

E as minhas roupas! Eu recusei a me curvar àquele ídolo da sociedade, a MODA — o que é isso, afinal, senão um estratagema para manter as pessoas comprando e comprando para não se tornarem FORA de moda? — mas ainda assim eu tive que entender que eu, simplesmente, devo trocar meu vestido ao menos três vezes todo dia, e muitas vezes, mais do que isso. O que alguém veste pela manhã certamente não pode ser vestido à tarde. O que alguém usa em casa não serve para passear ou andar de carruagem ou sair de visita. E alguém

não pode ser visto usando a mesma coisa velha — mesmo que tenha apenas duas semanas de uso — ou até mesmo a mesma velha combinação de coisas a qualquer lugar que vá. O objetivo de cada dama, ao que parece, é dar a impressão de que ela nunca veste o mesmo traje duas vezes. Eu resisti o quanto pude, mas você não pode imaginar a tensão que é impôr a minha vontade contra a da Duquesa (tia), a da Condessa viúva (avó) e outras ladies entituladas (tias), e uma modista Francesa, que é toda frases em francês e agitando as mãos, embora ela deslize, ocasionalmente, no que eu acredito ser um sotaque Londrino. Eu tenho tantas roupas que Bertha declarou que ela poderia abrir uma loja e fazer uma fortuna. Eu fui às compras com Lady Overfield (Prima Elizabeth), uma manhã, na elegante — a gente não pode simplesmente escapar dessa palavra — Bond Street e Oxford Street, e chegamos em casa com tantos pacotes, a maior parte era minha, que era incrível que houvesse espaço na corruagem para nós ou se de fato restou alguma coisa nas lojas.

Mas, já tendo escrito tanto, eu pensei que provavelmente você não tenha tanto interesse em qualquer detalhe da mudança da minha aparência, não é? Eu agora sei tudo o que há para saber sobre as altas classes inglesas. Eles — nós, eu suponho que deveria dizer — não podem ser postos, todos juntos, como ricos e privilegiados sem nada para distingui-los de outros, exceto talvez o tamanho da fortuna. Você sabe, por exemplo, que se houver quatro Duques em uma sala — o que os céus proíbam que alguma vez haja — todos esperando para sentar à mesa de jantar, eles não podem sentar em uma

ordem aleatória. Minha nossa, não. Nenhum Duque — ou qualquer outro título ou precedências que importa — é exatamente igual a qualquer outro. Um será sempre mais importante que os outros três, e então um dos restantes sempre será mais importante que os outros dois, e assim por diante. É confuso e ridículo, mas é o que é. Eu tive que aprender não apenas todos os títulos e precedências, mas também exatamente quem se encaixa onde e quem procede sobre quem. Qualquer um que cometer um erro comete um suicídio social e será enviado para o purgatório aristocrático com apenas uma fraca esperança de ter uma segunda chance.

Eu estou aprendendo a dançar. Oh, você pode muito bem protestar que eu já sabia, já que você dançou comigo em numerosas ocasiões. Não é assim, Joel. Nossa educação na dança foi, lamentavelmente, inadequada, assim apenas nos ensinaram o que fazer com os pés e não o que fazer com as mãos, os dedos e cabeça e expressões faciais. Vou apenas te dar uma dica para seu próprio uso, no futuro. Nunca, jamais sorria enquanto você dança, ao menos não ao ponto de mostrar seus dentes. Isso apenas não é feito.

Mas a valsa, Joel — oh, a valsa, a valsa, a valsa. Você já ouviu falar dela? Eu não tinha. É — bem, é o paraíso na terra. Ao menos, eu acho que deve ser, apesar de eu ter experimentado apenas uma vez. Tia Matilda, a mais velha das irmãs do meu pai, pensa que é muito inapropriada porque se dança todo o tempo com apenas um parceiro, face-a-face e se tocando o tempo todo, mas a minha avó a descreveu como impossivelmente romântica — suas próprias palavras — e eu

tenho que concordar com ela. Eu acho que eu gosto da minha avó, embora esse seja um assunto completamente diferente.

Há uma outra coisa que eu só poderei contar-lhe em retrospecto, porque eu dificilmente me atreveria em pensar nisso antecipadamente. Eu vou ser apresentada à RAINHA, Joel!!! (a Srta. Rutledge teria uma apoplexia.) eu vou ter que andar até a sua cadeira (seu trono?) e fazer minha reverência. Eu estou treinando intensivamente, para isso existe uma forma de andar, uma forma de se retirar e uma forma de reverenciar que se aplica apenas à rainha — e ao rei, eu acho, mas dizem que ele é louco, pobre cavalheiro. Eu informarei depois que a provação acabar — se eu sobreviver a ela.

Eu devo chegar ao ponto nesta carta, a qual já está muito longa e, provavelmente, te aborrecendo até as lágrimas. Apesar de nunca termos nos aborrecido, não é? De qualquer forma... eu ouvi, esta manhã, do Conde de Riverdale, primo Alexander, que as minhas meias-irmãs tinham de fato ido para Bath viver com sua avó, a senhora Kingsley. A mãe foi com elas, embora eu não acredite que ela vá ficar. A carta que eu mandei para Hinsford Manor em Hampshire, convidando-as, mesmo implorando, que elas ficassem e considerassem a casa delas pelo resto da vida se elas quisessem, mas não houve resposta. O jovem Harry, meu meio-irmão, foi vê-las mas apenas brevemente. Ele tem uma comissão em um regimento de infantaria e vai se juntar a eles brevemente. Ele recusou a minha oferta de compartilhar a minha fortuna, mas explicou que era o dinheiro do meu pai que ele estava rejeitando, não a mim. Eu posso entender isso, embora quebre o meu coração

que as minhas tentativas de compartilhamento tenham sido desprezadas.

De qualquer forma, para ao menos chegar ao verdadeiro propósito desta carta (essa mulher alguma vez chegará ao ponto, você deve estar resmungando entre dentes). Você poderia descobrir onde a sra. Kingsley vive e, de alguma forma, manter um olho sobre as minhas irmãs? Eu realmente não sei o que estou pedindo, mas veja bem, elas não são mais Lady Camille e Lady Abigail Westcott. Elas são meramente as Srta.s Westcott, filhas naturais do Conde de Riverdale. Eu não tenho certeza como a sociedade de Bath vai recebê-las. Irão evitá-las? Bastante, eu suponho, depende da influência exercida pela avó delas — ou de suas próprias atitudes. Meu coração está pesado por elas. Eu não as conheço de forma alguma. Camille, a mais velha das duas, estava muito desagrada durante aquele horrível primeiro encontro com o sr. Brumford. Ela foi altiva, rude e arrogante. Mas eu dificilmente a vi em circunstâncias mais auspiciosas, vi? E minha nossa, no dia seguinte seu noivo a abandonou por causa da sua ilegitimidade. Eu desejo violência sobre a sua pessoa. Chocante, de fato, mas eu acho que eu realmente desejo. Como ele se atreveu a quebrar o coração da minha irmã!

Eu ainda queria poder ir para casa. Creio que eu iria se eu não tivesse posto a tentação, fora de questão, quando eu trouxe Berth para cá. Ela está exuberantemente feliz. Ela me perguntou ontem se poderia, possivelmente, ter o meio dia de folga dela no sábado em vez de terça-feira, como determinado pela governanta, porque o meio dia de folga do Oliver é aos

sábados. Eu disse que sim, é claro, e ela está deliciada por estar apta a dizer que eles estão, oficialmente, saindo juntos.

E de novo — eu mudei de assunto e nunca cheguei ao ponto de dizer exatamente o que estou te pedindo. Eu não sei! Mas, oh querido Joel, você poderia possivelmente, talvez manter um olho nas minhas irmãs? Eu não as conheço e provavelmente nunca conhecerei, mas as amo. O quão ridículo é isso? Ao menos me mantenha informada se você puder. Elas são exiladas sociais, ou elas estão construindo uma nova vida? O fim de outra página está chegando rapidamente, e eu não devo começar outra. Considere-se a si mesmo o amigo mais querido, em todo o mundo, de

Anna Snow

P.S. Esqueci de agradecer por sua linda carta cheia de notícias. Considere-se profusamente agradecido. Sem mais espaço. A.S.

De fato, havia sido decidido, entre as atribuições que tivessem, as tias de Anna e a avó, que a sua primeira aparição oficial em sociedade seria no teatro, no camarote privado do Duque, onde ela seria vista por um grande número de pessoas, que estariam ávidas por conhecê-la, mas que não seriam convidadas a juntar-se com eles de forma alguma. Ela ainda tinha muito a aprender, aparentemente, sobre comportamento educado e quem era quem na Ton.

Anna nunca tinha assistido uma performance dramática, embora houvesse teatros em Bath. Ela estava ansiosa para assistir agora, especialmente porque tinha lido e apreciado a peça em questão, The School for Scandal de Sheridan, não teria ocorrido a ela estar nervosa se todo mundo não tivesse dito que ela, sim, deveria estar — até mesmo Elizabeth.

— Provavelmente você vai achar que isso seja um pouco difícil, Anna — ela disse durante o jantar na noite da apresentação — Assitir a peça é a razão menos importante para ir ao teatro, sabe.

Anna olhou para ela e riu — Não, eu não sei — ela disse — O que mais tem lá?

— Existe fileiras de camarotes — Elizabeth explicou, seus olhos brilhando de alegria — preenchidas com o crème de la crème da sociedade, e a plateia ou o fosso, a qual é ocupada, na maior parte, por cavalheiros. E todo mundo está lá para comer o outro com os olhos, para observar e comentar sobre trajes, gravatas, jóias, penteados e os mais novos casais, flertes e cortejos. Os cavalheiros na plateia olham para as damas, e as damas, altamente ofendidas, olham para baixo, para os cavalheiros, por trás do seus leques tremulantes. Metade dos casamentos da sociedade, provavelmente, foram concebidos no teatro.

— Minha nossa — Anna disse — E a outra metade?

— Nos salões de baile, é claro — a prima disse — Londres durante a Temporada é conhecida como o grande mercado.

— Minha nossa — Anna disse novamente.

Berta ajudou Anna a colocar o vestido de noite turquesa, o qual parecia muito imponente, para as duas, como se ele brilhasse à luz e embelezava a figura de Anna com o corpete, sob medida, e a saia fluindo suavemente, apesar da simplicidade do desenho e a falta de ornamento. Bertha se pôs a trabalhar nos seus cabelos, escovando-o até brilhar e então torcendo-o em um nó alto na parte de trás da cabeça antes de enrolar as longas madeixas que ela deixou livre ao longo do pescoço e sobre as orelhas e as têmporas. Ela aprendeu diligentemente com a camareira de Elizabeth.

— Ooh, isso parece sempre tão lindo, Srta. Snow — ela disse sem modéstia, enquanto dava um passo para trás para apreciar o seu trabalho — Tudo o que você precisa agora é de um príncipe.

Ela riu e Anna gargalhou.

— Mas na verdade eu não saberia o que fazer com um, Bertha — ela disse — Eu seria incapaz de dizer alguma coisa.

Embora um Duque não fosse de uma precedência muito abaixo que um príncipe, era? Ela não tinha visto o Duque de Netherby desde aquela tarde, quando ele a ensinou a dançar valsa — embora tivesse sido o seu professor de dança quem levou o crédito. Ela ainda não tinha decidido se ele a atraía ou se a repelia, e isso era estranho. Obviamente os dois eram extremos opostos. Mas ela sabia que a valsa era a dança mais divina jamais criada.

— Você deve estar sempre tão assustada, Srta. Snow — Bertha tinha lhe dito enquanto ela reunia a escova e o pente e o ferro de ondular — Você vai ser vista por todos os

aristocratas. Mas você é uma deles agora, não é? Bem, mantenha a cabeça para cima e lembre-se do que você costumava nos dizer na escola — que você é tão bom quanto qualquer um.

— Isto é gratificante — Anna disse — saber que ao menos um dos meus pupílos estava ouvindo.

Primo Alexander chegou com sua mãe logo após o jantar, para levá-las ao teatro em sua carruagem. Ele poderia muito bem ser o príncipe de qualquer conto de fadas, Anna pensou, especialmente em seu traje de noite preto e branco. E ele era o perfeito cavalheiro. Ele elogiou, tanto a ela quando a irmã, sobre sua aparência e as conduziu até a carruagem com cuidado antes de tomar lugar ao lado de Elizabeth com suas costas para os cavalos.

— Você deve estar nervosa — ele disse a Anna, sorrindo bondosamente à ela — Mas não tem razão de estar. Você parece elegante, e estará rodeada pela família.

— Claro que você está nervosa, Anastasia — a prima Althea disse, dando tapinhas em sua mão — Seria estranho se não estivesse. Me atrevo a dizer que algumas pessoas estarão no teatro, esta noite, especificamente porque ouviram que você estaria lá. Sua história causou grande sensação.

— E se ela não estava nervosa, antes de subir na carruagem, mamãe — Elizabeth disse — ela sem dúvida está tremendo em seus chinelos agora. Nos ignore, Anna. Eu

estou muito feliz que a peça vai ser uma comédia. Há tragédia e turbulência que baste na vida real.

Ela estava nervosa? Anna se perguntou. Era muito fácil dizer, a si mesma, que ela era tão boa quanto qualquer um. E outra, era entrar em um teatro repleto de pessoas que, aparentemente, estavam ansiando por uma visão dela, tanto quanto eles deveriam estar ansiosos por assistir a peça. Que bobagem, realmente.

Havia uma enorme multidão de pessoas e carruagens próximas ao teatro, mas precedência era importante em Londres, Anna lembrou quando uma faixa se abriu para permitir a passagem do Conde de Riverdale e, miraculosamente, um espaço se abriu para eles ante as portas. O Duque de Netherby estava esperando lá com tia Louise, mas foi o primo Alexander quem conduziu a mãe e Anna pelo pavimento antes de segurar, firmemente, a mão de Anna em seu braço e dar tapinhas tranquilizantes. Ele ofereceu o outro braço para a mãe. O Duque ajudou Elizabeth a descer e a escoltou junto à tia Louise para dentro do hall lotado e acima até o camarote.

Ele estava vestido em um traje de noite com o casaco verde escuro com calções que iam até os joelhos na cor cinza e com um colete prateado, bordado com linhas muito brancas, meias e um nó elaborado na gravata. Suas jóias eram todas de prata e diamantes, e o seu cabelo ondulava dourado sobre sua cabeça. Ele era todo graça e elegância e altivez, e um caminho se abriu ante ele como se não tivesse ninguém do lado de fora da carruagem do conde.

Ele a tinha beijado uma vez. Não, ele não tinha. Ele a tinha confortado. E ele tinha dançado a valsa com ela uma vez, e ela tinha sentido como se eles tivessem dançando no piso do paraíso.

Entrar no seu camarote foi de perder o fôlego, para dizer o mínimo. Era como um espaço, intimamente fechado, onde faltava uma parede. Ou talvez fosse como caminhar no palco, pois era muito próximo ao palco e estava quase no mesmo nível, e Anna ficou quase que instantaneamente consciente, e visível em cada parte do teatro, dos outros camarotes ordenados em forma de ferradura no mesmo nível que eles até as fileiras abaixo na plateia.

Já havia muitas pessoas. O barulho de conversa era quase ensurdecedor, mas com certeza ela não imaginou o zumbido extra seguido por uma marcada diminuição do som e então o resurgimento das conversas. E todas as cabeças pareceram girar na direção deles. Anna sabia porque ela estava olhando. Ela talvez devesse olhar para baixo e fingir que não havia nada além da segurança do camarote, mas se ela não olhasse para fora, desde o começo, ela talvez nunca encontrasse coragem para fazê-lo, e isso seria meio absurdo já que ela tinha ido assistir a peça. Mas é claro que havia um Duque e uma Duquesa no camarote também, assim como um conde e um barão e uma baronesa — Lord e Lady Molenor, tio Thomas e tia Mildred, estavam esperando-os lá. Todas essas pessoas não estavam necessariamente olhando para ela.

Haviam outros dois cavalheiros no camarote. Tia Louise os apresentou à Anna como Coronel Morgan, um amigo de

seu falecido marido, e o senhor Abelard, um vizinho e amigo do primo Alexander. Ambos se curvaram à Anna enquanto ela inclinava a cabeça e dizia que estava encantada em conhecê-los.

— Todo mundo, ao que parece, está olhando para você, Lady Anastasia — o coronou falou a ela, seus olhos brilhando abaixo das suas sobrancelhas grisalhas — E eu posso dizer à você o quão elegante você parece?

— Obrigada — ela disse.

Primo Alexander a sentou próximo à borda exterior do camarote perto do parapeito do balcão de veludo e pegou um assento ao lado dela. Ele se enganjou em uma conversa com ela enquanto todo mundo tomava seus lugares. Ele obviamente estava fazendo o seu mellhor para acalmá-la. E quanto a ele? Isso deveria ser uma provação para ele também já que ele acabou de ser elevado às fileiras aristocráticas e não passou muito tempo em Londres. Anna sorriu de volta para ele e retornou a conversa aberta.

O Duque estava entretendo Elizabeth. Ela estava rindo de alguma coisa que ele disse. O senhor Abelard, sentado ao lado da prima Althea, tinha a sua cabeça inclinada para ela enquanto ele falava.

E então, finalmente, a peça começou e o barulho de conversas e risadas diminuiu a quase silêncio. Anna deu toda a sua atenção ao palco e em minutos estava absorvida e encantada. Ela riu e aplaudiu e perdeu toda a consciência do que a rodeava. Ela estava com as personagens no palco, vivendo a comédia com eles.

— Oh — ela disse quando o intervalo a fez voltar a si com uma sacudida — quão absolutamente lindo foi tudo. Você já havia visto algo tão excitante em toda a sua vida? — ela se virou sorrindo para o primo Alexander, que estava sorrindo de volta para ela.

— Provavelmente não — ele disse — Isso está particularmente bem-feito. Podemos esperar aqui até a segunda parte começar. Não há necessidade de deixar o camarote.

Por todo o teatro, Anna pode ver, as pessoas se levantavam e desapareciam nos corredores por trás das cortinas. O barulho se tornou quase ensurdecedor mais uma vez. Elizabeth estava saindo com a mãe e o senhor Abelard.

— Nós ficaremos aqui, Anastasia — tia Louise disse, levantando a voz — Sua aparição aqui é exposição suficiente para começar. Se alguém vier aqui nos cumprimentar, tudo o que você precisa fazer é murmurar poucas civilidades.

— Você não precisa, de verdade, se sentir intimidade, Anastasia — tio Thomas adicionou — Apenas os perseguidores muito ilustres se aventurarão a bater na porta do camarote de Avery, e nós iremos envolvê-los em conversa. Tudo o que você precisa fazer é sorrir.

O próprio Duque estava em pé, embora ele não tivesse seguido Elizabeth até o corredor. Ele estava cheirando rapé de uma caixinha de prata encrustada com diamantes e olhando os outros camarotes, um aspecto de tédio no rosto. Ao terminar com o rapé, ele guardou a caixinha de volta no bolso e chegou mais perto de Anna.

— Anna — ele disse — depois de estar sentado por tanto tempo eu sinto a urgência de esticar as minhas pernas. Me acompanhe, se quiser.

— Avery — a Duquesa disse reprovadoramente — nós decidimos, antecipadamente, que seria mais sábio nessa primeira vez.... ”

— Anna? — ele levantou suas sobrancelhas.

— Oh, obrigada — ela disse, percebendo de repente quanto tempo ela ficou sentada. Ela se levantou e ele a escoltou até o corredor, onde a multidão se espremia, saudando-se, conversando entre eles, bebendo suas bebidas e se virando para olhar Anna e o Duque de Netherby. Ele acenou com a cabeça languidamente para algumas pessoas, quase levou seu monóculo cheio de jóias ao olho, e o caminho mágico se abriu, novamente, dessa forma ele poderia passear desempedidamente.

— Deve ter te levado uma vida para aperfeiçoar a arte de ser um Duque — ela disse.

— Anna — ele soou quase pesaroso — Se tem uma arte que eu aperfeiçoei, foi a arte de ser eu.

Ela riu, e ele virou a cabeça para olhá-la.

— Você percebeu, eu supunho — ele disse — que você está aprendendo uma arte similar? Amanhã a metade da porção feminina da Ton irá expressar choque pela simplicidade da sua aparência, e a outra metade de repente ficará insatisfeita com o espalhafato da sua própria aparência e começará a descartar fitas e babados e laços e debruns e cachos até Londres estar caminhando até os joelhos com eles.

— Que — ”

— Absurdo, sim, de fato — ele disse — E o seu comportamento, Anna. Rir e aplaudir no meio da cena? E sem uma conversa íntima com aqueles que compartilharam o seu camarote quando a interpretação ficou tediosa? Rindo novamente, aqui fora?

— A peça não ficou tediosa — ela protestou — Além disso, seria mal educado com os atores e com os membros da audiência falar em voz alta durante a apresentação.

— Você tem muito a aprender — ele disse com um suspiro.

Mas ela sabia que ele não quis dizer isso. Ele não tinha falado durante a apresentação. Ela teria notado.

— Me atrevo a dizer — ela disse — que eu sou um caso perdido.

— Ah — ele disse, levantando outro dedo para trazer um garçon correndo em sua direção com uma bandeja com bebidas — Eu diria o contrário.

— Eu sou um caso achado? — Ela riu.

Ele pegou duas taças de vinho e entregou uma a ela enquanto um cavalheiro alto e bonito, com o colarinho da camisa parecendo tão rígido e alto que ele mal podia virar a cabeça, se aproximou deles.

— Ah, Netherby — ele disse — Bom te ver, velho amigo. Eu não pus os olhos em você desde aquela tarde no White’s quando eu sofri algum tipo de apoplexia. Eu devo te agradecer por chamar ajuda prontamente. Meu médico me informou que você, provavelmente, salvou a minha vida. Eu

fiquei confinado à minha cama por uma semana como precaução, mas eu me recuperei completamente, você ficará agradado em saber.

O monóculo do Duque estava na sua mão livre, e ele o estava segurando no olho.

— Enlevado — ele disse, a voz tão fria que quase pingava gelo.

Anna olhou para ele surpresa.

— Talvez — o cavalheiro disse, virando sua atenção para Anna — você me daria a honra de apresentar sua acompanhante, Netherby?

— E talvez — o Duque de Netherby respondeu — eu não daria.

O cavalheiro pareceu tão atônito quanto Anna. Mas ele se recuperou rapidamente.

— Ah, eu entendo, velho amigo — ele disse — A dama ainda não está inteiramente pronta para a revelação pública, está? Talvez outra hora. Ele fez uma reverência profunda a Anna e se afastou.

— Mas que... grosseiro — Anna disse.

— Sim — o Duque concordou — Ele foi.

— Você — ela exclamou. Às vezes suas afetações eram muito para suportar — Você foi muito grosseiro.

Ele pensou sobre isso enquanto bebericava o vinho — Mas o fato é, Anna — ele disse — que ele disse talvez. Isso implica uma escolha, não é? E eu escolhi não apresentá-la a ele.

— Por quê? — Ela franziu o cenho para ele.

— Porque — ele disse — Eu teria achado tedioso.

— E eu acho a sua companhia tediosa — ela retrucou, entregando a ele a sua taça. Ele deixou seu monóculo pendurado na fita para pegá-la e voltar para o camarote.

Tarde demais ela reparou que tinha atraído atenção. Um caminho se abriu frente a ela, mas por diferentes razões, ela suspeitou, do que tinha aberto para o Duque. Ela entrou no camarote sozinha, mas o Duque estava perto o bastante dela para ninguém reparar neste fato. O primo Alexander estava de pé falando com o coronel e com o tio Thomas enquanto tia Louise e tia Mildred estavam conversando, suas cabeças quase se tocando.

— Você parece corada, Anastasia — tia Mildred apontou — Me atrevo a dizer que está mais quente no corredor do que aqui dentro.

— Estou corada de satisfação, tia — Anna disse enquanto se sentava. Seus olhos encontraram os do Duque e ela não olharia para longe porque ele não olhou. Ele levantou as sobrancelhas e teve a empáfia de parecer quase divertido.

Ele teria achado tedioso apresentar o cavalheiro a ela, de fato. Que humilhação para o homem, e quão... grosseiro com ela, dando a impressão de que ela não estava pronta para ser apresentada para a sociedade educada. O que ele esperava? Que a sua boca iria derramar obscenidades e blasfêmias, todas aprendidas no orfanato?

E então, antes de afastar o olhar e seguir para o próprio assento, ele sorriu para ela. Um sorriso completo e

deslumbrante que o fez parecer um anjo dourado e a fez sentir vários graus mais quente que apenas corada.

Ela não gostava dele, decidiu. Ela o menosprezava. E era definitivamente repulsa o que ela sentia por ele em vez de atração.

Ela sorriu enquanto primo Alexander se sentava ao lado dela, novamente, e a envolvia em uma conversa inteligente sobre a peça.

Capítulo 12

— Sabe, Avery — Harry disse com alegria, enquanto ele se olhava no enorme espelho no quarto de vestir — Eu acho que talvez esta seja a melhor coisa que já aconteceu comigo. Enquanto eu era o único filho e herdeiro do meu pai, eu não podia ao menos pensar em me juntar ao exército. Eu certamente não poderia depois da morte dele. Mas eu sempre tinha invejado aqueles camaradas que podiam e, agora, eu posso ser um deles com a consciência limpa. Isso tudo será uma grande diversão. E eu vou gostar de vestir um casaco verde em vez de um vermelho. Todo oficial e seu cão vestem vermelho. Isso irá fazer as cabeças virarem. Cabeças femininas. Você não acha? — ele se virou para olhar seu guardião.

O garoto de fato parecia impetuoso no uniforme dos Rifles. E Avery não duvidava do seu entusiasmo, embora, definitivamente, havia um leve traço de histeria nisto. Harry se sairia bem, se ele permanecesse vivo. E talvez, de fato, tudo o que aconteceu faria bem a ele. Mas, agora, ele estava falando com uma bravata forçada, mas ele faria disso realidade. Depois de tudo, havia algo admirável sobre Harry.

— Eu acredito que você sempre fará virar as cabeças femininas — Avery disse, olhando seu tutelado sem a ajuda

do monóculo — independente da cor do seu casaco. Você está pronto?

Harry estava partindo hoje para se juntar ao regimento, ou a pequena parte dele que estava na Inglaterra, reabastecendo o contingente depois das perdas de batalha. Em um dia ou dois eles estariam embarcando para a Península, rumo à guerra contra Napoleão Bonaparte. Não haveria tempo para o garoto levar as coisas devagar em seu novo papel. Ele poderia se encontrar em um acampamento de batalha dias depois da sua chegada.

— Tia Louise não derramará baldes de lágrimas sobre mim, verdade? — Harry perguntou inquieto — Deixar minha mãe e as meninas uma semana atrás foi a coisa mais difícil que eu já fiz na vida. Pior do que ver meu pai morrendo.

— Sua Graça se manterá firme — Avery garantiu a ele — Jessica será outra coisa.

Harry estremeceu.

— A mãe dela a deixou fora da sala de aula — Avery disse a ele — Se não pudesse se despedir de você ela, provavelmente, fugiria para o mar como um grumete ou algo do tipo e eu teria que me deslocar e trazê-la de volta para casa.

— Como você fez comigo quando me alistei com aquele sargento — Harry disse — Eu te disse o quanto você me fez pensar em Davi confrontando Golias, mas com um monóculo em vez de um estilingue? Diabos o levem, Avery, mas eu gostaria de poder simplesmente estalar os dedos e me encontrar com o meu regimento. Não que eu não ame os

meus parentes. Mas é o oposto, de fato. O amor é a coisa mais maldita.

Verdade? Mas de fato era difícil enviar Harry para longe, possivelmente para a morte — Tentarei ao máximo conter minhas próprias lágrimas — ele disse.

Harry deixou escapar uma risada.

A Duquesa e Jessica os estavam esperando na sala de estar. Assim como Anna.

Avery a olhou com desprazer. Ela realmente tinha ralhado com ele duas noites atrás. Ela havia achado a companhia dele tediosa e tinha se afastado dele, independentemente da curiosidade que ela estava despertando entre os presentes. Ele apostaria metade da sua fortuna no fato de que as salas de visitas da moda estariam zumbindo com a história, ontem e, provavelmente, hoje também a menos que alguém tivesse sido obrigado a usar um colete amarelo com um casaco roxo ou fugido com um belo e musculoso lacaio ou de outra forma incitado algum novo escândalo. E agora aqui estava ela para soluçar sobre Harry quando ele menos queria.

— Você parece muito elegante, Harry — a Duquesa disse com um elogio caloroso, se levantando enquanto olhava para ele — Adeus, meu menino. Eu não vou te pedir para nos deixar orgulhosos. Eu sei que você vai.

— Obrigado, tia Louise — ele disse, apertando as mãos dela — Eu vou, eu prometo.

Previsivelmente, Jessica se atirou em seus braços, berrando horrivelmente.

— Você vai arruinar o novo uniforme de Harry, Jessica — sua mãe disse depois de alguns momentos, e Jess se afastou e esfregou a mão sobre o tecido molhado abaixo dos ombros dele.

— Eu n-nunca aceitarei que você não é mais o Conde de Riverdale — ela disse a ele — e eu n-nunca perdoarei o tio Humphrey, embora a gente não d-deva falar mal dos m-mortos. Nem perdoarei a f-família que ele escondeu quando era vivo. Ela n-nunca foi a sua família de verdade. Você foi e A-Abby e Camille e tia Viola. Mas eu prometi a mamãe que não f-faria um espetáculo, e eu não vou apesar de ela estar aqui e mamãe não a mandará embora. Harry, parte meu coração vê-lo i-ir e saber que você e-enfrentará tal p-perigo.

— Eu vou passar em segurança — ele disse, sorrindo para ela — Eu não sou fácil de se livrar, Jess. Você estará toda crescida quando eu voltar. Você já quase está. Você terá tantos pretendentes que eu não vou conseguir abrir caminho entre eles e, de qualquer forma, você terá perdido o interesse em um mero primo.

— Eu nunca perderei o interesse em você, Harry — ela declarou apaixonadamente — Eu apenas desejava que não fossemos parentes. Mas até lá, eu acho, que nem ao menos o conhecerei, não é? Que coisa mais complexa a vida é. Oh, eu q-queria que você não f-fosse. Eu queria... ”

Ela sacudiu a cabeça e espalmou as mãos em seu rosto, e Harry dirigiu sua atenção à Anna, que estava quietamente de pé um pouco distante.

— Anastasia — ele disse.

— Harry — ela sorriu para ele — Eu tive que vir. Você é meu irmão. Mas eu não vim te sobrecarregar com mais emoção, quando eu tenho certeza que você já está oprimido com isso. Eu vim meramente para dizer que eu honro e admiro você e que aguardo, ansiosamente, o dia no qual poderei dizer isto novamente.

— Obrigado — ele disse. Nada mais, apesar de ele não ter parecido nem raivoso nem resentido por ela ter vindo, ou feliz pelo que importa.

E então ele se virou para sair da sala. Avery foi com ele até a porta de entrada, mas Harry já tinha deixado claro que ele queria sair da casa sozinho. Eles apertaram as mãos, e ele se foi. Avery levantou as sobrancelhas quando ele percebeu que tinha sentido algo parecido com um aperto na garganta.

Ele teria passado direto pela sala de estar, no seu caminho de volta para as escadas, e ido cuidar de seus negócios se ele não tivesse ouvido vozes alteradas — ou, ao menos, uma voz alterada. Ele hesitou, suspirou e abriu a porta.

— .. sempre irei odiar você — Jessica estava gritando — E eu não me importo se estou sendo injusta. Eu não me importo — você me ouviu? Eu me importo com Abby e Camille. Eu me importo com Harry. Eu quero que tudo volte...

— Jessica — A Duquesa, que quase nunca levantava a voz, levantou levemente agora — Você voltará para a sala de aula, imediatamente. Eu lidarei com você mais tarde. Quando

temos um convidado em casa, nós sempre agimos com boas maneiras.

— Eu não me importo...

— Eu vou me despedir, tia — Anna disse naquela voz suave dela que dificilmente era audível — Por favor não fique brava com Jessica. A culpa é minha por ter vindo aqui esta manhã.

— E você não irá levar a culpa em meu lugar — Jessica gritou, girando sobre si, com os olhos furiosos.

— Jess — Avery falou mais baixo ainda que Anna, mas sua irmã virou para ele e ficou em silêncio — Para a sala de aula. Me atrevo a dizer que você está perdendo alguma lição de geografia ou matemática ou alguma coisa igualmente fascinante.

Ela saiu sem uma palavra.

— Me desculpe, Anastasia — a Duquesa disse.

— Por favor, não — Anna levantou uma mão — E, por favor, não repreenda Jessica muito severamente. Tudo isso... foi um choque terrível para ela. Eu entendo que os primos eram muito queridos para ela.

— Ela os adora — a Duquesa admitiu — Você está perdendo uma aula de dança, de etiqueta ou ajuste de roupas?

— Apenas meu encontro semanal com a governanta — Anna disse — Isso pode esperar. Mas não vou tomar mais o seu tempo, tia Louise. Eu vou pegar Bertha na cozinha e me por a caminho.

— Elizabeth? — A Duquesa perguntou.

— Ela foi à biblioteca com sua mãe — Anna explicou — Elas queriam que eu fosse também, mas eu preferi vir aqui para ver Harry uma última vez — ao menos eu espero, oh, eu espero que não seja a última vez de verdade. Mas eu temo que esta era uma auto-indulgência a qual eu deveria resistir. Bom dia para você, tia, e para você, Avery.

Ela foi, propositadamente, em direção a porta e parecia pronta para passar por cima dele, Avery pensou, se ele não tivesse se afastado.

— Anastasia! — A voz de sua madrasta soou pesarosa — Você não está pretentendo ir você mesma até a cozinha pegar a sua camareira, está?

— Me atrevo a dizer que a garota está inundada em chá, pão, manteiga e fofoca — Disse Avery — Deixe-a terminar e achar o próprio caminho para casa quando ela perceber que foi abandonada. Eu vou te acompanhar, Anna.

Ela ainda o achava tedioso, ao que parecia. Ela levantou as sobrancelhas — Isso foi uma pergunta? — ela perguntou.

Ele pensou exatamente no que tinha dito — Não — ele disse — Se a memória não me falha, foi uma afirmação.

— Foi o que pensei — ela disse. Mas não reclamou mais, e um par de minutos mais tarde eles estavam do lado de fora da casa e ela pegava o seu braço, também sem reclamar.

— Você ainda está... chateada comigo? — ele perguntou depois que eles caminharam em silêncio pela Hanover Square.

Ela fugiu da pergunta — Você realmente salvou a vida daquele homem? — ela perguntou.

Ah, ela estava se referindo a Uxbury.

— É realmente extraordinário que ele se lembre do incidente dessa maneira — ele disse — Se eu bem me lembro, eu quase tirei a vida dele.

Sua cabeça virou para que ela pudesse olhar o rosto dele. Ela estava usando um vestido de caminhada, verde claro, que era completamente sem adornos, embora claramente tenha sido feito por mãos muito capazes. Ele dava ênfase as suas curvas suaves, e o pegou de surpresa que ela fosse tão sexualmente apelativa, quanto qualquer outra fêmea, generosamente dotada, que alguma vez ele favoreceu. Seu chapéu de palha, atado em seu queixo com uma fita da mesma cor, com certeza era a coisa mais sem graça que ele já tinha visto, mas tinha algo sobre a forma dele que o fazia inesperadamente sedutor. Os cachos e ondas que tinham adornado sua cabeça, duas noites atrás no teatro, haviam desaparecido hoje, e cada fio de cabelo tinha sido confinado impiedosamente em um coque em seu pescoço. Ele não tinha dito, inteiramente a sério quando sugeriu que metade das damas da Ton estariam imitando seu estilo simples em breve, mas ele realmente não estaria surpreso se isto acontecesse. Claro, elas precisariam da sua figura e beleza para carregá-los.

— Eu acho que você não vai explicar — ela disse — A não ser que eu pergunte.

— Você está certa — ele perguntou a ela — que você quer ouvir sobre a violência que eu infringi à pessoa de outro cavalheiro?

Ela estalou a língua — Sim — ela disse — Entretanto, eu tenho o pressentimento que você está prestes a dizer algo absurdo.

— Eu o golpeei atrás dos joelhos com um pé e coloquei a ponta de três dedos contra um ponto bem abaixo de suas costelas — ele disse a ela — e ele foi pra baixo, ofegando. Ou não ofegando, no caso. Tem que haver algum ar, movendo-se pelo corpo, para alguém arfar, não tem? Ele ficou com o rosto bem roxo, tanto quanto ele poderia quando ele quebrou um decantador de cristal e provavelmente derrubou uma mesa quando caiu. Mas ele tinha muita ajuda ao redor dele antes de eu ir embora.

— Oh — ela disse, exasperada — você superou-se no absurdo. De fato, três dedos. Ele é duas vezes o seu tamanho.

— Ah — ele disse depois de cumprimentar com a cabeça um casal que passava — mas todo mundo é duas vezes o meu tamanho, Anna. Embora os meus dedos sejam tão longos quanto o da maioria dos homens.

— Três pontas de dedos — ela disse novamente com máximo desprezo. Ela franziu o cenho para ele, claramente não muito certa se ele estava provocando-a ou dizendo a verdade.

— As pontas dos dedos de alguém podem ser armas poderosas, Anna — ele disse — se alguém souber como e onde usá-las.

— Oh, Deus — ela disse — Eu acredito que você está falando sério. Mas por que você fez isso, se de fato fez? Por que você quase o matou?

— Eu estou cansado desta conversa — ele disse, e sorriu para ela.

Ela se ergueu e se afastou alguns centímetros dele, e então virou a cabeça para frente novamente — É tedioso?

— Excruciante.

Ele então se tornou ciente dos passos atrás deles em grande velocidade, parou e virou para ver uma jovem se aproximando. Ela estava usando um vestido novo e rígido, o qual ela estava segurando na altura dos tornozelos, um novo chapéu, novos sapatos e não precisava ser nenhum gênio para adivinhar quem ela era.

— Bertha, eu presumo? — ele peguntou enquanto ela parava abruptamente e ofegava no meio da calçada a pouco distância atrás deles.

— Sim, senhor, minha Senhoria, sua adoração — ela disse — Oh, qual é mesmo, Srta. Snow? Eu esqueci, se é que ao menos sabia.

— Sua Graça — Anna disse — Não havia necessidade de apressar-se atrás de mim, Bertha. Você deveria ter ficado um pouco mais e se divertido.

— Eu já tinha comido dois scones e não precisava de um terceiro — a garota disse — Eu ficarei gorda. Você deveria ter ido e me recolhido, Srta. Snow. Eu não devo deixar você sair sem mim, devo? Não quando você está sozinha, de qualquer forma.

— Mas eu não estou sozinha — Anna assinalou — O Duque de Netherby está me escoltando até em casa, e ele é meu primo por casamento.

— Entretanto — Avery disse com um suspiro — Duques são conhecidos por devorar damas nas ruas de Londres quando elas não têm suas camareiras para defendê-las. Você fez bem em nos seguir, Bertha.

Ela o surpreendeu por rir com aberta satisfação — Oh, você! — ela exclamou — Ele é um dos engraçados, Srta. Snow.

— Você pode nos seguir a distância — Avery disse a ela — Perto o bastante para que me ataque caso eu tenha em mente me impôr à sua senhora, mas longe o bastante para não ouvir ou, que os céus proíbam, participar da conversa.

— Sim, Sua Graça — Ela sorriu com alegria para ele como se estivessem envolvidos em algum tipo de conspiração.

— Obrigada, Bertha — Anna disse.

— Eu suponho — ele disse assim que eles voltaram a caminhar — que vocês andarem de braços dados, no caminho para Archer House, falando incessantemente e rindo seja uma boa ideia.

— Não de braços dados — ela disse — A primeira vez que eu fiz isso foi com você no caminho para o Hyde Park. Não havia muito contato físico no orfanato. Talvez porque nós estivessemos aglomerados lá, nós respeitávamos o espaço que havia para ficarmos afastados.

Mas ela não havia negado sobre conversar e rir com a camareira. Que criatura estranha ela era. E ele tinha que admitir que estava completamente fascinado por ela.

— Minhas irmãs estão em Bath — ela disse — vivendo em uma casa no Crescent com a avó, a senhora Kingsley. Ela

deve ser rica — o Crescent é o endereço de maior prestígio em Bath. Você sabe algo sobre ela?

— Seu marido nasceu com dinheiro e não o esbanjou até onde eu saiba — ele disse — Eu acredito que ela também tenha um fundo. Por isso o casamento entre seu pai e a filha dela. O filho escolheu a igreja como carreira e permaneceu com o seu rebanho, embora eu duvido muito que ele tenha passado necessidade desde a morte do pai. Camille e Abigail estarão bem cuidadas, Anna. Elas não passarão fome. Nem a mãe delas.

— Se apenas fosse só dinheiro, eu ficaria tranquila — ela disse — Abigail foi ao Pump Room com a avó no passeio matutino, mas Camille não foi vista.

— E quem, suplico — ele perguntou — é o seu espião?

— Essa é uma palavra horrível — ela disse — Eu pedi ao meu amigo Joel para manter um olho nelas, se possível, para descobrir se elas conseguiriam fazer uma vida para elas. Eu acho que eu as pintei próximas a indigência. Ele descobriu quem a avó era e onde vivia, e ele viu Abigail entrando no Pump Room uma manhã, embora ele mesmo não tivesse entrado. Ele descobriu que era ela.

— Um amigo admirável — ele disse.

— Ele procurou o senhor Beresford para mim também — ela disse — embora eu mesma lhe tenha escrito. Ele não revelaria nada a Joel.

— Beresford? — ele levantou as sobrancelhas.

— O advogado através do qual meu pai me sustentou no orfanato — ele o lembrou — Eu ainda não tive resposta. Eu

espero que ele possa me dizer quem são ou foram os pais da minha mãe, e onde eles vivem ou viviam, o Reverendo e a senhora Snow, é isso.

— Anna — ele disse — eles não te deram as costas depois da morte da sua mãe e a abandonaram aos cuidados de um pai duvidoso?

— Isto foi o que o senhor Brumford nos contou — ela disse — Mas eu preciso descobrir por mim mesma.

Eles estavam na South Audley Street, indo em direação à Westcott House.

— Você gosta de causar dor a si mesma? — ele peguntou a ela — Isso não deveria ser evitado?

Ela virou a cabeça para olhar o rosto dele, e seus passos diminuíram o ritmo — Mas vida e dor andam de mãos dadas — ela disse — Alguém não pode viver plenamente a menos que encare um pouco de dor ocasionalmente. Você com certeza deve concordar.

Ele levantou as sobrancelhas — Sem dor, sem júbilo? — ele disse. E realmente ele concordava. A vida, ele aprendeu, é constantemente puxada pelos opostos, onde precisamos estabelecer um equilíbrio se queremos viver uma vida sã e significativa. Ele sabia de cabeça, coração e alma. Embora houvesse uma parte dele que não sabia isso ou ao menos resistia em colocar em prática? Teria ele erguido uma barricada contra a dor e assim se negando o júbilo? Mas todo mundo não evitava a dor a todo custo?

O que o mestre quis dizer sobre o amor? Ele tinha estado relutante em explicar e Avery tinha sido provocado pela questão por mais de uma década.

— Oh — ela disse — Eu não tenho certeza se a vida pode ser definida com frases tão simples.

Ele viveu um momento de hilariedade enquanto imaginava ter tal conversa com outra dama de seu círculo — ou com uma de suas amantes. Ou com qualquer uma de suas amizades masculinas, pelo que importa. Ele se despediu dela depois te vê-la dentro de casa, recusou o convite de ir até a sala de visitas para um refresco. Ele se pegou se despedindo da camareira também.

— Adeus, Sua Graça — ela disse, sorrindo descaradamente para ele — Você não se impôs à Srta. Snow e não a devorou no fim das contas, não? Mas isso porque eu estava lá para ir em seu socorro, ou você não teria feito isso de qualquer forma? Nunca saberei, verdade? — E ela riu com prazer da sua própria piada.

Assim como o lacaio muito jovem, o qual era claramente novo. Outro orfão de Bath?

Avery estava muito impressionado até mesmo para usar o monóculo. Mas ele sacudiu a cabeça quando estava fora da casa e assutou duas senhoras que estavam do outro lado da rua rindo em voz alta.

Capítulo 13

Avery manteve distância de South Audley Street durante a semana seguinte. Também jantou, todas as noites, em um de seus clubes com conhecidos que não fizeram uma única menção de qualquer tipo de chapéu ou à educação de Lady Anastásia Westcott. Foi revigorante. Na tarde do oitavo dia, no entanto, tendo acabado de levar Jessica para o Gunter's, num esforço para animá-la, entrou na sala de visitas para cumprimentar sua mãe.

— Anastásia está pronta para conhecer vários pretendentes — disse-lhe sem preâmbulo — tão pronta como ela sempre esteve. Nós discutimos bastante sobre como deve ser feito, mas eu não vou aborrecê-lo com os detalhes.

— Obrigado — murmurou Avery.

— Decidimos sobre o baile — disse ela — É o mínimo a se fazer, embora hesite em chamá-lo de baile de debutante devido sua idade. Ela vai fazer sua reverência para a rainha na sala de estar, e o baile será realizado na noite do dia seguinte. Tivemos uma conversa animada sobre onde seria realizado.

E tendo prometido não o aborrecer com detalhes, passou a fazer exatamente isso enquanto lhe servia uma xícara de chá, que ele queria tanto quanto saber os detalhes. Parecia que a Condessa viúva não podia promover o baile

porque era muito idosa, e a prima Matilda não tinha esperança. Os Molenors moravam tão longe, ao norte de Inglaterra, que quase chegavam a Escócia. Vieram à cidade apenas uma vez em um longo tempo e, realmente, não conheciam ninguém. Portanto, seria uma má escolha como anfitriões de um evento como aquele. A casa que o novo Conde de Riverdale tinha alugado para a temporada não tinha sequer um salão de baile, um fato que mais ou menos excluía ele e a prima Althea da corrida, e seria totalmente inadequado usar Westcott House para a ocasião.

Avery pôde ver onde ela estava indo à metros de distância.

— Então você vê, Avery.

— Deveria? — Ele a interrompeu — O baile será realizado aqui, é claro — disse ele com um suspiro, e bebeu seu chá — que já estava morno — Alguma dúvida?

— Bem, sim — ela disse — Todo mundo sabe que você está achando todo esse negócio com Anastásia tedioso, Avery. Você não apareceu na Westcott House por uma semana ou mais, e você não expressou nenhum interesse no progresso que estamos fazendo com ela. Não é parente sua, é claro, e não se pode esperar que se importe. Estou feliz que você concorda que o baile seja realizado aqui. Tomarei emprestado o Sr. Goddard, se puder, e começarei a planejar.

— Ah, mas não faço os serviços de Edwin — disse Avery, colocando sua xícara e pires na bandeja e preparando-se para fugir antes de se encontrar com uma descrição de vestidos de baile — Ele pode ficar ofendido. Vou conversar

com ele e você pode fornecer-lhe uma lista de convidados no caso, improvável, de que ele esqueça alguém, e com qualquer pedido especial que possa lhe ocorrer.

— Isso — disse ela — foi o que eu quis dizer ao pegá-lo emprestado, Avery.

— Muito bem — disse ele, andando em direção da porta. Era melhor avisar o mordomo de seu destino iminente.

Ele tinha se resignado ao fato de que, no próximo ano, ficaria cheio daquela tediosa futilidade quando Jessica o fizesse sair. Mas um baile em Archer House este ano? Era o suficiente para fazer qualquer um fugir para um monastério em algum lugar distante. Não fazia sentido, naturalmente, esperar que a lista de convidados fosse restrita a um seleto grupo. Sua madrasta se referia distintamente à ocasião como um baile e nenhum baile em Londres poderia ser considerado um sucesso se não pudesse também ser julgado, após o ocorrido, como tendo sido um triste evento. A Duquesa, sua mãe e suas irmãs convidariam todos com qualquer pretensão a nobreza, e todos com qualquer pretensão a nobreza aceitariam, pois Lady Anastásia Westcott ainda era a sensação do momento, provavelmente de toda a temporada, ainda mais pela sua descoberta, por assim dizer, tinha sido um processo tentadoramente lento até agora. Mesmo no teatro ninguém fora de seu próprio partido[7] tinha assegurado uma introdução a ela.

[7] Parlamento da Inglaterra.

— Você vai, é claro — disse a Duquesa antes que ele pudesse sair — conduzir Anastásia na dança de abertura, Avery.

— Vou? — Ele disse, virando a cabeça para ela.

— Com certeza observariam se não a conduzisse — disse ela — E Alexander a levará para a segunda.

— E, então, uma sucessão de possíveis pretendentes à sua mão? — Ele perguntou.

— Bem, ela tem vinte e cinco anos — ela lembrou — Não há tempo a perder.

— Mas com sua fortuna a idade não importará — disse ele.

— Certamente — ela concordou, não tendo notado qualquer ironia em sua observação — Mas eu gostaria que ela tomasse mais conselhos sobre suas roupas, especialmente sobre os vestidos de baile. São todos tão simples, Avery. E sua aparência não compensa.

Ah! Afinal de contas, ele não tinha escapado dos vestidos de baile.

— Mas — disse ele — sempre é melhor ditar a moda do que seguí-la.

— Para definir uma moda para a modéstia? — Ela disse, com suas sobrancelhas erguidas — Que absurdo você é às vezes, Avery. E foi muito imprudente da parte dela insistir em colocar aquela menina de Bath como sua criada pessoal. Uma criada experiente poderia fazer muito por sua aparência. E o novo lacaio dela ... você já o encontrou? Ele é bastante extraordinário. Mas não me deixe com raiva.

— Não o farei — prometeu, lembrando-se da cena em que o lacaio rira com a dita criada por algo que ele, Avery, tinha observado, como se fossem todos amigos de longa data.

Finalmente, ele fugiu. Embora não ileso, por Jove[8]. Ele estava condenado a receber um grande baile em Archer House dentro das próximas semanas. Uma chatice estrondosa.

Embora talvez não. Seria a primeira exposição real de Anna à sociedade, e poderia ser interessante de se ver. Ela poderia ser interessante de se observar.

Ah, e ele deveria perguntar a Edwin Goddard, após ele ser avisado do que estava acontecendo, se ele tinha feito algum progresso em suas perguntas sobre o Reverendo e Sra. Snow, vivos ou mortos, em algum lugar na vizinhança de Bristol, em algum lugar com uma igreja. Mas havia igrejas em todo lugar. Isso não era uma pista.

No entanto, se fossem descobertos, seu secretário os encontraria. Avery, recentemente, havia aumentado seu salário. Ele deveria fazê-lo novamente em um futuro não muito distante. Se Edwin deixasse o emprego, sentiria como se um membro tivesse sido cortado.

A estreia de Anna na sociedade tinha sido objeto de uma discussão animada entre sua avó e tias. Seus desejos não tinham sido consultados. Na opinião de Elizabeth, dada com

[8] O nome pelo qual o deus romano Júpiter também era chamado.

um olhar cintilante, quando estavam sozinhas, a viúva e as tias chegaram a algum tipo de acordo, e uma opinião do resto deles seria um desperdício. Lady Anastásia Westcott deveria ser apresentada à Rainha Charlotte no salão privado. Isso foi unanimemente acordado mais cedo. Tudo o mais estava aberto à discussão.

De um lado estava a noção de que Anna devia ser apresentada à sociedade, gradualmente, frequentando vários sarais, concertos e jantares. Do outro estava a sugestão de que sua aparição de estreia deveria ser em um grande baile realizado por um de seus membros. Era mais provável que uma pessoa aprendesse a nadar, disse tia Mildred, se alguém a atirasse no meio de um lago profundo do que apenas se a aproximasse da margem.

Mas também era mais propensa a se afogar, na opinião de Anna.

Mas ela manteve a calma. Era uma questão sobre a qual realmente não tinha nenhuma preferência. Ela tinha tomado a decisão de permanecer em Londres, aprender o papel de Lady Anastásia Westcott e tomar seu lugar na sociedade. Além disso, ela estava à mercê de seus parentes, que sabiam melhor do que ela como era a transição. Bailes, saraus, concertos, estavam todos além de sua experiência e igualmente impossíveis de imaginar.

Os que propuseram o grande baile ganharam o dia. E tia Louise ganhou o argumento menos vigoroso sobre onde deveria ser realizado. Era para ser em Archer House com o Duque e Duquesa de Netherby como anfitrião e anfitriã. A

data foi marcada para o dia seguinte à apresentação de Anna a corte. Seria precedido por um jantar e, então, ela estaria em uma recepção com o Duque e a Duquesa. Todo mundo que era importante seria convidado, e sua avó ficaria surpresa, se de fato, alguém recusasse. Todos estavam agitados para conhecer a filha do conde que crescera num orfanato na província de Bath. Anastásia teria um parceiro para cada dança, ninguém tinha dúvidas disso, abriria o baile com o Duque de Netherby e dançaria a segunda dança com o Conde de Riverdale.

Anna não tinha visto o Duque desde o dia em que Harry partiu para se juntar ao seu regimento.

Aparentemente, ela teria permissão para dançar até mesmo a valsa por causa de sua idade, embora houvesse uma estranha proibição contra as meninas mais jovens valsarem até que tivesse sido concedida permissão por uma das benfeitoras do Almack, quem quer que fossem.

Tudo era suficiente para interferir no apetite de Anna, por vários dias, antes do baile. Nunca havia assistido a uma reunião em Bath antes de vir para Londres e a rainha era alguém que se sentava em um trono em algum lugar nas nuvens, apenas um pouco mais abaixo que Deus. Com o passar dos dias ficou mais fácil manter sua mente ocupada e viver a cada hora. Embora fosse mais fácil dizer do que de fazer, é claro. Mas a perda de apetite não a abandonou.

Caro Joel,

Estou demasiado cansada para dormir. Isso é o que o terror absoluto e atormentador faz a uma pessoa.

CONHECI A RAINHA. E FALEI COM ELA. Perdoe-me por gritar novamente, mas não é todos os dias que uma órfã pobre conhece a realeza. É a coisa mais assustadora que se poderia imaginar, embora a própria rainha seja a mais comum das mortais e sorri vagamente sobre ela mesma e ouso dizer que parece desejar estar em outro lugar, pobre senhora. Mas os de libré. . . Pessoas que se organizam e se alinham corretamente com o benfeitor (a Duquesa, minha tia Louise) são muito maiores e muito mais intimidadoras do que uma mera rainha. E tudo isso é feito para tornar o processo tão desconfortável quanto poderia ser para os participantes. Quando chega o momento e alguém é devidamente anunciado, é preciso aproximar-se da cadeira (trono?) e executar a reverência que ensaiamos há semanas — uma muito profunda e graciosa reservada puramente para a realeza. Então temos de nos submeter ao sorriso vago, mas gentil de Sua Majestade e qualquer coisa que ela possa dizer. E, então, vem a parte difícil, pois é preciso sair da presença de Sua Majestade sem tropeçar na cauda do vestido que é OBRIGATÓRIA, mas não pode ser colocada sobre o seu braço.

Eu esperava e esperava, que, quando chegasse a minha vez, que ela não tivesse nada além de algumas gargalhadas murmuradas para me dizer, como com as duas Srta.s muito jovens que me precederam. Mas, infelizmente, ela sabia sobre mim, Joel — eu, Anna Snow! Ela me olhou com o que parecia

ser uma faísca de verdadeiro interesse e perguntou se era verdade que eu tinha crescido em um orfanato com uma tigela de mingau fino e uma crosta de pão seco a cada dia. Mas eu a decepcionei. Disse a ela que foram servidas três saudáveis refeições todos os dias, bem como uma ceia leve à hora de dormir. Acredito, não posso ter certeza, que até mesmo acrescentei que as sopas sempre foram grossas, com legumes e muitas vezes carne também e que o pão era recém assado, todos os dias, exceto aos domingos. Mas a essa altura ela já estava olhando vagamente e me foi dado um firme sinal, de um dos criados assustados, para começar a sair.

Eu não tropecei em meu vestido. Mas eu balbuciei? Eu terei pesadelos esta noite, embora tia Louise me assegurou que não.

Há mil e um detalhes da última carta sobre os quais gostaria de comentar, não menos a sua breve menção a Srta. Nunce, a nova professora. Mas estou muito cansada para segurar a minha pena por muito mais tempo. Escreverei novamente amanhã. Minha mente vai precisar de distração, pois amanhã à noite é O BAILE. Oh, às vezes eu desejo, desejo e desejo, que a carta do Sr. Brumford nunca tivesse me encontrado. Eu deveria ter me escondido debaixo da escrivaninha. Estou ficando boba com o cansaço. Estou indo. Mas saiba que você permanece.

O mais querido amigo e confidente (porém abusado!)

De Anna Snow

No final da tarde seguinte, Anna ainda estava desejando que ela pudesse acordar como de um sonho longo e bizarro e encontrar-se em sua cama estreita em seu quarto minúsculo em Bath. Mas não estava sonhando, é claro.

— E — ela disse em voz alta — nunca se pode voltar.

— Oh, espero que não, Srta. Snow — disse Bertha enquanto ela retorcia os cabelos de Anna em um nó bastante apertado em sua cabeça e provocava alguns cachos que continuava a enrolar e arrumar ao redor do rosto e ao longo do pescoço — Odiaria ter que voltar. Eu espero que você me mantenha, mesmo com o vinco que fiz na parte de trás do seu vestido de carruagem. Ele saiu quando eu passei novamente, embora realmente tive que pressioná-lo bastante. É engraçado, não é, como vincos marcam tão facilmente, mas são uma peste para sair? Amo estar aqui e ser tratada quase como uma nobre, eu que sou sua criada pessoal. E amo poder ver Oliver toda semana em vez de ter que esperar por uma carta duas vezes por ano. Ele é o pior escritor de cartas do mundo. Teve um bom relatório sobre o seu aprendizado, no entanto, é quase certo que seja mantido, embora seu sonho é ter sua própria loja. Oh não, eu nunca quero voltar. Só quero que os próximos três anos passem rapidamente até que possamos nos casar, embora não devesse pensar dessa maneira, devo? Desejo minha vida doce, tal como ela é agora. Eu não posso acreditar como é doce. John Davies diz a mesma coisa e Ellen Payne na cozinha também. Oh, veja como esses cachos estão se transformando. Não fazem toda a diferença para sua aparência? Eu sempre achei que se

parecia bem, Srta. Snow, mas não percebi como você é realmente bonita.

— Sou? — Anna perguntou com uma risada — Bonita não é elogio para as meninas, Bertha? Tenho vinte e cinco anos.

— Bem, você não parece velha — assegurou Bertha — Não parece ter mais de vinte anos. Vai ser a dama mais linda da festa.

— Bem, obrigada — Anna ficou de pé, seu penteado pronto, e olhou para a sua imagem no longo espelho. Ela provavelmente seria a menos linda. Tinha visto a maneira a qual todos se vestiam para o teatro e, com certeza, se vestiriam ainda mais glamourosamente para um baile. Mas ela estava satisfeita com sua aparência. Seu vestido brilhava à luz das velas, e ela gostou da cor, embora tivesse hesitado sobre o tipo de tecido, quando o viu pela primeira vez. Era um rosa vibrante, uma cor que ela nunca havia associado consigo mesma. Mas quando Madame Lavalle desenrolou um pouco e colocou-o frouxamente sobre seu corpo, mostrando-lhe em um espelho, Anna se apaixonou. Talvez se parecesse mais jovem do que era ou, pelo menos, não mais velha. E o rosa parecia acrescentar um brilho a suas bochechas quando temia que acontecesse exatamente o oposto.

Madame Lavalle, ela pensou, tinha feito jus ao seu nome e sotaque francês falso. Ela realmente era talentosa e hábil. O decote era um pouco menor do que Anna teria gostado, embora não tão baixo o suficiente para agradar a todos os seus críticos. Mas gostava dele e do corpete apertado com mangas curtas e retas. O vestido realçava os pequenos seios

que ela tinha, assim como os espartilhos que usava. A saia começava bem abaixo de seus seios e dava a ilusão de estar flutuando sobre ela, quando se movia. A modista queria acrescentar um detalhe, que pareceria muito importante, disse ela, carregando sobre o braço enquanto dançava, mas Anna tinha recusado. Depois de ontem, ela estava extremamente contente por ela mesma. Suas sapatilhas de cetim, bordadas com fios de prata, combinavam quase exatamente com a cor de seu vestido. Suas luvas de comprimento no cotovelo eram prateadas.

Oh, na privacidade de seu quarto de vestir, ela acreditava que estava linda. Por que não? Pensou pesarosamente no seu melhor vestido de domingo e nos dois vestidos de dia que trouxera de Bath, todos haviam desaparecido do quarto. Seus melhores sapatos também e, é claro, os velhos. Ela sorriu para a imagem de Bertha no espelho.

— Não, nunca devemos querer voltar, não é? — Ela disse — Só para a frente. Meu primeiro baile, Bertha. Passe a noite de joelhos, se quiser, rezando para que eu não tropece nos pés do meu parceiro na primeira dança ou, pior, em meu próprio pé.

Bertha gritou e depois riu — Nunca tente o destino desse jeito — disse ela.

Mas a primeira dança seria com o Duque de Netherby a quem, Anna, ainda não tinha visto desde a manhã da partida de Harry, há mais de duas semanas. Ele não a deixaria tropeçar nos pés de ninguém. Isso seria muito ruim para ele

mesmo. Oh Deus, estaria em sua mesa dentro das próximas duas horas. Depois disso ela estaria em uma fila de recepção com ele e tia Louise e, então, dançaria uma contradança com ele. Sentia-se de repente ofegante e lembrou-se que, provavelmente, ele desejaria estar em qualquer outro lugar esta noite, exceto onde realmente estaria. Ele iria parecer entediado e, sem dúvida, estaria se sentindo assim. Seria muito exaustivo!

Estava sorrindo quando se virou do espelho — Oh, estou nervosa, Bertha — admitiu ela.

— O que? — Sua criada parecia incrédula — Sempre costumávamos nos maravilhar de que nada pudesse fazer tremer suas penas, Srta. Snow. Você não tem nada para ficar nervosa, especialmente, depois de ontem. Você está linda, e você é Lady Anastásia Westcott.

— Então eu sou. Deus a abençoe — Anna pegou seu leque prata liso, que tinha sido uma extravagância de quando havia ido ajudar Elizabeth a encontrar um novo sapato de baile. Ergueu os ombros e saiu do quarto. Seu primo Alexander e sua tia iriam chegar em breve com uma carruagem para levar Elizabeth e ela para jantar em Archer House.

Eles foram os últimos a chegar. Todos os outros convidados estavam reunidos na sala de estar e viraram-se para cumprimentar os recém-chegados. Houve abraços e apertos de mão. Havia várias vozes falando ao mesmo tempo. E então Anna encontrou-se no foco de todas as atenções.

— Suponho que esteja tão bem quanto parece, Anastásia, já que permanece teimosa e se recusa a seguir conselhos daqueles que sabem mais do que você — disse tia Matilda, a primeira a dar sua opinião. Dela, parecia quase um elogio, e Anna sorriu — Me dê um beijo na bochecha, depois de beijar sua avó.

Anna beijou as duas.

— É uma pena — disse tia Mildred — que seu vestido seja muito grande no corpete e com a saia não tão rodada, Anastásia. Um decote mais baixo e um detalhe ou pelo menos alguns babados na bainha teriam melhorado muito bem. Mas você está bem.

— A cor não lhe cai maravilhosamente bem, Mildred? — Perguntou a prima Althea, sorrindo gentilmente para Anna.

— Seus cabelos realmente deviam ter sido cortados, Anastásia — disse tia Louise — embora tenha que admitir que se parece muito menos séria do que costuma ser. Você tem razão, Mildred. Ela parece muito bem, mesmo que pudesse parecer mais na moda.

— Não há joias e nem penas no cabelo nem nada mais, Anastásia? — Perguntou a avó de Anna — Eu devia ter esperado isso e levado você para o meu próprio joalheiro. Vou fazê-lo antes de seu próximo baile.

— Às vezes, Sogra — disse tio Thomas com um sorriso gentil para Anna — uma Lady é uma joia em si mesma — Ele levantou o copo de xerez que estava segurando.

— Eu acho que você está linda, Anna — disse Elizabeth — Você não concordaria, Alex?

Assim, apelou, o primo Alexander olhou Anna cumprimentando e inclinou sua cabeça — Realmente — disse ele — o que mais poderia dizer?

Os dedos do Duque de Netherby estavam em torno de seu monóculo, mas ele ainda não havia levantado os olhos. Ele também se absteve de comentar. Ao contrário de Alexander e dos outros senhores presentes, todos vestidos com o que Anna entendia ser elegantes roupas de noite pretas, ele estava vestido com um casaco de noite dourado, com calças douradas, meias brancas e um colete bordado com fios de ouro. Seu lenço escorregava sob o queixo em dobras brancas e complexas, com laços em seus pulsos. Suas joias eram de ouro, encrustadas com ametistas. Havia fivelas de ouro em seus sapatos. Ele parecia, pensou Anna, um tanto antiquado e surpreendentemente lindo. O fato de ele ser menor e mais magro do que qualquer um dos outros cavalheiros não importava. Ele os reduziu a insignificância.

Depois das opiniões de sua família sobre sua aparência ter passado, ele deu um passo adiante, finalmente, e a tomou para si para apresentar Anna as duas únicas pessoas que ela não conhecia, pois o Coronel Morgan e Abelard ela já havia encontrado no teatro. Os outros dois cavalheiros, que formavam pares, para que houvesse um número igual de damas e cavalheiros no jantar, eram Sir Hedley Thompson, o primo da Condessa viúva, e o Sr. Rodney Thompson, seu filho. Mais parentes, Anna pensou enquanto se inclinavam para ela.

O mordomo anunciou o jantar logo depois, e o Duque ofereceu a Anna seu braço. Agora estava confusa. Esta não era a estrita ordem de precedência que a Sra. Gray lhe tinha explicado com tanto cuidado e que tinha memorizado. Parecia que ele lia seus pensamentos.

— Às vezes — ele disse, apenas para seus ouvidos — a precedência dá lugar à ocasião, Anna. Esta é a noite de sua estreia, por assim dizer. Você é a convidada de honra — Os olhos dele a olhavam sob as pálpebras preguiçosas — Você foi muito esperta, embora duvido que perceba isso. Você vai ofuscar todas as outras damas esta noite.

Ela estava mais divertida do que ofendida — E isso é esperto? — Ela perguntou.

— Na verdade — ele disse — é como sussurrar e, mesmo assim, fazer-se ouvir mais claramente do que todos os que estão gritando. Uma habilidade que você é mestre.

Portanto, a observação de que ela ofuscaria todos era de certo modo um elogio, não?

— E você — ela disse — certamente superará todos os outros cavalheiros.

— Ah — disse ele, sentando-a à direita de seu lugar na cabeceira à mesa — pode-se tentar.

Oh, Anna percebeu em súbita surpresa, ela tinha sentido falta dele.

Capítulo 14

Bom Deus, sentira falta dela, pensou Avery. Não era uma constatação confortável, ainda mais porque ele não podia compreender sua vida. Sua avó e tias tinham razão em relação a sua aparência. Seu vestido era muito justo e liso, seu cabelo muito elegante, apesar do coque, e sem nenhuma joia. Havia dito a verdade quando disse que ela iria ofuscar todas as outras no baile. Também quis dizer isso, quando disse que tinha sido inteligente, embora ele estivesse perfeitamente ciente de que não tinha sido intencional por parte dela.

Ela parecia nada menos do que linda.

E ele estava nada menos do que. . . Perplexo

Não conseguia se lembrar da última vez que havia dado uma festa. Organizar jantares, saraus, concertos e coisas do gênero exigia muito esforço, embora, sem dúvida, Edwin Goddard tivesse feito todo o trabalho, como era de se esperar. Avery olhou ao longo do comprimento da mesa de jantar, para onde sua madrasta estava sentada ao pé, e ficou meio surpreso de que era grande o suficiente para acomodar tantos. Ele fez uma contagem rápida, quatorze pessoas ao todo, incluído ele. Em números perfeitamente equilibrados, sete senhoras e sete cavalheiros. Um trabalho meticuloso de

Edwin e da Duquesa. Essa atenção aos detalhes teria sido suficiente para lhe causar dor de cabeça.

Mas ele tinha Anna à sua direita como convidada de honra para esta noite e a Condessa viúva de Riverdale à sua esquerda como a dama de maior posto depois de sua madrasta. Se dedicou a entretê-las, dividindo sua atenção igualmente entre cada uma. Anna tinha Molenor do outro lado, observou ele, novamente uma jogada inteligente por parte de sua madrasta, uma vez que Thomas era gentil e não suscetível a assustar Anna ou conversar demais quando ela precisasse comer.

Não que ele pudesse imaginar Anna assustada. Ela deveria ter se derretido em um poço de agonia quando entrou nesta casa no primeiro dia, mas ela tinha sido tão determinada quanto seu nome dizia. Ele supunha que aquele tinha sido o momento mais assustador de sua vida até agora. Devia perguntar a ela. Estava conversando com a viúva quando o pensamento apareceu em sua cabeça. Ou talvez ontem na apresentação à rainha, na qual ela havia se resolvido bem, de acordo com sua madrasta.

— É de se esperar — disse ele alguns minutos depois, quando a viúva virou-se para Alex Westcott do outro lado e Molenor virou-se para Lady Matilda — que você tenha esgotado tudo o que tem a dizer sobre o clima que temos tido e viríamos a ter, Anna. Posso fazer mais algumas observações sobre o assunto se for necessário, mas duvido que algum delas seja original, e detesto não ser original.

— O assunto é exaustivo — disse ela.

— Estou feliz em ouvir isso — disse ele — Diga-me, Anna, qual foi o momento mais assustador de toda a sua vida até agora?

Ela olhou para ele por um momento, seu garfo suspenso acima de seu prato — De onde veio essa pergunta? — Ela perguntou.

— Da minha cabeça — ele disse — através da minha boca.

Os cantos de sua boca se curvaram em o que parecia próximo à um sorriso, e sua testa franziu suavemente. Seu garfo ficou suspenso — Acho — disse ela — que deve ser algo que não me lembro com a minha mente consciente, embora todo o meu corpo sinta um pavor, sem nome, quando tento me lembrar de como era.

Ah! Era muito ruim ele ter imaginado que ela escolheria um dos dois momentos que imaginara. Agora o que ele tinha despertado?

— Acho que deve ser o dia em que fui deixada no orfanato — disse ela — O homem que me levou era grosseiro e impaciente comigo, acredito, mas pelo menos eu deveria ter sabido quem era ele e qual a sua ligação comigo. Então o terror do abandono e do desconhecido enquanto eu tinha experimentado segurança e felicidade até ali, talvez não tenha sido de tudo ruim. Talvez eu estivesse muito feliz em chegar a um lugar onde havia outras crianças para brincar. Certamente não tenho memórias realmente ruins da minha vida lá. Talvez essa quase memória não seja uma lembrança.

E talvez fosse. Bem, esta era uma ótima conversa para uma noite festiva.

— Coma seu jantar, Anna — disse ele, e finalmente o garfo encontrou o caminho até sua boca.

— E qual é o seu? — Ela perguntou — O momento mais assustador da sua vida.

Ele considerou uma resposta irreverente e decidiu pela honestidade.

— Semelhante ao seu, de certa forma — disse ele — Quando fui levado para o dormitório que eu dividiria com sete outros meninos, no meu primeiro dia de escola, quando eu tinha onze anos, foi para descobrir que eu era o último a chegar e o único garoto que não tinha estado lá antes. O silêncio que caíu sobre a sala era ensurdecedor. E então um dos meninos disse: *Olha, Paddy. Seu pai enviou sua irmãzinha para acompanhá-lo.* E todos cacarejavam como galinhas, ou como galinhos em formação, suponho. Naquela noite, eles me mantiveram acordado, enquanto eu me encolhia sob as coberturas, com golpes inesperados, ruídos de fantasmas e risadas abafadas. Mas não eram fantasmas que eu temia. Eram eles.

Ela estava olhando atentamente para ele.

— Ah, pobrezinho — disse ela — Quando você mudou?

— Avery — disse a viúva a sua esquerda — Disseram-me que é uma decepção para as Srta.s em cada baile que vai. Aparentemente dança duas ou três vezes com as garotas mais bonitas e depois desaparece para a sala de cartas ou

para fora do salão. Espero que a sala de cartas não disponha mais de sua companhia esta noite do que o salão de baile.

Ele voltou sua atenção para ela e Anna retomou a refeição e logo estava conversando com Molenor novamente. Nunca, pensou Avery, falou sobre sua infância e adolescência com qualquer um. Mas tinha acabado de fazê-lo.

— Eu tenho novos sapatos de dança — disse ele — E embora o meu criado tenha trabalhado, incansavelmente, sobre eles, ainda precisam ser devidamente amaciados. Irei dançar a noite toda, mesmo que tenha que ir para a cama com bolhas em todos os dedos e nos calcanhares.



O baile que se seguiu estava além de tudo que Anna teria experimentado antes, ela apenas desejou poder sentar-se, à margem, como algumas mães e acompanhantes faziam, simplesmente observando tudo. Mas aquilo tudo era para ela, e simplesmente não poderia deixar de ser o foco da atenção.

O salão de baile, em si, tirava seu fôlego. Era enorme embora, provavelmente, não fosse tão grande quanto o de Westcott House. Estava enfeitado com bancos, vasos e cestos nas cores rosa e pêssego, flores brancas e samambaias verdes perfumavam o ambiente. Cadeiras douradas, estofadas com veludo verde escuro, foram dispostas lado a lado ao redor do círculo. O piso de madeira tinha sido polido e brilhava intensamente. No teto esculpido foram pendurados três grandes lustres de cristal, todos totalmente iluminados pelas

velas acesas. Um piano e outros instrumentos em uma das extremidades da sala aguardavam a orquestra. As portas duplas na outra extremidade estavam abertas e revelavam uma sala quadrada, com mesas cobertas por tecidos brancos, urnas de prata, garrafas de cristal e espaço vazio que logo iriam colocar bandejas com guloseimas para que os convidados pudessem se fartar. Espelhos do chão ao teto alinhados em uma longa parede, refletindo a luz e o efeito dos ornamentos florais. Ao longo da parede oposta, janelas francesas tinham sido abertas para uma ampla varanda de pedra, iluminada por lanternas.

— E é tudo em sua honra, Anastásia — disse tia Louise — Como você está se sentindo?

— É lindo, tia — disse, evitando a pergunta.

Os convidados começaram a chegar logo depois e continuaram por mais de uma hora, Anna ficou no interior do salão com tia Louise de um lado e o Duque do outro. Ela ouviu atentamente o mordomo enquanto ele anunciava cada convidado e até tentara, por um tempo, memorizar nomes e rostos e lembrar, como a etiqueta ditava, que ela cumprimentasse a cada um. Mas era impossível. E como todos iriam se encaixar no salão de baile para dançar?

Não demorou muito para que Anna percebesse, como já esperava, que ela não era a mais bonita em comparação com todas as outras mulheres que passavam pelas portas. Todas reluziam com joias, seus trajes com maravilhosos babados esvoaçantes, rendas e fitas. Como poderiam sentir-se confortáveis com corpetes tão baixos, que para acontecer um

desastre bastava apenas uma fração de centímetros de distância? As cabeças abundavam com cachos e cachos, coroas e turbantes e penas altas e ondulantes. Os perfumes eram quase irresistíveis.

E então era hora da dança começar, o Duque a conduziu pelo salão para a contradança. Ela tinha aprendido os passos na escola e os ensaiou com o Sr. Robertson, mas essa era uma dança muito formal para ser aprendida em festas de orfanato. Anna começou a dançar com o coração batendo forte em sua garganta, pois sabia que todos a olhavam, e não era uma presunção que a fizesse acreditar. O Duque de Netherby realmente superou todos os outros cavalheiros presentes, é claro, e ele dançou com elegância e com seus olhos sonolentos dirigidos completamente para ela, com o resultado que ela logo se esqueceu de temer que ela perderia um passo ou uma sequência inteira de passos. Ela olhou para ele e se esqueceu que era o centro das atenções, a crème de la crème da alta sociedade, e que seria o assunto mais comentado amanhã em salões de moda e salas de clubes em Londres. Simplesmente aproveitou a dança.

Gostou de dançar a segunda dança com o primo Alexander também. Ele era um completo contraste com o Duque, alto e bem construído, sombrio e bonito, imaculadamente elegante e gentil.

— Espero que você não pense, Anastásia — disse ele antes que a música começasse — que Lizzie me forçou a elogiá-la por sua aparência antes do jantar. Falei a verdade. Simplicidade combina com você. Ela fala de sua educação e

ainda é adequado para a mudança que está vivendo neste momento.

— Obrigada, Alexander — Ela sorriu para ele.

— Minha família e amigos próximos me chamam de Alex — disse ele.

— E eu sou família— disse ela — Oh, como eu sonhei por anos e anos de poder dizer isso a alguém, Alex. E agora posso dizê-lo a várias pessoas.

Ele dançou os passos da dança regional com cuidadosa precisão quando poderia ter feito mais livremente. Ela o seguiu.

Se tivesse esperado que, depois das duas primeiras danças, tivesse tempo para relaxar e desfrutar assistindo por um tempo, estava enganada. Ela e tia Louise encontravam-se rodeada por cavalheiros, todos ansiosos por pedir sua mão para a próxima dança. E assim continuou durante toda a noite. Ela tinha parceiros para cada dança, mas era incapaz de dançar com metade dos que pediram. Tudo teria sido bastante vertiginoso se não tivesse compreendido que nenhum deles tinha interesse real na verdadeira Anna Snow, mas somente em Lady Anastásia Westcott, que despontou recentemente como um objeto desconhecido.

Ela dançava uma peça, antes do jantar, com Lorde Egglington, um jovem alto e desgrenhado com óculos e dentes desengonçados, que parecia aterrorizado com ela, até que descobriu que era louco por cavalos e fez algumas perguntas que o fizeram falar com entusiasmo infantil. Ele levou-a para o jantar depois e continuou a falar enquanto Anna relaxava e

escutava com interesse. Deveria ser vários anos mais novo do que ela, presumiu. Ele estava na escola com Harry, explicou, e corou ligeiramente depois de dizer isso, voltando ao assunto sobre os cavalos como se esperasse que ela não apreciaria qualquer menção sobre seu irmão.

Ela se desculpou quando os convidados começaram a voltar para o salão de baile e correu para a sala de descanso das senhoras. Ela ficou no amplo patamar fora do salão de baile, poucos minutos depois, fazia o caminho de volta, quando um cavalheiro entrou no seu caminho e curvou-se para ela.

— Infelizmente nós não fomos formalmente apresentados, Lady Anastásia — disse ele — Cheguei tarde esta noite. Embora tenha pedido para ser apresentado a você antes que fosse apresentada a tantos.

— Oh — disse ela, reconhecendo-o como o cavalheiro que o Duque tinha tratado tão rudemente no teatro — Sim, lembro-me, e gostaria muito de conhecê-lo, senhor. Fiz meu desagrado conhecido para o Duque de Netherby.

— Mas eu não culpo sua família por ser tão protetora com você, Lady Anastásia — disse ele — Eles devem temer que uma flor tão rara e inocente dê um passo em falso e seja desprezada pelas mesmas pessoas com quem seu nascimento destinou-a a conviver.

Talvez, pensou Anna, o Duque tivesse alguma razão, embora sem desculpa, para evitar apresentá-la a esse homem.

— Visconde Uxbury, a seu serviço, Lady Anastásia — disse ele com outra reverência.

— É um prazer conhecê-lo, Lorde Uxbury — disse ela, estendendo a mão direita. Ele a pegou e levantou para seus lábios.

Era um homem alto, bonito, mas também, ela suspeitou, um pouco pomposo. E sabia, era um dos pontos de etiqueta que a Sra. Gray tinha mencionado, que se ele desejava conhecê-la, deveria ter pedido a alguém próximo a ela, tia Louise, talvez, que o apresentassem.

— Espero, Lady Anastásia — ele disse — que esteja livre para dançar a próximo dança comigo?

Ela abriu a boca para responder.

— Lady Anastásia Westcott irá dançar a próxima dança com outra pessoa — disse uma voz lânguida atrás de seu ombro esquerdo — assim que outra pessoa tiver a oportunidade de pedir. E o mesmo se aplica a todas as outras danças desta noite, Uxbury.

Anna virou-se para o Duque de Netherby, os olhos arregalados de incredulidade. Inevitavelmente, ele tinha os seus óculos levantado quase até seus olhos.

— Alguém já pediu — disse ela friamente, ignorando o fato de que ela realmente não queria dançar com o Visconde Uxbury — E eu estava prestes a dizer sim, Vossa Graça.

Ele a ignorou — Perdoe minha memória — disse ele, dirigindo-se ao Visconde — mas você foi convidado, Uxbury?

— Fui — disse o Visconde com rigidez — Não teria vindo sem ser convidado. E perdoe-me, Netherby, mas você é o

guardião de Lady Anastásia? Tenho a impressão de que ela não está relacionada a você e que responde por si mesma.

Oh céus. Estavam em um lugar muito público. Que por sinal estava bastante cheio com os convidados que saiam do salão de baile ou estavam reunidos em grupos conversando até que a dança fosse retomada. A atmosfera estava ficando hostil. Iriam atrair a atenção em um momento.

— Ah — disse o Duque — então que seja uma lição para eu examinar as listas de convidados com mais cuidado, no futuro, e confiar menos no bom gosto de Sua Graça e meu secretário. Eu ficaria agradecido, Uxbury, se você se retirasse da minha casa.

— Vejo que está ofendido — disse Lorde Uxbury — No entanto, Netherby, você não pode negar que teria feito exatamente a mesma coisa se estivesse em meu lugar. Ninguém deseja encontrar-se casado com um bas... Ah, me perdoe, há uma Srta. presente. Lady Anastásia, você se curvaria diante de um capricho em seu próprio baile sem protestar, ou prefere dar-me a honra da próxima dança?

O Duque não mais a ignorava. Nem continuou sua inexplicável disputa contra o Visconde. Em vez disso, ele deixou cair seu monóculo em sua fita e virou-se para ela, aguardando sua resposta.

Outros olhos se voltaram para eles também com alguma curiosidade, e os convidados que estavam retornando ao salão de baile fizeram uma pausa antes de fazê-lo.

— Gostaria de saber, Vossa Graça — disse ela, mantendo a voz baixa — qual é sua desavença com o Visconde Uxbury.

Só que, seja lá o que for, não tenho nada a ver com isso, peço licença para lhe informar que não estou no meio dela e, de alguma forma, de seus maus modos.

Seus olhos brilharam por um momento com o que parecia apreço.— Talvez Lorde Uxbury não tenha se apresentado inteiramente, Anna — disse ele suavemente — Talvez ele não tenha mencionado que ele foi recentemente prometido a Lady Camille Westcott, até que ele fez a descoberta chocante de que ela é apenas a Srta. Westcott, filha ilegítima do falecido Conde de Riverdale.

Seus olhos se arregalaram e ela olhou para ele um momento antes de se virar para o Visconde.

— Você é o homem que deixou minha irmã? — Ela disse.

— Você foi mal informada — ele disse rigidamente — Foi a Srta. Westcott quem terminou o nosso compromisso com um aviso público aos jornais da manhã. E o seu relacionamento com ela, certamente não é algo de que você possa se orgulhar, Lady Anastásia. Quanto mais dizer algo sobre sua infeliz irmã, tenho certeza que irá concordar.

— Lord Uxbury — Inconscientemente, ela falou com a sua voz de professora, aquela que ela usava quando a classe era particularmente desatenta — Falei há alguns minutos que foi um prazer conhecê-lo. Não é mais. Não tenho nenhum desejo de ser próxima a você, agora, ou em qualquer momento no futuro. Não quero falar com você de novo. Espero nunca te ver novamente. Você é um homem que eu desprezo e estou contente de minha irmã ter a sorte de evitar um casamento que, certamente, não lhe teria trazido nada

além de miséria, mesmo se a verdade de seu nascimento nunca tivesse sido descoberta. Archer House não é a minha casa, mas este baile é em minha honra. Gostaria de pedir-lhe para sair.

Tarde demais, ela ouviu o silêncio ao seu redor. E um olhar sobre o corredor confirmou seu medo de que ninguém tinha entrado para o salão, desde a última vez em que havia se virado. Na verdade, mais pessoas pareciam ter saído, inclusive Alexander, que estava a poucos metros de distância, suas mãos cruzadas em suas costas.

E então umas cinco senhoras, em um grupo ao lado de fora da sala de descanso, bateu palmas. Elas não faziam muito barulho, já que todas usavam luvas, mas um casal de cavalheiros se juntou a elas antes de um murmurar de conversa levantar-se novamente e todos se afastarem como se nada tivesse acontecido.

— Muito bem — disse o Duque com agrado. Levantando as sobrancelhas na direção de Alexander — Eu o acompanharei, Uxbury. Não seria bom que tivesse outra de suas crises na escada, não é?

— Anastásia — disse Alexander — deixe-me acompanhá-la para dentro. Já há uma multidão reunida em torno de sua tia, esperando pedir sua mão para a próxima dança.

Anna pôs a mão em seu braço e permitiu que a conduzisse ao salão.

— O quanto você ouviu? — Ela perguntou.

— A explicação de Netherby sobre quem é Uxbury — disse ele — e todo o seu magnífico discurso.

— Falei muito alto? — Ela perguntou.

— Não com a voz, mas fez-se ouvir muito distintamente.

— Oh, céus — Ela fez uma careta — Eu fui um fracasso colossal em minha primeira aparição.

— Está arrependida — perguntou ele — por ter dado a Uxbury uma lição?

Ela pensou nisso por um momento, mordendo o lábio inferior. Então sorriu — Não — disse ela.

— Eu acredito, Anastásia — disse ele, surpreendendo-a com um sorriso para ela — que meus primos, sua avó e tias, terão que aprender a apresentá-la como você realmente é e não como a perfeita dócil dama.

— Então não sou uma perfeita dama? — Ela fez uma careta.

— Eu acredito que não — disse ele — E eu gosto de você assim.

Chegaram até a tia Louise, que estava realmente no meio de um grupo de cavalheiros, em sua maioria jovens, que se viraram como um corpo para sorrir e acolhê-la no meio deles. E discutiam entre si sobre quem a levaria para a próxima dança. O que havia acontecido ainda não tinha chegado a nenhum deles.

Mas realmente, pensou Anna, abrindo o leque pela primeira vez, como se atrevia ele!

E o seu relacionamento com ela, certamente, não é algo de que você possa se orgulhar, Lady Anastásia. Quanto mais dizer algo sobre sua infeliz irmã, tenho certeza que irá concordar.

Teria realmente esperado que ela aceitasse sua crítica? Que ela gostaria de dançar com ele? Ela esperava que Avery, realmente, o tivesse derrubado aquela noite, embora ainda não estivesse certa de acreditar nele. Desejava que voltasse a fazê-lo, mas dessa vez na escada, de preferência perto do topo. E ela não estava, nem um pouco, envergonhada da crueldade de seu pensamento. Se o coração de Camille tivesse sido quebrado, seria pouco para ela saber que havia dado uma lição naquele cafajeste.

A próxima dança, a primeira depois do jantar, era uma valsa, e ela dançou com o corpulento Sir Darnell Washburn, que sibilou seu caminho durante os primeiros minutos e não promoveu nenhuma conversa, porque estava claro que ele estava contando os passos, os lábios se moviam ligeiramente. Seus lábios pararam e a valsa terminou, no entanto, uma mão bem cuidada pousou sobre seu ombro.

— O lacaio que está na entrada da sala de bebidas tem um copo de cerveja fresca para você, Washburn — disse o Duque de Netherby — Vá e beba antes que fique quente. Vou valsar com Lady Anastásia em seu lugar.

— Oh — O olhar inicial de irritação de Sir Darnell mudou quando viu quem o havia interrompido e estava tentando tirar seu par — Gentileza sua, Netherby. Dançar esquenta um pouco. Se me der licença, Lady Anastásia?

— Fique à vontade, Sir — disse ela, olhando intensamente para o Duque quando ele a puxou para seus braços — Isso não foi educado.

— Transpirar por todos os lados e contar passos em vez de murmurar lisonjas em seu ouvido? — ele disse — Perdoe-o, Anna. Ele pode resistir a muitas tentações, mas não a um copo de cerveja.

Moveu-a perfeitamente para a valsa, girando-a pela pista de dança com os outros dançarinos.

— Amanhã — disse ela — serei a notícia.

— Ah, Anna — disse ele — que se faça justiça. Você já é notada, e suas tias estão apenas começando a perceber isso.

— Se não tivesse sido tão reservado — disse ela — e tivesse explicado no teatro quem ele é, então a cena pública, desta noite, poderia ter sido evitada.

— Lembre-me — disse ele — de nunca mais guardar segredos de você. E de nunca te ofender. Estremeço só de pensar em estar em sua mira, especialmente em público.

— Eu arruinei o baile? — Perguntou ela. Eu arruinei minha vida? Se perguntou em silêncio.

— Isso — disse ele — dependerá com quem você conversar nos próximos dias.

— Estou falando com você agora — disse ela.

— Sim, está — Ele a conduziu em torno da sala, girando-a duas vezes — Eu não estou aborrecido, Anna. Apenas terrivelmente entediado com tais assuntos, especialmente bailes.

E ele fez, novamente, o que tinha feito antes, embora ela não estivesse tão preparada para isso quanto estava antes. Ele sorriu-lhe totalmente e ela girou, novamente. E ela sorriu de volta, como se tivesse sido apanhada na magia da valsa

como havia sido durante aquela primeira lição, na sala de música em Westcott House.

Ela, provavelmente, estaria se perdendo sem redenção. Mas pensaria nisso mais tarde.

Amanhã.

Capítulo 15

Nada havia sido planejado para o dia seguinte ao baile. Seria um tempo para descanso e reflexão, suas tias tinham decidido, antes que todos eles se reunissem, novamente, para avaliar a estreia da Anna e planejar o resto da sua temporada.

Mas não foi bem assim.

Começou, exatamente, com trinta buquês sendo entregues a Westcott House antes do meio-dia.

— Estou pensando em deixar a porta da frente aberta para que não acabem fazendo um buraco nela, Srta. Snow — disse John Davies atrás de um buquê, particularmente, extravagante de duas dúzias de rosas vermelhas, que ele trouxe para dentro sala de desenho — Mas o Sr. Lifford disse que não adiantaria. Este deve ter custado uma fortuna.

Três deles eram para Elizabeth, vinte e sete para Anna. Dois, um para cada uma delas, eram de Alexander.

— Oh, céus — Anna disse, examinando o verdadeiro jardim que os cercava, embora alguns buquês tivessem sido levados pelos criados, colocados em outros lugares da casa — Nem me lembro de metade desses cavalheiros, Lizzie. Eu certamente nem dancei com metade deles. Como são amáveis.

— De fato — disse Elizabeth, tocando as pétalas de uma alegre margarida em um de seus buquês — Sir Geoffrey Codaire propôs casar-se comigo uma vez. Um dia depois de ter aceito a oferta de Desmond. O aviso ainda não havia sido publicado nos jornais. Se declarou desolado, embora, eu diria, que ele não se sentia assim realmente. E eu estava tão apaixonada por Desmond, devo confessar, que não lhe dediquei mais nenhum pensamento.

— É o cavalheiro que dançou a primeira valsa com você? — Anna perguntou, lembrando-se do parceiro de Elizabeth para aquela dança, um cavalheiro alto, forte, de cabelos louros, que não tinha olhos para ninguém além de Elizabeth.

— E a valsa depois do jantar — disse Elizabeth — Aquela que você começou dançando com Sir Darnell Washburn e terminou a dança com Avery. Sir Geoffrey perdeu sua esposa há um ano e só, recentemente, deixou o luto. Foi muito trágico para ele. Ela foi atropelada por um cavalo fugitivo de Hyde Park. Ela o deixou com três filhos pequenos.

— Oh — Anna disse.

Mas Elizabeth balançou a cabeça e sorriu — Não foi um baile adorável, Anna? Meu Deus, como sentia falta de dançar.

— Você estava linda, Lizzie — disse Anna — Amarelo combina com você. Faz você parecer um raio de sol.

Sua amiga riu — Muita gentileza do Sr. Johns me enviar flores também — disse ela — Ele costumava ficar conosco, às vezes, quando era menino quando seu pai caçava com papai. Eu costumava achá-lo um sabe-tudo, mas ele tem

amadurecido. Ou talvez eu tenha. Mas, Anna, todos esses admiradores, vinte ... o quê? Eu perdi a conta.

— Vinte e sete — disse Anna — É a primeira vez na minha vida que alguém me envia flores e, agora, vinte e sete pessoas todas ao mesmo tempo. É um pouco assustador. É uma coisa boa que não haja nada planejado para o resto do dia e ninguém está vindo aqui. Já estou exausta.

Estava errada sobre o resto do dia, no entanto. Elas almoçaram e foram para seus quartos para vestir algo mais apropriado para a tarde, mesmo que não estivessem indo a lugar nenhum. Mas mal haviam se instalado no quarto de Anna, Elizabeth com um bordado, Anna na pequena escrivaninha, escrevendo cartas, quando John Davies veio anunciar que havia visitantes lá embaixo, haviam dois e eles não tinham vindo juntos e, segundo o Sr. Lifford tinha dito que, a julgar pelo número de flores que tinham recebido esta manhã, provavelmente haveria mais visitantes e certamente lotariam o salão de visitas, especialmente porque os buquês estavam lá ocupando a maior parte do espaço.

— Parecem adoráveis — ele acrescentou — e eles cheiram muito bem. Estão na sala de estar.

— Obrigada, John — Anna disse enquanto limpava a caneta e a deixava em cima da escrivaninha, Elizabeth dobrou o bordado e guardou-o — Quem serão eles, Lizzie?

Quando chegaram à sala, chegaram mais três cavalheiros, um deles com a mãe, outro com a irmã. E isso foi apenas o começo. Eles continuaram chegando pelas próximas duas horas que se seguiram, as horas em que era de costume

se fazer visitas, Elizabeth explicou mais tarde, e ficaram por meia hora cada. Elizabeth serviu o chá quando a bandeja foi trazida e Anna concentrou-se em conversar com seus convidados. Foi surpreendentemente fácil, já que todos pareciam estar de bom humor e conversavam facilmente uns com os outros. Houve muita risada. Ela não contou o número total de visitantes, mas certamente havia mais de vinte no total, apenas quatro eram senhoras.

Anna recebeu cinco convites para passear no parque, no final da tarde e aceitou o que veio do Sr. Fleming, já que ele perguntou primeiro e seu convite incluía seu irmão, que não o acompanhara ali, e Elizabeth. Ela também recebeu três convites para dançar a peça de abertura do baile de Lady Hanna, dali a quatro dias, que todos presumiam que ela iria participar. Convidaram-na para ir ao teatro na semana seguinte e para participar de uma festa em Vauxhall, também na próxima semana. Ela recusou os cinco convites, declarando com uma risada que ela ainda não havia tido a oportunidade de analisar todos os seus convites e decidir qual ela aceitaria e que datas ainda estavam abertas para ela. As aulas da Sra. Grey, apesar de ligeiras e divertidas, tinham sido inestimáveis.

Os convites escritos realmente haviam chegado o dia todo, e o mordomo os trouxe para a sala de estar em uma bandeja de prata depois que os últimos convidados tinham saído.

— Oh, meu Deus, Lizzie — disse Anna, enquanto eles passavam por elas — como todos são amáveis. Eu realmente

pensei que depois da noite passada eu poderia ter colocado tudo a perder.

Elizabeth estava sacudindo a cabeça para ela — Você realmente não entende, não é Anna? — Ela disse — Não vou dizer que você é a dama mais rica da Inglaterra, mas tenho certeza que você está entre as cinco mais ricas. E você é jovem e recém-chegada à alta sociedade. E. . . solteira.

— Mas há pouco tempo — disse Anna — eu era órfã e professora de uma escola no orfanato.

A resposta dela surpreendeu as duas e elas se divertiram em gargalhadas. Embora Anna não tivesse certeza de que ela estava realmente divertida.

— É melhor nos prepararmos para sair com Sr. Fleming e seu irmão — disse Elizabeth — Só não espere que seja um passeio tranquilo, Anna.

Avery chegou na casa que Conde de Riverdale alugou, no meio da tarde e descobriu que ele tinha acabado de voltar para casa trazendo sua mãe da biblioteca. Ele levantou as sobrancelhas quando Avery entrou na sala de estar, onde os dois tinham acabado de beber um refresco. Ele poderia muito bem se surpreender, pensou Avery, pois os dois homens, embora não fossem inimigos, tampouco tinham sido amigos.

— Avery — disse a Sra. Westcott, sorrindo calorosamente enquanto se levantava — Que prazer! Venha e sente-se. Estou prestes a desfrutar de uma xícara de chá, mas espero que

você beba algo mais forte com Alex. Você deve ter ficado muito satisfeito com o baile na noite passada. Foi muito bem, e Anastásia foi admirável. Quanto ao que aconteceu com o Visconde Uxbury depois do jantar, bem, de minha parte só posso aplaudir que ela tenha falado em defesa da pobre Camille. Eu só queria ter ouvido.

— Só podemos esperar, mamãe — disse o conde, atravessando para o aparador — que o restante dos convidados concorde com você. O que você vai fazer, Netherby?

Avery sentou-se e conversou, durante algum tempo, até que a Sra. Westcott terminou o chá. Ela se levantou e juntou os três livros amontoados ao lado dela.

— Eu posso ver como é — ela disse, seus olhos brilhando — Você veio para um propósito específico, não foi, Avery? Você veio falar em particular com Alex e está se perguntando como começar. E tenho me perguntado como posso fugir sem parecer mal-educada. Tenho três livros novos da biblioteca e não posso esperar para mergulhar neles. Não, não precisa se levantar. Você também não, Alex. Posso segurar três livros numa mão e abrir a porta com a outra.

No entanto, seu filho levantou-se para abrir a porta. Ele a fechou silenciosamente atrás dela e se virou para olhar para Avery.

— A que devo esta honra? — Perguntou.

— Preciso de um padrinho — disse Avery com um suspiro — e pensei que seria melhor procurar na família, por assim dizer.

Houve um momento de silêncio.

— Um padrinho — disse Riverdale, movendo-se para a lareira e apoiando um cotovelo sobre a moldura de lareira — Como em uma luta? Um duelo?

— É cansativo ao extremo — disse Avery — mas fui desafiado por Uxbury por causar-lhe humilhação pública e angústia, acredito que esta foi a palavra que Jasper Walling usou esta manhã, quando se apresentou em Archer House em nome de Uxbury, solicitando os meus representantes. Creio que ele quis dizer representante mesmo usando o plural.

— O diabo! — disse Riverdale — Por que a prima Louise decidiu que seria deseducado não convidar este sujeito para o baile, escapa à minha compreensão. Ele teve a sorte de que você ou eu não o jogássemos pelas escadas e o mandássemos para fora das portas.

— Muito bem — concordou Avery — Mas eu preciso de um padrinho. Vai me ajudar?

Riverdale franziu o cenho para ele — Que armas você escolheria? — Ele perguntou — A escolha será sua desde que você seja o desafiado ao invés do desafiante. Lembro-me de que você era razoavelmente bom em esgrima no seu último ano na escola. Ouvi dizer que Uxbury é muito bom com uma pistola. Como você é?

— Tolerável — disse Avery, tirando a caixa de rapé de um bolso e tomando uma pitada enquanto Riverdale esperava, impacientemente, que ele continuasse — Eu odiaria colocar uma bala entre seus olhos, no entanto, e causar barulho. Eu

odiaria, ainda, errar o tiro e depois ter que olhar para o cano de sua pistola. Espadas tiram sangue e sangue é, notoriamente, difícil de lavar das camisas, assim meu criado me informou. Espadas também rasgam as roupas. Não, não, minha arma de escolha deve ser o corpo, livre de qualquer arma adicional que pode causar buracos ou um excesso de sangue. Embora hemorragias nasais podem ser confusas, é claro.

— Você vai escolher uma luta? — Riverdale parecia incrédulo — Até que alguém esteja no chão e inconsciente? Será uma matança, Netherby. É melhor deixar-me ocupar o seu lugar. Eu era parte da cena, também, na noite passada e estou realmente relacionado com Camille e Anastásia. Eu sou muito habilidoso com as mãos, embora não tenha ido à academia de boxe Gentleman Jackson tão frequentemente como eu poderia desejar.

— É um padrinho que estou procurando — disse Avery — não alguém que duele por mim. Se você não quiser, eu terei que perguntar a outra pessoa, mas isso seria cansativo.

— Será uma matança — disse Riverdale novamente.

— Espero que não — disse Avery, pensativo — Espero ter que me defender mais do que lhe causar danos físicos, embora seja tentador. Não gosto do homem.

Riverdale riu brevemente, embora não parecesse divertido — Pelo menos você ainda estará vivo no final — disse ele — Vou cuidar disso.

Avery levantou-se — Estou muito grato a você, Riverdale. Prefiro que toda a questão seja mantida em segredo. Odiaria

ostentar sobre tais coisas. Além disso, não queremos chamar mais atenção do que necessário para as duas Srta.s.

— Camille e Anastásia? — perguntou o conde — Tentarei persuadir Walling para pedir discrição a Uxbury, embora possa ser difícil. Uxbury pode muito bem querer um público, especialmente quando ele sabe que você escolheu os punhos.

— Corpos — disse Avery, corrigindo-o gentilmente — Os punhos são apenas uma pequena arma do corpo e nem sempre são muito eficazes, encurtam as mãos. Faça o seu melhor, Riverdale. Não tomarei mais do seu tempo, a prima Althea pode estar entediada com seus livros. Você me manterá informado, ouso dizer.

— Sim — prometeu Riverdale antes de acompanhar Avery à porta.

Isso tudo era muito cansativo, pensou Avery enquanto se afastava pela rua e tocava a aba do chapéu a uma senhora que estava andando com sua criada na direção oposta. Ele estava muito tentado a chamar Uxbury e resolver o assunto ali e naquela hora. Mas Uxbury tinha escolhido ser idiota e fazer um desafio formal, e o protocolo de cavalheirismo apropriado, agora, deveria ser seguido.

Avery sinceramente esperava, no entanto, que toda a questão pudesse ser mantida em silêncio. O pensamento de que ele poderia ser visto como o campeão da honra de Camille ou Anna — ou ambas — era terrivelmente horrível. Isso arruinaria sua reputação de insensível. Mas o que fazer quando um colega havia escolhido se comportar como um

idiota? Não se podia simplesmente convidá-lo a desistir. Na verdade, era possível, mas seria um desperdício de tempo.

Às vezes, a vida podia ser bastante incômoda.

Anna estava de pé na janela do salão, na tarde seguinte, olhando para a rua. Sua família estaria chegando logo com notícias e opiniões sobre o baile, sobre seus triunfos e desastres, embora ela esperasse que este último fosse único, em vez de vários, sobre de onde ela iria partir em seu progresso de deixar de ser Anna Snow para se tornar Lady Anastásia Westcott, era difícil não se sentir um pouco abatida, embora ela soubesse que deveria estar extasiada com a gentileza do destino ou o que quer que fosse que fez todos os seus sonhos se tornarem realidade de forma tão plena. Se apenas suas irmãs estivessem aqui, sentadas na sala atrás dela, ou de pé ao lado dela, seus braços entrelaçados, tudo seria diferente. Mas ainda haveria sua mãe, lá fora, em algum lugar no frio. E ainda haveria Harry, enfrentando todos os perigos e privações da guerra. E ainda haveria espaços em branco em sua história.

E quem tinha dito que a vida poderia ter felizes para sempre, como a ficção às vezes fazia? Ela balançou a cabeça.

Elizabeth ainda estava lá em cima se trocando. O mordomo devia informar, a qualquer outra visita, que ela não estava tão disposta a receber hoje. Não haveria repetição de ontem, embora tivesse havido mais dois buquês esta manhã,

um deles agarrado na mão de um jovem cavalheiro que tinha gaguejado uma proposta de casamento ou pelo menos a intenção de uma proposta de casamento. Na verdade, ele havia perguntado a que cavalheiro ele deveria pedir permissão para pedir sua mão. Anna tinha olhado para Elizabeth, e Elizabeth tinha olhado para Anna e sugeriu que o jovem pudesse querer ter uma palavra com seu irmão, o Conde de Riverdale.

Teria sido mais simples e talvez mais amável para Anna ter dito não, mas como poderia ela quando ele não tinha realmente feito a pergunta?

Seus olhos se concentravam no Duque de Netherby, que caminhava pela rua em direção à casa. Ele não estava escoltando tia Louise hoje, mas definitivamente estava indo para lá. Depois que ele desapareceu, dentro da porta abaixo, ela esperou que ele fosse anunciado.

Ele fez uma pausa no limiar da sala de estar e agarrou o monóculo e olhou ao redor, sua expressão um pouco aflita — Sou o primeiro a chegar? — perguntou — Vários desciam com uma ânsia em vê-la, Anna. E está sozinha? Onde está prima Elizabeth para acompanhar-te? Não há criados?

— Avery — murmurou ela.

Seus olhos pousaram sobre ela e por um breve instante seu monóculo também a observavam.

— O que é? — Ele perguntou.

— Nada.

Deixou cair o monóculo e caminhou mais para dentro da sala — Essa maneira como diz nada — disse ele — apenas

sugere o contrário. Todas essas flores vieram de admiradores, presumo? E as que estão no corredor e no patamar? Perguntei-me, por um momento, quando entrei pela porta se eu tinha me mudado para um jardim em vez de uma casa. É bastante assustador. O que é, minha querida?

O inesperado carinho trouxe lágrimas aos olhos dela e ela virou a cabeça — Finalmente recebi uma carta, esta manhã, do Sr. Beresford — disse ela — O advogado que tratou dos negócios de meu pai em Bath.

— E?

— Ele se lembra de ter recebido uma carta do meu avô há mais de vinte anos — ela disse — informando-o da morte de minha mãe e pedindo-lhe para falar com meu pai. Ele, entretanto, não tem essa carta, e não consegue se lembrar de onde veio, exceto que estava em algum lugar na vizinhança de Bristol. Em algum lugar na vizinhança de... é muito impreciso. Poderia ser duas milhas de distância ou vinte. Pode ser norte, sul, leste ou oeste.

— Oeste iria colocá-lo no Canal de Bristol— disse ele.

— Talvez eles morassem em uma ilha — disse ela, irritada — Mas onde quer que fosse, foi há mais de vinte anos. Eles podem estar mortos e esquecidos nesse momento. Pode ter havido um número de vigários naquela igreja em particular, naquela aldeia em particular desde então.

— Não houve — disse ele — A igreja é de Santo Estêvão. A aldeia é Wensbury, doze milhas a sudoeste de Bristol. O vigário é, e tem sido por quase cinqüenta anos, o Reverendo

Isaiah Snow. Vive no vicariato ao lado da igreja com sua esposa de quarenta e sete anos.

Ela olhou para ele, como se através de um longo túnel — Como você sabe? — Sua voz saiu quase como um sussurro.

— Eu gostaria de poder dizer que eu estive em uma longa e perigosa odisseia ao longo da extensão e da largura da Inglaterra e de Wales, matando alguns dragões ao longo do caminho, em uma procura para descobrir seus antepassados maternos — disse — Infelizmente, você suspeitaria que eu estaria mentindo. Meu secretário desenterrou a informação. Ele disse que não foi difícil. Seguiu as pistas da igreja, e encontrou um humilde vigário, como se o homem nunca tivesse se perdido. E, na verdade, ele não se perdeu. É difícil se perder quando se permanece no mesmo lugar por cinquenta anos.

— Eles estão vivos? — Ela ainda estava sussurrando — Meus avós? — Ela apertou suas mãos firmemente a sua boca e sorriu radiante para ele — Oh, obrigado. Obrigado, Avery.

— Vou transmitir sua gratidão a Edwin Goddard — disse ele.

— Por favor — disse ela — Mas ele não teria pensado em fazer a busca sozinho. Por que você pediu para ele fazer isso?

Tirou a caixa de rapé de um bolso, olhou distraidamente para ela e a guardou de novo — Como pode ver, Anna — ele disse — Eu aumentei seu salário há pouco tempo e, então, tive o pensamento alarmante de que talvez eu não tivesse feito esforço suficiente para ver que ele merecia. Então fiz um esforço e pensei no Reverendo Snow.

— Que absurdo — disse ela.

Ele olhou para ela, seus olhos penetrantes — Lembre-se, Anna — ele disse — que eles te levaram embora depois que sua mãe morreu e, aparentemente, não mostraram mais interesse em você.

A porta se abriu atrás dele naquele momento e Elizabeth entrou.

— Sinto muito — disse ela — Eu pisei na bainha do meu vestido assim que eu estava saindo do meu quarto e rasguei-o. Tive que trocá-lo. E então havia toda a preocupação... Oh, não importa. Como está, Avery?

— Estou muito satisfeito — disse ele, levantando seu monóculo — que tenha sido forçada a mudar para esse vestido, Elizabeth. Você parece encantadora.

— Oh — ela disse, rindo — e você também, Avery, como sempre. Acredito que estamos prestes a ser invadidos. Ouvi uma carruagem adentrando enquanto eu deixava meu quarto.

Depois de quinze minutos todos haviam chegado e se dispuseram a se acomodar pela sala, Alexander, como de costume, diante da lareira, Avery sentado em um canto próximo da janela, sem participar da conversa geral.

A conversa em si tinha tomado um curso previsível. O baile tinha sido triunfantemente o melhor da temporada, até agora. A estreia de Anastásia foi um sucesso. Se houvesse uma centena de danças à noite, tia Mildred declarou, Anastásia teria tido um parceiro para cada uma. Algumas senhoras haviam ouvido comentar a simplicidade de sua

aparência, disse a tia Louise, mas algumas das moças mais elegantes, principalmente o diamante da Srta. Edwards, disseram que estavam cansadas de estar tão carregadas de jóias e de serem escoltadas sempre que desejassem dançar e sentar durante uma hora ou mais cada noite, enquanto suas criadas enrolavam e apertavam seus cabelos. Quão refrescante seria, disseram elas, aparecer em público como Lady Anastásia Westcott — se elas se atrevessem.

A Grande Indiscrição de Anastásia — tia Matilda falou disso como se as palavras começassem com letras maiúsculas — poderia muito bem ter sido sua ruína, e certamente havia aqueles entre os mais fortes que se chocaram. Mas eles pareciam estar em minoria. Outros aplaudiram o modo como ela tinha ficado, por sua meia-irmã ilegítima e tratou o Visconde Uxbury com severidade.

— Você foi lançada sobre a sociedade com grande sucesso, Anastásia — disse a prima Althea com um sorriso caloroso — Agora você pode relaxar e aproveitar o resto da temporada.

Todos estavam extasiados com o número de buquês que haviam sido entregues ontem e esta manhã. Ficaram espantados e satisfeitos ao saber do número de pessoas que haviam visitado na tarde de ontem e do passeio ao parque com os irmãos Fleming.

— Acho que, Anastásia — disse a Condessa viúva, sorrindo gentilmente para a neta — podemos esperar mais do que algumas ofertas muito elegíveis para a sua mão, antes do final da temporada.

— Mas já havia uma esta manhã, prima Eugênia — disse Elizabeth — Pelo menos, não era exatamente uma oferta, era mais um pedido para saber a que cavalheiro ele deveria pedir permissão para fazê-lo. Eu o encaminhei para você, Alex, embora Anna seja maior de idade e não precise da permissão de ninguém. Ela estava um pouco nervosa, e vim em seu socorro.

— Obrigado, Lizzie — ele disse secamente — Formsby, verdade? Encontrou-me no Tattersall's. Comuniquei-lhe, como informei outro cavalheiro na noite passada e mais dois esta manhã, que eu iria discutir o assunto com a família de Anastásia e com ela.

— Dois cavalheiros se aproximaram de mim na manhã de hoje — disse Tio Thomas — assim como o tio de outro que não é membro. Eu disse a mesma coisa.

— Oh, grandioso Deus — A avó de Anna juntou as mãos ao peito e sorriu — Este ainda é um sucesso maior do que esperávamos. Até o final da temporada, Anastásia, você poderá fazer sua escolha entre um grande número de pretendentes.

— Não deve se apressar em escolher, Anastásia — aconselhou a tia Matilda — A questão do nascimento, da procriação e da fortuna deve ser pesada, assim como a sua própria importância. Você é a filha, a única filha, do falecido Conde de Riverdale, meu irmão, e você tem uma grande fortuna. Não há limites para o que você pode aspirar em um marido.

Anna estava virtualmente em silêncio, mas ela falou agora — Eu sou uma dos quatro filhos do meu pai — disse ela.

— É claro que você é — disse a tia Matilda — mas você é a única que conta aos olhos da Ton.

— Eu não sou nada além de um objeto — Anna disse, suas mãos apertadas em seu colo — como são meu irmão e irmãs. Tornaram-se objetos de nenhum valor enquanto eu me tornei inestimável. Homens, cavalheiros da Ton, se aglomeraram em torno de mim no baile, duas noites atrás, e enviaram flores na manhã de ontem e se reuniram para me visitar ontem à tarde. Eu estava inundada com convites para passear no parque, para dançar a primeira peça em algum baile em algumas noites, para assistir ao teatro, para ir para Vauxhall. Hoje, vários deles estão fazendo perguntas sobre casar-se comigo. Eu diria que ainda haverá mais por vir. E por que? Porque eu sou bonita e talentosa? Porque eu sou gentil, encantadora e inteligente? Porque eu tenho caráter? Claro que não. É porque sou uma mercadoria, porque sou rica. Muito rica. Uma das Damas mais ricas da Inglaterra, talvez. Todo mundo quer casar com meu dinheiro.

— Anna! — Tia Louise olhou para ela, incrédula — A situação não é tão vulgar... assim. É claro que os membros da nossa classe escolhem parceiros elegíveis quando se casam. Claro que nos casamos dentro de nossas próprias fileiras. E é claro que é desejável, embora nem sempre essencial, casar pelo dinheiro. O dinheiro é o que sustenta o nosso modo de vida e a enorme despesa de gerir as nossas propriedades e outros estabelecimentos. Mas não

consideramos apenas status ou fortuna quando escolhemos maridos e esposas. Procuramos também alguém que possamos respeitar, alguém de quem podemos gostar, até alguém que possamos amar. Não posso dizer que amei Netherby quando me casei com ele, apesar de eu gostar e respeitá-lo. E eu gostava dele, como ele de mim, eu acredito, durante o nosso casamento. Eu lamentei sua morte com um sofrimento muito real. No entanto, eu não teria casado com ele se ele tivesse sido inelegível ou empobrecido. A ausência dessas coisas não teria sido propícia para uma vida feliz.

— Ninguém olha para você e vê um objeto, Anastásia — acrescentou a prima Althea — Longe disso. Todo mundo vê uma moça digna e simpática, você pode ter certeza. Lembre-se que você terá escolhas — um número bastante vertiginoso delas, parece. Você será livre para escolher alguém que irá apreciá-la, bem como a sua fortuna. Você pode escolher alguém que você aprecie por seu bom caráter e natureza gentil e quaisquer outros atributos positivos que são importantes para você. O mercado matrimonial não é uma coisa tão impessoal quanto teme.

— O que você deveria fazer, Anastásia — disse a avó — é casar com Alexander. E o que você deveria fazer, Alexander, é engolir seu orgulho e propor a ela sem esperar que todos os outros façam isso primeiro.

Capítulo 16

Houve um momento de silêncio. Anna estava horrorizada e horrivelmente mortificada. Alexander, ela viu em um breve olhar, parecia congelado no lugar.

— A prima Eugenia — disse sua mãe com ar reprovador — Dificilmente ...

— Não, mamãe — disse Alexander, levantando uma mão — Não é que eu não tenha pensado nisso por mim mesmo. Preciso do dinheiro, Deus sabe, se vou resgatar Brambledean Court de mais dilapidação e melhorar as condições de vida, deploráveis, de todos os que dependem de mim lá. E pode-se dizer que as propriedades e as riquezas necessárias deveriam ser reunidas, como eram até que o primo Humphrey morreu. Eu tenho respeito por Anastasia e admiro a maneira como ela cresceu com dignidade, apesar das circunstâncias em que seu pai a deixou. Admiro também a maneira como ela trabalhou duro para se adaptar às mudanças de circunstâncias. Se eu fosse casar com ela, poderia salvá-la de qualquer exposição adicional ao mercado matrimonial, o que ela está achando tão repugnante. E eu poderia, certamente, oferecer-lhe respeito, proteção, afeto, e uma sogra e cunhada, que eu sei, que iria recebê-la bem.

— Bem, então — disse a avó de Anna — É isso...

Mas ele ergueu a mão novamente.

— Eu já pensei sobre isso — disse ele — E, de fato, agora que a sugestão foi feita abertamente assim, diante de toda a família, estou disposto a fazer uma oferta formal, se Anastasia puder me assegurar que é o que ela deseja. No entanto, eu admito que eu estaria me casando com ela principalmente pelo dinheiro, e isso é repugnante para mim. Ela merece mais do homem que for suficientemente afortunado de ganhar sua mão. Ela merece um homem que a queira e não um que esteja interessado em por as mãos em sua fortuna.

Houve outro breve silêncio, durante o qual Anna percebeu que Elizabeth tirava um lenço do bolso do vestido e o pressionava nos olhos.

— Anastasia? — sua avó disse — Você não o poderia fazer melhor e, é perfeitamente claro, que Alexander está inseguro pela diferença entre as suas fortunas e ele teme que você o verá não muito melhor do que um caçador de fortuna. Mas ele tem um título...

— Não! — exclamou Elizabeth, abaixando o lenço para o colo — Isto não é apenas pelo que ele teme que seus motivos sejam mal interpretados. Alex tem sonhos, que ele tem mantido resguardados há anos desde que a morte de papai deixou-o imerso em dívidas de que ele, só recentemente, libertou-se. Ele sonha com amor e uma vida doméstica tranquila, e ele não deve ter que sacrificar seus sonhos apenas porque o condado foi impelido sobre ele. E Anna passou a maior parte de sua vida em um orfanato, onde não havia crueldade, aparentemente, mas muito pouco, do que eu

penso, de como é o amor de família. Alex está certo. Ela merece amor, agora. Ela merece ser casada porque ela é tudo no mundo para um determinado cavalheiro. Eu amo os dois, prima Eugenia, mas, por favor, oh, por favor, eles não devem ser jogados juntos apenas porque seria um arranjo conveniente.

— Lizzie — Sua mãe tinha vindo se sentar no braço de sua cadeira para esfregar uma mão sobre suas costas.

Alexander estava franzindo a testa. Todos os outros estavam, aparentemente, consternados e envergonhados. Anna apertou as mãos no colo. Elas estavam congelando e ela também. O Duque de Netherby levantou-se e atravessou a sala para ficar de pé diante de sua cadeira.

— Não comparei sua fortuna e minha própria, tostão por tostão, Anna — disse ele — Isto seria, eu suspeito, uma tarefa árdua. Edwin Goddard poderia gostar de fazê-lo se eu o pedisse. Gostaria de arriscar um palpite, no entanto, que eu sou mais rico do que você por um ou dois centavos pelo menos. Eu tenho muito mais do que posso gastar em uma vida, mesmo se eu viver extravagantemente a idade de cem ou cento e dez. Eu não teria nenhum uso possível para a sua fortuna e eu não tenho qualquer desejo de colocar as minhas mãos sobre ela. Se eu fosse casar com você, seria porque eu prefeiro passar o resto da minha vida com você do que não passá-la e porque você me asseguraria que você prefere passar a sua vida comigo do que não fazê-lo. Você pode considerar a oferta feita, desde que seria um embaraço medonho a mim e, provavelmente, a todos se eu fosse cair de

joelhos diante de você agora e declarar devoção eterna em uma língua florida que seria, duvidosamente, esperada de mim. Você pode ser a Duquesa de Netherby, se assim o desejar.

Os olhos de Anna se arregalaram e permaneceram fixados nele sonolentos e afiado ambos de uma vez, como de costume. Ele pegou sua caixa de rapé, mas não a tirou do bolso. E ela sentiu uma apunhalada de desejo, tão inesperada que a pura dor a envolveu.

— Avery! — gritou tia Louise.

— Oh! — disse Elizabeth.

Todo mundo também disse alguma coisa ou isso pareceu, mas Anna não ouviu uma palavra.

— Como .. — começou ela.

— Absurdo? — Ele disse suavemente — Se desejar , minha querida.

— Mas que ideia mais esplêndida, Avery — disse a avó de Anna — Só estou espantada que não tenha ocorrido a mim antes. E você nem sequer está relacionado com Anastasia por sangue, como está Alexander.

— Eu não pensava que você fosse o tipo que se casaria, Avery — disse a tia Mildred — De fato, eu pensei que talvez ...

— Millie! — Tio Thomas disse bruscamente, e ela caiu em silêncio. O Duque de Netherby ignorou todos eles. Olhou fixamente nos olhos de Anna. Queria fazer-lhe um milhão de perguntas, embora todas pudessem ser reduzidas a uma.

Por quê?

— Quero ir a Wensbury — ela se ouviu dizer.

— E você irá — Ele disse suavmente — Vou levá-la até lá — Com um exército de acompanhantes, se você optar por ir solteira, ou somente comigo se você se casar comigo primeiro.

Oh. Ele estava falando sério.

E por que?

Por que ela estava tentada? Por que aquela dor de desejo, incomoda, latejava abaixo do seu ventre e entre suas coxas?

Solteira. Casada. Solteira. Mas não eram essas suas únicas opções, eram? Ela podia ir sozinha para agradar seus avós. Ninguém poderia detê-la. Ela poderia ir com Bertha para dar-lhe companhia e respeitabilidade e John para conferir-lhe proteção junto com o cocheiro. Talvez Elizabeth fosse com ela. Eles podiam ir a Bath primeiro e Joel os acompanharia o resto do caminho seu verdadeiro e querido amigo. Ela não precisava escolher ninguém.

— Eu gostaria de ir casada — ela disse tão baixinho que nem sequer tinha certeza de que as palavras haviam passado em seus lábios.

— Então casados nós iremos — ele disse.

Mas por quê? Era a pergunta que precisava fazer a si mesma, assim como a ele. O que ela havia dito? O que ela havia feito? Ela mal o conhecia. Ele era como alguém de outro universo. Ele se escondia atrás de pesadas pálpebras e artificialidade, e talvez não houvesse nada de qualquer valor por trás de tudo isso .

Exceto que ele tinha concedido a ela alguns vislumbres além desta máscara. Ele valsou com ela duas vezes e cada

vez que dançaram a transportou para um mundo mais brilhante e feliz. Ele a tinha beijado uma vez e despertado todos os anseios físicos que ela tinha suprimido por tanto tempo que ela tinha chegado quase a acreditar que nunca seria incomodada por eles novamente.

Eles deveriam se casar? Ele tinha perguntado e ela tinha dito sim? Por um momento, ela duvidou da realidade, mas apenas por um momento, pois não estavam sozinhos na sala. E houve um ruído, primeiro um murmúrio e depois uma grande erupção de som. Todo mundo falou de novo.

— Avery! Meu querido menino! — exclamou a mãe.

— Anastasia! Isto vai além das minhas maiores expectativas — sua avó. A Condessa viúva, entrelaçou as mãos e as apertou no peito.

— Mamãe, deixe-me segurar os sais embaixo do seu nariz — disse a tia Matilda.

— Eu nunca estive mais surpresa em toda minha vida ou tão encantada — A Duquesa, prima Louise, sorriu de um para o outro.

— Absolutamente esplêndido! Primo Avery e Anastasia — disse a tia Mildred, lançando um sorriso ao tio Thomas.

— Permita-me felicitá-la, Anastasia, Netherby. Desejo-lhes uma grande felicidade — O primo Alexander parecia realmente muito aliviado.

— Anna, Avery. Oh, eu deveria ter suspeitado. Como eu estive cega — Elizabeth estava rindo.

— Você é realmente afortunada, Anastasia — disse a tia Matilda- — considerando que você resistiu a mais da metade

dos conselhos que te oferecemos nas últimas semanas. Você está para ser a Duquesa de Netherby! Permita-me abanar seu rosto, mamãe

— Bem, isso vai ser uma decepção para algumas dúzias de cavalheiros e algumas dúzias de senhoras — comentou secamente Tio Thomas, Lorde Molenor

— Devemos nos reunir aqui amanhã à tarde. Temos um casamento para planejar — Essa era a tia Louise, é claro.

— Por que Wensbury? Onde na terra se encontra esse lugar? — Perguntou a tia Mildred.

O Duque de Netherby não olhou para longe de Anna nem ela dele.

— Eu venho visitá-la aqui amanhã de manhã, Anna — disse ele — se você puder me encaixar entre a recepção de buquês de flores e de ofertas matrimoniais.

Alexander limpou a garganta — Amanhã de manhã, você não tem uma reunião Netherby? — Ele disse.

— Ah, o meu compromisso — O Duque tocou a alça de seu monóculo — Mas será muito cedo Riverdale, muito mais cedo do que Anna gostaria de ser acordada. Vou vir depois do café da manhã, Anna.

— Talvez você esteja. . . Incapaz — disse Alexander.

— Mas nada me afastará de minha querida noiva — disse o Duque com um suspiro de dentro da alma, e afastou-se finalmente de Anna.

— Cada hora entre agora e amanhã será uma eternidade sem fim. Tenho que ir-me. Tenho negócios a atender. Eu acredito que os devo ter.... Edwin Goddard saberá.

E sem sequer olhar para ela novamente, ele saiu da sala, deixando Anna com vontade de rir ou chorar. Ou ambos.

O quarto irrompeu em som novamente. Anna apenas ouviu a tia Mildre.

— Onde fica Wensbury? — perguntou ela — Nunca ouvi falar desse lugar.

Ela merece ser casada porque ela é tudo no mundo para um determinado cavalheiro.

As palavras de Elizabeth circulavam na cabeça de Avery enquanto ele caminhava pela rua. Foram essas palavras que o impeliram a fazer sua oferta? Se sim, o que o diabo teria a dizer sobre ele?

Porque ela é tudo no mundo para um determinado cavalheiro.

Bom Deus, ele era um homem comprometido.

Não era dele agir impulsivamente. E que momento para quebrar um velho hábito. Ele estava esperando que ela se apiedasse de Riverdale e oferecesse sua mão e fortuna para ajudá-lo, mas fazendo justiça a Riverdale, ele deixara bem claro sua relutância em se aproveitar dela. Mas a família poderia em qualquer momento tê-los persuadidos de que o casamento entre os dois era a melhor opção para ambos. E o que Avery sentira ...? Aborrecimento? Ansiedade? Pânico?

Pânico?

E ele se viu ouvindo a súplica de Elizabeth contra o casamento de Anna e seu irmão e depois se ergueu para reforçá-la, propondo ele mesmo matrimonio a Anna.

Que diabos!!!! Não poderia simplesmente tê-la convidado para passear, como fizera em uma ocasião anterior?

Ela havia dito sim.

Pelo menos, ela não tinha usado, exatamente, essa palavra. Ela havia expressado a preferência por estar casada em vez de solteira quando viajasse para Wensbury para encontrar seus avós maternos. No entanto, ela não tinha dito que queria se casar com ele, não é verdade? Mas não, não havia esperança de se arrepender sobre isso sem sair em ridículo. Ela resolveu casar com ele.

Ele deveria saber que estaria em perigo quando colocou Edwin Goddard na tarefa de encontrar o Reverendo Snow e sua esposa. Ele deveria saber quando Edwin o cumprimentou em seu retorno para casa, logo depois do meio-dia de hoje, com a carta que tinha sido entregue mais cedo e ele, Avery, tinha apenas tomado o tempo para mudar suas roupas antes de ir para South Audley Street para que ela não fosse mantida ignorante, por nem mais um minuto do que o necessário. Ele deveria ter sabido quando, depois de escoltar Uxbury fora das instalações, um par de noites atrás, após a magnífica descompostura que ela lhe tinha dado, ele tinha cedido perante a vontade esmagadora e bastante grosseira, de interromper a sua dança com Washburn e valsar ele mesmo com ela. Ele deveria ter sabido quando ela chorou por Harry. Ele deveria ter sabido.... .

Maldição! Ele pensou, quando chegou ao final da calçada fazendo uma parada brusca. Ele estava apaixonado por ela.

Ele reconheceu, com um aceno brusco, um par de conhecidos que pareciam pensar que ele tinha parado para conversar com eles e mostraram sinais de desacelerar o passo para conversar, mas ele continuou no seu caminho, enquanto eles presumivelmente continuaram no deles.

Ele tentou imaginá-la como ela tinha estado naquele primeiro dia com seu terrível traje de domingo e sapatos feios. E tudo o que ele podia ver era a dignidade com que ela havia explicado sua presença em sua casa e depois se sentado no salão rosa, a coragem com que ela o tinha olhado lá, mesmo quando ela percebeu que ele a estava examinando.

Ela merece se casar porque ela é tudo no mundo para um determinado cavalheiro.

Maldições e um milhão de outras profanidades e blasfêmias ele diria em voz alta se ele não estivesse na via pública onde ele poderia ser ouvido. Tudo no mundo, de fato, isto era o suficiente para fazê-lo querer vomitar.

Pensou que fosse bom que estivese apaixonado por ela, já que ele estava condenado a casar-se. De qualquer forma, ele precisava se casar em um futuro previsível. Poderia este ser muito bem mais cedo ou mais tarde. Ele tinha imaginado, no entanto, que quando ele finalmente chegasse perto de fazer sua escolha, a escolhida seria uma grande beleza, alguém como a Srta. Edwards. Ele dançara com ela na noite passada e se perguntava por que ele estaria admirado com

ela há apenas algumas semanas atrás. Havia uma certa suavidade em seu rosto e figura que, com certeza, se transformaria em algo arredondado e simplista dentro de dez anos, e se perguntava se ela possuiria caráter suficiente para encarar estas inevitáveis mudanças de pouca importância.

Mesmo assim, com tais pensamentos pouco caridosos, ele poderia ter adivinhado a verdade.

Ele nunca tinha estado apaixonado. Ele nunca tinha chegado nem perto de está-lo. Ele nem sabia o que significava o termo. Ele não perdeu seu apetite ou sono. Ele não sentia vontade de escrever um soneto dedicado à sua sobrancelha esquerda ou a direita e não tinha vontade de cantar uma balada sobre amores perdidos, embaixo da janela de seu quarto, no meio da noite. Ele não se sentia apaixonado quando estava em sua presença ou fora dela. Ele não tinha sequer suspeitado até pouco tempo atrás, quando ele colocou em em sua cabeça a ideia de lhe propor casamento e colocá-lo fora de todo a sua miséria.

Ninguém tinha sido tão miserável quanto ele .

Sim, ela tinha. Ela tinha feito aquele pequeno discurso apaixonado sobre sentir-se como um objeto, uma mercadoria. Ela descreveu todo o frenesi de interesse masculino que sua aparência despertou na sociedade como se isso fosse o pior insulto possível que poderia acontecer a qualquer um. A maioria das Damas sacrificaria um braço direito por metade da atenção que ela recebeu. Para ela isto era miséria.

Ele havia oferecido casamento para tirá-la de sua miséria. Ele não se importava com ninguém mais.

Pelo menos ela saberia que ele não estava se casando com ela por seu dinheiro.

Ele subiu os degraus para Archer House, bateu na porta, entregou seu chapéu e bengala a seu mordomo, olhou as escadas, e franziu o cenho. O que ele queria fazer era dividir uma pilha de tijolos em dois com a ponta da suas mãos. Mas ele foi ensinado há muito tempo que ele nunca deveria praticar quando ele estava se sentindo mal. As artes que ele aprendeu não eram um antídoto para o mau humor. O que ele deveria fazer era subir e ter uma palavra com Jessica. Ela não ficaria encantada com suas notícias, mas não era justo esperar que sua madrasta rompesse com ela.

Ele nunca fez nada porque devesse fazê-lo.

Exceto por uma coisa, pensou com um suspiro interior enquanto subia para a sala.

Anna não escapou tão facilmente do salão. Ficou sentada ali, em silêncio, durante as próximas uma ou duas horas, ela não fazia ideia de quanto tempo, enquanto todos à sua volta planejavam seu casamento.

Ela deveria se casar na Igreja de St. George's na Praça Hanover. Todos concordaram com isso, não apenas porque estava a poucos passos de Archer House, mas porque era a igreja que estava na moda para casamentos durante a temporada. Todos deveriam ser convidados, e, é claro, todos participariam. Tia Louise emprestaria o Sr. Goddard, de

Avary,outra vez e elaboraria a lista de convidados, o que não seria difícil, uma vez que seria essencialmente a mesma lista do baile de duas noites atrás com exceção do Visconde Uxbury, é claro. O Sr. Goddard também escreveria os convites. Ele tinha uma caligrafia limpa e precisa. O casamento com café da manhã seria realizada na Archer House, que era um lugar adequado. Os proclames deveriam ser lidos no próximo domingo de modo que o casamento não tivesse que ser adiado por mais um mês. Madame Lavalle e suas assistentes seriam trazidas de volta a Westcott House para fazer o traje de casamento de Anastasia e seu enxoval de noiva. A avó de Anna a levaria para a sua própria joalheria para que ela comprasse jóias adequadas à sua posição atual e perspectivas futuras.

Você vai me suplantar no título, Anastasia, disse tia Louise, com uma mão sobre o coração — me relegando à posição de viúva. Estou satisfeita. Eu realmente temia que Avery pudesse nunca se casar. Minha única esperança é que ele agora vá cumprir com seu dever e começar a preencher o seu berçario dentro de um ano.

A mente de Anna parecia não estar funcionando com clareza. Todo mundo parecia ter esquecido que declarou o seu desejo de ir por si mesma a Wensbury para ver seus avós e descobrir o que tinha acontecido todos aqueles anos atrás. É claro que o povo de sua mãe não seria levado em conta por esses aristocratas.

O Duque tinha dito que ele a levaria lá. Ele tinha dado a ela a opção de ir casada ou solteira, e ela tinha escolhido

estar casada em primeiro lugar. Então ele simplesmente tinha se despedido e ido embora. Como era absolutamente típico dele deixá-la à mercê de sua família bem intencionada. Seu casamento ia ser, pelo menos, daqui a um mês. No entanto, agora ela desejava fugir de uma vida que a oprimia. Tudo em que ela teve sucesso foi em fazer as coisas piores. Muito piores.

A conversa ao seu redor tinha progredido para anúncios de noivado e festas de noivado.

Por que na terra, ela concordara em se casar com o Duque de Netherby? Ela estava apaixonada por ele? Mas o quê significava estar apaixonada? E certamente ele era o último homem por quem ela poderia estar apaixonada.

Finalmente todos partiram, embora Anna soubesse que era apenas um adiamento temporário. Elizabeth tinha descido as escadas e se foi por um momento para ver a mãe e o irmão irem embora.

— Eu machuquei os sentimentos de Alex? — Anna perguntou quando ela voltou.

— Não — Elizabeth lhe assegurou — Mas ele tem medo que a tenha magoado. Ele teme que tenha aceitado a oferta de Avery sem ter devidamente analisado, pois estava chateada.

Anna sorriu tristemente.

— Espero não ter te machucado pelo que eu disse — disse Elizabeth.

— Oh, não se preocupe, nao o fizeste — Anna lhe assegurou— E nem Alex. Não sei exatamente por que aceitei a

oferta da Avery, Lizzi e, por assim dizê-lo... Fiquei totalmente surpresa. Mas ... não acredito que me arrependa.

— Ele não será um marido fácil — disse Elizabeth — Mas ele será fascinante, eu suspeito.

— Sim — concordou Anna — Ele certamente será muito mais lindo do que eu. Mas em uma série de espécies de pássaros e animais os machos são mais vistosos do que as fêmeas. Você sabia disso?

Ela riu, mas Elizabeth mordeu o lábio inferior e Anna pensou que algo a estava incomodando.

— O que foi? — Ela perguntou.

— Eu poderia dizer, depois que Avery fez sua oferta, algo estava incomodando Alex — disse Elizabeth — Ele lembrou a Avery sobre uma reunião amanhã de manhã, não sei se você se lembra. E ele não participou da discussão geral depois disso. Eu o forçei a dizer-me o que era enquanto ele andou um pouco comigo, ao longo da rua, depois que Mamãe estava na carruagem. Ele me implorou para não lhe dizer, mas como não te contaria sobre isso!? Ele pediu apenas que eu lhe assegure que se amanhã Avery não cumprir sua promessa de visitá-la aqui, que não há nada pessoal em sua ausência, que ele certamente virá quando ele for capaz.

Anna olhou para ela inquirindo-a.

Elizabeth mordeu o lábio novamente antes de continuar — Oh, Anna, o Visconde Uxbury desafiou Avery para um duelo. Será amanhã de manhã. Alex será o seu padrinho, mas está preocupado. Avery não podia recusar o desafio. Cavalheiros não podem, você sabe, sem perder a reputação e

mesmo a honra, embora tudo isso seja muito tolo. Mas Alex teme que seja uma carnificina. Ele jurou parar antes que Avery esteja. . . gravmente ferido, mas ele está temoroso que Avery não esteja em condições de visitá-la amanhã de manhã.

Anna sentiu como se todo o sangue tivesse sido drenado de sua cabeça. O ar sentia-se frio em suas narinas. Havia um zumbido em seus ouvidos — Um duelo? — perguntou ela — Uma luta? Até a morte?

— Oh, não — disse Elizabeth — Alex vai pará-los antes que isso aconteça.

— Como ele poderia parar o curso de uma bala? — Anna pulou de sua cadeira — Como ele poderia redirecionar a estocada de uma espada? Quais serão as armas?

— Alex não me disse — Elizabeth disse a ela — Ele disse-me apenas que temia uma carnificina.

— Eu tenho que ir para Archer House — disse Anna, virando-se para a porta — Fui eu quem irritou o Lorde Uxbury. Avery não deve morrer por algo que eu disse. Eu devo ir e por um ponto final nisso.

— Oh, você não pode, Anna — Elizabeth disse, pegando seu braço — Você não pode interferir no negócio dos cavalheiros, especialmente em um caso de honra. Seria horrivelmente humilhante para Avery se você tentasse. Ele ficaria furioso, e você não o persuadiria a mudar de ideia. Ele não é o desafiante. Oh, você deve ver como isto seria impossível.

Sim. Anna podia — Onde? — Ela perguntou — Quando?

— Hyde Park — disse Elizabeth — Não sei exatamente onde, mas ouvi dizer que os duelos são geralmente combatidos entre as árvores no lado leste do parque, onde eles são menos provável de serem observados e parados. Duelos são ilegais, você sabe. Geralmente são combatidos ao amanhecer, provavelmente pelo mesmo motivo. Alex virá aqui assim que puder para aliviar minha mente. Ele prometeu que mandaria notícias. Provavelmente a tempo do café da manhã ja saberemos algo.

— O lado leste de Hyde Park, ao amanhecer — Anna murmurou, franzindo o cenho.

Elizabeth olhou para ela — Você não está pensando em ir, não é? — perguntou ela — Isto não é absolutamente coisa de mulheres, Anna. As mulheres não são permitidas. . . Elas não têm permissão para saber de tais reuniões. Haveria um grande problema para você se tentasse interferir. Você se tornaria uma pária social e faria de Avery uma chacota.

O Visconde Uxbury era um homem grande, pensava Anna. Era alto e bastante largo, e parecia-lhe que a largura de seu peito e ombros deveria ter pelo menos tanto músculos quanto gordura. Ele era duas vezes o tamanho de Avery, e ela realmente não acreditava, que o Duque o derrubasse com alguns empurrões com as pontas dos dedos no peito. De qualquer forma, isso não importaria amanhã. Se as espadas fossem as armas, o alcance do Visconde devia ser muito mais longo do que o de Avery, e ele teria a vantagem da altura. Se fossem pistolas, bem. ....

Elizabeth suspirou — A que horas nós iremos partir? — perguntou ela.

— Nós? — Os olhos de Anna se concentravam em cima dela

— Nós — disse Elizabeth — Mas apenas para observar, Anna, se nós não formos pegas antes mesmo de começar, como eu ouso dizer que seremos. Para não interferir.

— Sem interferir — Anna concordou — Assim que a escuridão começe a se transformar em luz? Eu chamarei em sua porta.

Elizabeth assentiu, e por alguma razão ambos riram. Isso foi horripilante.

— Acho — disse Anna — É melhor eu pedir uma nova bandeja com chá.

Ele estava indo para morrer, ela pensou, e tudo o que ela poderia pensar fazer sobre isso era beber chá?

Capítolo 17

Avery e Alexander chegaram ao local designado em Hyde Park quando o céu estava cinzento pelo amanhecer. Por Deus, eles foram cedo demais, mas eles não foram os primeiros a chegar.

— Walling concordou comigo — disse Riverdale, claramente exasperado — que quanto mais sigilosa mantivéssemos esta reunião, melhor seria para todos os interessados. Parece que Uxbury discordou e disse a cada homem que ele conhece e eles disseram a todos que eles conheciam. Isso é intolerável.

Avery lembrou-se daquela primeira luta de boxe em que ele lutou na escola se, lutar, fosse a palavra correta. Uma multidão de homens, zumbindo de antecipação, estava reunida em torno de uma clareira vazia, entre as árvores, seus cavalos e cabriolés dispostos de diferentes maneiras em um círculo rude atrás deles. Se o guarda não os detectou e prendeu muitos deles, é porque não existia nenhuma justiça real na terra. Avery suspeitava que o guarda, ou aquele que impusesse a lei e a ordem em Hyde Park, desenvolveria um caso severo de surdez e cegueirase e estaria fora a essa hora. O zumbido de excitação aumentou quando o desafiado apareceu. Uxbury e Walling já tinham chegado. Assim como tinha um homem vestido inteiramente com um sombrio traje

preto e um grande saco de couro preto que estava na grama ao seu lado. O cirurgião, sem dúvidas. Que ostentação previsível por parte de Uxbury em contratar os serviços de um médico para uma luta que não envolvia nenhuma arma mais letal do que o corpo. Ou talvez houvesse alguma sabedoria nisso.

Cada rosto que se voltava para observá-lo aproximava-se com a mesma aborrecida expressão. O cordeiro para o abate, todos eles estavam pensando. Ele enrolou os dedos sobre a alça de seu monóculo e levantou-o para o seu olho, e quase todos, de repente, descobriram algo mais interessante em que manter suas atenções. Uxbury, fazendo pose, olhava para ele através do círculo formado na grama com altiva dignidade. Avery examinou a sua expressão corporal pelo monóculo. Apostaria que a tinha praticado diante de um espelho.

Walling entrou no centro do circulo do gramado, parecendo um pouco envergonhado, e Riverdale foi conversar com ele lá. Em seguida, cada um voltou para o seu apadrinhado.

— Uxbury está disposto a se contentar com um pedido de desculpas sobre toda a angústia e constrangimento sofrido — disse Riverdale.

— E ele irá se desculpar perante toda essa gente? — Avery perguntou, abaixando seu monóculo preso ao cordão e levantando suas sobrancelhas — Extraordinário! Deixe-nos ouvi-lo, então, por favor. Não que eu me lembre de sofrer

muita angústia ou constrangimento, embora fosse possível que eu pudesse tê-lo sofrido se eu fosse do tipo sensível.

— Entendo que você não esteja disposto a apresentar um pedido de desculpas a ele, então? — perguntou Riverdale.

Avery apenas olhou para ele, e Riverdale virou-se.

— O Duque de Netherby — disse ele com uma voz que atravessaria o espaço vazio e, sem dúvida, alcançaria cada cavalheiro reunido ali — é obrigado a oferecer clemência. No entanto, ele não retirará nenhuma única palavra que ele tenha dito ao Visconde Uxbury, pois não há nenhuma que ele lamente.

Houve uma onda de aprovação da multidão e alguns assobios. Um cavalheiro não identificado gritou: — Esse é o espírito, Netherby. Se tiver que cair, caia lutando!

Tinha passado treze ou quatorze anos evitando tal cena como esta, Avery pensou, com um suspiro interior, enquanto Riverdale ajudava-o a remover o seu casaco e ele despojou-se de sua gravata e cachecol, sua corrente de relógio e relógio, o monóculo, seu colete, e sua camisa. Mas o que fazer quando alguém tinha sido desafiado a um duelo e o desafiador tivesse espalhado por toda cidade sobre isso, de modo que seria surpreendente se houvesse um cavalheiro em Londres que não estivesse ali?

— Eu creio — disse Riverdale — seria mais sensato manter sua camisa, Netherby. Uxbury está mantendo a dele.

Avery o ignorou. Sentou-se no tronco desconfortavelmente áspero e desigual de uma árvore e tirou uma de suas botas e a meias.

— Meu Deus — disse Riverdale, claramente horrorizado — você deve manter suas botas.

Avery puxou o outro pé.

— Bom Deus, Netherby — disse Riverdale novamente quando Avery se levantou, vestido apenas com suas calças apertadas mas flexíveis e confortáveis — Você deve ter um desejo de morte.

O aumento dos murmúrios ao redor deles, demonstravam que todos concordavam com isso.

Avery rolou os ombros e flexionou as mãos.

— Escute — disse Riverdale, falando baixinho e com urgência — Você me pediu para agir como seu padrinho e é meu dever oferecer-lhe o máximo de conselhos que eu sou capaz de dar. Não seja um mártir sangrento, Netherby. Use seus braços e seus punhos para cobrir seu rosto e seu corpo. Use os pés para sair do perigo, o que seria muito mais fácil de fazer com as botas. Uxbury tem a vantagem do alcance, altura e peso. Fique longe de seus punhos, enquanto você pode. Cuidado com ele. Use seus olhos. Se, por algum milagre, você puder passar pelo seu alcance, use seus punhos nele. Dê um bom show. E se você cair — Ele parou por um momento e aclarou sua garganta — E se for derrubado, fique no chão. Se você puder se manter por alguns minutos antes que isso aconteça, melhor ainda. Você não é o desafiante. Ele o é. A maioria dos homens aqui não gosta do que ele forçou Camille a fazer ou como ele fala sobre ela. Eles estão do seu lado. Eles admiram a sua coragem de

não se desculpar e enfrentar um oponente que é duas vezes maior que você. A derrota será uma espécie de triunfo.

— Eu acredito — Avery disse — que Walling está esperando você terminar o seu monólogo, Riverdale, para que ele possa ter este duelo iniciado.

Seu padrinho olhou para ele com alguma exasperação e ficou em silêncio.

— A luta começará — anunciou Walling — Continuará até que um dos dois cavalheiros admita a derrota ou até que alguém seja derrubado e seja incapaz de se levantar.

Uxbury caminhou para o palco, não se podia ver aquele círculo de grama esfolada como qualquer outra coisa, quando ele fez isso com passos propositais, um comportamento sombrio e punhos cerrados. Ele seguiu adiante interpretando a postura de um boxeador que teria feito Gentleman Jackson orgulhoso. Ele gingou alguns passos em suas botas. Avery caminhou em sua direção e parou a alguns metros de distância, com os braços ao seu lado.

Uxbury olhou para ele e lançou um golpe reto de direita que, se tivesse acertado, teria atingido o nariz de Avery enviando-o para a parte de trás de sua cabeça. Avery desviou-o com o lado do antebraço e fez o mesmo quando um golpe de esquerda seguiu perto ao seu outro lado.

— Proteja-se , Netherby — alguém da multidão gritou acima do som da multidão poderia ter sido Riverdale.

Gingou mais alguns passos, olhou de novo, e repetiu o mesmo ataque obtendo exatamente o mesmo resultado. Ele era um aprendiz lento. Isto era incrível, pensou Avery,

enquanto observava a altura que havia nas botas do seu oponente. Uxbury parecia umas duas polegadas mais alto do que o normal, embora provavelmente fosse ele quem tinha menos dois centímetros em seus pés descalços. O terreno era desigual e um pouco pedregoso em alguns lugares, muito diferente do chão de um ringue, mas ele já havia defontrado-se com lugares piores quando treinava com seu mestre chinês.

— Você vai ficar ai parado como um covarde, não é mesmo? — perguntou Uxbury.

Algumas pessoas riram baixinho. Outras gritaram: — Que vergonha! — embora se eles se referiam a Uxbury ou ao Duque de Netherby não estava claro.

Outra vez, Uxbury seguiu com os mesmos dois socos em seu corpo seguidos por uma enxurrada de golpes ferozes. Mas ele tinha sinalizado sua intenção com seus olhos e seu corpo, homem tolo! Não existia nenhum método para dar socos, exceto o desejo de terminar a luta, quase antes desta ter começado. Levou apenas um pouco mais de esforço de observação e reflexo para desviar os punhos, embora um deles realmente acertou seu ombro, virando-o ligeiramente de lado. Uxbury seguiu-o com outro golpe poderoso destinado a derrubar sua vítima no reino da inconsiência. Avery deu um passo para o lado, esperou que o punho e o braço passassem zunindo, inofensivamente, torceu o corpo um pouco mais e pegou Uxbury na lateral da cabeça com um chute.

Ele caiu no chão como um saco de batatas.

A multidão rugiu.

Uxbury piscou e ficou aturdido, depois perplexo, depois indignado, depois irado. O homem era tão fácil de ler, pensou Avery, como um livro escrito em letras grandes e em negrito. Ele não poderia ser bom jogador de cartas. Ele se levantou, balançou a cabeça, cambaleou uma vez, olhou para Avery, depois retomou a postura, enquanto no fundo havia vozes que urgiam a Avery que o nocauteasse enquanto ele tinha a chance.

— Isso foi um golpe sujo — disse Uxbury, entre seus dentes.

— Você está preocupado que sujou sua camisa? — perguntou Avery — Mas eu ouso dizer que isso irá acabar logo.

Uxbury não tinha aprendido nada. Ele retomou o ataque da mesma maneira, embora um pouco mais selvagem dessa vez, como se o peso, os músculos e a força bruta tornassem obsoletos o cérebro, a agilidade e a observação. Avery deixou que ele gingasse por um tempo enquanto ele desviava cada soco ou se movia fora de seu caminho. O ataque de Uxbury ficou mais desesperado. Ele fez uma pausa depois de alguns minutos, no entanto, sem fôlego, suor escorrendo pelo rosto, sua camisa agarrando-se ensopada sobre sua pessoa. Isto era impressionante.

— O pequeno mestre das piruetas, o mestre dançante — ele disse com os dentes cerrados — Fique parado como um homem, Netherby.

Avery se girou e acertou-o do outro lado da cabeça com a parte plana do seu outro pé.

Uxbury inclinou-se para o lado, mas ficou em seus pés desta vez enquanto a multidão rugia novamente. Seus punhos deslizaram um pouco mais para baixo.

— Mulherzinha!! — disse ele com desprezo — Camille Westcott não é apenas uma bastarda, você sabe. Ela é uma cadela imunda, uma puta. Assim como é Abigail Westcott. Assim como é Lady Anast....

Quando Avery se lançou desta vez, plantou ambos os pés sob o queixo de Uxbury chutando-o. Seu oponente caiu pesadamente para trás, nocauteado.

Houve um silêncio estranho. Avery tornou-se apenas gradualmente consciente disso. Ele estava mais ciente do fato de que, ao contrário dos outros dois golpes, aquele último tinha sido proferido pela raiva. Isto foi contra a disciplina de seu treinamento, mas ele não estava arrependido. Às vezes, a raiva era uma emoção humana justificável.

Ele não tinha usado suas mãos na luta, ele percebeu. Provavelmente era uma coisa boa que ele não as usara com raiva.

Walling correu em direção a Uxbury. O médico também, enquanto agarrava a sua bolsa preta. Avery caminhou de volta para Riverdale e a pilha arrumada de suas roupas. Foi só então que o barulho rompeu com o silêncio, mas ninguém falou com Avery. Ninguém olhou diretamente para ele.

— Onde diabos — perguntou Riverdale enquanto Avery se sentava no tronco da árvore e puxava uma de suas meias — você aprendeu a fazer isso?

— Entenda — disse Avery suavemente — eu era um rapaz pequeno, Riverdale, como você pode se lembrar. E um bonito. E uma presa para todos os valentões da escola e uma escola cheia de rapazes da alta sociedade.

— Onde quer que você tenha aprendido isso — disse Riverdale, pairando enquanto Avery puxava as botas — não foi na escola. Meu Deus, eu nunca vi isso antes. Nem mais ninguém aqui. Compreendo agora, porém, por que essa aura de poder e perigo parece pairar constantemente sobre você. Eu sempre pensei que não havia razão para isso. Mas agora eu entendo! Deixe-me levá-lo para tomar o café da manhã no White's. Ainda é muito cedo, mas ...

Avery terminou de puxar a camisa sobre a cabeça — Tenho de fazer algumas tarefas antes de visitar Anna — disse ele — Mas obrigado pela oferta e por estar comigo esta manhã — Ele estendeu a mão direita e se perguntou se Riverdale iria apertá-la. Mas ele o fez depois de olhar para ele por um momento, e eles apertaram as mãos brevemente.

— Deveria ter sido eu — disse Riverdale — Camille e Abigail são minhas primas. Assim como é Anastasia.

— Ah — disse Avery — mas ela é minha noiva e são suas irmãs. Além disso, fui eu que Uxbury escolheu para desafiar.

Riverdale o ajudou a vestir o casaco. Alguns da multidão se dispersaram, mas uma boa metade ainda se demorava, conversando um com o outro e lançando olhares furtivos para Avery. Uxbury ainda estava estendido na relva, o médico ajoelho ao lado dele. Parecia que estava lhe tirando sangue. Walling, do outro lado, estava segurando uma tigela. A

cabeça de Uxbury estava se movendo lentamente de um lado para o outro. Então, ele iria sobreviver.

Avery voltou-se para ir embora, e o Conde de Riverdale seguiu caminhando ao lado dele.



Querido Joel,

Como você está se tornando desonesto e inteligente! Eu não tinha a intenção de colocá-lo em tantos problema por minha causa. Eu não me sentirei culpada, no entanto, porque parece haver uma boa chance de que você possa ter começado toda a situção através de suas manobras.

Você cultivou a amizade da Sra. Dance apenas porque ela é uma amiga da Sra. Kingsley, avó de minhas irmãs, só para depois ser convidado para uma de suas noites de literatura e arte? Como você se sentiria se a Sra. Kingsley não tivesse comparecido? Eu diria que teria sido uma noite agradável de qualquer maneira, e lhe daria uma oportunidade maravilhosa para exibir as pinturas que você levou consigo. Estou tão contente que a Sra. Kingsley apareceu, e olhou com interesse para o retrato que você mostrou a ela de uma jovem Dama. Que astuto você foi ao fazer o comentário sobre como é raro, estes dias, encontrar jovens em Bath para pintar.

Você deve deixar-me saber se obtivemos alguma coisa de tudo isto. É uma decepção que você apenas tenha visto Abigail uma ou duas vezes. Eu me preocupo com minhas irmãs. Pensei em escrever para elas, mas a prima Elizabeth, assim como o

meu próprio bom senso, aconselharam-me a não fazê-lo ainda. Elas precisam de tempo para se adaptar aos novos fatos de suas vidas e eu sou a última pessoa de quem precisam se lembrar.

Eu nem sei por onde começar com minhas próprias notícias. Eu não escrevi desde o baile há três noites atrás. Foi um grande sucesso. Eu me senti como uma princesa em meu vestido de baile (até que eu vi todas as outras Damas, que eram muito mais bonitas do que eu) e eu fui, em todo caso, tratada como uma. Eu acredito que até minha avó e minhas tias ficaram surpresas. Não só eu dançava cada música, mas eu tinha pelo menos uma dúzia de potenciais parceiros para escolher entre cada um deles.

E na manhã seguinte não menos de vinte e sete buquês de flores foram entregues, aqui, para mim. Eu não contei quantos cavalheiros, assim como algumas Damas, vieram me visitar durante a tarde. Vários deles me convidaram para vários entretenimentos. Um dos cavalheiros, com seu irmão, levou Elizabeth e eu para um passeio no Hyde Park na hora que é conhecida como a hora da moda, e agora sei porquê. Muito pouco de condução ou caminhada é feito, mas há uma grande quantidade de conversa e fofocas. Ontem um jovem cavalheiro veio perguntar a quem ele precisava conversar antes que ele pudesse fazer uma oferta pela minha mão. E eu ouvi, durante a tarde, que vários outros homens fizeram perguntas semelhantes aos meus parentes masculinos (ou aos homens de minha família).

Por acaso, tenho eu me tornado repentinamente bonita, charmosa, espirituosa e terrivelmente irresistível? Bem, irresistível, sim. Pois sou rica. Muito, muito rica. Nunca deseje grande riqueza para si, Joel. Sei que estou parencendo-me muito ingrata. Ignore-me.

Oh, Joel, Joel, Joel estou prometida ao Duque de Netherby! Eu não tenho ideia de como isso aconteceu. Ele pode, certamente, não ter nenhum desejo real de se casar comigo, ou eu de casar-me com ele. Não há nada sobre mim que possa atraí-lo e muito que possa lhe repelir. Ele não tem interesse em minha riqueza, ele tem o suficiente da sua própria, como ele explicou, quando eu estava reclamando com minha família sobre ser uma presa para todos os caçadores de fortuna na terra e lá estavam eles tentando me casar com o primo Alexander (ele parecia desconfortável e desanimado assim como eu estava sentindo). O Duque caminhou até mim e disse-me que eu poderia ser a Duquesa de Netherby, se assim eu o desejasse. Foi, sem dúvida, a proposta mais extraordinária da história. E, oh sim, eu me lembro agora. Tudo começou quando eu disse que queria ir para Wensbury, perto de Bristol, onde os pais da minha mãe ainda vivem. Ele descobriu essa informação para mim e, em seguida, ele disse que levaria-me lá, quer solteira com Elizabeth ou Bertha como minhas acompanhantes, ou apenas com ele, após casarmos. E eu escolhi ir casada. E assim foi como fiquei comprometida.

Você me dirá se minha cabeça está uma confusão desesperadora? O que eu deveria fazer é amassar estas folhas de papel e jogá-las no chão e pisá-las, mas ainda não contei

tudo. Ele deve vir esta manhã, presumivelmente para discutirmos o casamento, que o resto da família já planejou até o mais fino detalhe, depois que ele saiu. Ele fez, você sabe, foi embora justamente depois que ele fez sua oferta e eu tinha aceitado, ele simplesmente foi embora. Poderíamos procurar, por todo mundo, pelo próximo século e não achariamos ninguém mais estranho. Continue lendo se você ainda não está convencido!

Elizabeth me contou, ontem à noite, que ele foi desafiado a um duelo pelo Visconde Uxbury, aquele nobre horrível que tratou a pobre Camille tão mal. Eu não vou entrar em detalhes sobre como isso aconteceu, mas o duelo foi definido para a alvorada desta manhã no Hyde Park. O primo Alexander foi seu padrinho (foi através dele que Elizabeth descobriu) e esperava que fosse um massacre. Eu não duvido que todos os outros que ouviram falar sobre isso, também. As senhoras não podem interferir, de modo algum, em um duelo. É coisa de cavalheiros, tudo sobre honra e tolices. Eu não poderia fazer qualquer tipo de apelo a qualquer um deles e, claro, eu não poderia participar. Mas eu o fiz, e Elizabeth foi comigo.

Hyde Park é enorme, mas, felizmente, encontramos o local com bastante facilidade, embora ainda estivesse quase escuro quando chegamos lá, vestidas com um manto escuro e parecendo-nos furtivas, como as bruxas de Macbeth. Havia uma enorme multidão lá, e mesmo que eles não estivessem fazendo um grande barulho, havia o bastante para nos levar na direção certa. Além disso, havia cavalos parados e bufando ao redor deles. Foi um milagre que não tenhamos sido vistas.

Creio que teria havido terríveis conseqüências se tivéssemos sido, embora eu não tenha forçado Elizabeth a descrever, exatamente, quais seriam estas. Talvez, eu poderia ter me encontrado obrigada a lencionar em uma sala de orfanato pelo o resto da minha vida! Nós ficamos escondidas atrás do tronco de um carvalho robusto e eu subi em um longo galho. Eu nunca fiz nada parecido antes na minha vida. Eu estava apavorada. Eu estava provavelmente a oito metros do chão e senti como se eu estivesse a meia milha acima.

Eu não sei como devo descrever o que aconteceu. O Duque de Netherby e o primo Alexander foram os últimos a chegar, com exceção de alguns retardatários. Meu coração batia contra o galho da arvore , e não tinha nada a ver com o quão alto eu estava. Eu estava esperando que as pistolas ou as espadas fossem trazidas. E o Visconde Uxbury parecia tão grande e ameaçador. Mas não havia armas. Tinham decidido, ao que parecia, lutar com os punhos, embora isso também não fosse certo, já que o Duque não usava os punhos. E, Joel, ele removeu até as calças! eu coro para escrever as palavras. Ele mesmo tirou as botas e as meias, e então ele parecia tão pequeno, tão inadequado para o que estava diante dele, que não havia a menor esperança em meu pobre coração. E, no entanto, parecia ágil, perfeito demais e incrivelmente bonito. Oh céus. Eu gostaria de não ter escrito aquela última frase, mas mesmo que eu a apague com metade de um oceano de tinta, você será capaz de ler o que eu escrevi. Deixe-a ficar, então. Ele é terrivelmente bonito, Joel. Quando a luta foi anunciada e ele saiu na grama para se encontrar com o

Visconde, eu acreditei, completamente, no que Alexander tinha predito. E quando o Visconde atirou os dois primeiros socos, quase morri. Mas eu não escondi meu rosto contra o ramo porque eu me sentia, em grande parte, responsável, você vê? Eu fui desagradável com Lorde Uxbury no baile e então Avery o escoltou para fora, isso foi quando ele foi desafiado. Suponho que não seja permitido desafiar uma mulher para um duelo.

Joel, seus braços se moviam tão rápido que eu nem mesmo os vi. Mas ele empurrou aqueles punhos mortíferos de lado como se não fossem mais do que mosquitos, e ele continuou fazendo isso mesmo quando Lord Uxbury se moveu cheio de fúria com uma série de socos, qualquer um dos quais, certamente teria matado Avery se tivesse encontrado seu alvo. Mas ele moveu os pés, o corpo e os braços com tanta agilidade que ele os desviou, evitou todos, e então girou e levantou uma perna para um ângulo impossível e bateu o pé contra o lado da cabeça do Visconde embora fosse bem acima do nível de sua própria e o Visconde caiu com um estrondo. Eu ainda não sei exatamente como Avery fez isso, nem mesmo quando ele fez isso de novo, um pouco mais tarde, com o outro pé contra a cabeça do Visconde.

Lorde Uxbury, assim como todos os outros, esperavam claramente uma vitória rápida e fácil. Até então, porém, ele estava claramente agitado. Ele tinha provocado Avery desde o início, chamando-o por ridículos e estupidos nomes, mas depois, depois de ter sido atingido na lateral da cabeça, ele perdeu a paciência e disse algumas coisas realmente desagradáveis e vergonhosas, que eu vou não repetir, sobre

Camille e Abigail e sobre mim também. Gostaria de ser mais hábil com as palavras para descrever o que aconteceu, mesmo antes de meu nome estar totalmente fora da boca de Lorde Uxbury. Eu nunca vi nada parecido na minha vida. Nunca ouvi falar de tal coisa. Ele deixou o chão, Joel, Avery, quero dizer, e meio que virou no ar antes de plantar os pés um de cada vez sob o queixo do Visconde, chutando, enquanto aterrissava em seus pés. No entanto, o Visconde Uxbury não conseguiu ficar de pé. Ele caiu para trás e ficou ali deitado. Ele ainda estava deitado no chão quando Elizabeth e eu saímos, mas ele não estava morto, pelo que eu estou muito grata, apesar de do muito que o desgoste e despreze.

Alexander veio à casa mais tarde, como ele havia prometido a Elizabeth, para confidencialmente sussurar a ela o acontecido, ele não sabia que eu sabia sobre o duelo e ele, certamente, não suspeitava que estávamos lá, quando Avery tinha vencido a luta e Lorde Uxbury tinha sido levado para casa, atordoado e incapaz de ficar de pé. O Duque de Netherby é um homem perigoso, Joel. Eu sempre suspeitei, mas fiquei um pouco perplexa sobre isso. Pois ele é pequeno e indolente, e se veste mais extravagantemente do que qualquer outra pessoa e tem afetações, principalmente suas caixas de rapé e seu monoculo, que mudam com cada roupa. Mas ele é perigoso. E eu estou comprometida com ele. Eu acredito que os proclames devem ser lidos este domingo e o casamento será daqui a um mês . Eu acho que estou um pouco assustada, o que é um absurdo de mim, eu sei. Ele não iria me machucar. Na verdade, ele não faria mal a ninguém, eu sinto, a não ser

que seja severamente provocado, como ele foi esta manhã. Mas quando ele é provocado. . .

Oh, eu devo terminar. Minhas cartas estão ficando cada vez mais longas. Costumo olhar para trás, naquele dia em que você e eu estávamos falando na sala de aula e Bertha me trouxe a carta do Sr. Brumford. Se eu soubesse, então, o que eu sei agora, eu teria ateado fogo a carta e a assistiria queimar? Mas ele teria enviado outra, eu ouso dizer.

Obrigado por todas as outras notícias em sua carta. Eu leio tudo o que você escreve uma e outra vez, você sabe. Cada palavra é preciosa para mim. Se você não consegue encontrar uma maneira de ver as minhas irmãs para descobrir como elas estão, para mim, não se preocupe com isso. Não é sua responsabilidade. Mas eu aprecio o fato de que estejas tentando. Vou selá-la e entregá-la ao mordomo sem mais demora, pois ele deve vir esta manhã, me refiro ao meu noivo, e eu não sei exatamente quando isso será ou se vou olhá-lo e não ter medo da estranheza dele.

Ele é de outro mundo? E ainda assim eu não estou realmente com medo. Ele é interessante e que palavra inadequada é essa, para descrevê-lo. Eu acredito que minha vida pareceria maçante se eu nunca fosse vê-lo novamente. Assim como a vida parece um pouco maçante sem você. Saiba que eu penso em você, diariamente, e permaneço, como sempre farei,

sua amiga mais querida,

Anna Snow,

também conhecida como Lady Anastasia Westcott,

E em breve (oh meu Deus!) A Duquesa de Netherby.

A carta estava quase gorda demais para ser dobrada. Mas Anna fez isso de alguma forma e selou-a, observou que a cabeça de Elizabeth ainda estava curvada sobre a carta que ela estava escrevendo na mesa, junto à janela da sala de estar, e puxou a corda do sino. John respondeu ao chamado e Anna lhe entregou a carta, pedindo que fosse entregue ao mordomo para enviar hoje.

— Oh, é para o Sr. Cunningham, não é? — perguntou John, olhando para ela — Se você ainda não a tivesse selado, Srta. Snow, eu teria pedido que lhe enviasse meus cumprimentos. Sempre gostei dele como professor de arte. Ele sabia exatamente que ajuda e encorajamento oferecer sem nunca nos dizer o que pintar ou como fazê-lo. E ele nunca disse que algo era lixo, mesmo como você. Tive sorte com meus professores.

— Obrigada, John — disse Anna, observando que Elizabeth levantara a cabeça e sorria com verdadeira diversão — Passarei os vossos cumprimentos para Joel, da próxima vez.

— Gosto da sua Bertha e do seu John — disse Elizabeth depois que ele partiu — Eles são tão refescantes!

— Creio que John é o desespero do Sr. Lifford — disse Anna.

— Mas ele é um rapaz muito bonito — disse Elizabeth com um brilho nos olhos.

Anna sentou-se na poltrona ao lado da lareira. Ela não pegou seu livro. Qual era o ponto? Ela sabia que não seria

capaz de ler uma palavra. Onde ele estaria agora? Quanto tempo ate ele vir vê-la?

Como ele teria feito aquilo? Devia ter saltado seis ou sete pés no ar, e ele permanecera lá, enquanto ele chutava com os dois pés, como se as leis da natureza não se aplicassem a ele. Ela nunca teria acreditado se não o tivesse visto com seus próprios olhos. E como ele tinha sido capaz de antecipar cada golpe que tinha caido sobre ele e como ele conseguiu se defender de cada um? Ninguém podia ser tão rápido de olhos ou de movimentos, ainda assim, ele era.

Ele não tinha um peito largo nem músculos abaulados. No entanto, tudo sobre ele, ela tinha visto depois que ele tinha se desnudado, era duro e perfeito. Tudo sobre ele era proporcional a todo o resto. Ela sempre o achara lindo. Esta manhã ela tinha visto toda a extensão daquela beleza e ela tinha se assustado da mesma forma como ela tinha sido aterrorizada por sua segurança.

Ela se lembrou, de repente, sua tola alegação de ter derrubado o Visconde Uxbury com as pontas de três dedos. Ele não estava falando tolices, depois de tudo, ela supôs. Na verdade, isso havia acontecido.

Ele era um homem perigoso.

Havia o som de uma carruagem e de cavalos na rua, e Elizabeth ergueu os olhos de sua carta.

— É Avery — disse ela — Está em uma carruagem. Isso é incomum para ele. Ele vai quase em todos os lugares a pé. Oh Deus, eu quase sinto medo dele. Anna, você tem certeza de que deseja casar com ele?

— Sim — disse Anna, de repente sem fôlego — Tenho certeza, Lizzie.

O som da aldrava veio do andar de baixo.

Capítulo 18

Avery estava chegando mais tarde à Westcott House do que ele tinha pretendido, mas suas incubências o tinham atrasado pela precocidade da hora. Parecia que as pessoas não começaram a trabalhar na madrugada ou logo depois. No entanto, lá estava ele agora, perguntando-se, como costumava fazer, quando estava prestes a ver Anna, se um certo feitiço, que parecia ter sido lançado sobre ele, teria sido dissipado desde a última vez que a viu como uma perfeitamente comum e jovem mulher como certamente ela era. Sob as circunstâncias, seria muito bom se isso não estivesse prestes a acontecer.

John, o amigável lacaio, o entreteve enquanto subiam as escadas, informando-o de que Srta. Snow ficaria feliz em vê-lo, já que acabara de escrever uma longa carta para seu antigo professor de arte, em Bath, e que provavelmente estava extremamente relaxada, foram as próprias palavras do lacaio, e Lady Overfield ainda não tinha terminado a sua. John pensou, no entanto, que Lady Overfield estava escrevendo mais de uma carta e isso explicaria o fato de que ela ainda estivesse nisso. Não importava, no entanto, pois, o correio não seria retirado até a proxima hora e ela certamente teria concluído até então.

Avery pensou em como os servos, em outras casas, se apagavam em virtual invisibilidade e, desse modo, privavam os empregadores e convidados de muita sagacidade, sabedoria e bom ânimo.

— Sua Graça, o Duque de Netherby — anunciou John, com toda orgulhosa formalidade, depois que ele bateu na porta da sala de estar e a abriu e, então, ele arruinou o efeito sorrindo para Avery.

Anna estava sentada ao lado da lareira, toda bonita e de musselina. Elizabeth estava sentada em uma mesa junto à janela, cercada de papel, tinteiro e canetas de pena. Mas ela estava se levantando e sorrindo.

— Avery — disse, curvando-se para Ana — Anna estava esperando você. Eu acabei de terminar minhas cartas e vou levá-las para baixo e colocá-las na bandeja para irem para o correio hoje. Depois, há uma ou duas coisas que preciso fazer no meu quarto.

Ele se virou para abrir a porta para ela e ela chegou muito perto de piscar para ele.

— Também não vou me demorar muito — disse ela — Eu tomo minha responsabilidade de acompanhante de Anna muito a sério, você sabe.

Ele fechou a porta atrás dela e se colocou diante da cadeira de Anna. Ela não tinha dito nada além de uma saudação murmurada. Ela estava um pouco pálida, talvez um pouco tensa, com os pés plantados lado a lado no chão, as mãos entrelaçadas em seu colo, sua postura muito correta mesmo que aquela cadeira, certamente, tivesse sido feita para

relaxar. Ele tinha ouvido tudo sobre os planos para o casamento, através de sua madrasta, e quando ele tinha chamado Edwin Goddard, esta manhã, para ver se havia alguma coisa no correio que precisava de sua atenção pessoal, felizmente nada o esperava e ele o sabia, mesmo sem perguntar ao seu secretário, que estava apenas pairando a espera de suas ordens antes de entrar em ação. Entre os dois, com um pouco de encorajamento dos outros Westcotts, a Duquesa e Goddard, sem dúvida, produziriam um casamento para ser o melhor de todos os casamentos. A Duquesa tinha feito, até mesmo, uma menção passageira da catedral do St. Paul, abrindo caminho, talvez, para uma sugestão definitiva no dia seguinte ou, talvez, dos próximos dois dias.

Agora, claro, Goddard não estava mais esperando por ordens. Ele tinha sido designado para outra tarefa.

Tipicamente, embora ela não estivesse claramente à vontade, sua noiva olhava direto e firmemente para ele.

Ele se inclinou para a frente, para colocar as mãos nos braços de sua cadeira, e levou sua boca para a dela. Ela não era uma beijadora experiente, tinha uma experiência limitada. Seus lábios permaneceram fechados e imóveis, embora não houvesse nada se encolhendo ou relutante sobre eles. Ele separou seus próprios lábios, os moveu levemente sobre os dela, lambendo-os até que se separaram e enrolou a língua através deles. Ela então se moveu. Ele sentiu suas mãos se fecharem e sentiu-as, claramente, contra seu peito e depois se enrolando sobre seus ombros. Ele pressionou a

língua pelos seus dentes e em sua boca. Ela respirou profundamente através de sua boca e agarrou seus ombros. Ele deslizou a ponta de sua língua ao longo do céu de sua boca e ela sugou-o.

Ela poderia dar lições as cortesãs, pensou enquanto retirava a língua e levantava a cabeça. Cheirava levemente a água de lavanda. Ele se endireitou.

— Vá buscar seu chapéu — disse ele — Bata na porta de Elizabeth e peça que ela traga o dela também, se ela não tiver outros planos para o resto da manhã. Se os tiver, teremos que chamar Bertha em vez dela.

— Para onde vamos? — ela perguntou — Eu preciso me trocar?

— Você não precisará se trocar — ele assegurou — Eu vou levá-la a uma igreja insignificante em uma rua insignificante. Nem tem qualquer característica arquitetônica a ser observada e, até onde eu sei, nada de qualquer grande significado histórico já aconteceu lá.

Ela sorriu lentamente para ele — Então, por que vamos lá? — perguntou ela.

— Para nos casar — disse ele.

Ela inclinou a cabeça para um lado enquanto o sorriso foi substituído por um olhar de perplexidade — Para nos casar — ela repetiu — Em uma igreja insignificante em uma rua insignificante. Minha avó e minhas tias não vão gostar. Elas têm seus corações em St. George's ou mesmo St. Paul's, que é muito grande. Eu vi isso do lado de fora.

Ele tirou um papel dobrado de um bolso dentro de seu casaco, abriu e entregou a ela. Ela olhou para ele, leu e franziu o cenho

— O que é isso? — ela perguntou

— Uma licença especial — disse ele — Permite que nos casemos em uma igreja de nossa escolha por um clérigo de nossa escolha e em um dia adequado para nós.

Ela olhou para ele, o cenho ainda em seu rosto, a licença pendendo de uma mão — Vamos nos casar agora? — Ela perguntou a ele — Esta manhã?

— Exatamete isto, Anna — disse ele — quando você disse que queria casar, isto foi com o expresso propósito de tornar possível viajar para a aldeia de Wensbury, sem qualquer grande atraso e sem ter que levar consigo todo um arsenal de companheiras, para fazer minha presença na comitiva respeitável. Um grande casamento atrasaria nossa partida por pelo menos um mês.

— Com o propósito expresso...? Seu cenho franzido não tinha desaparecido — Mas o casamento é para sempre.

— Oh, não realmente — ele assegurou — Só até que um de nós morra.

Seus olhos se arregalaram — Eu não quero que você morra — ela disse.

— Talvez você vá primeiro — disse ele — Embora eu prefira achar que não. Eu, provavelmente, envelhecerei ao seu lado e estarei acostumado com sua presença. Eu sentiria saudades suas.

Por algum tempo ela pareceu horrorizada e, então, ela riu, um som de alegria genuína.

— Avery — ela disse — você é completamente impossível e bastante ultrajante. Não podemos nos casar hoje.

— Por que não? — perguntou ele.

Ela olhou para ele por alguns instantes — Eu não estou vestida — disse ela.

— Eu tomo a liberdade de informá-la que você está — ele disse — Eu estaria corando, horrivelmente, se você não estivesse.

— Eu — Ela parecia estar sem fala antes de rir novamente — Avery!

Ele tirou a sua caixa de rapé do bolso, abriu-a com um movimento do polegar, examinou a mistura, fechou a caixa e guardou-a.

— Uma pergunta — disse ele — Você quer o casamento com a Ton, Anna? Será realmente muito esplêndido. Todos estarão lá, talvez até o próprio Prinny o Príncipe de Gales, isto é, o Regente. Nós somos pessoas muito importantes, e nosso casamento será o Evento da Temporada isto será um grande Evento com um "E" maiúsculo, eu quero que você entenda. Pode ser um pouco esmagador, embora, suponho, seja o sonho supremo de meninas que crescem em um orfanato.

— Não — disse ela — Você não é um príncipe. Esse seria o sonho supremo. E um glass coach [9].

Ele a olhou com apreciação.

[9] **Glass coach** é uma das principais carruagens estatais do monarca britânico, usada em casamentos reais.

— Você quer o casamento, Anna? — Ele perguntou novamente — o casamento que seus parentes estão tão ocupados planejando?

Ela balançou a cabeça e fechou os olhos brevemente — Eu fico doente com o próprio pensamento — disse ela — Eu tenho estado tão cansada da. . . Ton, mas só vai piorar.

— Outra pergunta — Ele olhou em seus olhos quando ela os abriu — Você quer se casar comigo?

Ela olhou para trás por um momento, então mudou seu olhar para o papel em sua mão. Ela esticou-o cuidadosamente no colo e olhou para ele: — Sim — disse ela, voltando-lhe o olhar — mas você quer se casar comigo?

— Vá pegar o seu chapéu — Ele falou para ela, e pegou a licença do seu colo, dobrou e guardou isso em seu bolso enquanto a ajudava a por-se de pé.

— Muito bem — ela disse.

Ela fez uma pausa para franzir o cenho para ele alguns momentos depois, quando ele segurou a porta da sala de estar para ela. Ela abriu a boca para falar, respirou fundo e saiu do quarto sem dizer nada.

Era o dia do seu casamento, ele pensou.

Mas o casamento é para sempre.

Uma vida inteira.

Um longo tempo.

Ele esperou que o pânico o assaltasse. Mas esperou em vão. Depois de alguns momentos, desceu as escadas para esperar as damas. Talvez John tivesse uma conversa interessante para ele.



Anna sentou-se ao lado de Elizabeth na carruagem, de frente para os cavalos, enquanto Avery sentava de costas para eles. Era um dia de sol, e mesmo quando a carruagem se movia estava quente. Nenhum deles falava. Elizabeth tinha olhado assustada e completamente incredula quando Anna bateu na porta de seu quarto e perguntou se estava livre para acompanhá-la a seu casamento. Mas não demorou muito para entender e ela sorriu e riu em vez de desmaiar de choque e horror, como Anna esperava.

— Mas como Avery é tão previsível — ela disse — Não sei por que não esperamos por isso, Anna.

— Ele está louco — disse Anna — Julgando apenas pelos acontecimentos de hoje até agora, Lizzie, e são apenas dez e meia, ele está completamente louco. É melhor eu ir e pegar meu chapéu.

Ele ajudou as duas a entrarem na carruagem, alguns minutos depois, Anna primeiro. Elizabeth fez uma pausa quando a mão dela estava na sua e seu pé no degrau inferior.

— Como você é esplêndido, Avery — ela disse — Todo mundo ficará irritado.

— Eu não sei por que eles estariam — ele disse, levantando as sobrancelhas e parecendo um pouco entediado — O casamento é uma preocupação únicamente de duas pessoas, não é? Anna e eu neste caso.

— Ah — ela havia dito — mas um casamento é propriedade de todos, exceto destes dois Avery. Eles estarão exasperados. Você tem a minha palavra — Então ela riu.

Agora, ela estava segurando a mão de Anna e apertando-a, a carruagem seguia por uma rua indescritível, Anna nem sequer tinha notado seu nome, quando eles se viraram para ela, a velocidade estava diminuido enquanto se aproximavam de uma igreja indescritível. E estava muito claro que esta era realmente a rua e a igreja onde suas núpcias deveriam ser solenizadas. Um cavalheiro estava esperando lá fora e ele avançou, rapidamente, para abrir a porta e descer os degraus antes que o cocheiro pudesse descer da carruagem.

— Tudo está pronto, Vossa Graça — ele disse.

Avery foi o primeiro a descer. Ele ajudou Elizabeth e, em seguida, ofereceu a mão a Anna.

— Você é uma noiva arrebatadora — disse ele, seus olhos movendo-se preguiçosamente sobre ela enquanto ela descia.

Ele não parecia irônico, embora ela estivesse usando seu chapéu de palha com seu vestido matinal de musselina. Mas, oh, céus, ela realmente era uma noiva, não era? Ela ainda não tinha percebido a realidade.

— Conheça o meu secretário de confiança, Edwin Goddard, miladies — disse ele quando ela pisou no chão — Lady Overfield, Edwin e Lady Anastasia Westcott.

O cavalheiro fez uma reverência para ambas.

— Edwin veio testemunhar as núpcias, juntamente com a prima Elizabeth — explicou Avery — Se eu o tivesse deixado

em casa, sem dúvida ele estaria perdendo tempo elaborando uma lista de convidados para a minha madrasta, a Duquesa. Ela gosta de pegá-lo emprestado quando eu não estou em casa para protestar. Vamos entrar?

Anna tomou o braço oferecido e entrou na igreja com ele. A igreja era maior do que parecia por fora, teto alto e uma longa nave. Estava escura, a única luz era proveniente de algumas velas e altas janelas, com vitrais que, provavelmente, não haviam sido limpas por pelo menos um século. Era fria, como as igrejas sempre eram, e tinha o cheiro distinto de sebo de vela , velho incenso e livros de orações ligeiramente úmidos. Um homem jovem estava andando em sua direção vestindo roupas clericais. Ele tinha cabelos claros e sobrancelhas que eram tão claras que eram, praticamente, invisíveis até que ele se aproximou. Estava sorrindo. Seu rosto estava cheio de sardas.

— Ah, Sr. Archer — ele disse, segurando a mão direita para cumprimentar Avery — E. . . Srta. Westcott? — Ele apertou a mão de Anna — Você tem a licença, senhor? Estou pronto para oficiar esta feliz ocasião.

— E a Sra. Overfield e o Sr. Goddard serão as testemunhas — disse Avery, estendendo a mão para o seu bolso para pegar a licença.

O clérigo sorriu e acenou com a cabeça antes de examinar o documento brevemente — Parece estar em ordem — disse ele alegremente — Podemos começar? O serviço nupcial é muito breve quando despojado de todas as armadilhas que muitas pessoas gostam de adicionar. Mas é

tão sagrado e tão vinculativo. E tão alegre para os noivos. Flores, música e convidados não são essenciais.

Ele os conduziu ao longo do caminho pela nave. Anna podia ouvir as botas dos homens soando nas pedras enquanto caminhavam. Tolamente, ela se viu tentando lembrar há quantos dias tinha recebido aquela carta do Sr. Brumford, quantos dias desde que tinha visto o Duque de Netherby, permanecendo indolente, lindo e aterrorizante no salão de Archer House. Foram apenas dias? Ou semanas? Ou meses? Ela não sabia mais. Ela pensou na Srta. Ford e Joel, nas crianças de sua sala de aula, Harry, Camille, Abigail e a mãe deles, sua avó e tias, de Alexander e Jessica, dos avós que a tinham expulsado depois que sua mãe morreu. Dizia-se que a vida passava diante dos olhos quando alguém estava morrendo, não era? Ninguém jamais dissera que a mesma coisa acontecia quando se estava a ponto de se casar.

A caminhada ao longo da nave parecia infinita e muito curta.

Ela viu Avery como estava agora, vestido com uma conservadora elegância. E ela pensou nele, como fazia há algumas horas, usando apenas os calções apertados e demonstrando uma velocidade de reflexos, aparentemente, bárbara e um sobrenatural desafio à gravidade. Ela sentiu o pânico e medo ao pensar que ela não sabia nada sobre ele, exceto que ele era perigoso. E que seu verdadeiro eu, o que quer que fosse, estava escondido no fundo de uma camada de artifício, e ela talvez nunca descobrisse.

Mas eles haviam parado na baulastrada do altar e já era tarde demais para entrar em pânico. Eles se puseram de pé e encararam o clérigo, enquanto Elizabeth se sentava no banco da frente e o sr. Goddard estava ao lado de Avery.

— Queridos amados — o clérigo disse às quatro pessoas reunidas diante dele, e usava a voz familiar dos clérigos em todos os lugares. Se houvesse quinhentas pessoas nos bancos, cada um deles o teria ouvido claramente. Nenhuma das testemunhas falou, quando foram convidados a fazê-lo se soubessem de qualquer impedimento ao casamento. Ninguém entrou na igreja no último momento para gritar pare! Anna prometeu amar, honrar e obedecer ao homem em cuja mão a sua própria estava segurando. Ele fez votos semelhantes aos dela — Com meu corpo, eu a adorarei — foi uma das coisas que ele disse a ela, seus olhos azuis muito atentos aos dela sob os pálpebras meio abaixadas. O Senhor. Goddad lhe deu um anel de ouro, e ele deslizou-o em seu dedo, observando seu rosto, não sua mão. Ele se encaixava perfeitamente. Como ele tinha feito isso?

E então, antes que ela tivesse acalmado sua mente para a percepção de que ela estava se casando, ela estava casada. Segundo o clérigo, ela era a Sra. Avery Archer.

Muitos nomes. Anna Snow. Anastasia Westcott. Lady Anastasia Westcott. Sra. Archer. A Duquesa de Netherby. Era ela? Ela se encontrou, alarmantemente, perto de rir quando ela teve uma imagem súbita das crianças do orfanato quando a Srta. Ford lhes lesse a carta que anunciaria o seu casamento. Nossa Srta. Snow é agora Lady Anastasia Archer,

Duquesa de Netherby. Ela imaginou olhos arregalados, suspiros de espanto, suspiros de satisfação. Que pensamentos frívolos e tolos estava tendo em tal momento.

Eles estavam sendo levados para a pequena sacristia, onde o registro os aguardava, aberto na correta página, com um tinteiro ao lado, uma caneta de pena colocada sobre um mata-borrão. Anna assinou seu nome de solteira pela última vez, ela se deteve apenas a tempo de escrever Anna Snow. Avery assinou seu nome com traços bruscos e rápidos Avery Archer. Suas assinaturas foram devidamente testemunhadas. E era isso, ao que parecia.

Eles eram marido e mulher.

O clérigo apertou as mãos de cada um deles, do lado de fora da sacristia, desejou ao casal uma longa e fecunda vida juntos e desapareceu de volta para dentro. Anna ainda não sabia o nome dele. Elizabeth estava abraçando-a com força, lágrimas nadando em seus olhos, um sorriso em seus lábios, enquanto o Sr. Goddard apertava as mãos de seu empregador. Então Elizabeth abraçou Avery, e o Sr. Goddard se curvou para Anna até que ela estendeu a mão direita e ele a pegou.

— Desejo-lhe toda a felicidade do mundo — Ele olhou para a porta da sacristia, que estava ligeiramente entreaberta — Sra. Archer.

— Pobre homem — disse Avery quando estavam todos no meio caminho da nave — talvez tivesse tido uma apoplexia se tivesse sido informado de todas as conexões que se ligam ao meu nome e agora ao seu também, Anna. Mas o casamento é

completamente legal. Você é minha esposa, minha querida e minha Duquesa

O sol parecia ofuscante quando saíam, e o ar cheio de calor do verão. Uma mulher estava correndo do outro lado da rua, uma criança segurando sua mão e saltando as rachaduras na calçada. Um cavalo estava trotando ao longo da estrada, longe deles. Mais atrás, um rapaz estava varrendo uma pilha fumegante de estrume para fora da rua. Do alto da janela, de uma casa atrás deles, uma criada sacudiu a poeira de um tapete e chamou um garoto. Todas as atividades comuns da vida cotidiana estavam se movimentando em torno deles, como se o mundo não tivesse mudado nos últimos quinze minutos. A luz do sol brilhou no anel de Anna, e ela percebeu que ela nem sequer usou luvas. Que terrível!!

— Há uma livraria perto daqui que eu sempre quis ir dar uma olhada — disse Elizabeth — Sr. Goddard, você gosta de livrarias? Você gostaria de me acompanhar até lá? Podemos voltar para casa em uma carruagem de aluguel. Tenho certeza de que você deve ser um especialista em convocá-las.

— Seria um prazer, milady — disse Goddard — Com a permissão de Sua Graça, é claro.

— Edwin — disse Avery com um suspiro — você pode ir para o diabo, por tudo o que me importa. Não, talvez eu não devesse ser tão imprudente. O diabo pode não estar disposto a devolvê-lo quando eu precisar de você, tendo descoberto, por si mesmo, como você é inestimável. E eu precisaria de você, eu diria, mas não hoje, no entanto.

Elizabeth sorriu solenemente para ambos e apoiou-se no braço do Sr. Goddard. Eles caminharam ao longo da rua em um ritmo rápido sem olhar para trás.

— Você não precisa mais de uma acompanhante, Anna — Avery disse enquanto os observava ir — Não quando você está acompanhado por seu marido.

Ela virou a cabeça para olhar para ele, e foi como se a realidade de tudo finalmente a atingisse com força total. Ela olhou para o Duque de Netherby e sentiu toda a estranheza dele e toda a realidade do fato de que ele era seu marido.

Era como se ele tivesse lido seus pensamentos — Até que a morte nos separe — ele disse suavemente, e ofereceu sua mão.

Ele se sentou, desta vez, ao lado dela na carruagem e tomou sua mão na sua de novo. Ele não estava usando luvas tampouco.

— Tanto quanto eu gostaria de levá-la de volta a Archer House e fechar todas as portas e janelas para o mundo exterior, até amanhã de manhã — disse ele enquanto a carruagem avançava — isto não pode ser feito, Infelizmente.

— Oh — Um pensamento súbito a atingiu — Toda a família estará voltando esta tarde para discutir nosso casamento com mais detalhes.

— Toda a família — disse ele — tem se reunido em Westcott House com o propósito de organizar sua vida por muito tempo, Anna. Isto está em perigo de se tornar um hábito arraigado. É hora de que retomem suas próprias vidas, separadas. Mas eu acho que a prima Elizabeth vai se perder

nas profundezas daquela livraria até ter certeza de que é tarde demais para que ela seja a única em dar a notícia. Edwin estará feliz. Ele e os livros são os melhores amigos — Ele levantou a voz para dirigir-se ao cocheiro — Westcott House, Hawkins

— Todos vão ficar terrivelmente chocados — disse Anna.

— Só espero que John não lhes dê a notícia enquanto os escolta até a sala de estar. Ele parece ter a opinião que deve conversar com seus convidados. Você acha que pode convencê-lo da importância de se comportar como um lacaio normal apenas nesta ocasião, Anna? Ele parece estar bastante impressionado com a minha terrivel dedução.

— Ele está muito emocionado — ela disse — por ser um lacaio em uma grande casa em Londres e, na verdade, estar vestindo libré. Vou falar com ele. Nós certamente não queremos que ele diga à minha avó e minhas tias que saímos e nos casamos esta manhã.

Ela riu, e ele virou a cabeça para olhá-la com olhos preguiçosos e sorridentes.

— Espero, minha Duquesa — ele disse suavemente — ouvir mais disso nos dias que virão — Ele levou a mão dela aos lábios e segurou-a lá, seus olhos prendendo os dela.

Anna mordeu seu lábio.

— Assim que nós formos capazes de convencer todos lá de que não há nada mais para ser planejado por um tempo — disse ele — nós vamos sugerir a eles que sigam com seu caminho. Duvido que Elizabeth precise de qualquer persuasão para voltar para casa com sua mãe e Riverdale.

Com a possível exceção de Jessica, Elizabeth é, de longe, a minha favorita de seus parentes, Anna, e ela saberá que três é definitivamente uma multidão em uma noite de núpcias. E isso é o que esta noite será, nossa noite de núpcias na Westcott House. Amanhã partiremos para Wensbury.

Ele colocou as mãos no assento entre eles e entrelaçou os dedos

... Nossa noite de núpcias.

Capítulo 19

Avery estava em pé junto a janela da sala. Atrás dele, sua madrasta se queixava e Jessica estava emburrada. Anna estava sentada quieta não muito longe da porta, suas mãos cruzadas em seu colo, a direita sobre a esquerda, ele havia percebido. Ela tinha se trocado e colocado um vestido azul claro vespertino, que não poderia ser mais sério se tentasse — ia até o pescoço, cobrindo até o pulso e tornozelos, sem laço ou babado à vista. Bertha tinha refeito seu cabelo e tinha penteado para trás tão impiedosamente longe de seu rosto que seus olhos quase puxavam. Anna tinha mencionado durante o almoço, que ela praticamente não consumira, que ela desejava poder simplesmente fugir e se esconder. Ele tinha se sentido tentato a conceder seu desejo, mas havia, infelizmente, assuntos de família a serem tratados primeiro.

Sua madrasta reclamou para Anna porque ela não estava em casa, naquela manhã, quando Madame Lavalle tinha chegado para discutir roupas de noiva. Ela reclamou para Avery porque ele tinha estado fora de casa, toda a manhã, quando havia tantas coisas a serem discutidas em relação ao casamento, que ela mal sabia por onde começar. Havia ele feito os preparativos para ter os proclames lidos no domingo? Mas onde? Ela desejava discutir a conveniência de escolher a Catedral de St. Paul. Queixou-se que Edwin

Goddard tinha desaparecido de seu escritório, naquela manhã, antes que pudesse discutir a lista do convidados com ele e não tinha reaparecido antes que ela viesse ali. Não típico dele e, fazê-lo hoje, de todos os possíveis dias era estranho o bastante. Ela se queixou a Anna que se ela insistisse em se parecer tanto com uma governanta, ela não deveria se surpreender se Avery mudasse de ideia.

Ela estava claramente de mau humor — talvez por causa de Jessica.

Sua meia-irmã não estava satisfeita com a notícia que ele havia lhe dado, na tarde de ontem. Ela havia ficado incrédula, horrorizada e furiosa em rápida sucessão. Ela estava prestes a ter um dos ataques de raiva, pelo qual era famosa, até a chegada de sua governanta atual. Mas quando ele ergueu seu monóculo ao olho e a observou em silenciosa antipatia, ela se dissolveu em lágrimas e perguntou entre suspiros e soluços como ele poderia ser tão desleal com Abby, Harry e Camille que ele realmente se desposaria daquela mulher enfadonha e feia.

— Tenha cuidado, Jess — ele disse suavemente, baixando seu monóculo, mas sem oferecer seus braços para seu conforto.

— Estou sendo injusta, não estou? — Ela disse, em soluços abandonados, sua expressão pesarosa, rosto avermelhado, olhos injetados — É o tio Humphrey que eu deveria odiar. Mas qual seria o ponto? Ele está morto.

— Espero que trate minha Duquesa com a cortesia apropriada, Jess — ele lhe dissera — se você não quiser ficar

confinada na sala de aula até os oitenta anos ou até que eu lhe case com o primeiro homem que puder ser persuadido a tirá-la das minhas mãos.

Seus lábios se curvaram e ela cedeu a uma risadinha soluçando.

— Eu vou — ela tinha prometido — Mas eu gostaria que você tivesse escolhido outra pessoa, Avery, qualquer outra pessoa. Você vai ficar entediado com ela dentro de uma quinzena. Mas acho que isso não vai lhe importar, vai? Os cavalheiros são capazes de ter outros interesses, enquanto as Damas têm apenas o seu bordado e seu crochê.

— Às vezes, Jess — ele disse, erguendo seu monóculo a meio caminho para seu olho novamente — Eu me pergunto o que sua governanta tem lhe ensinado

Ele havia enviado uma mensagem ao seu cocheiro, mais cedo, que Lady Jessica Archer iria acompanhar sua mãe para Westcott House esta tarde. E aqui estava ela, em silêncio, mal-humorada e educadamente cortês.

Molenor e sua esposa estavam chegando, Avery podia ver, e logo atrás deles vinha a velha carruagem, pré histórica, em que a Condessa viúva de Riverdale e sua filha mais velha se moviam pela cidade quando precisavam. Os quatro foram anunciados juntos na sala de estar, e houve uma agitação de saudações antes que as queixas retornassem. O filho mais velho tinha acabado de ser afastado da escola, pelo o resto do semestre, informou prima Mildred, tendo sido apanhado escalando a janela do dormitório às quatro horas da manhã, escalando para dentro, não fora, seu cabelo e roupas

cheirando, inconfundivelmente, um perfume floral. A notícia tinha chegado em uma carta do diretor esta manhã, e Molenor não tinha nem ido ao clube. Ele estava, de fato, planejando partir para sua casa, no norte da Inglaterra, cedo amanhã de manhã.

— Justo quando há tanto a ser feito por aqui e justamente quando nossos servos e o vigário parecem não conseguir ficar de olho em Boris até depois do casamento.

— Eu estarei de volta em tempo para o casamento Millie — disse Molenor, tocando na mão dela.

— Esse não é ponto, Tom — ela reclamou — Existem todas as coisas que precisam ser feitas de agora em diante.

A Condessa viúva também repreendeu Anna por não estar em casa esta manhã, quando Madame Lavalle chegou. O jovem criado lhe dissera. Anastasia deveria, realmente, se tornar disponível para todos aqueles cuja tarefa era prepará-la para o seu casamento. Um mês pode parecer um longo tempo, mas o tempo voaria.

— Este definitivamente será o casamento da temporada — disse ela — E quanto mais penso nisso, mais convencida estou de que você está certa, Louise, e só pode ser realizado na Catedral de St. Paul.

Prima Matilda quiz saber onde Elizabeth estava e esperava que Anastasia não tivesse entretido primo Avery sozinha.

— Ela foi a uma livraria que lhe encantou, tia — Anna explicou.

Riverdale estava chegando com a mãe, Avery podia ver. Dentro de mais um ou dois minutos, todos estariam presentes.

— Eu acredito — Lady Matilda estava dizendo — Eu deveria vir morar aqui, pelo próximo mês, para adicionar respeitabilidade adequada com a aproximação do casamento. Se você puder ficar sem mim, mamãe.

Enquanto a prima Althea saudava todos e abraçava Anna perguntando, alegremente, como ela estava se sentindo neste primeiro dia posterior a seu noivado, Riverdale olhou duro para Avery como se estivesse se perguntando se os acontecimentos da madrugada realmente tinham acontecido. Avery inclinou a cabeça e tocou a caixa de rapé no bolso. No entanto, ele não teve oportunidade de retirá-la. Prima Althea o estava abraçando e fazendo a mesma pergunta que havia feito a Anna.

— Não se preocupe com o noivado, Althea — disse sua madrasta — É com os preparativos do casamento que devemos nos preocupar, e Avery está arrastando os pés. Quando eu perguntei esta manhã, seu secretário me informou que Avery ainda não tinha aprovado o aviso de noivado que eu ajudei o Sr. Goddard elaborar na noite passada. E Avery estava longe de ser encontrado. Aí então o secretário desapareceu de seu escritório. O aviso deveria ter sido enviado hoje para aparecer nos jornais de amanhã. E nós devemos decidir onde os proclames devem ser lidos de modo que os arranjos possam ser feitos antes do domingo.

— Mas você vê — disse Avery, olhando para Anna — Eu estava ocupado esta manhã com assuntos relacionados ao meu casamento. Assim como Edwin Goddard. E Anna também. Devemos todos ser perdoados por não estarmos disponíveis para aqueles que esperavam que todos estivéssemos em casa. Nós estávamos juntos, nós três, e a prima Elizabeth, antes que ela se lembrasse de uma livraria, e fosse para lá com Edwin. Naquele momento, porém, nenhum deles se fazia mais necessário. Pois, eles haviam testemunhado meu casamento com Anna e tiveram tato suficiente para se tornar escassos.

Houve alguns momentos de silêncio total, enquanto Anna olhava para ele, aparentemente tranquila, exatamente como ela estivera no salão rosa em Archer House há algumas semanas ou um tempo atrás, mas com a mão direita retesada, enquanto apertava a esquerda, escondendo seu anel de casamento.

Jessica foi a primeira a encontrar a língua.

— Você está casado? — Ela gritou, ficando de pé — Bem, fico feliz. Aquele grande casamento que todos estavam planejando seria tão estúpido.

Prima Matilda já tinha providenciado sais aromáticos e um leque de seu retículo e se virou para sua mãe, sentada ao lado dela. Era uma pena ela não ter mais de duas mãos.

— O quê? — Sua madrasta estava de pé também, sua mão no braço de Jessica — O quê?

— Você está casado? — Esta era a prima Mildred.

— Agora você pode vir para casa comigo, Millie — disse Molenor — e me ajudar a lidar com o nosso garoto.

— Oh, você não podia esperar — Prima Althea disse, suas mãos entrelaçadas no peito, os olhos brilhando enquanto olhava de Anna para Avery — Que romântico!

— Romântico? — A viúva disse — Guarde esses sais aromáticos, Matilda, ou use eles em si mesma. Anastasia, você não pode ter ideia do que isso fará com sua reputação. Você não aprendeu nada nas últimas semanas, exceto como se valsa? Mas Avery deveria saber e é próprio dele exibir as regras não escritas da sociedade e desprezar a boa opinião. Você será muito afortunada se você não se encontrar excluída da sociedade.

— Anastasia — Riverdale disse — Posso lhe oferecer os meus mais sinceros parabéns e bons votos? E para você também, Netherby.

— Oh, meu Deus — A madrasta de Avery falou — Eu não sou mais a Duquesa de Netherby, certo? Anastasia o é. Eu sou a Duquesa viúva.

— É apenas um nome, mamãe — disse Jessica impacientemente.

E então Anna falou, na mesma voz baixa e de comando que ela usara no salão rosa há tanto tempo.

— Ontem — ela disse — eu estava confusa pela noção de que eu tinha me transformado numa mercadoria, o artigo mais altamente valorizado no mercado matrimonial. Eu queria escapar, mesmo que apenas por um tempo para recuperar o fôlego e ordenar meus pensamentos. Eu disse,

para todos vocês ouvirem, que eu queria ir a Wensbury para ver meus avós, os pais de minha mãe, para descobrir se eu poderia saber por que eles me expulsaram depois que minha mãe morreu, de alguma forma colocar essa parte da minha história em seu devido lugar. Avery se ofereceu para casar comigo e me levar lá. Ele sabia que eu queria, que eu precisava ir em breve. Ele sabia que esperar pelo grande casamento, que todos vocês foram gentis o suficiente para imaginar para nós, seria mais do que tempo desperdiçado para mim. Seria uma provação que me sobrecarregaria ainda mais. Então ele trouxe uma licença especial aqui com ele, esta manhã, e me levou para uma igreja cujo nome eu não sei, em uma rua que eu não posso nomear para sermos casados por um clérigo cuja identidade eu ainda não sei. Elizabeth e o Sr. Goddard testemunharam nossa união. Sei que alguns de vocês estão desapontados, tanto comigo como pela perda do esplêndido casamento que estavam começando a planejar. Mas este é o dia do meu casamento e foi o mais lindo casamento que eu poderia imaginar e devo implorar seu perdão, no entando sem lamentar, por um momento sequer, o que eu fiz. Estaremos partindo amanhã.

Ela não tirou seus olhos de Avery enquanto falou.

Ele, certamente, pensou ter se apaixonado por ela naquele primeiro dia. O que era uma possibilidade intrigante, especialmente quando ele lembrou daqueles sapatos, aquele vestido, capa e boné. Mas mesmo assim ele havia notado a dignidade tranquila e equilibrada dentro dela. Na verdade, tudo era intrigante.

Que o modo como ela se comportara naquela ocasião e, desde então, tinha despertado seu respeito, mesmo sua admiração, era surpreendente o suficiente. Mas, amor romântico? Ele não acreditava nisso. Ele nunca acreditou e nunca iria.

Exceto que, realmente, devia ser amor romântico o que ele estava sentindo por ela. Seus olhos percorreram-na e ficaram satisfeitos, embora não pudesse entender o porquê. Ele olhou de volta para seus olhos e sorriu. Meu Deus, ela era sua esposa.

— Bem — sua madrasta falou, retomando seu assento e puxando Jessica para baixo ao lado dela — Eu não vou declarar que não posso acreditar. Posso acreditar muito bem. É exatamente o que eu poderia esperar de Avery. Nós teremos apenas que tirar o melhor da situação. Devemos planejar uma grande recepção de casamento e explicar a natureza apressada, quase clandestina do casamento com um ligeiro adorno. Os avós maternos de Anna são idosos e doentes. Eles queriam encontrar sua neta, há muito perdida, antes de morrer e Avery insistiu que ele se casasse com Anastasia sem demora e a levasse lá. Estávamos todos relutantes, mas de acordo. Todo mundo ficará encantado. A nova Duquesa de Netherby será novamente a sensação da hora. Precisamos nos ocupar.

— O que, eu me sinto constrangido de informar, não será aqui e agora — disse Avery — Este é o dia do meu casamento, e eu sinto a necessidade de ficar sozinho com minha noiva. Vejo que Elizabeth acabou de sair de um coche ali fora. Eu

não duvido que ela tenha vindo para coletar suas coisas para que possa voltar para casa com Riverdale e prima Althea. Edwin Goddard já está em posse de uma nota, por escrito, do nosso casamento e vai fazer com que apareça nos jornais de amanhã. Acredito que falo por minha Duquesa quando agradeço a todos por seus esforços em nosso favor e os libero da necessidade de fazer mais.

— Isso inclui uma recepção de casamento, Avery? — Tia Mildred perguntou — Se eu for com Tom amanhã, eu realmente não vou querer enfrentar a viagem de volta, dentro de algumas semanas. Além disso, Peter e Ivan estarão voltando da escola também, em um futuro não muito distante.

— Isso inclui uma recepção de casamento — disse Avery, e ele notou Anna fechando os olhos brevemente em alívio.

Eles estavam todos de pé então, e parecia que todos falavam ao mesmo tempo. Todos queriam abraçar a noiva e cumprimentar o noivo. E então todos queriam abraçar uns aos outros e algo, estranhamente, engraçado deve ter acontecido quando Avery não estava olhando, pois havia uma grande dose de risadas misturadas com parabéns e bons votos, reprimendas e avisos. A prima Elizabeth, colocando a cabeça para dentro da porta, no meio de tudo, observou com olhos brilhantes que ela podia ver que o gato tinha saído da caixa, prima Matilda a olhou feio pelo uso frouxo de linguagem, embora ele duvidasse que ela tivesse notado, ela desapareceu no andar de cima com sua mãe para buscar

algumas de suas coisas e deixar instruções para que o resto fosse enviado mais tarde.

E, então, todos partiram, até mesmo o mordomo e o lacaio John, do corredor em que Avery e Anna estavam lado a lado.

— Bem, minha Duquesa — ele disse.

— Bem, meu Duque — Ela sorriu para ele — e ruborizou.

— A porta dos seus aposentos tem fechadura? — ele perguntou — Com uma chave?

— Sim — ela disse.

— E a porta de sua quarto de vestir?

Ela pensou por um momento — Sim.

— Me mostre o caminho — ele disse, lhe oferecendo o braço — Vamos nos trancar.

— É só meio da tarde — protestou ela.

— É — ele concordou — Então, há tempo suficiente antes do jantar.

Era dia. Além disso, era um dia brilhante e ensolarado, e seu aposento virado para o sul. Mesmo depois de ter fechado as cortinas da janela, a luz do sol continuava a clarear. Havia os sons diurnos do canto dos pássaros e um cachorro latindo a distancia e os cascos, de um único cavalo, vindo pela janela aberta. Uma voz de longe da rua saudou alegremente, e outra voz respondeu.

Seu noivo, seu marido, estava diante dela. Ele estava apenas olhando, sem fazer nenhum movimento para tocá-la ou beijá-la. Ela se perguntou se ela deveria entrar no quarto de vestir e vestir uma camisola. Mas, ele tinha trancado a porta.

— Eu creio, minha Duquesa — ele disse — que você seja perfeição. Mas deixe-me desembrulhar o meu presente e ver se estou certo.

Além de surpreendê-la, suas palavras a intrigaram. Perfeição? Ela não era particularmente bonita. Ela não tinha nenhuma figura a ser mencionada. Recusara-se a se vestir elegantemente. Ela não era nem sagaz nem possuidora de outros encantos óbvios. Sua fortuna não o interessava. Seria apenas o fato dela ser diferente de todas as outras mulheres que ele conhecera? Era apenas novidade? O brinquedo de hoje seria descartado amanhã quando não fosse mais novidade?

Ele se aproximou, mas não exatamente enconstado nela, e pôs seus braços em volta dela para abrir o vestido nas costas. Seus dedos estavam acostumados com a tarefa, ela percebeu. Ele nem precisava ver o que estava fazendo. Quando estava aberto até seus quadris, ele tirou-o de seus ombros, as costas de seus dedos deslizando por sua pele, frieza contra calor. O instinto dela era levantar as mãos para segurar o corpete no lugar, mas ela manteve os braços dos lados, e ele puxou as mangas para baixo, puxando eventualmente as barras para tirá-las de seus pulsos. Ele não tinha pressa. Mas uma vez que seus braços já não seguravam

o vestido no lugar, toda a roupa deslizou para baixo sobre suas roupas intimas e meias para cair em volta de seus pés.

Era difícil continuar respirando normalmente pelo nariz. E era preciso esforçar-se para não baixar os olhos, até mesmo fechá-los, para que ela não o visse de pé ali, olhando para ela, não para o rosto, mas para o corpo e o restante de suas roupas, as pálpebras quase caídas como costumavam estar, seu olhar quase sonhador.

Ele se ajoelhou para remover suas sapatilhas e, então, começou a enrolar para baixo suas meias, uma de cada vez, tirando-as de seus pés. Ele se levantou de novo e retirou suas roupas intimas até que ela ficou sem nada, atrás do qual esconder sua modéstia. Nem mesmo uma jóia, exceto pelo seu anel de casamento. A luz do sol brincou entre as cortinas e lançou um brilho rosado sobre tudo.

Ele olhou para ela, cada centímetro dela. Seus dedos mal a haviam tocado enquanto a despia, mas ela estava convencida de que cada deslize de seus dedos, cada toque de um polegar, cada fricção dos dedos dele tinha sido deliberada. Sentia-se como tocada por todo o corpo. Ele ainda estava vestido com as roupas imaculadas, mais formal do que o habitual que usara para o casamento, até mesmo suas botas de couro.

— Eu estava certo — Seus olhos estavam ansiosos agora e olhando para os dela — Você é perfeição, minha Anna.

Até suas palavras eram deliberadas. Minha Duquesa. Minha Anna. Deixe-me desembrulhar meu presente. Reivindicando-a como sua. Você é a perfeição. Só o melhor

poderia fazer, suas palavras implícitas. Ela não tinha o hábito de se depreciar, mas... perfeição? E era do seu corpo que ele falava. Ela não acreditava que ele estivesse muito interessado em sua personalidade no momento.

— Eu tenho o corpo de um garoto — ela disse.

Caracteristicamente, ele considerou suas palavras antes de responder — Você não deve ter visto muitos meninos — disse ele — Você é mulher, Anna, do topo cabeça até as unhas dos pés.

O estômago dela revirou-se. Mulher, disse ele, não uma mulher. De alguma forma, havia uma diferença.

Ele a tocou então, com as pontas dos dedos, com os dedos, as costas dos dedos, as palmas das mãos, os nós dos dedos, a mão inteira. Luz, toques leves. Sobre seus ombros e pelos seus braços, sobre as costas de suas mãos. Para baixo de seus ombros, através da fissura entre seus peitos, em torno deles, sobre, através outra vez, pelos lados da sua cintura, sobre seus quadris às partes superiores de suas pernas. Atrás dela, ao longo de sua espinha, entre seus ombros. Acariciando-a, descobrindo-a, reivindicando-a. Desceu com apenas uma mão desta vez sobre um seio, passando por suas costelas, sobre o estômago plano e para baixo até que o dorso de sua mão descansou levemente sobre o montículo de cabelo na ápice de suas coxas.

Ela se perguntou se ele sabia o que tais toques, mesmo que leve, estavam fazendo com ela e pensou que sim, claro que ele sabia. Claro que sim. Ela suspeitava que ele sabia

tudo o que havia para saber... Qual era a palavra? Galanteio? Fazer amor? Quase podia ouvir seu batimento cardíaco.

Ela certamente podia sentir. Havia uma agonia latejante estranha e forte dentro dela, logo atrás de onde sua mão estava. Era mais difícil respirar normalmente sem ofegar. Ela se perguntou se deveria estar fazendo alguma coisa. Mas não. Ele estava orquestrando isso, e de alguma forma ele havia emitido o comando, não dito, que ela ficasse parada e relaxasse.

Ele era perigoso, perigoso e perigoso, pensou ela, este homem pequeno, magro, loiro.

Seu marido.

Os olhos dele se moveram acima do nível dos dela e ele tirou suas mãos dela — Diga-me, Anna — ele disse — foi ideia da Bertha colocar tanta pressão nas raízes de seu cabelo esta tarde, ou sua? E não calunie sua criada. Tenho boas lembranças do meu único encontro com ela — Seus olhos estavam sobre os dela de novo.

— Eu... quase entrei em pânico quando vim me trocar depois do almoço — ela admitiu — Pensei, o que eu fiz? Eu queria me esconder. Eu queria voltar a ser eu. Eu...

— Então, você se perdeu? — ele perguntou, com a vez suave — Você se entregou, Anna? Para algum bruto selvagem e cruel? Você me fere.

— Eu queria ser Anna Snow de novo — disse ela.

— Queria? — disse ele — Quer, minha Duquesa?

— Avery — disse ela — Estou muito assustada — Ah. Ela não sabia que iria dizer aquilo. E não era exatamente verdade. Assustada era totalmente a palavra errada.

— Mas você esta em boas mãos — disse ele, levantando as suas para começar a retirar os grampos.

— Oh — disse ela impacientemente — é exatamente o ponto.

Ele retirou os grampos lentamente, inclinou-se para colocá-los dentro de uma de suas sapatilhas, e endireitou-se novamente para passar os dedos pelos cabelos dela e colocá-los sobre seus ombros, alguns na frente, alguns atrás. Os cabelos dela chegavam, agora, apenas ao topo de seus seios. Ondulando um pouco nas pontas.

— Mas estão em boas mãos — disse ele, erguendo suas mãos no espaço entre eles, com as palmas para ela. Mãos e dedos finos, anéis de ouro em quatro deles. Três dessas pontas de dedos tinham derrubado um homem e o deixaram sem ar — Elas lhe protegerão por todo o resto da minha vida e nunca irão lhe ferir, elas irão lhe segurar e lhe trarão conforto quando precisar. Elas vão segurar nossos filhos. Elas vão acariciá-la e lhe dar prazer. Venha. Deite na cama.

Nossos filhos...

Ele puxou as cobertas para o pé da cama e ela se deitou e olhou para ele. O cabelo dele brilhava como ouro na luz rosada do quarto. Seus olhos percorreram-na enquanto afrouxava sua gravata e a descartava. Ele tomou seu tempo se despindo. Levou um tempo em particular para tirar o casaco e as botas, mas ele não tinha pressa. Anna observou.

Ela tinha visto sua beleza quase nua esta manhã, mas de alguma distância.

Ela via agora, enquanto ele puxava camisa sobre sua cabeça, que os músculos de seus braços, tórax e abdômen estavam tensos e bem definidos, mesmo que sem protuberância. Mas ele não era um homem que dependia de força bruta, era?

— Oh — disse ela enquanto ele se desfazia da camisa — seu hematoma.

Ela não tinha percebido que algum dos socos do Visconde Uxbury tinha encontrado a sua marca. Estava abaixo do ombro direito, na junção com o braço, uma contusão que parecia vermelha e crua e ainda não tinha ficado preta ou roxa ou todas as cores do arco-íris. Ele olhou para o hematoma.

— Não é nada — disse ele — Eu esbarrei em uma porta.

— Oh, isse é um clichê — disse ela — Eu esperava mais de você.

Havia um brilho de algo como diversão em seus olhos — A pior coisa que alguém pode dizer de mim, Anna — disse ele — é que me falta originalidade. Você me fere. No entanto, você está certa. Deixe-me ser mais específico. Uma porta esbarrou em mim.

Ela se surpreendeu rindo — Você é absurdo — disse ela.

Ele inclinou a cabeça para um lado e olhou para ela, aquela sugestão de diversão ainda em seus olhos. Mas não disse nada. Ele tirou as calças e o calção.

Ela tinha vinte e cinco anos e era totalmente inocente. Ela sabia como era a figura de um homem só porque, em uma visita à livraria em Bath, ela folheara um volume sobre a Grécia antiga e se deparava com imagens de esculturas de vários deuses e heróis. Ela ficara chocada e fascinada e tinha pensado o quão injusto era que o físico masculino fosse tão mais atraente do que o feminino, embora, talvez, ela tivesse pensado que isso era só porque ela estivesse olhando através de olhos femininos. Ela tinha colocado o livro na prateleira olhando, com culpa, ao redor para ver se ela não estava sendo observada, e nunca mais tinha voltado a olhar.

Avery era mais bonito do que qualquer um daqueles deuses e heróis, talvez porque ele era de carne e sangue. Ele era a perfeição em si.

Ele colocou um joelho na cama, ao lado dela, e apoiou suas mãos em ambos os lados dela enquanto ele se posicionava sobre ela. Com os joelhos, puxou os dela fechados e moveu as mãos sobre ela novamente. Ele levantou seus seios na fissura entre seus polegares e indicadores e pôs as bases de seus polegares sobre seus mamilos. Ele esfregou-os em círculos, levemente, e pressionou, levemente, contra eles até que ela sentiu algo tão cru. . . Algo que fez com que ela fechasse os olhos e se erguesse mais perto. A boca dele veio até seu ombro, atravessando a cavidade entre o ombro e o pescoço, até sua garganta, aberta, quente, molhada. E ele estava sobre ela, então, o comprimento total de suas pernas apertando as dela firmemente juntas, enquanto suas mãos se moviam abaixo dela e para baixo até segurar suas nadegas,

enquanto ele se esfregava contra o topo de suas pernas e ela podia senti-lo duro e longo.

Ele moveu sua boca para o outro lado do pescoço dela e ao longo de seu ombro, enquanto uma das mãos dele veio entre eles e os dedos dele encontraram seu caminho entre suas coxas ainda fechadas e entre os labios do seu sexo até que um dedo entrou nela e ela enrijeceu com choque misturado com vergonha e desejo. As pernas dele pressionaram mais fortemente de encontro com o exterior das dela. Ela podia ouvir umidade quando ele moveu seu dedo, tirando-o, deslizando-o para dentro novamente.

— Linda, linda — ele disse, com a boca junto a têmpora dela.

Ele ergueu a cabeça para olhar para ela enquanto suas mãos seguravam as pernas dela por baixo e as abria e as envolveu em suas próprias enquando ele se colocou entre elas. Ele moveu suas mãos debaixo dela novamente para levantá-la e segurá-la. Ela o sentiu duro e quente onde seu dedo tinha estado, e então ele entrou nela com um empurrão firme. Seus olhos a observavam enquanto o choque, a dor e algo além das palavras ou do pensamento a envolviam. Ele se manteve imóvel e profundo dentro dela, enquanto a mente e o corpo dela se adaptavam a uma nova realidade e a tensão foi gradualmente saindo dela.

— Ah, minha pobre Anna — murmurou — Tão quente, tão linda. Não havia nenhuma maneira de não te machucar, você entende. Mas só desta vez. Não acontererá novamente. É minha promessa para você.

Ela o tocou. Ela colocou suas mãos em ambos os lados de sua cintura, firme musculosa, tão diferente do seu próprio corpo. E moveu as mãos para suas costas, ao longo da coluna de sua espinha, para descansar levemente sobre as nádegas duras. Ele saiu lentamente de dentro dela, os músculos relaxando sob suas mãos, e ela não queria deixá-lo ir. E então os músculos se firmaram e ele entrou novamente, duro, firme e fundo. Ele virou a cabeça para descansar ao lado da dela sobre o travesseiro e deixou um pouco do seu peso em seus cotovelos e antebraços, embora seu peito pressionava seios dela e seus ombros seguravam os dela na cama. Ele se moveu para dentro e fora dela com um ritmo firme e uniforme. Havia um ruído, um vai e vem úmido, um leve rangido da cama, respiração ofegante, risos de longe na rua. Havia sensação, peso segurando-a na cama, calor, a leve brisa vindo pela janela e encontrando o seu caminho através das cortinas, a dureza dele dentro dela, lisa, molhada, não exatamente dolorosa. Ela não queria que isso acabasse. Ela queria que fosse para sempre.

Para sempre durou muito tempo e tempo nenhum. O ritmo se quebrou e ele pressionou com força dentro dela até que não houvesse como ir mais fundo, e enquanto ele murmurava algo ininteligível contra seu ouvido, ela sentiu um jorro de calor líquido dentro e sabia que estava terminado. O peso total dele relaxou sobre ela, então, ela envolveu seus braços em torno da cintura dele e tirou as pernas que estavam enroladas nas dele para colocar os pés na cama. Depois de alguns momentos, ele suspirou contra

sua orelha, retirou-se dela e saiu de cima dela para deitar ao seu lado, sua cabeça apoiada em uma mão.

— Oficial e consumado — disse ele — Não mais Anna Snow nem mesmo Anastasia Westcott. Em vez disso minha esposa. Minha Duquesa. É um destino tão terrível, Anna?

Havia algo como ansiedade em sua voz.

— Não — disse ela, e sorriu — Meu Duque.

Ele saiu da cama, então, pegou uma das chaves que ele tinha deixado na cabeceira, abriu a porta do quarto de vestir, e entrou. Ele voltou depois de um momento, segurando uma pequena toalha. Trancou a porta de novo e voltou para a cama, puxando as cobertas sobre eles, colocou um braço debaixo de seus ombros para virá-la de frente para ele. Ele colocou a toalha entre as coxas dela, abrindo e segurando gentilmente antes de remover suas mãos e deixar a toalha onde a tinha colocado. Era uma sensação relaxante. Ele ajeitou as cobertas sobre eles e a puxou para mais perto. Em segundos ele estava dormindo.

Como ele podia dormir? Mas ela, supunha, que isso não havia sido tão significante para ele como havia sido para ela. Ela não queria pensar em outras mulheres, mas ela não tinha dúvidas de que foram muitas. Ele tinha trinta e um anos, e ele não parecia ser o tipo de homem que iria negar a si mesmo qualquer coisa que quisesse. O pensamento não lhe incomodou, ela percebeu. Pelo menos não, ja que se aplicava ao passado.

Ela mal tinha dormido na noite passada. Certamente, ela acreditaria não ter dormido, se não fosse por ter

continuamente acordado com sonhos bizarros. Ela estava de pé bem antes do amanhecer. Ela esteve no Hyde Park, com Elizabeth, antes da luz do dia brilhar o suficiente para que se pudesse ver. Ela tinha vivido todo o terror e estranheza daquele duelo. E, então, ela tinha retornado para casa e ao invés de voltar a dormir, tinha tomado café da manhã mais cedo, com Elizabeth, e, após, escrito uma longa carta para Joel. Depois daquilo houve o casamento e, então, a visita da família dela e agora a consumação do seu casamento. Poderia tudo aquilo ter acontecido em tão pouco tempo?

Exaustão chegou para ela como uma leve martelada na cabeça. E também saber que ela estava quente e confortavel, que seu corpo estava junto do dele, aquele som suave da respiração dele era reconfortante e calmante, que ela estava... feliz.

Ela dormiu.

Capítulo 20

— É bom tê-la em casa de novo, Lizzie — Alexander disse, durante o jantar naquela noite — Eu senti saudades suas. Mamãe também.

— É bom estar de volta — ela admitiu — embora eu tenha gostado das minhas semanas com Anna. Eu gosto muito dela.

A mãe deles estava olhando para Alexander com um olhar ligeiramente preocupado.

— Você se importou terrivelmente, Alex, que ela tenha se casado com Avery? — Ela perguntou — Você, mais ou menos, propôs a ela ontem e acredito que ela poderia ter sido persuadida a aceitar se ele não estivesse lá.

— Não — disse ele, pegando o copo de vinho e recostando-se na cadeira — Não me importo, mamãe. Netherby me salvou da tentação de persuadir Anastasia a tomar o caminho mais fácil de solucionar ambos os nossos problemas.

— Mas você esta um pouco triste de qualquer modo? — ela perguntou.

— Talvez um pouco — ele admitiu depois de hesitar por um momento — Mas por uma razão desprezível. Eu poderia ter restaurado Brambledean de volta a prosperidade sem ter

que continuar pensando, ainda mais, sobre como poderia ser feito.

— Você se faz uma injustiça — disse ela — Você teria sido bom para Anastasia também. Eu o conheço bem o suficiente para acreditar que você teria se preocupado apenas com o dinheiro e não com a noiva que o trouxesse para você.

— Eu vou ter que me casar por dinheiro de qualquer maneira — disse ele — Cheguei a essa conclusão. Brambledean não pode se recuperar de anos de negligência como Riddings Park fez, apenas com um pouco de trabalho duro e cuidado econômico. Mas eu tenho o título e a propriedade em ruínas para oferecer a uma esposa rica em troca.

— Ah — ela disse, estendendo a mão para acariciar a mão livre dele sobre a mesa — Eu não esperava nunca te ouvir amargo ou cínico, Alex. Isso fere meu coração.

— Peço desculpas, mamãe — disse ele, colocando o copo sobre a mesa para cobrir a mão dela com a sua — Não me sinto amargurado nem cínico. Estou apenas sendo realista. Devo prosperidade àqueles que dependem de mim em Brambledean. Se eu posso proporcionar isso casando-me com uma noiva rica, então que assim seja. Uma noiva não tem de ser desagradável apenas porque ela é rica, e eu espero não precisar ser desagradável com ela só porque eu tenho um título de Conde. Espero sentir afeição por ela e trabalhar, incansavelmente, para conquistar a dela.

Sua mãe suspirou, removeu sua mão e voltou sua atenção para a comida.

— Você se ressente pelo que Avery fez, Alex? — Elizabeth perguntou — Eu sei que você nunca gostou dele.

Ele franziu o cenho, pensativo — Acredito que repensei minha opinião sobre ele, recentemente — disse ele — Eu... Há mais nele do que ele permite que o mundo veja ou escolhe permitir que o mundo acredite. Parte de mim está horrorizada por Anastasia, mesmo assim. Ele não pode, possivelmente, valorizá-la como deveria ou tratá-la de qualquer outra forma que não seja indiferença. Ela, certamente, vai se arrepender de sua decisão impulsiva de casar com ele só porque ele se ofereceu para levá-la para ver seus avós, que não queriam nada a ver com ela depois que sua mãe morreu. Receio que ela logo se sinta muito infeliz.

Elizabeth inclinou a cabeça para um lado e olhou curiosamente para ele — Mas ...? — Ela disse.

— Mas eu tenho a estranha sensação — disse ele — de que eu posso estar completamente enganado. Conheço Netherby desde que éramos meninos na escola. Contudo eu descobri aspectos dele. . . Recentemente que eu não fazia ideia — Ele olhou para a mãe deles — É possível, até provável, que eu nunca o tenha conhecido. E sim, eu ainda me ressinto por isso, Lizzie, e nunca poderia, eu acho, chamá-lo de amigo. Como uma pessoa pode ser amigo de alguém que escolheu tornar-se indecifrável? Mas se eu precisar. . . de ajuda, creio que não hesitaria em pedir a ele. Além do meu medo, por Anastasia, há uma certa suspeita de que ela será feliz, afinal de contas, e que talvez ele também seja. Embora não se possa imaginar Netherby feliz, alguém poderia?

— Oh, eu posso — disse a mãe — Seus olhos às vezes o revelam, Alex, se olharmos de perto. Ele tem uma certa maneira de olhar para Anastasia... Bem, eu acredito que ele está apaixonado por ela. E ela está apaixonada por ele, é claro. Que mulher não estaria se ele voltasse sua atenção para ela e informasse a ela, daquela forma estranha, que ela poderia ser sua Duquesa se ela escolhesse e depois a levasse, no dia seguinte, com uma licença especial e duas testemunhas para se casar com ele? Lizzie, foi um casamento muito romântico?

— Eu acredito que foi, mamãe — Elizabeth disse, seus olhos brilhando — Acho que, talvez, tenha sido o casamento mais romântico que já assisti. A prima Louise teria tido uma apoplexia, para não mencionar a prima Matilda, Anna usava seu chapéu de palha e esqueceu suas luvas.

Ela riu, e sua mãe pôs as mãos sobre o peito e sorriu com prazer. Alexander se recostou na cadeira e sorriu carinhosamente para ambas.

Anna tinha pensado que estava viajando com grande conforto quando chegou a Londres no cabriolet que o Sr. Brumford contratara, com sua pequena bolsa contendo a maioria de seus pertences e a Srta. Knox por companhia. Que diferença fizeram poucas semanas. Ela viajou de volta ao oeste em uma carruagem tão luxuosa que até mesmo o lamentável estado das estradas inglesas não poderia,

seriamente, estragar as nascentes ou fazer os assentos parecerem menos confortáveis. Desta vez havia tanta bagagem que um carregamento separado estava vindo atrás, junto com um criado particular e uma criada.

Por companhia ela tinha Avery, que lhe perguntou sobre sua educação e lhe falou sobre a sua própria, que conversou com ela sobre livros, arte, música, política e da guerra. Disse-lhe sobre Morland Abbey, sua casa no campo, agora dela também, uma casa com personalidade, cercada por um extenso parque de jardins com gazebos, um caminho natural, um lago, vielas sombreadas, e gramados pontuados com árvores antigas. Às vezes, ele era sério, às vezes escandalosamente engraçado, do seu jeito peculiar. Ele falava muito e ele ouvia bastante, sua cabeça normalmente voltada para ela, seus olhos a observando em sua característica preguiçosa, mas atenta.

Muitas vezes não conversavam, mas observavam a paisagem passar além das janelas. Ocasionalmente, aconchegavam-se para adormecer, a cabeça dele encaixada no canto ao lado dele, a dela entre o ombro dele e a parte de trás do assento. Às vezes ele segurava a mão dela e entrelaçava os dedos. Se eles ficassem em silêncio por muito tempo, ele acariciava a palma dela com seu polegar e sorria, preguiçosamente, quando ela virava a cabeça.

Eles viajaram a um ritmo muito mais tranquilo do que ela viajou naquela outra oportunidade. Sempre que paravam para trocar os cavalos, ele sempre ficava no pátio para supervisionar as substituições, muitas vezes com uma

expressão indignada, porque esta viagem havia sido planejada com muita pressa para dar tempo para ele enviar seus próprios cavalos, com antecedência, aos vários pontos de parada. Então se juntava a Anna para um refresco ou uma refeição completa, sempre em um salão privado, mesmo quando parecia que a estalagem na qual eles pararam estava a ponto de transbordar. Eles eram tratados com um respeito, que muitas vezes beirava à adulação, que espantava Anna, embora ela percebesse que Avery estava tão acostumado com isso que ele nem sequer percebia. Seu brasão estava, é claro, gravado em ambas as portas de sua carruagem, e seu cocheiro e criado e dois boleeiros estavam vestidos em uniformes distintos. Não havia como não perceber a passagem para o oeste. Mesmo se ele estivesse sozinho, e sem todos os ornamentos, Anna suspeitava que todos ainda saberiam, só de olhar que ele, que não se tratava de um cavalheiro comum, mas um membro distinto da Classe.

Eles se hospedaram duas noites na estrada, na melhor das acomodações e com o melhor serviço. Eles foram contemplados com um banquete a cada noite, andaram por alguns quilômetros, depois, uma vez que os dias de viagem não permitiam qualquer oportunidade para exercício, e depois iam para a cama, onde faziam amor, dormiam profundamente e faziam amor novamente ao amanhecer.

Anna se apaixonou mais profundamente. Mas não, isso não era muito preciso, uma vez que ela, provavelmente, ja estivesse tão profundamente, quanto era possível estar, antes mesmo de deixar Londres. Na viagem ela começou a amá-lo

enquanto começou a conhecer melhor seu intelecto, seu conhecimento e opiniões, seu amor óbvio pela sua casa, seu senso de humor, sua maneira de fazer amor. Embora não houvesse uma única maneira de fazê-lo. Cada vez era diferente do antes e depois.

Eles estavam em, no que algumas pessoas chamavam, estágio de lua-de-mel do casamento deles, é claro, e ela tinha muito bom senso para esperar que isso durasse indefinidamente. Mas, forçados na companhia um do outro, como estavam nos primeiros dois dias e meio de seu casamento, um certo conforto tinha se desenvolvido entre eles. Podiam sentar-se em silêncio sem constrangimento. Podiam cochilar na companhia um do outro. Mais importante ainda, algo como uma amizade estava certamente sendo construída e aquilo, talvez, fosse levado para o futuro, para que eles pudessem ficar confortáveis juntos, mesmo quando a paixão morresse como certamente aconteceria.

Bem estar na companhia um do outro e uma amizade seria suficiente nos próximos anos. E... Oh, por favor, por favor, crianças. Ele tinha de fato se referido a eles no dia de seu casamento. E ele deveria, é claro, querer filhos, um herdeiro. Não, ela disse a si mesma com firmeza, quando uma ou duas vezes a dúvida surgia em sua mente, ela não tomara uma decisão ruim. Ela estava feliz agora. No futuro, ela se contentaria em contentar-se. Ela sorriu ao pensar.

— Um centavo por eles, minha Duquesa — disse Avery. Eles estavam em algum lugar ao sul de Bristol, não muito

longe do final de sua jornada. Sempre a divertia que lhe chamasse assim... ou a excitava se ele o dissesse na cama.

— Oh — ela disse — eu estava pensando que eu poderia me contentar em estar contente.

Ele parecia chateado — Você não pode, certamente, estar falando a sério — disse ele — Contentamento, Anna? Bah! Que fracasso. Você não foi feita para tal coisa. Você deve exigir a felicidade ou lutar com a miséria profunda. Mas nunca contentamento. Você não deve vender-se por pouco. Não vou permitir.

— Você pretende ser um tirano, então? — Ela perguntou.

— Você esperava algo diferente? — Perguntou ele — Insistirei que você seja feliz, Anna, quer queira ou não. Eu não vou admitir desobediência.

Ela riu, e ele virou a cabeça — Essa é a parte em que você diz: *Sim, Sua Graça*, no melhor dos sotaques — acrescentou.

— Ah — ela disse — mas eu nunca aprendi a minha parte. Ninguém me deu o roteiro.

— Vou te ensinar — disse ele, virando a cabeça para olhar para o campo.

E ele estava apenas meio brincando, pensou, intrigada. Talvez ele não entendesse que este era apenas um período de lua de mel. Talvez pensasse que seus sentimentos durariam. Mas quais eram seus sentimentos? Sua paixão por ela era apenas física? Por que ele se casou com ela de todas as mulheres? Ele tinha trinta e um anos de idade. Ele era um aristocrata, rico, poderoso, influente, bonito. Nos últimos dez

anos, ele poderia ter casado com qualquer uma que ele escolhesse. Ninguém, certamente, o teria recusado.

Por que ela?

Mas apenas metade da atenção dela estava no mistério que era seu marido. O resto estava no leve enjôo que sentia em seu estômago. Eles haviam parado para almoçar um pouco antes. A outra carruagem havia permanecido lá, junto com a bagagem e todos os criados, exceto o cocheiro. Eles retornariam lá para passar a noite. Mas logo chegariam a Wensbury, onde ela passara alguns anos de sua infância, onde sua mãe estava, presumivelmente, sepultada, onde seus avós ainda viviam no vicariato ao lado da igreja, onde seu avô ainda era vigário.

Foi tudo um grande erro? Como eles não a haviam querido, seria melhor deixá-los como estavam e esquecê-los? Mas agora que o vazio dos anos havia sido apagado, como ela poderia se contentar em não saber tudo o que havia para saber? Tinha que vê-los, mesmo que a renegassem. Ela tinha que ver o que tão vagamente e inadequadamente lembrava, o quarto com o assento da janela, o cemitério embaixo, o pórtico. Sim, ela tinha que ter vindo.

E então, muito antes de ela estar preparada, eles chegaram no que parecia ser uma pequena, sonolenta e pitoresca aldeia. Wensbury. Quase não havia ninguém na rua, exceto um garoto que estava jogando uma argola ao longo da rua até avistar a carruagem. Ele parou, então, gritou algo na direção da cabana de palha ao lado dele, e olhou para eles, sua boca meio aberta, enquanto uma jovem mulher

chegava até a porta, esfregando as mãos no avental. Um pequeno cão um pouco mais adiante na rua se exaltava à invasão de seu território e latia ferozmente, despertando, de repente, o homem idoso que estava dormindo em um banco do lado de fora de seu chalé, o cachorro a seus pés, ele se colocou à observá-los, suas mãos segurando o cabo da bengala entre suas pernas. Duas mulheres, fofocando através de uma cerca de jardim, pararam, provavelmente, na metade da frase, para olhar em espanto.

Anna duvidava que Avery tivesse notado qualquer coisa.

— É uma linda igreja — disse ele, olhando através da grama da aldeia — Muitas igrejas do campo o são. Gostaria de saber se há um sino naquela torre. Aposto que sim — Então ele se virou para olhar para ela e, vendo a expressão dela, disse — Anna, Anna, ninguém vai te comer. Eu não permitirei — Ele pegou sua mão em um aperto firme.

— Se eles não quizerem me ver — ela disse — vamos simplesmente partir, Avery. Pelo menos eu vim.

— Parece-me — disse ele — que você estava prestes a dizer que ficaria contente.

— Sim — ela admitiu.

Ele apertou sua mão até que doesse, enquanto a carruagem girava bruscamente sobre o grama.

E então eles estavam parando fora, do que deveria ser, o vicariato ao lado da igreja, e um cavalheiro idoso, com cabelos e sobrancelhas brancos e espessos e nenhum chapéu estava saindo pelo. . . Oh, através do pórtico do cemitério e virando em direção a eles, um amável sorriso de boas-vindas

em seu rosto. Enquanto Avery desceu da carruagem e se virou para ajudar Anna, a porta do vicariato se abriu e uma senhora idosa, pequena e miúda, de cabelos grisalhos, mais da metade escondida debaixo de um boné de renda, ficou ali olhando com uma plácida curiosidade. Não passavam muitas grandes carruagens por Wensbury, pensou Anna, e muito menos paravam diante da igreja.

— Bom dia senhor, senhora — disse o cavalheiro — Posso ajudá-los?

— O Reverendo Isaiah Snow? — perguntou Avery.

— Tenho esse prazer, senhor — disse o cavalheiro enquanto a dama vinha pelo caminho do jardim em direção ao portão — E vigário da igreja aqui há cinquenta anos. Alguns dos meus paroquianos mais jovens acreditam que devo ser quase tão velho quanto a igreja. E esta é a minha boa esposa. Como podemos ser úteis para vocês? Foi o pórtico que os fez parar? É um bom exemplo de seu tipo, e sempre foi mantido em bom estado. Ou a igreja, talvez? Ela remonta aos Normandos.

— É uma torre de sino? — perguntou Avery, com o monóculo na mão.

— É de fato — disse o Reverendo Snow — E há quatro tocadores de sinos na aldeia que acordam, devidamente, a todos os sonolentos num domingo e os tocam para o serviço matutino.

— Isaías — disse a mulher — talvez a dama gostaria de entrar na casa para tomar um copo de limonada enquanto você mostra ao senhor a igreja. Você o iniciou em seu

assunto favorito, senhor, e não vai terminar com ele antes de uma hora, eu prevejo.

— Permita que eu me apresente — disse Avery, enquanto a mão de Anna ficava fria no toque quente das dele — Avery Archer, Duque de Netherby.

— Ah — disse o vigário — eu sabia quando vi o brazão na porta da carruagem que você deveria ser alguém de importância, senhor. Estamos honrados que você tenha achado conveniente parar aqui.

— E posso apresentar minha esposa, a Duquesa — prosseguiu Avery — antes Lady Anastasia Westcott, embora tenha sido conhecida, durante a maior parte de sua vida, como Anna Snow.

As mãos da senhora se levantaram para cobrir suas bochechas e seu rosto ficou pálido como seu nome. Ela vacilou e, pareceu a Anna, que ela certamente iria cair. Mas ela agarrou a cerca antes que pudesse acontecer.

— Anna? — Ela disse, sua voz pouco mais do que um sussurro — Pequena Anna? Mas você morreu há vinte anos. De febre tifóide.

— Meu Deus — disse o vigário, e isso não soou como uma blasfêmia — Oh meu Deus, ele mentiu para nós, Alma, e nós acreditamos nele. Mas olhe e veja e me diga se estou certo. Não seria esta a nossa Anna diante de nós?

Sua esposa apenas gemeu e agarrou-se à cerca.

— Vovó? — perguntou Anna. Ela não sabia de onde vinha o nome — simplesmente veio — Oh, Vovó, eu não morri.

Capítulo 21

Avery sempre se sentia mais relaxado no campo do que em Londres. Era como se ele tirasse uma armadura que ele, inconscientemente, vestisse para a sociedade e se permitisse ser a pessoa que ele sempre quis ser. Ele nunca culpou seus pais pela criança que tinha sido. Ele nunca tinha, realmente, culpado os meninos e mestres na escola por avistar o fraco entre eles e atacá-lo para gozar dele. Todos tinham seu próprio caminho a seguir na vida. E todos eles, as forças negativas em sua vida, e positivas também, tiveram uma mão em direcioná-lo para seu próprio caminho. Ele não mudaria as coisas. Ele gostava da vida que tinha. Ele gostava de si mesmo. Mas ele gostava mais de sua vida no campo.

Ele havia iniciado essa jornada por Anna. Mas ele se percebeu relaxando assim que deixaram Londres para trás, apesar do fato de que viajar longas distâncias geralmente o deixava inquieto e irritado. Tinha percebido que não queria que a viagem terminasse, pois temia que houvesse decepção à espera de sua esposa e talvez sofrimento. Ele não podia fazer nada para protegê-la do que quer que viesse, no entanto. Só podia estar lá com ela. Ela precisava fazer isso.

Aqueles que conheciam apenas o seu lado público teriam esperado que ele não sentisse nada senão desdém pela pequena e bonita aldeia onde os avós dela viviam, e pelo

humilde vigariato ao lado da antiga igreja normanda e pelo idoso, ligeiramente encurvado, amável vigário e sua pequena mulher de cabelos grisalhos, com seu grande boné, cujo único criado trabalhava somente de manhã, exceto no domingo, que era um dia de descanso para todos os trabalhadores.

— Exceto o vigário — observou aquele cavalheiro com uma risada.

Porém, não houve decepção à espera de Anna, embora houvesse muita dor para ser conversada. A verdade tinha sido instantaneamente evidente para Avery, mesmo antes que todos entrassem no vicariato e estivessem, confortavelmente, sentados num aconchegante salão quadrado, generosamente decorado com tapeçarias de crochê, figuras de porcelana e jarros de cerâmica. Apenas os detalhes da história precisavam ser preenchidos.

Para os Snows, Riverdale era conhecido somente como Humphrey Westcott. Ele não tinha dito nada sobre seu título ou sobre fato de que ele era o herdeiro de um condado. Eles ficaram surpresos... e, talvez, pouco impressionados, ao saber que sua filha fora a Viscondesa Yardley, não apenas a Sra. Westcott. Eles tinham certeza de que ela nunca soubera. Avery trocou um olhar com Anna e soube que ela estava se lembrando do casamento deles há poucos dias... Srta. Anastasia Westcott e o Sr. Avery Archer.

— Alice foi para Bath para ser governanta — explicou o vigário — Ela conheceu e se casou com Westcott lá, antes mesmo de nós o conhecermos. Tudo ficou muito bem por um

tempo. Eles tinham quartos ali e, então, Anna nasceu... Anastasia a batizaram, mas Alice sempre a chamou de Anna e nós também. Em seguida, seu marido começou a desaparecer por semanas, de tempos em tempos, e ela ficou doente com o que acabou sendo tuberculose, e o aluguel estava atrasado e o senhorio estava atrás dela para o pagamento porque Westcott nunca estava em casa, e não havia dinheiro suficiente para a comida. Finalmente, ela pediu carona com algumas pessoas que conhecia e voltou aqui, trazendo a pequena Anna com ela e ele não fez nada mais do que um protesto simbólico. Ele veio aqui uma vez e ameaçou um pouco, nunca gostamos dele, Alma e eu, mas ele não ficou. Ele nunca enviou nenhum dinheiro e apenas uma ou duas cartas, que sempre vieram através de um advogado em Bath. Nunca nenhum presente para a criança. Depois que Alice morreu, conversamos sobre isso, minha esposa e eu, e decidimos que a coisa mais decente a fazer era avisá-lo, embora não esperássemos que isso importasse muito para ele. Era importante para nós. Nossa filha, nossa única filha, se foi, e a pequena Anna estava andando por toda a casa, parecendo perdida e perguntando onde mamãe tinha ido e quando ela voltaria.

Ele parou para assoar o nariz em um grande lenço.

— Mas ele veio — ele continuou — e ele insistiu em levar Anna com ele, embora nós implorássemos para deixá-la aqui. Ela era tudo o que nos restava, e Alma tinha sido mais mãe que avó quando Alice estava doente. Ele a levou de qualquer jeito e ele nunca escreveu. Passaram-se treze meses antes

que ele, finalmente, escrevesse... apenas uma breve nota lamentando informar que sua filha, Anastasia, havia morrido de febre tifóide. Ele não respondeu à carta que eu escrevi em resposta.

— Ele me levou para Bath — Anna disse — e me deixou em um orfanato lá, como Anna Snow. Ele nunca voltou, mas ele me sustentou durante toda a minha infância e até sua morte recentemente. Ele já havia se casado novamente antes de minha mãe morrer. Eles tiveram três filhos, meu meio-irmão e minhas meias-irmãs. O casamento era bigamo, naturalmente, e os filhos ilegítimos, um fato que causou muita angústia desde que a verdade veio a tona após a morte dele. O seu título e as propriedades que lhe foram atribuídas passaram para meu primo de segundo grau e a sua fortuna para mim. Suponho que ele temia me deixar aqui com vocês e, de que alguma forma, vocês descubrissem e trouxessem a verdade a tona.

— Se não tivéssemos escrito depois que Alice morreu, Isaías — disse sua esposa — talvez ele tivesse esquecido tudo sobre nós e nos deixado em paz. Talvez Anna tivesse crescido aqui onde ela era amada. Oh, que maldade terrível. Eu sofri por você, Anna, morta tão logo depois de Alice, até eu ficar de cama e teria ficado lá se eu não tivesse, de repente, percebido que se eu morresse também eu deixaria seu avô com um fardo muito pesado para qualquer mortal suportar. Mas em meu coração tenho sofrido, desde então. Você era uma criançinha tão... adorável. E cresceu sozinha num orfanato? Tão perto daqui? Só em Bath? Ah, meu coração dói.

Anna estava sentada em um banquinho coberto de crochet ao lado da cadeira da avó, segurando sua mão — Mas pelo menos — ela disse — eu não estou morta. E pelo menos, agora, sei que você não me mandou embora porque você não me queria.

A avó gemeu.

— Senhor — Avery virou-se para o velho cavalheiro, que estava soprando o nariz novamente — Se não há um impencilho, eu gostaria de dar uma olhada mais de perto no pórtico e na igreja. Estou certo de que minha esposa vai desfrutar de um momento com sua avó.

O reverendo levantou-se tão depressa que pareceu a Avery aliviado. Havia um limite no sentimentalismo que um homem podia suportar.

— E você é Duque — disse ele, balançando a cabeça com incredulidade — e Anna, Duquesa. Seu casamento deve ser recente?

— Três dias atrás, senhor — disse Avery — Nós nos casamos em silêncio, por licença especial, ao invés de esperar pelo aviso. Anna queria vir aqui assim que meu secretário descobriu onde vocês estavam, e eu queria permitir que ela o fizesse sem atrasos desnecessários.

— Você é um anjo — disse a Sra. Snow — Você até parece um pouco como um. Não é, Isaías?

— É o cabelo, minha senhora — disse Avery, fazendo uma careta deliberada — A desgraça da minha existência.

— Nunca diga isso — disse ela — É a sua auréola. Entre na cozinha, Anna, e eu vou preparar um pouco de chá para

nós. Você deve me contar tudo sobre sua vida e muito mais. Oh, por favor, não deixe ninguém me beliscar. Eu ainda estou com medo de que eu vou acordar a qualquer momento. Você é tão bonita. Não é, Isaías? Assim como sua mãe antes de adoecer. Venha.

E ela se levantou e puxou Anna com ela enquanto o vigário levava Avery para fora.

E a coisa era, pensou Avery na hora seguinte, que ele não estava apenas sendo educado, mostrando um interesse fingido no que era claramente o orgulho e alegria do vigário. Ele gostava de examinar a estrutura do pórtico e dar uma olhada na igreja escura e úmida e subir os degraus de pedra para a plataforma da torre de onde os sinos, que ele podia ver acima de sua cabeça, eram tocados aos domingos e para casamentos e funerais — embora apenas um deles fosse tocado nessas últimas ocasiões, explicara o vigário. Avery gostava de ouvir a história da igreja, que o reverendo Snow claramente gostava de contar em grande detalhe. E deixou-se levar, lentamente, pelo pátio da igreja, enquanto o vigário apontou uma série de lápides, que levavam os nomes das famílias que viveram na área durante séculos. Foi-lhe mostrado o túmulo da mãe de Anna: *Aqui descansa Alice Westcott, Amada Filha Única do Reverendo e Sra. Snow, Mãe Devota de Anastasia, Sentimos Saudades.* E as datas, mostrando que ela tinha vinte e três anos de idade no momento de sua morte. Mais jovem do que Anna agora.

Avery virou a cabeça em direção ao vigário e pôde ver que Anna e sua avó estavam em uma janela do andar de cima

olhando para fora. Ele ergueu a mão e Anna ergueu a dela em retorno. Ele a traria ali depois. Embora talvez seus avós preferissem fazê-lo.

Pouco depois, Avery enviou a sua carruagem de volta para a estalagem onde ele tinha reservado quartos para a noite e o resto de sua comitiva já estava instalada. Mandou dizer que iriam ficar lá até novo aviso, incluindo seu criado e a criada de Anna, embora cada um devia arrumar uma bolsa de itens essenciais e enviar as duas bagagens, não mais, de volta ao vicariato.

Quando duas pessoas idosas o tinham olhado com olhos ansiosos e suplicantes, e uma moça olhava para ele com tanta confiança em sua resposta, concordara que ficariam por alguns dias. Aqueles que conheciam o Duque de Netherby ficariam cheios de assombro e de incredulidade. Mas o próprio Duque estava descobrindo, rapidamente, que onde quer que sua esposa estivesse ou desejasse estar era onde ele também queria estar, mesmo que se tratasse de um vicariato certamente não maior do que o hall de entrada em Morland.

A realização foi algo alarmante. Era também novidade suficiente para ser explorada. Talvez estar apaixonado fosse o que sua alma ansiava por tanto tempo.

Ou talvez ele estivesse meramente louco.

Ficaram oito dias. Anna desmatou canteiros de flores com sua avó, cortou flores desbotadas e reuniu buquês para

a casa. Ela sentou-se com a avó na sala de estar, falando sem parar, tirando o pó de todas as pequenas bugigangas e das superfícies sob elas, aprendendo a fazer crochê, uma forma de costura em que ela nunca antes se sentira muito interessada. Elas passavam algum tempo na cozinha durante as tardes, assando bolos e tortas, misturando grandes jarras de limonada e preparando chá. Elas foram visitar alguns vizinhos e caminharam juntas pelo cemitério. Em uma tarde quente, elas se sentaram por um tempo em um banco de pedra dentro do pórtico rindo sobre como Anna tinha sido fascinada e amedrontada pelo mesmo quando criança.

Ela também passava tempo com seu avô mas, geralmente, era quando os quatro estavam juntos. Avery passou a maior parte do tempo com ele. Mesmo quando o avô estava trancado em sua sala escrevendo o sermão de domingo, Avery sentava-se lá com ele, lendo. Os dois homens pareciam realmente gostar da companhia um do outro, para surpresa de Anna. Às vezes ela olhava para o marido e se lembrava dele como o tinha visto pela primeira vez. Era difícil acreditar que ele era o mesmo homem. Vestia-se da mesma forma, exceto pelo fato de que o monóculo, a caixa de tobacco e a maioria de suas jóias estavam esquecidos em uma tigela de porcelana no pequeno quarto que compartilhavam. E sua gravata estava amarrada com um simples nó, ela notou, e suas botas perderam algum brilho, e ele pareceu despreocupado com isso. Sua maneira também era mais relaxada, menos lânguida. Ele tratou ambos os seus avós com respeito caloroso e sem indício de condescendência. Ele

conversava abertamente e com sensatez, sem nenhuma das afetações verbais que a haviam meio irritado, meio divertido em Londres.

Sua avó não podia ser convencida do contrário em sua opinião de que ele era um anjo.

— E ele adora o chão que você pisa, Anna — ela disse — O bom Deus cuidou de você, meu amor, sem qualquer ajuda de seu avô e avó. Isso vai me manter humilde. No entanto, vou ter algo a discutir com ele sobre isso quando nos encontrar-mos cara a cara no céu. Eu suponho que é para aonde eu vou. Na verdade, não aceitarei um não como resposta.

Ela riu de todo o coração e Anna foi atingida, como ela havia sido uma e outra vez durante esses oito dias, com uma onda de. . . Não de memória exatamente. Lembrava-se de muito pouco dos anos que passara ali. Mas às vezes havia arrepios e toques de familiaridade, nada definido o suficiente para ser capturado pela mente, mas real o suficiente para atingir o coração e permanecer lá. As únicas lembranças reais eram o pórtico, embora o por que ela não soubesse, e o assento da janela, o qual ela tinha descoberto, havia sido o quarto de sua mãe, com a vista abaixo sobre o cemitério e a igreja. Mas havia o riso da vovó, os enfeites, o grande bule redondo de porcelana com sua pintura desbotada de uma cena rural idílica e a pequena rachadura triangular em sua tampa, a maneira do avô de sempre parecer ter os muitos pequenos botões de seus coletes nos buracos errados, e seu sorriso tranquilo e gentil. Havia um sentimento na igreja no

domingo, também, que a fez uma vez contemplar seu avô em seu papel de vigário e se perguntar se ele era Deus. E o sentimento (ou era uma lembrança?) de que ela havia perguntado a avó uma vez no meio do culto e foi calada com uma mão sobre a boca e um sussurro afirmando que de fato ele não era.

A avó riu de bom grado quando Anna lhe perguntou depois do culto, enquanto caminhavam para casa, cada uma delas com um braço ligado ao de Avery.

— Na verdade, aconteceu — disse ela — No momento senti como se pudesse ter morrido de vergonha, pois você escolheu o momento mais quieto, mais solene para indagar em vozinha, que deve ter sido levada até o campanário. Mas eu a mantive como uma doce memória desde então.

— Você pensou que talvez seu avô fosse Deus, Anna? — perguntou Avery — Mas que tolice a sua. Deus é muito mais severo, não é?

Vovó moveu seu braço bruscamente e o acertou nas costelas com seu cotovelo enquanto ela ria.

Foi uma semana idílica em muitas maneiras para contar. Anna e Avery saíam para passear no campo, ao longo de trilhas e trilhos de carros onde quer que estes os conduzissem, o braço dela entre o dele ou, por vezes, de mãos dadas, com os dedos entrelaçados ou, às vezes, quando não havia ninguém à vista, abraçados pela cintura. Ocasionalmente, ele parava para beijá-la e voltar a sua velha maneira.

— Anna — ele disse uma vez com um tremor notável — você está adquirindo a tez rosada de uma mulher do campo. Você realmente parece estar saudável. Não tenho a certeza se me atrevo a levá-la de volta a Londres. Talvez lábios mais rosados oferecessem uma melhoria — E, depois de beijá-la completamente e olhar para ela com os olhos preguiçosos — Sim, isso definitivamente ajuda. Terei que continuar fazendo isso.

— Absurdo — disse ela, sorrindo para ele.

— Muito.

Ele fazia amor com ela todas as noites, lenta e silenciosamente, pois a casa não era muito grande. Era maravilhoso, além das palavras.

Na noite anterior à partida deles, depois de vários dias de hesitação, seus avós concordaram em ir para Morland Abbey por algumas semanas durante o verão — Avery mencionara um mês ou dois ou dez. O avô de Anna havia ameaçado se aposentar pelo menos nos últimos cinco anos, relatou sua avó, e havia um jovem perfeitamente capaz, dentre seus conhecidos, um pároco auxiliar em uma igreja em Bristol, que estaria super ansioso para ter uma vida própria. Não seria preciso muito esforço para persuadi-lo a vir como substituto por algumas semanas.

— Talvez, Isaías — acrescentou — você verá, quando retornarmos, que a paróquia não desmoronou sem você.

— Talvez, Alma — disse ele, sorrindo para ela com carinho — é disso que eu tenha medo.

Ele mandaria sua própria carruagem, disse Avery, e não iria aceitar nenhum protesto, e criados o suficiente para garantir a sua segurança e conforto durante a viagem. Ele faria todos os arranjos para cavalos e bebidas e acomodações. Tudo o que precisariam fazer era ir.

— Isso significará o mundo para Anna — disse ele — E isso me dará grande prazer. Há alguns resíduos restantes da antiga abadia, incluindo o mosteiro. Eles o interessarão, senhor.

Houve lágrimas derramadas na manhã seguinte, antes que Avery colocasse Anna na mais clara de suas duas carruagens, que tinham retornado da estalagem onde o resto de sua comitiva os esperava. Mas havia sorrisos também. Em breve todos se veriam novamente.

— Tão diferente da última vez que fui arrancada deles — disse ela, sentada em seu assento enquanto a carruagem saía da aldeia.

— Você se lembra? — Ele perguntou, pegando sua mão.

— Não com a cabeça — disse ela — Mas com o coração, sim. Eu me lembro de chorar e chorar. Lembro-me da voz do meu pai, rude e impaciente, dizendo-me para ser uma menina crescida. Acredito que tive muita sorte em não ter que crescer com ele como Harry e Camille e Abigail tiveram.

— Essa é uma maneira de ver isso — disse ele — Sim, de fato, minha Anna, você teve a sorte de crescer em um orfanato.

Ela virou a cabeça para sorrir para ele — Não foi tão ruim assim, disse ela — Isso me transformou na pessoa que

sou agora e, atrevido como pode soar, eu gosto de mim como eu sou.

— Hmm. — Ele pareceu bastante pensativo por um momento — Sim, eu também. Eu até gosto dessa touca, embora cada sentimento mais fino devesse revoltar-se à vista dele.

Era o chapéu de palha que usara em seu casamento ... e todos os dias desde então.

— E então voltamos a Londres — disse ela — Posso encarar isso agora.

— Londres pode esperar mais um dia ou dois, disse ele — Vamos para Bath.

— Bath? — Ela ergueu as sobrancelhas.

— Quero ver seu orfanato — disse ele — E eu quero conhecer aquele. . . Seu amigo.

— Joel?

— Sim, Joel — concordou ele — E vamos visitar a senhora Kingsley, Camille e Abigail.

Ela olhou para ele, seu coração batendo desconfortavelmente — Mas elas nos receberão? — Ela perguntou — Eles vão me receber?

Ele entregou-lhe um grande lenço de linho e ela percebeu que duas lágrimas rolavam por suas bochechas.

— O Duque de Netherby é recebido em todos os lugares — disse ele em seu velho modo — Ele é um homem de enorme importância. A Duquesa de Netherby será recebida com ele. Além disso, Anna, há a ligação da família e a Sra. Kingsley pelo menos ficará curiosa para conhecê-la.

— Ela é a mãe da ex-Condessa, ela lembrou.

— Sim — ele concordou, pegando o lenço da mão dela e secando suas bochechas e olhos com ele.

A Sra. Kingsley possuía uma casa na Royal Crescent, o endereço mais prestigioso de Bath, curvado em linhas elegantes e clássicas no topo de uma colina com uma vista panorâmica sobre a cidade e o campo além. Kingsley tinha sido um homem rico, daí o casamento entre sua filha e o falecido Conde de Riverdale. Avery enviou seu cartão com o mordomo no início da tarde, do dia seguinte à sua chegada com Anna, e eles foram levados até a sala de estar alguns minutos depois e anunciados com dignidade formal.

Avery havia encontrado a Sra. Kingsley uma ou duas vezes antes. Ela era uma senhora formidável, alta e de cabelos brancos. Ela veio em direção a eles pela sala, cumprimentou Avery cordialmente enquanto apertava sua mão e, então, se virou para olhar firmemente para Anna.

— Duquesa — ela disse em frio reconhecimento da apresentação dele — Seria injusto culpar o filho pelos pecados do pai. Você é bem-vinda à minha casa.

— Obrigada, senhora — disse Anna e Avery, virando-se para olhá-la, não se surpreendeu ao vê-la calma e digna, com as mãos cruzadas diante dela. Ele apostaria, porém, que se ele pudesse ver através de suas luvas, ele descobriria que seus nós dos dedos estavam brancos. Ela tinha apenas

brincado com seu café da manhã e seu almoço depois de ter se alimentado bem durante a semana passada.

Camille e Abigail estavam ambas presentes e ambas estavam de pé. No entanto, nenhuma delas se moveu em direção à porta. Camille parecia mais magra e pálida, pensou Avery, enquanto Abigail parecia meramente pálida. Ele curvou-se para elas e se aproximou.

— Ao passar por Bath — disse ele, segurando o monóculo em seu punho — sente-se o desejo de visitar os primos por casamento.

— Nem mesmo isso, Avery — comentou Camille.

— Ah — ele disse — mas seu pai e minha madrasta eram irmão e irmã. Isso certamente nos torna primos de certa forma. E nunca diga a Jessica que não há conexão entre vocês. Não somente choraria um oceano, ela também iria fazer uma birra horrível e testar meus nervos ao ponto de ruptura. Como vai, Camille? E você, Abigail?

— Bem — disse Camille secamente.

— Sim, bem — disse Abigail — E muito obrigada por visitar-nos, Avery. Espero que tenha deixado a tia Louise e Jessica em boa saúde?

— Eu deixei — ele disse — mas muito ressentidas também sobre o fato de que Anna e eu escolhemos casar em silêncio e secretamente ao invés de sermos submetidos a todas as alegrias de um casamento com “C” maiúsculo. Vocês irão cumprimentar minha esposa? Ela vai ficar muito infeliz se vocês não o fizerem e, então, eu vou ficar infeliz também. E é um aborrecimento ser infeliz.

Abigail olhou para ela e cumprimentou-a com uma pequena reverência. Camille olhou gravemente para ela enquanto todos se sentavam.

— Eu recebi uma carta de Jessica há alguns dias — disse Abigail — embora o anúncio nos jornais de Londres já tivesse sido trazido à atenção da vovó. Desejo-lhe felicidade, sua Gr ... Ela parou por um instante e franziu a testa — Desejo-lhe o bem, Anastasia. Escrevi de volta a Jessica para sugerir que talvez fosse hora de deixar de amargura. Eu deveria seguir meu próprio conselho.

— Obrigada, Abigail — disse Anna — Acabamos de passar uma semana na aldeia de Wensbury com meus avós maternos, que Avery descobriu para mim. Eles pensaram que eu estivesse morta. Meu pai escreveu para eles, não muito tempo depois que ele me trouxe para o orfanato aqui, para informá-los que eu tinha morrido de febre tifóide.

— Oh — disse Abigail.

Camille franziu o cenho olhando para mãos entrelaçadas em seu colo.

— O Sr. Kingsley estava muito empenhado em casar Viola com o herdeiro do Conde de Riverdale — observou Mrs. Kingsley — A cabeça dele estava completamente virada pela perspectiva de ter uma futura Condessa como filha. E ela estava disposta. Ele era um jovem bonito. Eu me opus desde o início. Eu não gostava dele. Eu o considerava egoísta, e vi que seu encanto ocultava uma falta de caráter. Eu mantive minha paz por anos depois que minhas dúvidas foram afastadas, mas não mais. Ele era um homem perverso.

— Estou contente — disse Camille, tensa, sem olhar para cima — que você redescobriu seus avós e eles a você.

— Obrigada, Camille — disse Anna — Você já recebeu notícias de Harry? Ele está seguro?

Harry tinha chegado em segurança a Portugal depois de ser um dos poucos passageiros no navio a não ficar enjoado e, aparentemente, enviou uma breve e muito entusiasmada carta às suas irmãs, como fizera com Avery. Ele estava ansioso para sua primeira batalha e a chance de lutar contra os exércitos Napoleon Bonaparte.

Eles permaneceram durante meia hora, enquanto as senhoras mantinham conversa educada. Disseram adeus com agradecimentos e bons votos de ambos os lados. E Avery, estava agradecido por ter terminado, pegou a mão de Anna que estava enlaçada no braço dele e começou a descer com ela na direção da abadia e da sala de bombas e da parte principal da cidade, a pé, como eles haviam subido porque a colina era muito íngreme para uma carruagem.

— Diga-me, Anna — ele perguntou — foi um erro de julgamento da minha parte trazê-la aqui?

Por um momento ela descansou o lado de sua boina no ombro dele.

— Não — ela disse — porque elas me receberam e foram civilizadas e eu pude ver, por mim mesma, que elas estão em boas mãos com a avó. E talvez agora elas me odiarão menos, embora o fato de eu ter casado com você, certamente, não agradou a elas. É verdade que o tempo cura todas as feridas, Avery?

— Eu realmente não tenho ideia — disse ele com toda a honestidade — Mas, por boa causa, afirmo de forma bastante dogmática que sim, é claro que o tempo cura todos os males.

— Obrigada — Ela sorriu tristemente para ele.

Capítulo 22

Foi cortês da parte deles nos chamar — Camille foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Foi o que pensei — sua avó concordou — Isso é o que posso esperar de Netherby, é claro. Deve ter tomado considerável coragem, no entanto, para que sua Duquesa o acompanhasse. Fiquei surpresa ao encontrá-la tão modestamente vestida, embora seja claro que ela tem as melhores costureiras. Não pude detectar nenhum traço de vulgaridade nela, e suas maneiras são excelentes.

— Ainda não entendo por que Avery se casou com ela — disse Abigail — Ele tem a reputação de ter olho só para as mais aclamadas belezas.

— Isso, creio eu, Abby — disse Camille — é exatamente o ponto. Você viu a maneira como ele olhou para ela?

Abigail suspirou — Eu pensei que talvez o primo Alexander se casasse com ela — ela disse — a fim de reunir o título e a fortuna. Mas Avery foi quem se casou em vez disso. Ele não teria feito isso apenas por piedade, e não teria certamente por avareza.

— Certamente que não — disse Camille — Oh, nós temos estado rodando e contornando estes argumentos nos poucos dias, desde que vovó leu o anúncio, até eu estou mortalmente

doente com o assunto. Eu acredito que ele se casou com ela por amor, Abby, surpreendente como possa parecer.

— Pobre Jess — Abigail disse — Ela se sente ressentida de Anna em nosso nome, embora ela esteja perfeitamente bem ciente de que nada nesta situação triste é culpa da minha meia-irmã. E agora Anna é sua cunhada, assim como sua prima.

— Ela deve aprender a se acostumar — Camille disse, levantando-se impacientemente e cruzando a janela, de onde olhava para o parque em declive e para a vista abaixo — da mesma forma que você a aconselhou fazer, Abby. Imagino se ela, a Duquesa, quero dizer, irá levar Avery para ver o orfanato. Você acha que eles descobrirão se ela o fizer?

Que eu estive lá? — perguntou a avó. — Que eu concordei em financiar uma grande estante para a sala de aula e livros para preenchê-la? É o tipo de coisa que um número de cidadãos de Bath fazem por espírito de caridade. Não vejo razão alguma para que a Duquesa de Netherby seja informada ou por que ela o consideraria notável se fosse.

— Que eu estive lá, vovó — disse Camille, virando-se da janela.

— *Você?* — Sua avó estava espantada — Você tem estado no orfanato, Camille? Quando, orando? Em meu conhecimento você deixou a casa somente duas vezes desde que você chegou aqui, as duas vezes para caminhar com Abigail e, as duas vezes, com um véu pesado sobre sua touca para cobrir sua face, da forma como se estivesse em algum tipo de desgraça e estivesse com medo de ser reconhecida.

— A primeira vez caminhamos — Camille disse a ela — A segunda vez eu entrei e pedi para falar com o gerente. Abby não veio comigo. Ela andou para cima e para baixo na rua até que eu saí.

— Eu não tive sua coragem, Cam — disse Abigail.

— E? — Sua avó perguntou, franzindo o cenho.

— A Srta. Ford, a governanta, foi agradável o suficiente para mostrar-me alguns dos quartos — Camille disse — após eu explicar quem eu era. Ela ainda sente falta de...Anna Snow. Assim fazem os demais, aparentemente. Ela era quieta e despretensiosa, mas... Como exatamente a Srta. Ford nomeou isso?... Seu real valor, para eles todos, foi maior quando ela não estava mais disponível. A professora substituta não funcionou bem. Ela ameaçou várias vezes partir e eu entendi que a Srta. Ford espera que ela seja demitida logo.

— Cam — Abigail disse, sua face infeliz — Eu ainda acho que você...

Mas Camille levantou uma mão para detê-la — Eu me ofereci para ocupar o lugar da professora se houver uma vaga, vovó — disse ela — mesmo que por um curto período até que alguém mais qualificado e mais experiente possa ser encontrado.

— O que? — A mão de sua avó arrastou-se até as pérolas em seu pescoço — Camille? Realmente não há necessidade disso.

— Há — disse Camille — De alguma forma, devo me colocar em seu lugar, isto é, de Anna Snow, mesmo que seja

por pouco tempo e mesmo que nunca consiga saber como é ser uma criança lá. Devo parar de odiá-la. Talvez eu possa fazê-lo se eu tomar seu lugar.

Abigail estendeu as mãos sobre o rosto.

— Parece-me — disse a Sra. Kingsley — que odiar ou amar é uma questão de força de vontade, Camille. Você não precisa se submeter a essa humilhação.

— A força de vontade não parece funcionar — disse sua neta — Funciona na mente, mas não no coração.

— Bem — disse a avó com vivacidade — talvez a professora não saia de seu posto e talvez a governanta não tenha coragem de despedi-la ou tenha outra pessoa em mente antes de tudo. E talvez um dia você venha para o Pump Room comigo para o passeio da manhã e conheça algum cavalheiro para tirar sua mente do Visconde de Uxbury. Abigail me acompanhou duas vezes e atraiu interesse nas duas vezes. Muitas pessoas aqui não irão refinar muito na sua mudança de status. Vocês são, afinal de contas, minhas netas e eu sou mantida na mais alta estima na sociedade de Bath.

— Vamos ver — disse Camille, voltando para a cadeira — Mas foi civilizado da parte deles terem vindo. E perguntarem sobre Harry.

— Harry é seu irmão, Cam — disse Abigail, esfregando os olhos com o lenço antes de guardá-lo — E nós somos suas irmãs.

A Srta. Ford não mencionou a visita de Camille ao orfanato. No entanto, ela mencionou o fato de que a Sra. Kingsley, uma proeminente cidadã de Bath, mostrou recentemente um interesse bem-vindo na casa e financiou a compra de uma grande estante para a sala de aula e livros de todos os tipos para preenchê-la. A matrona mencionou-o apenas porque o Duque e a Duquesa de Netherby fizeram uma oferta idêntica. Anna não acreditava ter feito a ligação entre a Sra. Kingsley e ela mesma. Tinha sido o sonho de Anna, quando ela lecionou lá, de ter livros para todas as crianças para lerem independentemente da idade ou interesse ou capacidade de leitura. No entanto, quando enviara uma grande quantia de dinheiro para o orfanato, logo depois de herdar sua fortuna, ela não tinha especificado em que deveria ser gasto, e a Srta. Ford, com a aprovação da diretoria, tinha comprado algumas novas camas e outros móveis para os dormitórios e janelas novas para a sala de jantar.

A cozinha era velha, dos fornos para a lareira até a despensa, as mesas de trabalho e o piso desigual, com equipamento de lavandaria ainda mais velho. Tudo tinha sido reparado e consertado tantas vezes, explicou a cozinheira ao Duque, depois que ela se recuperou um pouco de seu espanto, que agora havia reparos e remendos nos consertos e remendos. Seria um prazer para ele e para sua Duquesa, Avery assegurou a ela e à Srta. Ford, que renovassem tudo se pudessem suportar o inconveniente de ter empreiteiros e

trabalhadores por tantos dias quantos fossem necessários para o trabalho a ser feito.

Ele ainda mantinha a mesma aparência de como ele tinha permanecido durante sua estada no vicariato. Todas as suas correntes, anéis e relógio tinham sido deixados no Royal York Hotel, onde eles estavam hospedados, juntamente com o seu monóculo e rapé. Seu lenço estava bem amarrado, mas sem qualquer arte costumeira. Seus olhos estavam abertos, seu jeito o de um refinado e gentil cavalheiro. Divertia Anna como ele podia mudar facilmente. Tocou-a também que ele não tivesse ido ali com um ar de tédio afetado ou condescendência. Quando Winifred Hamlin arranjou a coragem de aproximar-se dele e informá-lo de que havia orado pela Srta. Snow, quando ela partiu para Londres, e suas orações foram respondidas, ele olhou para ela com um sorriso que enrugou os olhos nos cantos.

— Sem suas orações, então — ele disse — eu nunca poderia ter encontrado sua Srta. Snow, casado com ela e feito dela minha Duquesa. Minha vida teria sido cada vez mais pobre pela falta dela. Vou me lembrar que tenho que te agradecer pela minha felicidade, jovem dama.

— Oh, não a mim — assegurou Winifred, apontando para cima.

Isso aconteceu na sala de aula, onde a Srta. Ford tinha convocado todas as crianças, as aulas do dia tinham sido canceladas. E elas tinham vindo todas se espalhando para dentro, até mesmo as crianças que eram cuidadas por algumas das meninas mais velhas, e olhavam em admiração

e temor para sua Srta. Snow, que estava agora tão perto de ser uma princesa, como era possível conseguir sem realmente ser. A maioria delas ainda estava de bom humor depois de uma visita de Bertha Reed no início do dia.

Anna apresentou seu marido, e ele se curvou e sorriu enquanto as crianças aplaudiam e davam vivas.

— Srta. Snow — disse Olga Norton, acenando com a mão no ar quando o ruído diminuiu um pouco — A Srta. Nunce nos disse que você estava errada em nos ensinar a sonhar, porque os sonhos não se tornam realidade para novecentos e noventa e nove entre mil pessoas, especialmente pessoas como nós. Ela disse que você era uma má influência.

Houve um aumento de assentimentos ofendidos.

Oh céus. Srta. Nunce, lembrou Anna, era a nova professora.

— Olga! — Soou a Srta. Ford com vergonha.

— Bem, você sabe — Anna disse — A Srta. Nunce está correta. Muitos poucos sonhos se tornam realidade exatamente como nós os sonhamos. Mas sonhos podem se tornar realidade de maneiras inesperadas que trazem tanta felicidade. Se você sonha em ser o capitão de um grande navio, você pode não conseguir o seu sonho. Mas você pode perceber que uma vida nos mares é o que você quer e se tornar um marinheiro e ver o mundo e ser a pessoa mais feliz que você pode possivelmente ser. E se você sonha em se casar com um príncipe, ou um Duque, você pode não realizar esse sonho, pois não há muitos príncipes e Duques disponíveis.

Ela fez uma pausa para deixar o riso encantado morrer, durante o qual várias crianças apontaram para Avery e gritaram com alegria — Mas você pode encontrar um homem que vai te amar, te prover e ganhar a sua devoção, e você pode casar com ele e ser feliz para o resto de sua vida. O mesmo pode ser verdade em sentido inverso para os meninos. Os sonhos são muito importantes, pois eles podem nos dar muitas horas de prazer, e eles podem ajudar a nos inspirar e apontar na direção que precisamos ir pela vida. Mas qual é o fato mais importante sobre nós mesmos que devemos sempre, sempre lembrar? Quem pode me dizer?

Várias mãos estavam esticadas.

— Tommy?

— Que somos tão importantes quanto qualquer outra pessoa, Srta. — disse Tommy — Tão importante quanto ele — Apontou descaradamente para Avery — Mas não mais importante do que qualquer outra pessoa.

— Exatamente — disse ela, sorrindo para ele — Mas não quero contradizer o que a Srta. Nunce lhe ensinou. Eu acredito que ela não quer que nenhum de vocês fique desapontado se o maior dos seus sonhos nunca se tornar realidade. Ela não quer vê-los magoados. Ela quer que vocês vejam que há sucesso, satisfação e felicidade para ser encontrado em todos os tipos de lugares surpreendentes. A vida muitas vezes nos move em direções inesperadas. Mas, bom Deus, a maioria de vocês já passou boa parte do dia na sala de aula, aqui aprendendo suas lições. Eu não vou manter vocês por mais tempo. Vou permitir que a Srta. Ford

os liberem. Mas eu penso em vocês todos os dias, vocês sabem. Fui feliz aqui. É um lugar feliz.

As crianças aplaudiram novamente, mas não mostraram relutância em serem liberadas. Anna mordeu o lábio, à beira das lágrimas. Ela os amava muito. No entanto, não era um amor sentimental ou piedoso. Todas tinham um caminho na vida para forjar e seguir e realmente tinham tanta chance de ter uma vida boa quanto a maioria das crianças que cresciam em uma casa com seus pais. Mesmo para aquelas crianças a vida não era sem desafios.

— Não tenho certeza de que falei a verdade sobre a Srta. Nunce — disse ela à Avery enquanto voltavam para o hotel, ainda a pé — Se ela mata os sonhos dessas crianças, ela vai tirar-lhes algo que é infinitamente precioso. O que eles seriam, o que seria de nós, sem sonhos?

— Você não deve se preocupar — disse ele — A mulher soa como uma desmancha-prazeres para mim e não deve ser permitida dentro de duas milhas de uma sala de aula. Ela se opôs à ideia de livros para as crianças, não é? Mas ela não tem o poder de matar sonhos, Anna. Os sonhos são tão naturais e tão essenciais para nós quanto respirar. Essas crianças vão sonhar. Os meninos vão querer ser um outro Lord Nelson, embora, presumivelmente, sem a sua morte. As meninas vão querer se casar com um príncipe ou ser outra Joana d'Arc sem o martírio.

— Será que mesmo os Duques sonham? — Ela perguntou.

— Eu não era um Duque quando criança — disse ele — apenas um marquês.

— E os marqueses sonham?

— Claro — disse ele.

— O quê? — ela perguntou — Com o que você sonhou? O *que* você sonha?

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que ela pensou que não ia responder. Estavam quase chegando às portas do hotel antes de falar.

— Alguém a quem amar — ele disse suavemente quando era tarde demais para ela responder.

Joel Cunningham, amigo de Anna, se juntou a eles para jantar, naquela noite, numa sala de jantar privada no Royal York. Ele entrou na sala, três minutos mais cedo, vestido de forma irrepreensível, mas sem imaginação, para a noite. Ele era alto, embora não particularmente muito, e largo de circunferência, embora de forma alguma gordo. Tinha um rosto redondo e aberto, cabelos muito curtos e escuros e olhos escuros. Ele tinha dentes bons... e estava sorrindo.

Avery odiava o que via. Sua mão coçou para agarrar seu monóculo, mas ele resistiu.

— Anna — Suas duas mãos estavam estendidas em sua direção. Avery poderia ter sido parte do mobiliário — Apenas olhe para você. Você parece... elegante.

— Joel — Ela estava olhando para ele com um sorriso para combinar com o seu próprio e ambas as mãos estendidas ao seu alcance — Estou tão feliz que você pôde vir. E isso é um casaco novo. É muito elegante.

Juntaram-se as mãos e ambos se curvaram como se estivessem prestes a abraçar-se. Talvez eles não fizessem, pensou Avery, porque ele *não* era parte da mobília. Anna virou o rosto ainda radiante para ele enquanto ainda segurava as mãos do homem.

— Avery — ela disse — este é meu querido amigo Joel Cunningham.

— Eu pensei que fosse — Avery disse em um suspiro e, apesar de si mesmo, seus dedos se enrolaram sobre o cabo de seu monóculo — Como vai?

— Avery, meu marido — disse Anna — o Duque de Netherby.

Cunningham soltou suas mãos e virou-se para fazer uma reverência, e Avery estava interessado em notar que o homem olhou para ele com o mesmo tipo de avaliação crítica e hostilidade velada como *ele* tinha acabado de olhar para Cunningham. Como dois cães disputando o mesmo osso? Que pensamento alarmantemente baixo.

— Encantado — disse Cunningham.

Anna estava olhando de um para o outro e Avery podia ver que ela tinha dimensionado a situação com bastante precisão e estava divertida.

Não era um começo auspicioso para a noite, mas Avery certamente não gostava da imagem de si mesmo como um

marido ciumento, era o suficiente para dar-lhe estremecimentos. E Cunningham engoliu qualquer hostilidade que ele poderia ter trazido com ele ou concebido em sua primeira visão do homem com o qual sua amiga tinha se casado. Eles se estabeleceram em uma conversa de três vias que foi realmente bastante agradável e a comida era certamente superior.

Cunningham era um homem inteligente e instruido. Ele estava fazendo, ao que Avery percebia, uma renda cada vez mais lucrativa como pintor de retratos, embora ele sonhasse em fazer um nome para si mesmo como um paisagista e ele tinha, também, um sonho vago de se tornar um escritor — Embora as pessoas com algum talento nas artes visuais nem sempre tinham talento semelhante com as palavras — disse ele.

— Os que se sentam para seus retratos ainda são principalmente pessoas mais velhas? — Perguntou-lhe Anna — Sei que sempre quis pintar pessoas mais jovens.

Ele pensou sobre isso — Sim, eu gosto de pintar juventude e beleza — disse ele — mas as pessoas mais velhas tendem a ter mais caráter para serem capturadas na tela. Elas apresentam um desafio mais interessante. Só recentemente percebi isso. Talvez seja um sinal de que meu próprio caráter está amadurecendo.

Ele não tinha feito muito ou nenhum progresso em manter um olho na Srta. Westcott, ele relatou a Anna. Cunningham tinha visto, quem ele presumiu ser, a irmã mais nova entrar no Pump Room com sua avó em algumas

ocasiões, mas ele não tinha posto os olhos em cima da mais velha.

— Encontrei a Sra. Kingsley com a jovem Srta. Westcott em uma das tardes de literatura da Sra. Dance — disse ele — e ela foi amável sobre as miniaturas que eu tinha levado comigo. Ela fez menção de *duas* netas que vivem com ela e estava claramente pensando sobre as possibilidades. Escrevi a você sobre isso, Anna, verdade? Mas eu não tenho notícias dela desde então, e eu não bati na porta dela com meu cavalete na mão. Às vezes, essas coisas levam tempo, paciência e uma pequena manobra.

Anna sorriu com compreensão — Avery e eu as visitamos hoje — disse ela — Elas estão em boas mãos com a Sra. Kingsley, Joel, e eu nunca quis que você fizesse mais do que localizá-las para mim e me assegurar, se pudesse, que elas estavam bem instaladas aqui.

Cunningham também ofereceu seu tempo para ensinar arte no orfanato, algumas tardes por semana. Avery perguntou-lhe como ele trabalhava com a nova professora, e ele fez uma careta.

— Ela é uma tola — disse ele — Mas uma tola perigosa, porque parece altamente respeitável, o tipo de pessoa que deve saber tudo sobre o ensino e as necessidades de crianças em crescimento. E, pior de tudo, ela sabe. Ela se ressente pelo fato de que eu ensino arte e se mantém mencionando o fato de que ela é uma aquarelista realizada e que ganhou aclamação de todos os tipos de pessoas empoadas[10]. Ela se

[10] Pessoas pomposas, orgulhosas.

deu ao trabalho de ouvir minhas aulas e, ocasionalmente, me contradizer abertamente. No Evangelho de acordo com a Srta. Nunce, a boa arte não tem nada a ver com o talento ou a imaginação ou, o céu não permita, a visão individual de um artista e tudo a ver com o artesanato corretamente aprendido e meticulosamente aplicado. Quando um dos meus meninos pintou um céu cheio de luz, cor, vida e glória, ela se recusou a exibí-lo na sala de aula porque o céu não estava com um azul uniforme e não havia uma "bola amarela" no canto superior direito com raios amarelos e de comprimento igual provenientes dela. Eu a agradeci, na frente das crianças, com uma terrível cortesia — você teria adorado, Anna — por permitir que eu levasse a pintura para exibí-la em meu estúdio.

— Oh — Anna disse, seu cotovelo na mesa, seu queixo na mão — se eu pudesse ter sido uma mosca na parede.

— Ela está tentando tornar impossível de eu ficar — disse Joel — Mas eu sou muito teimoso para ir e eu me importo demais com as crianças para fazê-lo. Espero estar fazendo com que seja impossível para *ela* ficar. Deveria ver como eu deixo que as crianças encham todos os suprimentos de arte no armário, Anna. Você teria me repreendido por uma semana. A Srta. Nunce meramente parece severa e martirizada e se queixa a Srta. Ford.

Anna riu e Avery começou a gostar do homem.

— Você é um homem afortunado, Netherby — Cunningham disse-lhe não muito antes de ele se despedir — Eu fiz uma proposta de casamento para Anna, há alguns

anos atrás, mas ela me recusou. Ela contou a você? Ela me informou que estava sozinha depois que deixei o orfanato. Ela me disse que eu iria viver para me arrepender se ela dissesse que sim. Ela estava, indubitavelmente, certa e ela com frequência está. Eu invejo você, mas ela continua sendo minha amiga.

Ele estava enviando uma mensagem distinta, Avery percebeu. Ele estava na vida de Anna para ficar, mas desde que se casara com Avery, não haveria ressentimento, nem ciúme. Não haveria razão para continuar a hostilidade.

— Também tenho inveja de mim — disse Avery, enquanto Anna olhava de novo entre eles, como antes, ciente das correntes interiores — Minha esposa foi muito afortunada por crescer com alguém que continuará sendo um amigo ao longo da vida. Não muitas pessoas podem fazer a mesma reivindicação. Espero que nos encontremos novamente.

Ele quis dizer isso também, quase. Mas não acreditou, por um momento, que Anna não fosse mais a Cunningham do que uma amiga. Ele suspeitava que Anna nem percebesse a verdadeira natureza dos sentimentos do homem por ela.

Logo depois disso, todos se cumprimentaram e Cunningham partiu para casa.

— Ah, Avery — disse Anna, voltando-se para ele quando estavam sozinhos — é tão estranho voltar aqui com tudo sendo o mesmo, mas completamente diferente.

— Você está triste? — Ele perguntou.

— Não — Ela franziu o cenho, pensativa — Não triste. Como eu poderia estar? Só.. — Ela riu suavemente — Só triste.

Ele segurou seu rosto em suas mãos e beijou-a — Partiremos amanhã — disse ele — Mas vamos voltar. Nunca poderemos voltar atrás, minha Duquesa, mas podemos sempre revisitar o passado.

— Sim — Seus olhos estavam nadando com lágrimas — Oh, que estranho e emotivo par de semanas foram essas. Mas estou pronta para partir.

Duas semanas atrás, nem sequer haviam se casado. Ele não podia imaginar-se, agora, sem Anna — um pensamento um pouco alarmante.

— Vem para a cama — disse ele — Deixe-me fazer amor com você.

— Sim — disse ela, inclinando-se para ele.

Mas ela ainda parecia triste.

Capítulo 23

Apaixonar-se tinha sido fácil. De fato, nem tinha sequer sido isso. Só aconteceu. Avery não tinha planejado, nem esperado, nem particularmente desejado. Ele tinha se apaixonado de qualquer maneira. Decidir casar-se e fazer uma oferta também foi fácil. Tinha sido feito sem previdência, inteiramente no impulso do momento, em grande parte porque, ele estremeceu ligeiramente ao pensar, parecia que era possível que ela pudesse ser persuadida e convencida a se casar com Riverdale. Casar havia sido fácil. Não houve nenhum problema ou atraso na aquisição da licença ou em encontrar um clérigo disposto e capaz de casá-los naquela mesma manhã, ou em persuadir Anna a ir com ele.

As duas semanas seguintes tinham sido felizes. Sim, essa era uma palavra adequada e não exagerada. Ele tinha relaxado na maravilha de seu casamento e, sim, mesmo essa palavra, *maravilha* era apropriada. Ele se permitiu desfrutar de companheirismo, amizade e sexo com sua esposa. Ele tinha caído meio apaixonado por seus avós e seu modo de vida. Ele se sentira um pouco como uma criança em um teatro durante aquela semana no vicariato, sem um cuidado no mundo e sem autoconsciência. Ele tinha gostado mesmo de Bath. Camille e Abigail estavam, obviamente, ainda sofrendo, mas estavam em boas mãos e elas resolveriam as

coisas. Ele estava confiante disso. Elas não tinham levado sua meia-irmã ao abraço, mas tinham feito um esforço para serem civilizadas. Ficara maravilhado com o orfanato, que não fora a instituição sombria que esperava, mas que, no entanto, foi o lar espartano de sua esposa durante vinte e um anos. Ela era amada lá, e ela gostava profundamente de todos, funcionários e crianças. Ele tinha até gostado da noite que passaram com Cunningham, a quem ele estava preparado para desgostar e desprezar. Mas o homem era inteligente, interessante e honrado. Estava claro que ele tinha sentimentos por Anna, mas ele tinha escolhido, aparentemente alguns anos atrás, ser seu amigo se ele não pudesse ser nada mais.

Sim, tudo tinha sido fácil e idílico até o seu regresso a Londres. Quase o felizes, para-sempre, idílico. Mas em Londres, Avery descobriu que não sabia como ser casado. Nem uma ideia. Nenhum palpite. E assim, fiel a si mesmo, ele se reservou em sua concha, como uma tartaruga, até que se sentiu razoavelmente confortável.

Mesmo embora razoavelmente confortável não foi fácil. Sempre houve uma distância, uma auto imposta, entre ele e a maioria de seus conhecidos. A maioria das pessoas, ele sabia, havia ficado um pouco admirado por ele. Agora, de repente, a distância era enorme. Casou-se com uma das maiores herdeiras de todos os tempos, que colocaria os pés no mercado matrimonial, quase antes que todos tivessem a oportunidade de vislumbrá-la e nem sequer haviam lido nos jornais matutinos sobre o noivado, apenas sobre o

casamento. E, então, ele tinha desaparecido com ela durante duas semanas no meio da temporada. Agora ele estava de volta.

Entre os homens, naturalmente, havia algo de muito maior importância do que o seu casamento exceto, talvez, entre aqueles que tinham esperado se casar com a fortuna eles mesmos. Havia aquele duelo maldito, que Avery esperava em vão que seria esquecido até que ele voltasse. Em vez disso, o incidente atingira proporções míticas na mente coletiva e os homens olhavampara ele com fascínio e medo e olhavam, precipitadamente, para longe quando ele e seu monóculo os apanhavam. Dizia-se que Uxbury ainda estava em sua cama, embora sem dúvida, o nódulo na parte de trás da cabeça tivesse encolhido do tamanho de uma bola de críquete para a do ovo de uma formiga, se as formigas tivessem ovos, e as contusões no queixo em preto e roxo, provavelmente, tinham clareado para mostarda pálida.

Avery fez sua aparição na Câmara dos Lordes várias vezes, tendo negligenciado seus deveres lá ultimamente. Visitou seus clubes, acompanhou sua esposa a uma série de eventos sociais e, muito corretamente, manteve sua distância dela até que era hora de escolta-la a sua casa. Ele a levou ao Hyde Park, um par de vezes, na hora da moda e andou com ela uma vez às margens do Lago Serpentine, tecendo seu caminho entre outras pessoas. A maioria das noites ele jantou em casa com ela, sua madrasta e Jessica, que agora era considerada adulta o suficiente para se juntar a eles. Ele dormia na cama de Anna e fazia amor com ela pelo menos

uma vez por noite. Eles tomaram o café da manhã juntos e olharam seus convites depois que Edwin Goddard os classificou.

Não havia, absolutamente, nada de errado com seu casamento. Não foi diferente de quaisquer outros da Ton, tanto quanto ele poderia dizer. E isso, que o diabo o levasse, foi o problema. Ele não tinha ideia de como torná-lo melhor, como recuperar o brilho e euforia dessas duas semanas. Elas tinham sido o que as pessoas chamavam de lua-de-mel, ele supôs. Luas de mel, por sua própria natureza, não podiam ser esperadas para durar.

Talvez as coisas fossem diferentes, melhores, quando a sessão parlamentar terminasse e com ela a Temporada e pudessem ir para casa em Morland Abbey durante o verão. Seus avós viriam por algumas semanas. Mas ele estava bem ciente de que o futuro nunca poderia ser invocado para ser uma melhoria sobre o presente. O futuro não existia. Apenas o presente.

O presente foi... decepcionante. Ele tinha conhecido a felicidade por um par de semanas. Sim. Ele testou o pensamento em sua mente. Sim, ele estava feliz. Ele não estava gostando de estar de volta ao normal. E, claro, mesmo normal não era mais normal. Pois havia sua esposa e havia seu casamento e ele não sabia muito bem o que fazer com qualquer um. Ele não estava acostumado a sentir-se inadequado, fora do controle de seu próprio destino.

Ele passava longas horas no andar de cima, no quarto do sótão, suspeitava que Anna nem sequer soubesse que

estava em casa, mas embora trabalhasse impiedosamente até ficar banhado em suor e se sentasse em pose meditativa até quase se transformar em esfinge, ele não encontrou paz. Ele não conseguiu encontrar aquele lugar por sob e por trás de seus pensamentos turbulentos, para o qual se afundar e encontrar descanso. E sempre, sempre, no sótão, fora dele, na cama, em todos os lugares, ele não poderia escapar do eco de uma voz lenta e pacífica dizendo-lhe, em seu sotaque chinês pronunciado: *Você está completo, meu rapaz, direto através do centro vazio. O amor vive no centro da totalidade e permeia tudo. Quando você encontrar o amor, você estará em paz.*

Mas, tão irritantemente típico de seu mestre, nunca estivera disposto a explicar tais observações. Verdades profundas e duradouras só podiam ser aprendidas com a experiência, ele sempre explicara. Tinha sido inútil para Avery argumentar que ele amava... sua mãe morta, seu pai, sua pequena meia-irmã, oh, muitas pessoas. O cavalheiro chinês apenas sorriu e assentiu.

Avery estava infeliz.

Archer House, em Hanover Square, tão intimidante na primeira vez em que entrou, era agora a casa de Anna. Todos os seus pertences foram movidos durante sua ausência. John e alguns dos outros servos tinham sido trazidos também.

— Seu Duque fez um pedido especial por mim — explicou John a Anna com um sorriso radiante — Isso deve significar que estou fazendo bem o meu trabalho, não acha? O mordomo da outra casa me faria acreditar que eu não devia falar com as pessoas a menos que me falassem, mas parecia rude e hostil para mim. Eu gosto dessa nova libré melhor do que a outra, sem ofensa para você, Srta. Snow. Na verdade, estou feliz apenas por estar vestindo libré. Eu poderia ter acabado como um sapateiro como o pobre Oliver Jamieson.

— Eu acho, John — explicou Anna — que o aprendizado dele foi um sonho que se tornou realidade para Oliver.

— Bem — disse alegremente, enquanto o mordomo de Avery entrava no corredor e olhava surpreso ao ver o novo lacaio conversando com a Duquesa — é preciso todos os tipos, não é, Srta. Snow? O que é bom, eu suponho. Seria um pouco estranho se todos no mundo fossem lacaios.

Além do fato de que ela estava casada e em uma casa diferente, a vida retomou muito como tinha sido antes de Anna deixar Londres. Sua avó e as duas tias, que ainda estavam em Londres, estavam tão preocupadas com ela como sempre. Havia potencialmente grande dano para ser reparado, ao que parecia. No momento em que ela foi apresentada à sociedade com grande sucesso e aclamação, ela havia cometido o enorme erro social de não se mover para diante, mas de se casar com uma pressa indecente e depois desaparecer por duas semanas inteiras. Seria incrível, de fato, se os mais altos adeptos no mínimo não franzissem o olhar sobre ela, nem mesmo a evitassem. Seria

surpreendente se ela não fosse retirada das listas de convidados de alguns dos eventos mais prestigiados da temporada e se seus convites para o Almack não forem revogados. Apenas seu novo título e enorme importância de Avery poderia salvá-la. Mas era necessária uma grande quantidade de trabalho.

Houve conferências em Archer House e na casa da Condessa viúva. Tia Mildred e tio Thomas já não estavam em Londres, é claro, e os primos de segundo grau não se envolveram neste momento. Uma rodada de visitas foi planejada com a avó de Anna ou tia Louise para acompanhá-la. Ela foi aconselhada sobre quais lugares e que bailes seriam mais vantajosos para participar.

Avery acompanhou-a em alguns dos entretenimentos noturnos. Ele informou-a com um suspiro, uma manhã, quando eles estavam apreciando os convites que o correio tinha trazido, de que ela não tinha que assistir a qualquer coisa se ela preferisse, mas poderia deixar a *Ton se enforcar*, mas não soou como um conselho muito útil a Anna. Ela tinha tomado a decisão logo após a sua chegada em Londres para ficar e aprender o papel de Lady Anna Westcott, e já não era possível voltar atrás nisso, pois ela era agora a Duquesa de Netherby e seria necessário realizar os deveres esperados de uma Duquesa. Foi tudo muito bem para Avery entregar a Ton para o carrasco, mas ele sempre tinha sido um aristocrata. Suas excentricidades eram aceitas porque ele era, indiscutivelmente, o Duque. Qualquer excentricidade nela seria chamada de não sofisticado ou vulgar.

Ela estava consciente de uma certa insatisfação com sua vida enquanto ela seguia e tentou negá-la. A lua de mel não poderia ter durado, afinal de contas, e esta foi a parte real de seu casamento. Mas ela havia perdido os dias de longas conversas, sobre tudo, sob o sol e os passeios com as mãos unidas e dedos entrelaçados, as risadas e beijos. Não havia nada de errado com seu casamento, exceto que suas vidas ocupadas os mantinha separados durante a maior parte de cada dia, e mesmo quando eles estavam juntos, pareciam estar com outras pessoas, na maioria das vezes. Era o modo de vida na *Ton,* ela veio a perceber. Seu casamento não era pior do que qualquer outro, o que era uma maneira terrivelmente negativa de tranquilizar a si mesma. Ela queria mais.

Talvez tudo seria melhor durante o verão, quando passaria a viver em sua casa de campo. Ou talvez não. Talvez ela devesse simplesmente se acostumar com a nova realidade...

Finalmente, ela se rebelou.

Ela estava na casa de sua avó, enquanto o resto da temporada estava sendo planejada em algum detalhe. Tia Matilda tinha levantado o ponto que, embora Anastasia tivesse sido apresentada à rainha, ela não tinha sido apresentada como uma mulher casada, uma *Duquesa.* A avó e tia Louise olharam chocadas de forma idêntica e concordaram com ela. A apresentação deveria ser feita novamente.

— Não! — Anna estava tão surpresa quanto elas pela firmeza com que ela tinha falado uma única palavra. Mas ela continuou, depois de atravessar o espaço para sentar-se no banquinho junto a cadeira de sua avó — Isto deve parar. Eu acredito que eu me tornei uma obsessão para vocês. Vocês foram gentis o suficiente para colocar as suas próprias vidas de lado, a fim de me preparar para a vida que deveria ser minha como filha de meu pai. Vocês fizeram isso e eu aprecio seus esforços mais do que eu posso dizer, pois eu teria estado à deriva sem a sua ajuda e influência.

— Nós não precisamos de seus agradecimentos, Anastasia — disse a avó — Fizemos apenas o que tinha de ser feito para um dos nossos, e vamos continuar enquanto for necessário.

— Vovó — disse Anna, pegando sua mão — Eu entendo o quanto você ainda deve estar de luto pela perda de meu pai, apesar do que ele fez, e por Camille, Harry, Abigail e sua mãe. Eu sei que você viu isso como seu dever para me trazer para a família e me preparar para o meu lugar. Eu acho que você tem feito isso por amor, bem como dever. E isso é tudo o que eu quero de você, dos meus tios e meus primos. É o que eu ansiava por toda a minha vida. Eu preciso do seu amor. E tudo que eu preciso é ser capaz de amar você. Você não pode imaginar o que é não ter ninguém próprio e, em seguida, ter uma família inteira dedicada a levá-la e ajudá-la a fazer o meu caminho para frente. Por favor. Termine agora. Eu fui apresentada à sociedade e eu tenho um marido com quem fazer o meu próprio caminho a seguir. Apenas me ame.

— Anastasia! — exclamou a tia Matilda — É claro que te amamos. Eu comecei mesmo a pensar em você como a filha que nunca tive. Aqui, não há necessidade de verter lágrimas. Deixe-me segurar meus sais debaixo do seu nariz.

Sua avó estava apenas acariciando sua mão.

— Você não quer se encontrar com a rainha novamente como a Duquesa de Netherby, Anastasia? — perguntou a tia Louise — Ou ir para Almack na quarta-feira ou frequentar os bailes e concertos que nós marcamos para você?

— Eu não gostaria de ser uma eremita — disse Anna — Mas eu quero decidir por mim mesma ou com Avery onde e como vou gastar meus dias e noites. Quando eu visitar a avó e tia Matilda ou prima Althea e Elizabeth, eu quero fazer isso porque eu os amo e quero passar tempo com eles. Eu quero que vocês sejam minha família, não os meus secretários e professores. Oh, por favor, eu não quero ferir qualquer um de vocês. Eu amos vocês.

— Não — Sua avó se inclinou sobre ela e a abraçou — Oh, coloque esses sais longe, Matilda. Nenhum de nós precisa. Vai ser como você diz, Anastasia. E, de fato, parece que, apesar de todos os nossos temores de um desastre iminente, você ainda é a sensação da temporada. Você e Avery. Você ama-o, criança?

— Oh, eu o faço, vovó — disse Anna.

E ela fez. Mas, oh, às vezes ela estava infeliz.

A madrasta de Avery estava jantando com sua mãe e irmã e tinha levado Jessica com ela. Ele e Anna jantaram sozinhos juntos, pela primeira vez desde seu retorno a Londres. Parecia um raro prazer e ele relaxou, especialmente, quando ela lhe tinha dito que não iria assistir ao concerto que suas parentes tinham pensado ser importante para ela.

— Você irá sair? — perguntou a ele com o que esperava ser um tom de melancolia.

Ele tinha a intenção de ir com ela, embora o cantor principal fosse uma soprano cuja voz não harmonizava com seus ouvidos.

— Não — disse ele — Vou ficar em casa com minha esposa. Às vezes, uma pessoa se sente obrigada a se comportar como um homem casado e antiquado.

— Eu acho que — disse ela enquanto sua sopa foi colocada diante deles — Tia Louise voltou para a vovó esta noite por causa do que aconteceu esta tarde. Acredito que eu possa tê-las feridos. Eu espero que eu não o tenha.

Ele olhou para ela inquirindo.

— Eu disse a elas — disse Anna — que eu não as quero para gerir a minha vida por mais tempo. Eu sei que não sou muito a Dama polida que elas gostariam que eu fosse e eu sei que pode haver pessoas que me desaprovam por todos os tipos de razões. Eu sei que a qualquer momento todo a Ton pode virar as costas para mim…

— Anna — disse ele — você é a Duquesa de Netherby. Você é a minha Duquesa.

— Bem, sim — Ela escolheu sorrir — E eu sei que você teria apenas que levantar seu monóculo e todo mundo correria para me receber novamente. Mas estou cansada de inclinar-me para outras pessoas, Avery, de sentir-me inadequada e incompleta. Eu implorei a elas, simplesmente, que me amem e permita-me amá-las. Eu os amo, você sabe.

— Ah — Ele sentou-se na cadeira, sua sopa esquecida — E o que você pediria a mim?

— Oh — ela disse — que você me passasse o sal, por favor.

Eles conversaram sobre temas sem importância durante a maior parte do resto da refeição, enquanto Avery se perguntava o que o novo espírito de independência de sua esposa significaria para ele, para *eles, d*e qualquer forma. Mas a conversa mudou de rumo, novamente, depois que seus pratos de sobremesa tinham sido removidos e substituídos por frutas e queijo, e ele tinha dado o sinal para os criados sairem.

— Avery — ela disse abruptamente — Eu preciso fazer planos para Westcott House, Hinsford Manor e minha fortuna.

— Você precisa? — Ele olhou preguiçosamente para ela antes de continuar a descascar sua maçã.

— O Sr. Brumford me disse... oh, há muito tempo — ela disse — que eu não preciso preocupar a minha cabeça sobre nada disso, e tomei sua palavra porque minha cabeça estava tão cheia de outras coisas que não havia espaço para mais. Mas ambas as casas estão vazias. Pensei que talvez primo

Alexander deveria viver em Westcott House quando ele estiver em Londres. Ele é, afinal, o conde. Você acha que ele iria? E eu *desejo que* Camille, Abigail e sua mãe voltem a Hinsford. Foi a principal casa delas. Existe alguma maneira que eu pudesse convencê-las? E todo o meu dinheiro e investimentos, eu *não posso* ser a única possuidora de tudo. Oh — Ela pareceu de repente presa e olhou para ele — É tudo seu agora? Você possui a mim *e* a minha fortuna, porque você é meu marido?

— Você me machuca, meu amor — disse ele — Eu possuo você exatamente do jeito que você me possui. Estamos casados um com o outro, até que a morte nos separe, que pode parecer alarmante se nós, alguma vez, lamentarmos esse fato. Eu fiz acordo com o meu advogado que o que era seu antes do nosso casamento continuará a ser seu, para fazer como você desejar. Riverdale pode ser persuadido a alugar Westcott House quando ele estiver na cidade, embora eu estou disposto a apostar que ele não vai aceitá-lo como um favor. Tem toda a liberdade para tentar persuadi-lo, é claro. Meu palpite é que você não vai convencer prima Viola ou suas meias-irmãs a retornar ao Hinsford, mas novamente você está livre para tentar. O que você deseja fazer com sua fortuna, além de vê-la crescer?

— Eu quero dividi-la em quatro partes — disse ela — como deveria ter sido feito por meu pai em um novo testamento antes de morrer. Isso pode ser feito agora? Mesmo sem a permissão do meu irmão e irmãs?

— Eu vou colocar todas estas questões ante Edwin Goddard — disse ele, cortando sua maçã em quatro e servindo-se de uma fatia de queijo — Ele vai saber algumas respostas e ter algum sábio conselho, eu não duvido. E eu vou chamar o meu advogado. Ele vai atender a todas as questões legais, de acordo com seus desejos, e o que for legalmente possível.

Sua própria maçã permaneceu intocada no meio do seu prato, e ele estendeu a mão para descascá-la para ela.

— Não — disse ela. Mas ela não estava falando sobre a maçã — Não, isso não seria justo com o Sr. Goddard. Ele já trabalha duro o suficiente. E não seria justo demitir o Sr. Brumford só porque ele é prosaico e um pouco pomposo. Vou confiar quaisquer instruções a ele. E eu vou empregar meu próprio secretário. Eu conheço alguém.

— Do orfanato — disse ele.

— Sim.

Ambos assistiram como ele descascou sua maçã em uma tira e depois cortou-a em quatro e retirou as sementes.

— Obrigada — disse ela.

Ele sentou-se na cadeira e mordeu um pedaço de sua própria maçã — Você está com raiva de alguma coisa? — perguntou a ela.

— Não — Ela suspirou — Não, Avery. Mas fiquei à deriva com a maré, ao que parece, desde que abri a carta do Sr. Brumford na sala de aula e decidi vir para cá. Eu deixei a vida suceder a mim. Oh, eu tenho exercido o controle de

forma mínima, sem importância, como o design das minhas roupas novas, mas . . — Ela encolheu os ombros.

— Você foi com a mare ao se casar comigo? — Ele perguntou, e depois desejou que não tivesse perguntado. Ele, particularmente, não queria ouvir sua resposta.

Ela organizou os quatro pedaços de sua maçã, em uma fileira arrumada, através de seu prato. Ela olhou para ele, então.

— Eu acho que me casei com você — disse ela — porque eu queria.

Bem, isso foi um grande alívio — Estou lisonjeado — disse ele — Honrado. Sua maçã está começando a ficar marrom.

Seu alívio foi de curta duração. Suas mãos desapareçam em seu colo e ela continuou a olhar para ele — Avery — ela perguntou suavemente — onde você aprendeu a fazer aquilo?

Estranhamente, ele sabia exatamente do que ela estava falando, mas ele esperava que estivisse errado — O que*?*

— Lutar contra um homem muito maior do jeito que você fez e derrotá-lo sem permitir que lhe pusesse a mão em cima, independente do fato de que uma porta batesse em você, logo em seguida — disse ela — Pulando para o ar mais alto do que a sua própria altura e ainda ter o poder de deixá-lo inconsciente com as solas dos seus pés descalços.

Ele olhou para ela por alguns momentos, seu corpo absolutamente imóvel. Aquele maldito Riverdale tinha dito a ela, pensou por um momento. Mas não — Onde você estava? — Perguntou.

— Em cima de uma árvore — disse ela — Elizabeth estava escondida atrás dela.

— Algumas dezenas de homens teriam estado severamente descontentes se eles tivessem te pego — disse ele — Incluindo Riverdale. E Uxbury. Eu.

— Onde você aprendeu aquilo? — ela perguntou novamente.

Ele colocou o cotovelo na mesa, passou a mão sobre os olhos e recostou-se na cadeira — A resposta curta para sua pergunta — disse ele — É de um idoso cavalheiro chinês. Mas a resposta curta não vai servir, não é? Você é minha esposa e eu estou rapidamente percebendo que minha vida virou de cabeça para baixo e de dentro para fora, como resultado dessas breves núpcias e tem se tornado um desconhecido aterrorizante.

— Aterrorizante? — Seus olhos se arregalaram.

Ele fechou os olhos e tomou várias respirações lentas e profundas — Eu casei com a mulher errada — ele murmurou, seus olhos ainda fechados — ou então a única mulher certa. Você não vai permanecer na superfície da minha vida, não é, Anna Archer? Você não vai se contentar em me trazer conforto e prazer, embora não tenha havido muito de qualquer um, desde que retornamos a Londres. Será que é por que é necessário perguntar e responder a essa questão? É por que você não estará satisfeita até que você veja o profundo de mim? E talvez por que eu não vou estar contente até que eu tenha permitido você ali?

Ele abriu os olhos e olhou para ela. Seus próprios ainda estavam arregalados. Seu rosto tinha perdido a cor. Ele sorriu tristemente para ela — Deve haver alguém para alertar ao homem o que ele estará enfrentando quando ele se casa.

Ele jogou o guardanapo na mesa, levantou-se e estendeu a mão para a dela — Venha — disse ele.

Ela franziu a testa por um momento, olhou para sua mão com desconforto óbvio, e, em seguida, colocou sua própria na dele.

Capítulo 24

Ele a levou escadas acima, passando o quarto de desenho, os quartos de dormir no andar seguinte e acima do ático. Ele virou à esquerda e entrou num grande quarto. Ele tinha segurado as mãos dela firmemente, mas a soltou após fechar a porta e caminhou pelo quarto para acender todas as muitas velas que estavam presentes nele, em arandelas na parede, no chão e no peitoril da janela. Ele as acendeu apesar do fato de que a luz do sol do entardecer ainda se inclinava em uma banda brilhante através da janela.

O quarto estava vazio, a não ser por dois bancos de madeira em um lado, muitas almofadas e todas aquelas velas. O chão era de madeira polida. Não havia tapete. Existia algo sobre tudo isso que Anna não sabia como explicar em palavras mesmo que tentasse. Isso era diferente, estranho, mesmo assim ela se sentiu instantaneamente e completamente em casa e em paz. Havia um cheiro fraco de incenso.

— Espere aqui — ele disse sem olhá-la, e desapareceu por uma porta em frente aos bancos. Anna ainda estava de pé ao lado da porta quando ele saiu novamente alguns minutos depois, vestindo calças brancas largas e uma jaqueta branca solta que envolveu toda a frente e foi atado na cintura. Ele

estava descalço. Ele caminhou em direção a ela, a mão estendida para dela.

— Venha — disse ele, e levou-a para o banco de madeira mais perto da janela. Quando ela se sentou, ele moveu uma almofada e sentou-se de frente para ela, com as pernas cruzadas, as mãos sobre os joelhos — Ninguém vem aqui, exceto eu. Eu até o limpo eu mesmo.

Sim, ela podia sentir isso sobre o quarto. Isso parecia um pouco como um santuário ou um convento, apesar do tamanho — E agora?

— Você é minha mulher — disse ele e, por um momento, havia um olhar em seus olhos que era quase sombrio, quase com medo, quase suplicante. Mas ele tinha ido embora antes que ela o compreendesse. Era um olhar de vulnerabilidade, pensou. Ele estava com medo.

— Avery — ela disse, sua voz quase um sussurro, como se estivessem na igreja, em um lugar sagrado — Eu não te conheço de todo, não é?

— Eu fiz-me incognoscível — disse ele — É uma maneira confortável para viver.

— Mas por quê? — ela perguntou.

Ele suspirou — Vou lhe contar uma história — disse ele — sobre um menino que todos pensavam que deveria ter sido uma menina, porque ele era pequeno, delicado, bonito... e tímido.

Era de si mesmo que ele falava, na terceira pessoa, mantendo-se até agora a uma distância da sua própria história.

— Sua mãe o adorava e o mimava — ele disse — Ela devotava quase todo seu tempo a ele e permitia somente a sua velha babá dentro do círculo. Ela o ensinou lições porque se recusou a permitir um tutor próximo a ele e não encontrou nenhuma governanta que fosse adequada a cumprir seus rígidos padrões. Ela o manteve longe de seu pai, tanto quanto possível, não era uma coisa difícil de se fazer, como aconteceu, porque seu pai olhou para ele com uma espécie de embaraçada desaprovação. E então, quando ele tinha nove anos de idade, a mãe do menino adoeceu e morreu. A babá permaneceu cuidando dele, mas após outro par de anos seu pai decidiu que era tempo de fortalecê-lo e enviou-o para a escola.

— Pobre menino — ela disse, mantendo a ilusão de que ele falava de outro alguém — Eu gostaria que tivesse tido ele em minha sala de aula.

— Você estava com cinco anos de idade na época — ele falou — Todos os novatos em uma escola para meninos são vulneráveis ao assédio moral. Nem sequer é desaprovado. É considerado parte da educação de um menino. Escola é para fortalecê-lo, para trazer para fora o bruto, de forma que ele seja capaz de sobreviver e prosperar em um mundo de homens. O assédio é algo que os meninos recebem de cima e dão abaixo. É um sistema que funciona muito bem. A nossa sociedade é fundada sobre ela. O forte sobe até o topo e governa nosso mundo. O fraco encontra um lugar útil no meio disso. Os mais fracos são destruídos, mas eles eram inúteis de qualquer maneira. A criança de minha história era

muito mais fraca. Ele era um tímido, franzino, bonito, assustado pequeno menino.

Anna inclinou-se ligeiramente para a frente e começou a levar uma mão em direção a ele, mas ela a voltou para seu colo para apertar a outra. Sua história havia sido, apenas, parcialmente contada.

— Recusei-me a ser destruído — disse ele — Eu descobri uma teimosia em mim, mesmo quando tudo o que eu tentei, boxe, esgrima, remo e corrida resultou apenas em fracasso e ao ridículo. Eu tentei mais duro e mais duro. E eu sobrevivi. Talvez eu tivesse conseguido o meu lugar na parte inferior do grupo do meio, no momento em que eu deixei minha infância para trás. Eu era o herdeiro de um ducado rico, afinal de contas, e isso devia exigir algum respeito. Mas então algo aconteceu. Uma mudança de vida. Quando eu estava andando de volta para a escola, sozinho, um dia durante meu segundo ano, vi um idoso cavalheiro chinês em um espaço vazio, desolado e estéril entre dois edifícios. Ele estava vestido como estou agora, até mesmo os pés descalços.

Ela ergueu as sobrancelhas enquanto ele fez uma pausa e sorriu, um olhar distante em seus olhos.

— Fiquei ali, e olhei para ele….oh, talvez meia hora — disse ele — Ele deve ter sabido que eu estava lá, mas ele não deu nenhum sinal, e eu não tinha conhecimento de alguém ou alguma coisa, exceto ele. Eu realmente não poderia descrevê-lo, Anna. Eu só poderia te mostrar. Eu devo?

— Sim — ela deslizou ao longo do banco para encostar um ombro contra a parede ao lado da janela, e abraçou os

cotovelos com as mãos enquanto ele se levantou e foi se posicionar no meio do salão. Ele pressionou as palmas das mãos em modo de oração e fechou os olhos. Ela assistiu ele respirar lentamente, por talvez um minuto inteiro, e ela sabia que ele estava, de alguma forma, indo para longe dela e para dentro de si mesmo. Ele moveu seu pescoço em círculos lentos, primeiro em uma direção, depois na outra.

Ela estava com medo, Anna percebeu, apesar de que essa não era bem a palavra certa. Era mais temor que sentia. Ela estava na presença do desconhecido, de algo estranho e exótico, e isso estava incorporado no homem que ela havia se casado em menos de um mês atrás. Ocorreu-lhe que ele talvez estaria para sempre além de sua compreensão. No entanto, ela ansiava por ele com um amor que era quase uma dor física.

E ele se moveu, de maneiras tão totalmente além de qualquer coisa que ela já havia experimentado, que tudo o que podia fazer era observar e abraçar os cotovelos.

Ele usou toda a superfície do solo. Mas os movimentos eram lentos, exagerados, estilizados. No início, ela pensou que eram movimentos simples, não impondo grandes exigências sobre o seu corpo. Mas, então, ela pode ver que eles faziam grandes exigências, de fato, pois nenhum corpo poderia ser naturalmente tão flexível, tão gracioso, tão preciso em seus movimentos sem uma grande quantidade de prática e dor. Ela podia ver a extensão de braços, pernas e corpo, o arco impossível de coluna, o equilíbrio inabalável. Seus pés nunca deixaram o chão ao mesmo tempo, mas ele podia

torcer seu corpo, estender a sola de cada pé em direção ao teto, com as pernas em uma linha reta com apenas uma pequena curva abaixo do joelho. Mas, na verdade, ela não observou verbalmente. Teria sido impossível capturar em palavras a graça, o controle, o poder, o atletismo, a força, a pura beleza do que ela assistiu por intermináveis minutos.

Era mais bonito, mais emocionante do que qualquer dança que ela já tinha visto, incluindo a valsa. Mas não era uma dança. Os movimentos eram demasiado lentos, e eles foram realizados para uma melodia própria, ou a um silêncio que cantou com uma doçura insuportável.

Não foi um desempenho que ela assistiu. Ele não tinha conhecimento de sua presença.

E então ele parou como antes tinha começado, e depois de alguns momentos ele voltou do outro lado da sala em direção a ela, moveu sua almofada, e sentou-se de pernas cruzadas diante dela, novamente, com os joelhos tocando o chão.

— Avery — ela disse. Ela não podia dizer nada mais.

— Eu perguntei se ele poderia me ensinar — disse a ela — e ele o fez. Mas quando ele entendeu a profundidade do meu desejo, necessidade e comprometimento, ele me ensinou infinitamente mais do que o que você acabou de ver. Ele me ensinou que meu corpo poderia ser tudo em todos para mim, mas somente se minha mente estivesse sob meu próprio poder e controle, e só se eu reivindicasse à alma, ele chamou isso de meu verdadeiro eu, no meu núcleo. Ele me ensinou a impor a minha vontade sobre o meu corpo, para que ele

fizesse tudo o que eu lhe ordenasse fazer. Ele me ensinou a torná-lo uma arma, uma arma potencialmente mortal, embora eu tivesse demonstrado essas habilidades apenas em objetos inanimados e... uma árvore. Mas ele me ensinou, para estar de mãos dadas com o poder físico, o autocontrole. Para nenhuma arma mortal ter que ser utilizada... nunca. É muito melhor para todos se nunca for. Nada é ganho com a violência, mas a brutalização daqueles que a praticam e aqueles que são provocados em busca de vingança contra ela.

— Você poderia tê-lo matado se tivesse querido, não poderia? — perguntou a ele, abraçando seus cotovelos com mais força.

— Uxbury? — disse ele — Eu nem sequer fui tentado, Anna. Eu simplesmente queria colocar um fim àquela idiotice, tão rapidamente quanto possível, e ficar longe de lá. A coisa é, você vê, que quando você sabe que tem poder, você não precisa demonstrar isso. Quando você sabe que tem uma arma que é a prova contra a maioria das agressão, você não precisa usá-la. E você não tem que se orgulhar desse poder ou, até mesmo, falar dele. É um segredo que eu sempre mantive estritamente para mim mesmo. Não tenho certeza do porquê. Talvez no começo eu temia ser ridículo ou ser estranho. E quando as pessoas começaram a me tratar de maneira diferente, eu aceitei como bom o suficiente, e que o segredo do quanto minha vida tinha mudado parecia uma coisa preciosa que só podia ser manchada se eu falasse dela.

— A intimidação parou? — perguntou ela.

— Estranhamente, isso parou — disse ele — embora ninguém soubesse da existência daquele cavalheiro chinês ou das longas horas que passei com ele. Eu não lutei contra ninguém, exceto durante as sessões de boxe e esgrima regulares, em que eu nunca me destaquei. Eu não disse nada a ninguém. E ainda assim... a intimidação parou. As pessoas têm medo de mim ou, pelo menos, permanecem com temor considerável de mim, mas elas não sabem o porquê, ou não sabiam antes do lamentável duelo público. Quando você acredita em si mesmo, Anna, quando você está no comando de si mesmo, quando nada depreciativo que alguém diz de você ou a você tem o poder de despertar a sua raiva ou qualquer desejo de retaliar, as pessoas parecem senti-lo e respeitá-lo.

— Mas qual tem sido o custo para você de sua vida secreta? — perguntou a ele.

Ele a olhou por alguns instantes antes de responder — Tudo na vida tem um custo — disse ele — Um tem que pesar o que se ganha contra o que se desiste. Eu ganhei infinitamente mais do que eu perdi, Anna. Liberdade da intimidação foi o menor benefício da minha transformação.

— Mas ninguém conhece você — disse ela — Você deliberadamente mudou sua vida adulta, assim você é desconhecido e incognoscível.

— Eu era desconhecido antes — disse ele — Eu não era aquele menino tímido, franzino mais do que eu sou agora o guerreiro invencível. Não dentro de mim. Dentro de mim eu ainda sou eu, como sempre fui. Eu faço a minha vida aqui,

Anna — Ele bateu levemente um punho apertado contra seu peito — Mas eu não sou um eremita.

Ela olhou para ele, ainda se abraçando.

Ele se inclinou para um lado e agarrou outra almofada, que pousou na frente dele — Venha — disse ele, alcançando uma mão dela.

— Oh, eu não posso sentar assim — protestou ela.

— Com essas saias? Não — ele concordou — Vou ter uma vestimenta, como a minha própria, feita para você usar aqui nesta sala, Anna, se desejar. Eu a deixarei entrar, você vê, a esta sala onde ninguém vem exceto eu. A sala é uma espécie de símbolo. O que eu realmente permiti você de entrar é a minha vida, eu mesmo, como eu sou e no momento, Anna, eu sou aquele menino novamente. Por que não posso controlar você ou a maneira como você vai lidar com o que eu lhe disse e mostrei e eu não faria se eu pudesse, mas estou apavorado. Sim, sente-se, assim. Eu gosto de olhar de frente para você, em vez de para cima ou para baixo.

Ela estava sentada na almofada, abraçando os joelhos, que estavam arrumados em frente a ela. Seus pés estavam tocando um de seus tornozelos. Ele olhou para eles e, em seguida, levantou-os um de cada vez para remover seus sapatos e suas meias de seda, antes de enfiar os pés debaixo dos seus cruzados.

— Os sapatos mantêm-nos a uma distância da realidade — disse ele, olhando-a nos olhos. Ele sorriu e se inclinou sobre suas pernas dobradas para beijá-la — Eu ainda estou aterrorizado. Eu tenho estado desde que retornamos a

Londres e fui confrontado com a realidade de que eu sou um homem casado e não tenho absolutamente nenhuma ideia de como proceder. Estou no fundo e fora de minha profundidade. E eu não tenho feito bem. A maravilha das duas semanas, após o casamento, desapareceu e temo que se foi para sempre. Eu a quero de volta. Como é que vamos recuperá-la, Anna? Você já sentiu a sua perda também?

Seria esse o todo-poderoso, autossuficiente, sempre confiante aristocrata pelo qual tinha estado tão impressionada quando ela o encontrou pela primeira vez? Ela piscou para conter as lágrimas.

— Sim — disse ela — Você me disse uma vez, Avery, que seu maior sonho era ter alguém para amar.

Seus olhos voltaram para os dela, escancarados, muito azuis no desvanecimento da luz solar e à luz bruxuleante das velas — Sim — disse ele.

— Posso ser esse alguém? — perguntou a ele.

Seus olhos caíram dos dela. Ele colocou as palmas das mãos contra os tornozelos dela e as moveu até que os braços cruzassem sobre os joelhos e ao longo deles até os ombros dela. Ele levantou os olhos para ela novamente e ficou de pé. Ele recolheu um punhado de almofadas e as jogou para baixo em uma pilha ao lado dela, debaixo da janela. Ele se ajoelhou ao seu lado, virou-a e a deitou sobre as almofadas. Ele a despiu com suas rápidas e habilidosas mãos e depois desatou a faixa na cintura para lançar sua jaqueta e depois as calças largas. O sol tinha ido embora, de repente, mas a luz das velas permaneceu, e novamente pareceu à Anna que este

grande espaço, especialmente vazio era mais quente, mais aconchegante e feliz sala que ela já tinha estado.

Suas mãos se moviam sobre ele quando ele se ajoelhou entre suas coxas. Ele era perfeitamente formado, totalmente bonito, todo-poderoso, atraente e potente macho.

— Anna — ele murmurou enquanto suas mãos e sua boca começaram a trabalhar sobre ela — Minha Duquesa.

— Meu amor.

Olhos azuis sonhadores olharam para dentro dos dela por um momento — Meu amor?

— Meu amor — ela repetiu — Claro. Você não sabia? Oh, Avery, você não sabia?

Ele sorriu então, um olhar de doçura tão intenso que a deixou sem fôlego. E ele entrou nela, baixou-se sobre ela e virou sua cabeça dourada para descansar contra a sua própria.

Fizeram amor, e não havia palavras. Nem mesmo os pensamentos. Apenas uma doçura, uma correção, uma coleção de necessidades e uma dor tão agradável que quando alcançaram o topo eles só poderiam chorar juntos e descerem em um nada que foi de alguma forma tudo.

Ah, não havia palavras. Sem pensamentos. Apenas amor.

Deitaram entre as almofadas, gastos, relaxados, ainda unidos, seus braços sobre o outro. A luz das velas vacilou, formando padrões de movimento nas paredes e teto, e o mundo parecia muito distante.

— Eu gostaria que pudéssemos ficar aqui para sempre — disse ela.

Ele suspirou, se retirou dela e sentou-se. Ele estendeu a mão para as calças brancas, as colocou e se sentou com as pernas cruzadas ao lado dela de novo, as calças de equitação nos quadris.

— Mas este é apenas uma sala, Anna — ele disse, virando a cabeça para olhar para ela — Você e eu, vamos além do quarto e além do tempo — Ele tocou com a mão primeiro em seu próprio coração e, em seguida, para a dela — Nós só temos que estar cientes disso. É muito fácil perder essa consciência quando se é pego na vida movimentada da elegante Londres durante a temporada, por exemplo. Eu aprendi e reaprendi minha consciência. E eu vou te ensinar, se quiser.

— Eu quero — disse ela — O que eu realmente quero, porém, é a roupa branca.

Ele riu com a imprevisibilidade de suas palavras e ele foi transformado em um homem quente, descontraído. Seu Marido.

— Mas estaremos deixando aqui em breve — disse ela, olhando ao redor da sala — e indo para Morland Abbey.

— Você vai adorar, Anna — disse a ela, seu rosto se iluminando — Você vai adorar. Eu prometo. E eu tenho lá um quarto assim como este.

Ela sorriu para ele, em sua ânsia, sua meninice inesperada, a pessoa que ele deve ter sido desde o início, feito completo e feliz.

Seu sorriso desapareceu, embora demorou em seus olhos.

— Quando eu saí da escola — disse ele — e disse uma despedida relutante ao meu mestre... na verdade, isso foi um adeus. Ele morreu durante o sono apenas um mês mais tarde. Quando eu fui para me despedir dele, ele me disse que eu estava inteiro, exceto por uma coisa. Havia ainda uma cavidade no centro do meu ser, ele me disse, e só o amor poderia preenchê-lo. Mas ele não quis explicar. Ele nunca faria. Era tudo sobre descobrir por mim mesmo . Ele podia ser muito chato. Ele não quis me dizer se era o amor à humanidade, o amor pela natureza, o amor de família ou o amor romântico. Tudo o que ele dizia era que eu saberia que quando eu o descobrisse ele me faria inteiro e, finalmente, em paz comigo mesmo. Eu o descobri, Anna. É o amor romântico.

Ela tocou o joelho, que estava pressionando levemente contra seu estômago.

— Eu caí de amor por você — disse ele — e me casei com você. E, de repente, eu estava cheio até a borda e no mais íntimo, com o amor. Seu amor e o amor de todos e de tudo. Mas então eu duvidei e tropecei. Eu duvidei do poder do amor e felicidade duradoura. Eu duvidei de seus sentimentos, eu duvidei da minha dignidade para ser amado. E, em seguida, e, finalmente, ocorreu-me que eu tinha que trazê-la aqui, que eu tinha que trazê-la total e completamente para mim e confiar que você não iria simplesmente rir, ou pior, não entender nada. Oh, você não pode saber o quão vulnerável eu

ainda estou me sentindo, Anna, murmurando tais absurdos. Mas se eu não as dissesse agora eu nunca o faria e eu poderia ter perdido a parte que faltava em mim para sempre.

— Mas você está sempre murmurando absurdos — disse ela.

Ele olhou nos olhos dela e riu novamente. Ele se inclinou para o lado sobre ela, pegou-a e deixou-a, nua, em seu colo. E ele fechou os braços, firmemente, em torno dela, como os dela se fecharam em torno dele, e eles se abraçaram por intermináveis minutos.

— Sim — disse ele finalmente — para voltar à sua pergunta. Você pode, deve ser e já é, Anna. Meu alguém para amar. Meu tudo.

Eles sorriram um para o outro antes de suas bocas se encontrarem.

